

The image is a composite. The top half shows a man and a woman in profile, facing each other, with their hands clasped. They are set against a dark, starry night sky with a shooting star. The bottom half shows a landscape with a large tree on the left, a field of grain in the foreground, and a silhouette of a deer on the right. The text is overlaid on the center of the image.

Vejo
Estrelas
em seus
Olhos

BABI A. SETTE



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



Vejo
Estrelas
em seus
Olhos

BABI A. SETTE

Copyright: Babi A. Sette, 2021

Todos os direitos reservados.

Preparação: Alba Marchesini Milena

Revisão: Grazi Reis

Diagramação: Ak diagramações

Lettering: Dri K.K.

Ilustração: Nina Cordeiro

Imagens: Shutterstock

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as normas da nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados à autora.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sumário](#)

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)



Esse é o link da playlist que me inspirou enquanto escrevia o romance, para você ouvir enquanto lê.

[SPOTIFY](#)





AGORA – BUENOS AIRES

Tenho medo da intensidade das emoções e do que elas nos levam a fazer. Não gosto da certeza de que não controlamos quase nada na vida. Encosto a cabeça no banco do passageiro e meu celular toca. Afrouxo o cordão da mochila e pego o aparelho de dentro.

— Oi, Vó — digo e volto a me recostar —, daqui uns vinte minutos chego na sua casa.

— O voo foi tranquilo?

— Sim, apenas três horas de São Paulo até aqui, você sabe.

— Estou te esperando para almoçar.

— Que bom, estou morrendo de fome — minto. Não estou com fome nenhuma. Estou tão ansiosa que mal consigo respirar e ainda faltam algumas horas para vê-lo. Aaron. O motivo de eu estar aqui.

— Vamos passear pelas lojas do Soho, depois do almoço?

— Combinado, vou adorar! — Verdade. Estou com saudades da minha avó, a última vez que nos vimos foi nas férias passadas. Além disso, um passeio pela cidade é um jeito bom de não pensar nele e no que vim fazer aqui.

— Um beijo, filha e até já.

— Até.

Respiro fundo sentindo o cheiro de couro do banco. É um carro de luxo confortável, quem o dirige é o Juan, motorista da minha avó, que foi me buscar no aeroporto.

Fecho os olhos com o pulso acelerado.

Estou aqui para falar a verdade. Não aguento mais.

Aaron precisa saber, eu preciso falar.

Minha boca seca e o pulso acelera mais.

Lembro do começo de tudo, um ano e meio atrás.



*“São nossas escolhas, Harry, que mostram o que realmente
somos .”*

J.K. ROWLING – HARRY POTTER E A CÂMERA SECRETA.

Marilia

ANTES - SAINT MARTIN DE LOS ANDES

A primeira vez que vi Aaron ficou gravada como brasa em carne, impresso na alma. Ele estava de calça jeans, moletom branco estampado com um floco de neve preto no meio do peito, e um sorriso tão aberto, tão enorme, que parecia fazer parte da

paisagem. Nunca me esqueceria daquele sorriso. Nunca seria capaz de esquecer a maneira como ele também sorria com o olhar. Na verdade, o sorriso dele era ainda mais bonito no olhar.

— Venha dizer oi para a nossa caseira — minha mãe disse, assim que avançamos em direção à casa.

Mas eu não estava olhando para a caseira e sim para o jovem alto que a acompanhava. Ele parecia ter uns dezoito anos, talvez mais. Também não prestava atenção na enorme casa de temporada que meus pais haviam comprado, nem mesmo no fato dessa casa estar no topo de uma montanha coberta de neve. Só enxergava a maneira carinhosa do garoto olhando a mãe e em como ele sorria para o que ela acabara de lhe falar. Como se a mulher fosse a dona do seu mundo.

“Veja como um homem trata a sua mãe e você saberá como ele tratará a sua esposa”. Franzi o cenho com a frase que me veio à cabeça.

— Teresa, essa é minha filha, a Marília — apresentou minha mãe, desviando minha atenção para a senhora que acabara de parar junto a nós. — Marília, essa é a nossa caseira aqui em Saint Martin de Los Andes — continuou, virando-se para

mim. — Teresa é brasileira do Rio de Janeiro e mudou para Argentina quando se casou com um portenho há mais de vinte anos, certo?

— Sim senhora, vocês podem falar em português comigo e com Aaron se preferirem. Muito prazer, Marília. Esse é o meu filho Aaron.

E agora só conseguia olhar para aqueles ombros largos, para os braços realmente fortes, destacados pelo moletom justo, e para as mãos grandes. Notei algumas cicatrizes na reentrância dos dedos compridos e nas unhas limpas e rentes. Eram mãos diferentes das dos meninos que conhecia. Nunca fui uma garota muito observadora, mas algo na presença dele me fazia ficar atenta como um vagalume à espera da noite.

— E essa é a Marília — minha mãe apresentou.

E foi ali que ele realmente olhou nos meus olhos. Por reflexo dei um passo para trás.

— Mel — falei sem perceber, e não apertei a mão que o garoto me estendia.

— O quê? — perguntou minha mãe, parecendo confusa.

— Nada — respondi, sentindo as bochechas arderem de vergonha.

Havia acabado de falar a cor dos olhos do garoto em voz alta? Sim, e, ao estender a mão para retribuir o cumprimento, ele já havia abaixado a dele.

Os dois se afastaram e minha mãe se aproximou cochichando:

— Fique longe desse garoto.

— Mas... por quê? — perguntei, confusa.

— Parece que o pai dele é um ex-presidiário e provavelmente ele vai pelo mesmo caminho.

Franzi o cenho em dúvida.

— Como assim?

— Apenas se mantenha longe, Marília. Ele cheira a problema.

Sem conseguir desviar a atenção fiquei olhando para as costas largas, a maneira descontraída e segura dos movimentos, antes de abaixar para pegar as malas. O jeito como os fios castanhos dos cabelos eram bagunçados, como se o vento tivesse feito casa ali e decorado cada cacho e curva. Tive

vontade de correr até ele e pedir desculpa e dizer que não apertei a mão dele porque me atrapalhei e que, de maneira nenhuma, eu o estava ignorando. Quis, sobretudo, de um jeito meio louco e inquietante, guardar um pedaço daquele sorriso em um canto escondido do meu coração.



— Como você não dá importância para luxo e espaço, decidimos que a suíte ficará com a sua irmã — disse minha mãe ao entrar no quarto abrindo as cortinas de renda branca que barravam um pouco o sol. — Seu quarto é muito bom, também, apenas um pouco menor do que o da Gisele.

Suspirei, passando os dedos na cabeceira da cama. Eu gostava de acreditar que minha irmã mais velha me amava, apesar de evitar estar comigo na maior parte do tempo, de se trancar no quarto com as amigas e de nunca me deixar participar.

Encolho os ombros antes de responder para minha mãe:

— Tudo bem.

A falta de entusiasmo não tinha nada a ver com o tamanho ou o luxo do quarto, nunca dei importância para isso. O discurso da minha mãe era verdadeiro. O desânimo tinha a ver com o fato de ser sempre assim: “A sua irmã ganhou mais roupas no natal porque você não liga”. Ou, “Gisele sairá na foto da coluna social ao meu lado, porque ela é mais fotogênica que você”.

“Ela é tão melhor do que você.”

Mentira.

Minha mãe nunca disse essa última frase com todas as palavras, mas não precisava.

Gisele era a irmã mais velha perfeita, que logo cursaria direito junto com meu irmão mais velho quase perfeito. Os dois seriam advogados, assim como meu pai e o meu avô, como todos da família Ferreira de Aragão. Enquanto eu sonhava em cursar Letras, Literatura, Dramaturgia, Psicologia.

Na verdade, qualquer coisa parecia melhor do que direito. E, apesar do meu pai me apoiar, percebia uma ponta de decepção em seus olhos toda vez que conversávamos sobre isso.

Já minha mãe... Bem, para ela parecia não fazer a menor diferença qual faculdade eu faria. Sabia que ela não acreditava que eu seria capaz de fazer algo relevante na vida.

— *Você nem precisa fazer faculdade se não quiser, Marília, a continuidade dos negócios da família está bem assegurada com seus irmãos. Você não leva muito jeito para estudar assuntos importantes.*

Assuntos importantes, sério mãe?

— Eu tinha certeza de que você não criaria caso por causa de um quarto — a voz dela chamou minha atenção —, mas você conhece a sua irmã. Eu só não quero que vocês briguem.

Ela sempre tentava justificar a própria maneira de priorizar Gisele.

Concordei, tentando me conformar com a certeza de que o amor é demonstrado de maneiras diferentes para pessoas diferentes. Tentando não ligar.

— Vou tomar um banho e depois podemos dar uma volta na cidade — minha mãe sugeriu, próxima à porta.

— Ok — respondi, pegando o celular de dentro da bolsa.

Ela ficou me encarando por um tempo.

— Depois procure sua irmã, quem sabe ela te apresenta alguém legal na cidade. Ela se relaciona superbem com filhos de alguns casais de amigos que também têm casa por aqui.

— Tudo bem — repeti sem pensar direito, só querendo ficar sozinha o mais rápido possível.

— Você precisa se abrir mais Marília, desde que Fernanda morreu, nunca mais trouxe uma amiga para casa e... por mais que ela fosse esquisita, era melhor do que ninguém.

— Estou bem, mãe. De verdade, pare de tentar forçar coisas que tem que acontecer naturalmente.

No fundo eu sabia que a preocupação dela era autêntica. Por mais que não gostasse das pessoas que ela considerava ideais para serem meus amigos, minha mãe tinha razão. Fazia um ano que Fernanda se fora e, desde então, não consegui me abrir verdadeiramente com ninguém.

Com certeza, minha pouca disposição social era culpa da escola em que estudava. Ali, a maioria das pessoas não tinha nada na cabeça.

Fernanda era uma exceção, sempre fora.

Era a única pessoa que me entendia e com quem me identificava. Passávamos horas falando de livros, poesias e problemas pelo mundo, que iríamos resolver.

Ela queria ser fotógrafa da *National Geographic*, e eu a acompanharia, fazendo trabalho voluntário com crianças.

Sorri com a voz dela na memória:

— *Como você espera trabalhar em ONGs pelo mundo se sonha loucamente com a maternidade? Não sei se você sabe, mas casamento cria raízes, Li.*

— *Sonho com a maternidade e não com um casamento. Se eu não achar nenhum homem que queira rodar o mundo comigo, faço uma inseminação, resolvido.*

Eu falava isso desde os quatorze anos, e, com dezesseis, continuava sonhando assim. Na verdade, decidi que cumpriria as promessas que fazíamos juntas, como uma maneira de honrar nossa amizade e a pessoa linda que ela sempre foi.

Escutei minha mãe saindo do quarto sem se despedir. Ela nunca enxergou a Fernanda, por que, para ela, somente quem tinha os mesmos valores e ideais de vida — jantares, colunas sociais, família e tradição — era considerado adequado.

Coloquei o celular para carregar e resolvi ler um pouco, o melhor jeito de esquecer tudo isso, deixar esse mundo estranho um pouco de lado. Os livros são uma fuga esporádica e necessária da realidade.



Meus pais e meus irmãos jantavam com um grupo de amigos, em um restaurante no centro de Saint Martin.

Política e trabalho eram os únicos assuntos à mesa.

E antes que meus irmãos saíssem com os amigos e minha mãe os obrigasse a me levar junto — o que normalmente acontecia — pedi licença e disse que queria ver umas lojas.

Qualquer coisa era melhor do que sentar num bar, ver os outros tomarem bebidas que eu não podia beber, rirem fofocando de pessoas da alta sociedade e gente famosa, como se esse fosse o melhor assunto do universo. Então, para não ficar olhando para o teto, acabava abrindo o celular e lendo. Depois tinha de aguentar minha irmã reclamando comigo por dias. Pior, aguentar o discurso da minha mãe de que eu não era normal, e

precisava de ajuda, que ela fazia o possível para que me relacionasse com boas pessoas e que eu não valorizava nada.

Não, obrigada!

Nenhum fim de noite é pior do que esse.

Já andava há uns dez minutos, e como antes de eu sair do restaurante, eles estavam acabando a sobremesa, tinha certeza de que, se ficasse mais um tempo enrolando, não cruzaria com meus irmãos na rua.

— Aquele bar legal é na outra direção.

E parece que acabei de invocar exatamente isso: Atrás de mim, a voz alta do meu irmão e o eco das risadas do grupo de amigos fez meu coração saltar.

Entrei em uma rua mais estreita e pouco iluminada. Não queria ser vista. *Não é que não goste de me divertir, é só que nem todo mundo se diverte do mesmo jeito.*

Passei por um restaurante italiano, uma loja de sapatos e outra de decoração.

Virei o pescoço para cima quando uma placa de neon rosa e verde piscando chamou minha atenção.

Escuela de baile de salón.

Uma rajada de vento gelado fez eu me encolher um pouco.

Pela vitrine, reparei no chão de madeira, barras laterais e espelho até o teto.

Um casal estava dançando.

Tango.

A luz da sala meio apagada conferia um ar mais íntimo, mesmo assim dava para ver bem: o cara usava uma calça preta larga e uma blusa justa branca. Era alto, forte e conduzia a parceira com tanta segurança, sensualidade e leveza, como se pisasse em ovos, como se soubesse que eles nunca quebrariam.

Ele avançou, ela recuou, a mão feminina na nuca dele.

Eu me aproximei um pouco mais.

Fiz um tempo de aula de tango, mas nunca dancei assim.

Sempre quis, aprender melhor, dançar daquele jeito.

O zigue-zague de pés que eles acabaram de fazer.

Impressionante.

Ela enroscou a perna no quadril dele e pendeu sobre, conforme ele dobrou o joelho.

Meu coração acelerou.

Estava tão concentrada nos movimentos das pernas que não vi antes.

Meu Deus.

Minha boca secou um pouco.

Era ele?

Não podia ser.

Mas era ele mesmo.

Aaron.

A mão da garota, agora, estava no rosto escurecido pela barba, ele removeu o contato, ela avançou, ele recuou, não sei se continuavam dançando ou se..

Ela o beijou, ele arregalou os olhos e negou com a cabeça.

Os lábios se movendo no que parecia um protesto.

E o beijou novamente, ele fechou os olhos, ainda resistindo.

Ela insistiu, segurando-o pela blusa.

Meu coração acelerou mais.

Aaron retribuiu.

Engoliu a garota.

Como se o eixo planetário dependesse desse beijo e abaixou as mãos quase na bunda dela. Meu pulso batendo tão rápido como de um passarinho assustado.

Perigoso.

Ela dobrou uma das pernas e a enroscou no quadril dele, *outra vez.*

Tipo... tipo uma cena de filme.

Minhas bochechas queimaram e o calor desceu para o pescoço.

Encrenca.

Então, ele a girou de um jeito meio abrupto, enquanto uma das mãos — a que não estava na bunda — agarrou a nuca dela com firmeza, deixando o beijo ainda mais intenso.

Calor.

Puxei a gola da malha de lã.

Seria uma aluna? Uma professora, uma...

Inspirei devagar, acalmando a respiração.

Não tinha nada a ver com isso e não era para meu sangue estar fervendo desse jeito.

Virei as costas e voltei quase correndo para o restaurante. Melhor ser obrigada a acabar a noite lendo em uma mesa de bar, do que ser vista espiando o garoto de olhos cor de mel, devorando uma mulher. Ou pior — muito pior —, querer ser a garota com quem ele dançava tango e que era beijada depois.



As únicas coisas que gostava nos jantares sociais da minha família, eram as músicas e a comida. Hoje, por exemplo, tocava a coleção completa de Frank Sinatra e Nat King Cole, parte do repertório dos famosos jantares dançantes da família Aragão.

A sala enorme, cheia de gente esnobe no meio da floresta, no meio da neve, no meio do nada, me fez ter vontade de sair correndo, ou de me trancar no lavabo e só sair quando todos tivessem ido embora. E me fez entender...

— Porque a mamãe quis tanto uma casa aqui.

— O quê? — Gisele escutou.

Não falei para ela, mas ela escutou.

Encolhi os ombros antes de responder:

— Todos os amigos dela de São Paulo e da Argentina resolveram comprar uma casa no mesmo condomínio?

— Nada a ver. — Gisele revirou os olhos. — Eu que insisti com a mamãe, tenho vários amigos que vêm sempre esquiar aqui e... além disso, a família Vasconcelos e os Domingues têm casa em Bariloche.

— Ah — arqueio as sobrancelhas como se estivesse impressionada —, tem razão, que demais. Só faltou a família Amaro e os Gutenbergs que continuam com a casa somente em Nice.

— Eles não têm casa em Nice, quem tem são os Salvatores e...

Gargalhei.

— Eu não ligo para isso, Gi.

Ela prendeu o lábio contrariada com meu aparente pouco caso ante à enorme lista de amigos e pessoas que ela fazia questão de conhecer melhor do que conhecia a mim.

Dei um gole na taça de água, o jantar acabou, e sabia que dali a pouco as pessoas começariam a dançar e meus irmãos sairiam para qualquer lugar da cidade com música alta e bebidas

baratas, fingindo que eu não existia e, provavelmente, dando graças a Deus por eu não ser do tipo que insistia para que eles me levassem junto. Fazia quatro dias, do jantar no centro da cidade, quando vi o garoto-armadilha-olhos-de-mel, dançando e agarrando uma mulher. Desde então, minha mãe esquecera de obrigar meus irmãos a me levarem junto com eles nas *baladas*. Eu, a “pirralha” com dezesseis anos e alguns meses e que sempre seria vista pela família e amigos próximos como a nerd que prefere livros a pessoas.

— Amanhã a gente vai encontrar a galera lá no Black Beer, antes de subirmos para as pistas — Gisele havia dado as costas para mim, falando com meu irmão, como se eu nem estivesse mais ali.

Suspirei, por que, apesar de não fazer nenhuma questão de me juntar à “galera” tinha uma época em que tudo o que eu queria era que eles me incluíssem na lista de programas e ocupações sem fim.

Mas não hoje.

Não mais.

— Oh, estranha — meu irmão me chamou pelo apelido de infância, achando que ainda era engraçado.

— Fala, Roberto.

— Vamos jogar verdade ou consequência na biblioteca?

Arregalei os olhos, surpresa.

— Por que você está me convidando?

— Porque você é minha irmã, porque não temos nada melhor pra fazer, porque pode ser divertido.

Franzi o cenho, analisando o rosto magro e esculpido, a barba por fazer, os olhos verdes como os da mamãe e então, o grupo mais à frente, amigos dele e de Gisele.

Fabiana e o irmão Thiago. Marcelo, Jorge e duas garotas argentinas filhas de amigos dos meus pais: Manoela e Heloisa.

— Não estou muito a fim.

— Você nunca está — Gisele azedou.

— Só acho mais divertido ler do que...

— Se você não for, a mamãe não vai nos deixar sair depois.

Meu maxilar travou movido por um lado pequeno e idiota que ainda insistia em querer que eles me convidassem, porque,

de algum jeito, se importavam e não por que, mais uma vez, tinham sido “obrigados”.

— O Marcelo vai jogar — meu irmão tentou, arqueando as sobrancelhas castanhas.

Marcelo foi o meu crush até um ano atrás, ele e Roberto são amigos desde a infância. Assim como eu era da Fernanda. E apesar de agora achar o Marcelo um cabeça vazia, sabia que a amizade dos dois duraria para o resto da vida, assim como seria entre mim e a Fê, se ainda tivesse como.

— A gente deixa você beber — Gisele falou baixinho —, só não conta pra mamãe.

Tudo isso porque queriam sair depois e, se eu não jogasse com eles, não poderiam ir. Pensei em me vingar por todas as vezes que eles me rejeitaram, ou simplesmente me ignoraram, e dizer não.

Mas sabia que, se eu não fosse, os dois iriam se unir e fariam da minha vida um inferno nessas férias.

— Está bem, eu vou.

Duas horas depois estava meio bêbada e totalmente arrependida.

O eco das risadinhas atrás da porta da cozinha.

A cara de bravo do garoto, do Aaron, ao se dar conta de que era alvo de uma brincadeira.

Os olhos de desprezo com que ele me encarou logo após eu fazer a pergunta da consequência.

A.

Pior.

Consequência.

Da.

Noite.

Mas em algum momento, entre uma dose de bebida que eu não devia tomar e uma girada da garrafa que não queria que apontasse para mim, comecei a rir de tudo, e aquele lado meu — idiota e com orgulho ferido — passou a achar muito “legal” ser aceita pela turma de amigos dos meus irmãos e pelo babaca do Marcelo, que sempre me chamou de “projeto mal-acabado”, e nessa noite soltou um *linda* duas vezes e também um: *nossa, Roberto como sua irmã ficou gata*, olhando direto para mim.

E meu ego bêbado deu cambalhotas. *Ego idiota.*

— Não aqui nessa casa e para você, nunca — e aí estava a resposta dele, de Aaron, para “a consequência”.

O tom de voz petulante da amiga da minha irmã deu voltas na minha cabeça tonta.

— *Vá até aquele garoto gato e mal-encarado que ajudou a servir o jantar e passa uma cantada ridícula — Heloisa exigiu.*

— *Eu não vou fazer isso, ele... Nem sei onde ele está.*

— *Deve estar na cozinha, ajudando a arrumar as coisas — Gisele respondeu com as sobrancelhas arqueadas. — A mamãe me contou que ele dá aulas de tango para turistas.*

Heloisa gargalhou.

— *Meu Deus, ele parece um lenhador-modelo da vogue e ainda dá aulas de tango? Que estereótipo mais delicioso. Vá lá e fala que quer dançar tango com ele.*

Então por isso ele estava naquela escola de dança. Aquela garota devia ser uma aluna.

— *Eu prefiro a verdade.*

Heloisa encolheu os ombros antes de perguntar:

— *Você já teve fantasias sexuais com alguém dessa sala?*

Para minha mente alcoolizada e certinha, mentir estava fora de cogitação. Isso seria o mesmo que trapacear, não seria? A única saída era aceitar a consequência. Até porque meus irmãos sabiam da minha paixão pelo Marcelo e, apesar de jurarem que nunca falariam nada, jamais deixariam passar mentiras num jogo da verdade que eu não queria estar jogando. Que eles não queriam que eu estivesse jogando.

Respirei fundo ganhando coragem. Nada podia ser pior do que Marcelo saber que eu tive fantasias com ele.

— Vou lá falar com ele.

E elas me seguiram, só as meninas. E, depois, riram, indiscretas, por conta da minha ousadia ou falta de vergonha na cara.

— A senhorita deseja mais alguma coisa? — A voz potente, contrariada, grave, me trouxe de volta para a cozinha.

— Pode ser outro dia e em outro lugar, a aula — respondi, impulsiva.

O pior é que fui sincera. Realmente não entendi por que ele não podia dar aulas para mim, *nunca*. O que tinha de errado nisso?

Mais risadas.

Era quase como levar um fora com plateia. A ideia do Marcelo saber de todas as fantasias que tive com ele e com qualquer outro cara na vida — inclusive a de transar só de botas numa mesa de sinuca — pareceram melhor do que isso. Odiava esse tipo de jogo. Odiava me sentir corajosa demais — no mau sentido — pela bebida.

— Se a senhorita não percebeu, estou aqui a trabalho e não para ser seu bobo da corte ou de suas amigas.

Arregalei os olhos, atingida. O efeito da bebida evaporando pela adrenalina. Os eletrodomésticos da cozinha espelhados em preto e de última geração, refletindo minha cara passada.

— Me desculpe, não quis passar essa impressão. Não quis faltar com respeito. — Mas foi isso o que, sem me ligar, acabei fazendo.

Pudera ele ter negado as aulas. Lógico que ele disse: “para você, nunca”. Estava parecendo o tipo de garota que sempre desprezei: mimada, incosequente e sem empatia.

— Eu-eu vou só pegar um copo de água, me desculpe.

— Eu pego para a senhorita.

— Não preci... — Mas ele já tinha pego.



“Nossas digitais não se apagam das vidas que tocamos.”

LYA LUFT

Aaron

Estava frio. Não que isso fosse novidade durante o inverno, por aqui. Porém, a noite estava ainda mais gelada do que o habitual.

Havia acabado de ajudar minha mãe na cozinha, o segundo jantar que o senhor Ricardo oferecia chegara ao fim. Minha mãe já se recolhera, e eu finalmente podia descansar. Essa noite não tinha alunos na escola de dança, também não tinha mais a Sofie, uma turista francesa que fez algumas aulas comigo, uma gata de vinte anos e que, bem, acabou ficando comigo por uma semana.

Eu não curtia ficar com alunas, mas às vezes... Sim, às vezes eu curtia.

Ainda mais porque esse tipo de casinho de temporada, era tudo o que eu me permitia ter de uns tempos para cá, desde que entrei na faculdade, há um ano. Tinha que manter o foco nos estudos.

Encostei numa árvore grande no limite onde a floresta começava. Apoiei o pé e, com facilidade, subi até onde gostava de me sentar: um galho grosso e alto que dava uma visão ampla da propriedade.

Os sons da mata contrastavam com a música abafada do interior da casa, a rusticidade das árvores se chocava com a opulência de vidro da fachada. Pedra e madeira; a mansão de inverno dos novos empregadores da minha mãe.

— Um castelo no meio da floresta. Não há nada que o dinheiro não compre — murmurei me recostando no tronco.

Fechei os olhos lembrando de Buenos Aires, a cidade que me viu nascer e então, Bariloche, a cidade que me viu crescer. Quando tinha três anos, nos mudamos para lá, minha mãe foi

contratada para ser caseira da família Galante, e ficamos ali por quinze anos.

Tempo bastante para todos os meus amigos serem de lá.

Tempo suficiente para o senhor Carlos, o chefe da família, me ensinar muitas coisas, me mostrar muitas coisas e me tratar — algumas vezes — como o filho homem que não teve. Acontece que há três meses, o senhor Carlos Galante demitiu minha mãe por minha causa — sorri irônico—, por causa da filha dele, na verdade. E acho que, para apaziguar a consciência, indicou o trabalho dela para a família Aragão.

— Você é brasileira, Teresa, tenho certeza de que se dará muito bem com eles. Além disso, Saint Martin é aqui perto, não sentirão tanto a mudança.

Abri os olhos conforme o aroma de madeira e folhas invadiu meus sentidos. Vi através do vidro das janelas que alguns convidados ainda bebiam e conversavam, descontraídos. Não entendia e não achava certo um único jantar como aquele custar provavelmente o mesmo valor que dois meses do meu salário suado, dando aulas de tango durante as férias. Ou dando aulas particulares de matemática para calouros. Ou fazendo qualquer

outro *freela* que surgisse, inclusive ajudando a servir nesses jantares. Precisava desse dinheiro para me manter em Buenos Aires e poder continuar cursando a faculdade, meu único objetivo.

Respirei fundo relaxando com os sons da noite, a sensação da brisa fresca e...

Um murmúrio? Ofegos? Choro?

Um som que parecia ser de alguém chorando chamou minha atenção.

Sim, era um choro.

Olhei para baixo e vi quem soluçava baixinho.

Não tão baixinho.

Era a menina mimada, a filhinha de papai que nem me cumprimentou quando nos conhecemos e que deu um showzinho para as amigas dois dias atrás. Pelo que pude perceber, essa garota devia ter a mesma idade e a personalidade de Elisa, a filha do antigo patrão que fez minha mãe ser demitida por nunca ter ouvido um não na vida.

Deus me livre!

Não estava sendo arrogante, queria apenas evitar qualquer tipo de contato com as filhas dos novos patrões. Além do mais, prometi para minha mãe que me manteria longe. Observei a garota se afastar um pouco e parar com as costas viradas para a árvore em que eu estava.

Comecei a descer com cuidado, tentando não chamar a atenção para sair rápido dali, sem ser notado.

— Droga — ela murmurou, chorosa.

Estava próximo ao chão quando meu pé escorregou e pisei em um galho fino que cedeu sob meu peso. Aterrissei sentado na neve, fazendo um baque seco e alto, impossível de não ser notado.

— Ah! — gritou, assustada.

O plano da fuga discreta acabou com a mesma velocidade com que eu caí de bunda no chão.

— Desculpe, senhorita — pedi rapidamente, olhando para a garota que cobria o rosto com as mãos enquanto o corpo convulsionava de maneira meio frenética.

Porra, ela devia estar apavorada. Levantei batendo a neve da calça, e me aproximei um pouco.

— Desculpe, eu te assustei.

A garota tirou as mãos de cima do rosto, e eu percebi, surpreso, que ela gargalhava, fazendo um som engraçado pelo nariz, tipo um porquinho.

— Desculpe — disse, recuperando o fôlego —, é que eu tomei um susto horrível, então, quando percebi que era você despencando de cima da árvore e não o tronco em cima de mim, não aguentei — terminou, limpando o rosto molhado pelas lágrimas. — Você está bem?

Assenti, desconfortável.

— Eu já vou indo e... Desculpe ter te incomodado.

Ela franziu um pouco o cenho.

— Na verdade, você me ajudou — os lábios dela se curvaram em um sorriso discreto —, eu estava, *estou* chateada, e ver você caindo... — Riu um pouco mais, e o som fez cócegas no meu estômago. — Desculpe, nunca resisti a um tombo sem consequências dolorosas.

— Talvez haja consequências dolorosas. Acho que vou ficar sem poder sentar por uns dias.

E ela gargalhou outra vez. E foi somente então que olhei para ela de verdade.

Não deveria notar, mas foi impossível não ver.

Ela estava com o cabelo castanho-escuro preso em um rabo de cavalo alto, e alguns fios se desprendiam, formando uma bagunça em volta do rosto; tinha um nariz pequeno, olhos amendoados e estreitos, emoldurados por cílios pretos e longos. Os lábios eram bastante cheios, mas foi o sorriso, pontuado por duas covinhas, que fez o meu coração parar. Um sorriso de sol, depois de muitos dias de tempestade, um convite para que quem o assistisse fosse tocado, aquecido, contagiado. Demorei um tempo para conseguir respirar e pisquei lentamente, espantando a sensação de que veria aquele sorriso estampado para sempre na retina, como riscos de luz no escuro.

A iluminação difusa que vinha da casa lançava uma aura dourada sobre ela, que brilhava destacada, parecendo uma estrela.

Senti uma vontade louca de me aproximar, oferecer conforto, abraçá-la. Mas a vontade foi apagada com a lembrança da maneira como aquela garota vinha me tratando e também

com a lembrança de que ela era a filha dos novos patrões de minha mãe e não uma garota bonita que encontrei perdida nos jardins.

Ela era proibida, eu nem deveria estar falando com ela sozinho.

— Boa noite — me despedi, distante, e dei alguns passos para trás.

— Espere — pediu estendendo a mão em minha direção —, por favor, eu queria falar com você desde que nos conhecemos. Mas, principalmente, desde aquela noite na cozinha.

Fiz uma negação involuntária com a cabeça. Mas ela se adiantou:

— É que eu não ignorei o seu cumprimento — prosseguiu rápida. — Quando fomos apresentados, não sei o que me deu, só fiquei sem reação. Desculpa... E sobre antes de ontem — franziu o cenho delicado —, não tem desculpas para o meu comportamento idiota. Só posso dizer que era um jogo de verdade e consequência e que não me liguei que podia te magoar. Eu-eu respeito sua mãe, você e seu trabalho, e sei que passei a impressão errada.

Parei, surpreso com aquele pedido espontâneo. A filha do senhor Carlos, por mais que houvesse errado, jamais me pedira desculpas na vida. Ela nunca me tratou com respeito ou consideração.

Encarei-a com atenção, e percebi que os olhos dela voltaram a reluzir lágrimas.

— Sei também que posso parecer uma menina mimada que tem tudo o que sonha e que não tem motivo nenhum para reclamar da vida, mas juro que não me sinto assim, na maior parte do tempo.

Fiquei ainda mais surpreso com aquela declaração sincera.

— Às vezes, acho que nasci na família errada — continuou ela. — Me sinto inadequada, como se não fosse boa o bastante para estar ali. — Apontou com a cabeça para a luz da sala de visitas que se projetava no exterior.

Eu me mantive em silêncio, observando as lágrimas que desciam dos olhos castanhos e riscavam a pele branca. Tão branca que parecia feita de neve. Mais uma vez senti vontade de abraçá-la, de fazer com que ela se sentisse melhor.

— Eu sei como é se sentir inadequado — confessei, sem nem me dar conta do que fazia. — Agora mesmo, queria conversar com você e entender melhor por que você está chorando assim, mas eu não posso. Não devo.

— Por que não pode?

Encolhi os ombros.

— Deixa para lá.

Ela levantou os olhos do chão e me encarou, quieta. O ar esquentou entre nós. Vi ela umedecer os lábios e meu estômago se contraiu.

— Estranho como no mundo coisas que parecem tão próximas, e que não deveriam faltar a ninguém, podem se tornar tão difíceis de alcançar.

Concordei, impressionado mais uma vez com aquela garota que tinha o sorriso do tamanho do céu.

— Para você que é baixinha, eu entendo seu pensamento, mas nada que um banquinho não resolva. Ou quem sabe, subir numa árvore. — Olhei para o local de onde tinha acabado de cair, numa clara tentativa de animá-la.

A boca dela abriu um pouco e então, aos poucos, se curvou em um sorriso, eu me deixei levar e retribuí o gesto.

— Difícil explicar como alguém que parece ter tudo pode ficar triste, não é? — perguntou, cutucando a neve com os pés.

— Não se sinta mal por ter dinheiro — também passei a mexer na neve com o pé —, acho que ele compra muitas coisas boas, mas com certeza não impede que problemas aconteçam.

— É difícil quando parece que a pessoa que mais deveria nos amar e apoiar é quem mais te reprova ou critica. É quem faz você se sentir errada e pequena o tempo inteiro.

— Sua mãe? — perguntei, e os olhos dela arregalaram. — Desculpe — tentei corrigir, sabia que não era certo falar com essa liberdade.

— Não, não me peça desculpas. Quase ninguém percebe, ela costuma ser muito discreta, mesmo quando seu único objetivo é me torturar. Só fiquei surpresa por você ter notado. Agora há pouco, por exemplo — apontou com a cabeça para a casa —, todos estão dançando após o jantar, uma tradição da nossa família, e ela foi bem grossa comigo sem ninguém notar e... esquece.

Coloquei as mãos nos bolsos do casaco, sentindo um pouco de frio. Se tinha uma coisa que eu sabia fazer, além de dançar tango e estudar, era prestar atenção nos outros. Detalhes que muitas vezes passariam despercebidos pela maioria das pessoas, chamavam a minha atenção.

Sempre fui assim, era natural para mim.

Então, nesses dias de convívio tinha reparado, sem dificuldade, na maneira como a mãe dela a tratava, como se ela nunca estivesse certa, como se, por algum motivo, apenas a presença da garota fosse o suficiente para irritá-la, tão distinta ao jeito mais paciente, gentil e entusiasmado com que a patroa parecia tratar a outra filha.

— As pessoas dizem que sou muito observador — me expliquei, e quis perguntar o que a mãe dela tinha falado que a deixou triste.

Por que essa vontade de consolá-la?

Talvez porque a maneira como meu pai fazia eu me sentir não fosse muito diferente de como ela se sentia. Eu sabia como as pessoas podiam jogar em cima dos outros as suas merdas, e

nem mesmo perceber o que faziam. Olhei outra vez para a garota à minha frente e notei que ela ainda me encarava.

— Sempre pensei que alguns pais ferram os filhos na medida certa. Te deixam mais fortes à medida que erram, enquanto outros simplesmente ferram tudo. Mesmo assim, você não devia deixar nada, nem ninguém, tirar o sorriso do seu rosto, ainda que esse alguém seja sua mãe.

Ela concordou.

— Até porque, na hora que entregamos o nosso sorriso para alguém, ele deixa de ser nosso e fica dependendo do outro, não acha?

— É, talvez você esteja certo — disse, e sorriu outra vez.

Quis manter aquele sorriso preso no rosto dela, pelo menos até o fim da noite, por isso perguntei, impulsivo:

— Você quer ver uma coisa legal?

Estúpido, não faça isso! Não se aproxime.

— Quero — concordou com um sorriso mais aberto, e eu senti que era o dono do mundo.

Errado, Aaron. Muito errado.

— Vamos então — disse, ignorando os alertas e, pegando a mochila que estava encostada na árvore, comecei a andar.

— Para onde?

— É uma surpresa.

Estúpido.

O que estou fazendo?



Marilia

O barulho de água corrente, era o tipo de som que deveria provocar efeitos calmantes, não era? Acontece que andar dentro de uma floresta escura, por uns quinze minutos estava me deixando meio ansiosa.

Mas o que nós fazemos aqui?

— Além de tango você dá aulas de dança de salão? — perguntei, querendo amenizar minha ansiedade. Queria na verdade perguntar quem era a garota que ele beijou na escola de

dança, dias atrás, e por que não daria NUNCA aulas de tango para mim, *como deixou claro*.

— Somente o tango e só nas temporadas e em alguns finais de semana, em Buenos Aires.

— Onde você dá as aulas? — Apressei o passo a fim de conseguir acompanhá-lo.

— Aqui em Saint Martin tem um estúdio de dança que me deixa usar a sala pagando vinte por cento do que recebo. Em Buenos Aires, tem vários lugares assim.

— Acho que te vi no estúdio de dança, outra noite... — Droga, o que eu fui falar? — Já fiz aula de dança e, mesmo tendo sido parte de uma brincadeira na noite passada, tenho vontade de aprender melhor o tango, não era mentira.

O som dos nossos pés afundando na neve acompanhavam o do meu coração.

— E fiquei sem entender sua negativa tão firme — prossegui, arfando pelo esforço —, por isso insisti.

Ele me encarou por um tempo em silêncio, antes de responder:

— É que nessa temporada não vou mais dar aulas, já ganhei uma graninha e agora tenho que ajudar minha mãe por aqui. É só isso.

— Entendi, quem sabe na próxima temporada.

— Quem sabe — respondeu baixinho, como se tivesse certeza de que não rolaria.

Passos afundando na neve densa e meu coração cada vez mais disparado.

Queria tirar da cabeça a maneira intensa como ele beijou aquela garota e como me encarou, logo que pedi as aulas de tango.

— Eu adoro dançar. Você... A dança, essa é sua paixão, seu sonho?

Ficou mais um tempo em silêncio, como se estivesse pensando no que responder. O barulho dos nossos passos era o único som, intercalado com os da mata.

— Adoro dançar, mas não é minha paixão, nem meu sonho. É só um jeito de ganhar uma grana extra. Mas isso ocupa muito tempo e eu tenho que estudar, então só faço quando aparece alguém.

— Mas, para dar aula, você deve dançar bem. — Engoli em seco, sentindo meus lábios frios, uma coruja ou um falcão bateu as asas bem próximo. — Como você aprendeu?

— Uma amiga da minha mãe em Bariloche é professora de tango, ela visitava minha casa duas vezes por semana, e em todas as visitas treinava comigo. Ela dizia que, se eu soubesse dançar bem, seria capaz de ganhar dinheiro me divertindo. Mas isso só é o passaporte pro meu sonho.

— A faculdade?

— Também — murmurou, pedindo silêncio com o dedo sobre os lábios. — Chegamos — concluiu em voz baixa.

Olhei para a frente e vi as águas prateadas do rio refletindo a lua. Minha respiração acelerou, e não apenas pelo esforço de caminhar na neve densa. Notei Aaron tirar a mochila e apoiar a lanterna no chão, desligando-a. Apesar da luz do luar, a luminosidade era filtrada pelos galhos das árvores.

— Se dermos sorte, ele vai aparecer hoje.

— Ele? — perguntei, sentindo os pelos da nuca se arrepiarem.

Aaron, dessa vez, não respondeu, e se aproximou de mim pelas costas. Dei alguns passos para trás, sem perceber. Ele segurou a curva do meu braço.

— Sim, nas noites em que o vi, foi mais ou menos nesse horário. Vamos — ele me puxou de leve —, precisamos nos esconder.

— Esconder?

— Potter — disse em voz baixa, me levando para trás de uma árvore grande.

— O... o... bruxo?

— Não, fique quietinha.

Pulso cada vez mais forte.

— Quem é Potter? — murmurei, ansiosa, e ao sentir os dedos dele em cima dos meus lábios, a minha respiração se alterou.

— Shh... Potter é um cervo.

— Um cervo?! Tipo... Tipo o Bambi? — disparei, sentindo o peito dele subir e baixar em contato com as minhas costas.

— Não, tipo aqueles enormes.

— Ah, meu Deus.

— Ele não vai fazer nada com você — soprou na minha orelha —, você está segura.

Já não sabia se estava tensa com o suposto cervo enorme ou com a respiração de Aaron queimando a minha nuca, o aroma dele invadindo as minhas narinas e me confundindo. Um cheiro de espuma de barbear misturado com alecrim e madeira, *floresta*. Um aroma profundo e marcante, como os olhos dele. Senti o corpo tremer.

— Fica calma — sussurrou, percebendo minha agitação.

Alecrim pense em alecrim, lavanda, rosa e turquesa. *Pense em cores. Acalme-se, Marília*. Ao longe, outro bater de asas seguido por um guinchado chamou minha atenção. Silêncio.

E então galhos sendo quebrados e passos sobre a neve se tornando cada vez mais próximos.

— Oh, meu Deus — repeti, entre excitada e maravilhada.

Os raios da lua minguante iluminavam o animal imponente, forte e selvagem, que se aproximava devagar do rio.

— A galhada dele — sussurrei, incrédula.

— Shhh — Aaron pediu junto à minha orelha, e as minhas pernas amoleceram. Continuei sem saber direito se era a maneira como meu corpo reagia à presença dele, ou se era o efeito Potter, mais precisamente um cervo com a maior galhada já carregada por um animal em todo o planeta e que estava a uns três metros de distância da árvore onde nos escondíamos. Potter parou olhando para os lados e, em seguida, abaixou para beber água.

— Ele é lindo — afirmei baixinho.

Desconfiado, o cervo levantou a cabeça e, então, o impensável aconteceu, ele virou em nossa direção e fixou o olhar dentro do meu. Mergulhei por alguns segundos no poder magnético e na intensidade viva daquela criatura. E então bramiu, um som alto e assustador enquanto cavava a neve com uma das patas dianteiras. Soltando fumaça — literalmente — pelas narinas.

Senti o sangue descer da cabeça para os pés enquanto os braços de Aaron me apertavam com força junto ao corpo.

— Não faça nada — pediu junto à minha orelha.

O cervo bramiu uma vez mais e disparou mata adentro, desaparecendo por completo.

Eu soltei o ar dos pulmões de uma vez.

Fechei os olhos, perdida em um misto de emoções.

Nunca tinha visto um animal selvagem assim tão de perto. Nunca tinha ouvido um cervo bramir daquele jeito. Nem sabia que cervos bramiam, quer dizer, nunca tinha pensado nisso.

Às minhas costas, a respiração de Aaron estava tão alterada como a minha. Seus braços ainda me apertavam.

A minha boca secou, os olhos pesaram e me entreguei a um torpor silencioso e envolvente que começava com o calor emanado atrás de mim e terminava com os braços do garoto que me abraçava.

— Você está bem? — perguntou sem me soltar.

Assenti com a cabeça.

Devagar e com cuidado, ele se afastou.

— Tem certeza? — insistiu.

— Do quê? — respondi sem conseguir pensar em nada. A não ser na marca que o calor dele deixou nas minhas costas.

— Que você não vai desmaiar?! — contrapôs, parecendo inquieto.

As minhas bochechas arderam de vergonha, e dei graças a Deus por estar escuro. Entendi que a minha instabilidade não tinha muito a ver com o cervo, e sim, com o cara à minha frente.

— Eu nunca desmaiei — disse com o maior orgulho que consegui. — E além disso ele tinha uma galhada enorme.

Aaron se abaixou, pegando a lanterna e a mochila.

— Desculpe, eu ter... me aproximado. Realmente achei que você estava apavorada e me senti responsável — apontou em minha direção, parecendo sem graça —, quer dizer, irresponsável. Eu deveria ter contado com quem encontraríamos, para saber se você topava vir mesmo assim.

— Eu amei — afirmei rapidamente, porque era verdade, nunca tinha tido uma experiência tão intensa, revigorante, assustadora e poderosa. Impulsiva, eu o abracei. Uma forma de agradecer, uma maneira de... nem sei. — Obrigada por me fazer esquecer completamente tudo o que me chateava.

Voltei a ficar sem graça ao perceber que ele não retribuiu o contato, se afastando.

— Fico feliz em ter ajudado. — Ele fez uma vênica, tipo um lorde inglês, ou um mordomo.

Franzi o cenho, confusa, sem saber se ele estava tentando colocar alguma distância com o gesto, como quem diz: ao seu dispor, ao mesmo tempo que enfatizava a posição dele como filho da caseira. Ou se estava apenas brincando.

— Vamos voltar — Aaron pediu, acendeu a lanterna e começou a andar. — Seus pais podem estar te procurando e... bom, você sabe, não quero problemas.

Eu me apressei em segui-lo, meio chocada com aquela mudança repentina de atitude. Em apenas dez segundos ele construiu um muro nos separando.

— Era um cervo enorme.

— Sim — replicou, sem parar de andar.

Queria devolver o clima bom entre nós e também matar minha curiosidade cada vez maior sobre ele.

— Você faz sempre isso?

O barulho dos passos sobre a neve foi a minha resposta.

— Como soube que o cervo apareceria?

Um momento de silêncio depois, ele diminuiu um pouco o ritmo da caminhada.

— Eu andava pela floresta há duas semanas e o vi pela primeira vez, desde então, venho quase todos os dias. — Aaron voltou a apressar o passo. — Mas não é sempre que ele aparece, você deu sorte.

O meu coração disparou ao imaginar aquele garoto lindo, de ombros largos e olhos cor de mel, observando sozinho um animal selvagem e poderoso.

— Que máximo! — tentei soar espontânea, disfarçando a minha garganta seca. — Será que eu posso vir outras vezes?

Ele estacou, e me sobressaltei. Aaron virou de frente para mim, os olhos estreitos sombreando a expressão, a respiração acelerada fazendo o peito largo subir e descer rápido.

— Não haverá próximas vezes.

Cruzei os braços com força, me sentindo confusa.

— Tudo bem, podemos então nos encontrar e...

— Marília, você estava triste, eu quis te ajudar. — Balançou a cabeça. — Escute — ele tomou uma respiração funda —, você parece uma garota legal, mas nós não seremos amigos, não

sairemos mais juntos e não teremos mais nada a ver com a vida um do outro, está bem?

Apesar de nem conhecer ele direito, fiquei decepcionada com aquelas palavras.

— Não pedi para ser sua amiga, não preciso de mais uma pessoa que me enxerga como um problema — afirmei, e saí tomando a dianteira.

— Merda! — murmurou. — Marília espera! — gritou. — Eu não te enxergo como um problema.

— Você não precisa me explicar, Aaron, não somos nada mais do que conhecidos.

Saímos da floresta. A varanda da casa era visível, notei através do vidro que os convidados ainda não tinham ido embora.

A mão dele se fechou na curva do meu cotovelo, segurando os meus passos. Pega pela surpresa, senti a garganta apertar e uma onda de calor subir na minha espinha.

— Eu só quis te ajudar.

Olhei para os dedos enluvados e compridos que me seguravam.

— Obrigada por ter feito o seu trabalho — ralhei sem medir as palavras, estava ferida com a recente rejeição, ferida por ter me aberto com ele, com um estranho, como há muito não fazia, e estava confusa e chateada por ele ter me mandado embora. — E não se preocupe, sei manter distância.

Saí escondendo as lágrimas que voltaram a turvar os meus olhos.

— Droga! — Ouvi quando xingou.

Desci até a casa quase correndo. Entrei no hall aquecido, tirei as botas, o casaco e as luvas. Calcei os sapatos de salto e, alguns passos depois, estava dentro da sala de estar com um sorriso nos lábios, fingindo que estava tudo bem.

— Achei que já tinha ido dormir — meu pai afirmou, passando o braço por cima dos meus ombros. — Venha, estamos conversando sobre as universidades ao redor do mundo, inclusive a que você quer frequentar. Um primo do Miguel é amigo do reitor da universidade de Madri, achei que você poderia se interessar em saber.

A voz do meu pai se perdeu, conforme eu olhava para as sombras que se estendiam do lado de fora, lembrando do garoto

e do cervo batizado com o nome de um dos meus personagens favoritos, o que nem tive a chance de contar, e talvez nunca tivesse.



"Uma mulher que lê muito é uma criatura perigosa."

LISA KLEYPAS

Aaron

Não gostava de me sentir fraco. Odiava a raiva que meu pai ainda era capaz de provocar em mim. Odiava ainda mais brigar com minha mãe por causa daquele desgraçado. Estava tão puto, tão louco, que o choro atravessou a garganta e, quando dei por mim; lágrimas.

Arfei baixinho com a cabeça entre as pernas, afastado de onde sabia que Marília ia quase todas as noites. Fazia uma

semana que convidei ela para entrar na floresta e fazia uma semana que eu não conseguia parar de pensar nela, de procurar por ela, de me perguntar por que ela olhava sempre para o céu durante as noites e de achar ela uma das garotas mais lindas que já vi. Esfreguei os olhos com força. Não queria ficar pensando nela desse jeito.

Ainda mais com meu mundo desmoronando mais uma vez. Não nessa noite.

Era assim toda a vez que o bastardo reaparecia e fazia minha mãe chorar. Tinha um ano desde a última vez que meu pai nos procurou. Mas hoje, ouvi minha mãe chorando baixinho ao telefone e exigi que ela me dissesse quem era — apesar de ter certeza — e confirmei: era meu pai pedindo dinheiro, chantageando-a para em troca ficar longe da gente.

A lembrança da voz dele fez meus dentes trincarem:

“Eu sei onde vocês estão morando agora, posso dar uma passada aí e te lembrar como éramos uma família feliz.”

“Você vai pra prisão outra vez se voltar a se aproximar da gente, seu desgraçado.”

“Quem sabe não vamos juntos para lá e você verá que não é melhor do que eu, seu bostinha.”

Minha mãe morria de medo que eu perdesse a cabeça se ele aparecesse na minha frente e fizesse merda. Era assim que esse filho da... era assim que ele conseguia chantageá-la, me usando.

Um barulho ao meu lado me colocou em alerta. Ergui o rosto e encontrei os olhos castanhos da garota que vinha invadindo meus pensamentos mais tempo do que eu gostaria. Mais do que devia.

— Oi — ela cumprimentou em um muxoxo.

Enxuguei as lágrimas que molhavam minhas bochechas, envergonhado por ser visto daquele jeito.

— Oi — respondi da maneira mais firme que consegui, e apoiei as mãos no chão a fim de levantar.

— Espera — pediu, se aproximando. — Posso sentar aqui do seu lado em silêncio. — Fez uma pausa parecendo tão sem graça quanto eu. — Você me ajudou na semana passada e... Só queria que você soubesse que não está sozinho. Tenho certeza, ninguém deve ficar triste, sozinho.

Engoli o bolo na garganta e puxei a corrente do meu pescoço para fora do casaco. Sem pensar, comecei a apertar o pingente de Nossa Senhora Aparecida entre os dedos e, em seguida, o mordi de leve, numa tentativa de controlar o choro. Não queria que ela me visse daquele jeito.

— Há pouco mais de um ano, perdi minha melhor amiga para o câncer... — A voz suave dela fez meu coração disparar. — Ninguém deveria perder para uma doença, não acha?

— Acho que não — eu me vi respondendo. — Tenho certeza de que não.

— Daqui a três meses seria o aniversário dela.

Meu pulso acelerou mais.

— Sinto muito.

— Quero acreditar que somos muito maiores que qualquer doença ou tristeza — prosseguiu, sem perceber que derrubava minhas defesas.

Como essa garota consegue me desarmar desse jeito em apenas três frases?

Sabia que devia ir embora, estava quase chorando outra vez. Mas, ao mesmo tempo, sentia vontade de me abrir e contar

o que me machucava, assim como ela fez uma semana atrás, assim como ela fazia agora. Não deveria estar sozinho com ela e...

— Por isso eu gosto de olhar as estrelas — Marília disse, alheia aos sentimentos que despertava em mim. E encarou o céu antes de prosseguir: — Acho que elas nos lembram como somos muito maiores do que acreditamos.

— Nunca tinha pensado desse jeito — concluí com a voz rouca.

— As estrelas me fazem acreditar que somos infinitos, assim como elas parecem ser. Na verdade, somos únicos, Aaron. Nenhuma estrela é igual à outra. Ninguém tem o brilho ou o antídoto que só você pode ser para o mundo.

— Antídoto? — perguntei, confuso.

— O mundo precisa de muitos antídotos — ergueu os dedos enluvados e começou a apontar para as estrelas —, para o medo, a raiva, a falta de esperança, a maldade, a miséria, a seriedade, a solidão.

Meus lábios se curvaram, espontâneos.

— Teríamos que ter um céu de antídotos. Tipo, antídoto pra cacete no mundo.

— Mas temos — encolheu os ombros —, nós podemos ser o antídoto de outras pessoas e, quando somos o antídoto para alguém, conseguimos enxergar coisas boas dentro da gente.

Fiquei quieto olhando para cima e não segurei a risada. Ela me encarou, confusa.

— Você é profunda — expliquei.

— Você está me achando estranha?

Neguei com a cabeça.

— Eu gosto de profundidade.

Sorriu de leve.

— Aquela noite do cervo por exemplo, você foi um antídoto pra mim. E, muitas vezes, basta eu olhar para as estrelas.

Inspirei de maneira entrecortada, entendendo, por fim, o motivo de ela conversar com as estrelas.

— Acho que você tem razão — concordei. Tinha algo nela que me fazia esquecer minhas decisões e as diferenças que nos

separavam. Talvez, ela fosse um antídoto para mim, pelo menos naquele momento.

Marília tocou no meu braço, e eu a encarei, um pouco surpreso.

— Posso te levar a um lugar aqui perto, que se tornou especial pra mim, e retribuir o seu gesto de outro dia?

Olhei para os lados, indeciso, e então para ela. Os lábios cheios se curvaram para cima, revelando dentes brancos e perfeitos, enquanto os olhos se acendiam e eu perdia o ar. Era um riso brilhante, como se as estrelas estivessem guardadas dentro do coração daquela garota e, só quando ela sorria, se tornassem visíveis. Marília iluminava, sem perceber, a minha noite e alguns pedaços escuros do meu coração.

— Vamos então! — Fiquei em pé, limpando a neve da calça.

Ela demorou um pouco a me imitar, parecendo surpresa com a minha resposta.

— Ok... me siga — pediu começando a andar.

Caminhamos em silêncio até pararmos junto a uma pedra no início da floresta. Eu conhecia o lugar.

— É aqui! — Subiu e deitou na pedra de barriga para cima.
— Você não vem?

Nem reparei que estava parado, olhando para ela. Nunca tinha pensado em como esse lugar parecia perfeito para olhar o céu. Na verdade, não era muito de parar e ficar olhando para o céu. Sempre gostei mais de olhar para a frente, para a terra. Mas, naquela noite, mudar a direção do meu olhar me pareceu uma boa ideia.

Subi na pedra e deitei, mantendo uma distância segura.

Ficamos um tempo em silêncio, olhando para cima. Estava hipnotizado com os sons que ela fazia vez ou outra. Sem perceber, Marília soltava uns suspiros satisfeitos, como um ronrono baixinho.

Que sons ela faria se eu a beijasse?

Travei o maxilar com força, não podia e não queria pensar em beijá-la.

— Aquela é a constelação das plêiades — apontou para um aglomerado de estrelas —, aquela é Orion, e ali é Vênus.

— Sinto muito por sua amiga — confortei impulsivamente. A história que ela contou não saiu totalmente da minha cabeça.

Ouvi ela inspirar devagar.

— Acho que ela mora em uma estrela — Marília virou de lado para mim com a cabeça apoiada na mão —, acho que ela sorri quando uma estrela pisca.

Ficamos nos encarando, e eu me senti envolto por um milhão de estrelas, uma sensação tão louca que tive vontade mais uma vez de me abrir, de ser ouvido e de ficar mais junto dela.

— Eu estou triste porque meu pai ligou pra minha mãe.

Os olhos castanhos aumentaram um pouco enquanto ela aquiescia, me incentivando a continuar. Sem pensar, prossegui:

— Eles se separaram há muitos anos — minha voz saiu rouca. — Ele não era uma pessoa legal com ela. Ele a agredia, e eu era pequeno demais para fazer alguma coisa.

— Sinto muito. — A mão pequena cobriu a minha. Nós estávamos de luvas, mas, mesmo assim, meu coração acelerou quando o calor chegou até mim.

— Ele ficou preso por uns anos. — Não sabia por que, mas contar as coisas para ela parecia o certo a se fazer, parecia tão certo que eu não conseguia parar. — Ele foi solto há um tempo, e tenho certeza de que minha mãe dá dinheiro para ele ficar longe de nós, apesar de não admitir. — Senti os olhos arderem outra vez. — Fico tão puto com isso, queria poder tirar ele das nossas vidas para sempre e, ao mesmo tempo, ele é o meu pai, então... — Fiz uma pausa, pensando em como continuar, e notei que os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

— Me desculpe — pedi, meio ansioso —, não sei por que despejei esse monte de merda... — Tocou com a ponta dos dedos em meu rosto, e minha respiração acelerou.

Não deveríamos estar tão próximos, não deveria ter ido até lá e ter me aberto daquele jeito, convidando para que entrasse na minha vida. Busquei a corrente com a boca e mordi a medalha mais uma vez, de leve.

— Aaron — ela chamou quando me afastei do toque, na defensiva.

— Sei por que você não quer que eu me aproxime — constatou com suavidade.

Franzi o cenho, confuso, e tirei a corrente da boca.

— Sabe?

— Hum hum — confirmou baixinho. — Meus pais comentaram essa noite, durante o jantar, por que vocês saíram do último emprego da sua mãe. A história com a filha do antigo patrão dela e... Sinto muito.

Os meus olhos se arregalaram, e eu não tinha certeza se me sentia surpreso ou um pouco irritado com aquela invasão. Sabia que o senhor Carlos tinha aberto os motivos da demissão antes do pai de Marília nos contratar, mesmo assim, não consegui deixar de me sentir mal e um pouco envergonhado. E, de repente, pareceu importante que ela soubesse a verdade.

— Foi a filha dele que me encurralou um dia na cozinha, tentou me beijar e, quando eu neguei, ela fez um escândalo, disse que eu tinha forçado ela. O senhor Carlos acreditou em mim, mas a esposa dele, não.

— Eu acredito em você e nunca, nunca faria nada que pudesse te prejudicar — murmurou.

Fiquei encarando Marília em silêncio, sem saber o que responder. Sem saber se devia acreditar nela, se era certo deixá-

la se aproximar, mesmo acreditando nela.

— Olha — ela voltou a segurar minha mão —, fazia um ano que eu não conseguia me abrir com ninguém. — E balançou a cabeça. — Normalmente, quando não conheço a pessoa, os assuntos são superficiais: onde você estuda? O que você quer fazer da vida? Está frio hoje, né? Mas, com você, não sei por que, me sinto tão... É como se te conhecesse de algum lugar, há muito tempo.

Engoli em seco e inspirei lentamente. Isso era estranho, mas era como eu também me senti.

— Eu nunca falo sobre meu pai com ninguém — confessei.

Notei-a suspirar lentamente, como fizera para as estrelas há pouco, só que agora Marília olhava diretamente para mim, dentro dos meus olhos, e meu coração deu um pulo.

— Eu não falo essas coisas “profundas” com todo mundo que estou conhecendo.

Achei graça.

Ela continuou, a expressão divertida:

— Oi, tudo bem, eu sou a Marília e minha amiga de infância teve câncer e morreu. Acredito que todos somos antídotos na

vida uns dos outros, muito prazer! Fico aliviada que você também sente como se nos conhecêssemos há tempos.

— Das estrelas, talvez? — sugeri, também sorrindo. Seria uma cantada barata se eu realmente não me sentisse assim.

Marília concordou, como se fosse possível duas pessoas se conhecerem das estrelas, antes mesmo de nascer. *Será que era?*

— Sim, com certeza nos conhecemos das estrelas. — E virou, convicta, para olhar o céu outra vez.

Dividimos um silêncio confortável por algum tempo.

— Minha nossa! — Marília exclamou. — Você viu isso, não viu?

— Sim, o que foi isso? — indaguei, surpreso.

— Uma estrela cadente. A maior que já vi na vida! Vamos, faça um pedido, rápido.

— Eu sei o que é uma estrela cadente, mas ela fez barulho, não fez? Ou eu estou viajando?!

— Shhh... Um pedido, faça logo, feche os olhos e faça!

Nunca acreditei naquilo de pedido às estrelas, mas ela parecia tão convencida e feliz que não resisti. Fechei os olhos e...

Quero mais momentos como esse.

Foi o primeiro pensamento que cruzou minha mente. Prendi o ar.

Não pedi para conseguir cursar a faculdade inteira, nem para ganhar muito dinheiro e conseguir comprar a vinícola que sempre sonhei, nem mesmo pela paz mundial. Pedi por mais momentos como aquele.

Que loucura foi essa?

Soltei o ar pela boca, confuso, olhando para Marília, ela ainda estava de olhos fechados e mexia os lábios.

— A estrela fez mesmo barulho? — perguntei, um pouco inquieto.

— Acho que sim. — Marília voltou-se para mim. — Li uma história, não lembro onde, ela contava que estrelas cadentes estão apaixonadas pela Terra e se jogam aqui por amor, sem saber o que vai acontecer. A história dizia que quando uma estrela cai, parece levar apenas alguns segundos, mas, para a

estrela e para o planeta, apaixonados, aqueles segundos são infinitos.

Peguei uma pedra solta e desenhei uma estrela na neve acumulada ao meu lado.

— Viver intensamente faz cada segundo parecer um pedaço da eternidade, é isso?

Ela sorriu junto com as batidas aceleradas do meu coração.

— Viu só, você também é profundo!

Encolhi os ombros disfarçando meu coração cada vez mais acelerado.

— O que você pediu? — perguntei, impulsivo, e me arrependi em seguida, jamais poderia responder com sinceridade o desejo que cruzou a minha mente junto à estrela no céu. *Seria exagerado, errado.*

— Pedi que possamos dividir mais momentos como esse.

Um, dois, três. Foi o tempo em que todo sangue deixou o meu rosto. Que tipo de absurdo era aquele? Ela sorria tão espontânea que, involuntariamente, meus lábios acompanharam os dela.

— E você?

— Pedi é... Bom é...

— Não precisa falar.

Respirei aliviado, não conseguiria mentir para ela, e seria muito estranho admitir que pedimos quase a mesma coisa. Dividimos mais um momento de silêncio antes de eu mudar de assunto:

— Acabei o primeiro ano de Engenharia agrônoma na universidade pública de Buenos Aires.

— Que legal... quer dizer, não entendo nada de números, mas acho incrível quem entende. Quero me formar em Letras, eu amo ler.

— Apesar de eu também amar ler, quero ter uma vinícola um dia e Engenharia agrônoma pode me ajudar a melhorar a produção no futuro.

— Vinhos? — perguntou, surpresa.

— Comecei a amar os vinhos com o antigo patrão da minha mãe. Ele me levou para conhecer umas vinícolas em Mendoza e me ensinou bastante.

— Eu sonho — ela parou, parecendo pensar —, sei que parece besteira, mas eu sonho em ter muitos filhos e fazer do

mundo um lugar melhor. De repente, trabalhar numa ONG.

— Você é incrível, se um dia nos apaixonarmos, você casa comigo? — brinquei sem pensar, e me horrorizei com o que falei. Olhei-a de lado e notei que ela também parecia envergonhada. Quis cavar um buraco na neve e sumir.

— Então, acho que eu já vou e...

— Não me caso — afirmou se sentando. — Eu gosto de garotos.

Minha boca escancarou e me sentei de uma vez, me juntando a ela.

— E você acha que eu sou o quê?

— Você hoje foi promovido a amigo.

Dei uma risada incrédula.

— E deixei de ser menino?

Encolheu os ombros.

— É.

— E fui promovido, então quer dizer que garotos estão um patamar abaixo de amigos?

— Todos estão um patamar abaixo de amigos.

Marília encontrou um jeito de deixar o clima entre nós leve outra vez, e eu agradeci em silêncio.

— Está bem então, somos amigos — concordei, e estendi a mão em sua direção.

Ela a apertou como se estivesse fechando um acordo.

— Olha, eu não ia falar nada, mas selar um pacto assim embaixo de um céu estrelado, vale mais do que assinar contrato em cartório.

Eu a encarei por um tempo, em silêncio. Marília parecia ser uma pessoa fantástica e, apesar de ter concordado com a amizade, meu corpo sabia que ela era uma garota. Na verdade, uma garota bem atraente. Aquilo podia terminar em confusão. Acontece que sempre gostei demais de correr riscos, especialmente quando achava que eles valiam a pena. E essa garota — porra — essa garota tinha algo que me deixava com vontade de dormir com todos os riscos, somente para conhecê-la melhor.

— Está bem, minha nova amiga, nós temos um acordo selado sob um céu muito estrelado.

— Amanhã à noite eu trago um livro que acho que vai gostar. — Apertou meu ombro de leve. — Boa noite, então.

— Boa noite, Marília, dona das estrelas — brinquei.

— Boa noite, Aaron, senhor dos cervos — ela retribuiu, bem-humorada.

E se afastou, me deixando com um sorriso bobo para as estrelas, sem lembrar de que estava puto e triste há pouco tempo.

Antídoto.



“Ninguém jamais poderá amar mais do que uma vez na vida.”

JANE AUSTEN

Marilia

Os sons da noite se misturavam com meus pensamentos. Há um ano, desde que nos conhecemos, Aaron se tornou parte indispensável da minha vida. Horas diárias de conversas, *quotes* dos nossos livros favoritos trocados todas as manhãs por mensagens, cumplicidade e apoio. Ele se tornou meu melhor amigo. Essencial.

Mais cedo, Aaron me disse que queria fazer uma surpresa, era nossa última noite juntos em Saint Martin, antes de ele voltar para Buenos Aires.

Por isso, apesar do frio, vim encontrá-lo na clareira. Arregalei os olhos e cobri os lábios com os dedos quando vi meu amigo sentado em cima de uma manta xadrez, em frente a uma fogueira. Ele olhava para as chamas parecendo hipnotizado, o vinco formado entre as sobrancelhas escuras deu lugar ao sorriso quando nosso olhar se encontrou.

— Olá — disse, sentando junto dele.

— Olá, Marília — respondeu sem desfazer o sorriso.

Apontei para frente com o queixo.

— Você acendeu uma fogueira, adorei a surpresa.

— Mas essa não é a surpresa.

Ele virou para trás, agarrando algo grande.

— Um violão?

Voltou a sorrir, e meu coração disparou.

— Sim.

— Você toca?

— Só umas cinco músicas que aprendi sozinho, e nunca na frente de ninguém. Igual a você com suas poesias.

Olhei para a fogueira, mergulhando na dança quente das chamas. Escrevia poesias desde os doze anos, tinha guardado vários cadernos cheios de rabiscos, mas nunca, sob hipótese alguma, mostrava para alguém.

Virei para ele ao ouvir o barulho do zíper da capa do violão sendo aberto. Senti a boca secar ao lembrar do pedido que meu amigo fez por escrito mais cedo: “traga seu caderno de poesias”. Ele iria tocar e devia esperar que eu o deixasse ler algo, como uma troca.

— Nunca mostrei meu caderno para ninguém — afirmei em voz alta o que Aaron já sabia.

Colocou a mão sobre a minha. Uma onda gelada e irresistível me envolveu. Quando Aaron me tocava, meu corpo virava um aglomerado sensível de músculos e nervos.

— Lili, eu vou tocar pra você porque eu quero.

— Certo.

Fez uma expressão meio cômica.

— É claro que, se você quiser me mostrar suas poesias depois, não vou reclamar.

Entrecerrei os olhos e cruzei os braços, brincalhona e ele acomodou o violão sobre as pernas.

— **Take on me?** — perguntei sem conter a risada.

— Você prefere as antigas, não é verdade?

Concordei e ele prosseguiu cantando num tom ainda mais profundo.

No fim de uma estrofe, começou **Dona Maria** me fazendo gargalhar e emendou com **Stand by me**.

Aaron não desviou os olhos dos meus em nenhum momento e, quando os dedos e os lábios pararam de se mover e a música acabou, olhei para cima, para as estrelas, me sentindo a garota mais sortuda do mundo.

— Obrigada, eu amei — disse depois de um tempo.

— Poesia?

Dei risada com ar desconfiado.

— Uma só — insistiu, juntando as mãos em prece sobre o peito.

Revirei os olhos fingindo que meu coração não saía pela boca, e fingindo que não estava me apaixonando por ele.

— Está bem — concordei, virando para pegar o caderno dentro da mochila, e, quando voltei, meu amigo sorria, tão sincero e espontâneo, que meu estômago gelou.

— Você quer escolher? — ele perguntou.

— Não, apenas — estendi o caderno na direção dele — leia logo, qualquer uma.

Entreguei com as mãos trêmulas, nunca me senti tão exposta diante de alguém. Entregar aquele caderno era como mostrar um pedaço da minha alma e abrir as páginas do meu coração.

Ele começou a folhear, enquanto minha respiração acelerava e, em uma tentativa de fuga, fechei os olhos.

— Lili — meu amigo chamou e eu voltei a olhá-lo —, você ficou pálida, não quero que isso seja uma tortura.

— Só — disse, e o encarei com mais atenção do que normalmente. — Só acabe logo com isso.

Ele riu.

Eu queria pensar em outra coisa, algo mais forte do que ele lendo minhas poesias. Do que ele assim, mordendo a pontinha do lábio, com uma cara de moleque arteiro que acabou de encontrar os presentes de natal, escondidos.

Mas ele não era um moleque, era um homem. Um homem muito gato.

Não! Ele era melhor amigo.

Demorei alguns segundos para perceber que Aaron já tinha lido e me encarava em silêncio. Meu coração disparado e o estalar das lenhas na fogueira.

— Marília, você escreve como as estrelas enchem o céu.

Meus lábios se curvaram para cima.

— Você gostou, mesmo?

— Eu amei cada palavra.

Sem saber o que fazer nem o que falar, apoiei a cabeça no ombro dele, e ficamos um tempo olhando as lenhas se desfazerem com o fogo.

Aaron virou o rosto até encostar a testa na minha. O ar expirado por ele tocando os meus lábios. Nossas respirações se

misturando e toda a eletricidade que invadia meus sentidos quando estávamos perto, voltou com força total.

Eu quero te beijar.

Quero desesperadamente.

Mas Aaron se distanciou devagar.

Engoli em seco e soltei o ar pela boca, o calor do meu corpo condensou uma nuvem branca à minha frente. Precisava fazer alguma coisa, disfarçar a vontade de beijar, de ser beijada, disfarçar a certeza de que estava me apaixonando por ele.

— Vou te ensinar uma coisa — falei e enchi a mão de neve, enfiando rapidamente na gola do casaco dele.

Ele grunhiu e me encarou com olhos arregalados.

— Não acredito que você fez isso, poxa, Marília, puta sacanagem! — disse, sacudindo o casaco.

— Foi uma brincadeira — respondi, meio confusa. Ele tinha ficado bravo? — Desculpa, juro que estava...

Uma bola gelada e branca foi atirada na minha cara. O som da risada alta de Aaron serpenteou entre as árvores.

Cuspi um pouco de neve antes de limpá-la dos olhos.

— Está bem, eu me rendo.

Outra bola de neve se desfez contra a minha barriga.

— Eu disse que me rendo — e espalmei as mãos na frente do peito.

Outra bola no ombro.

— Se rende, mesmo?

— Aham — concordei —, juro. Você é muito maior e mais forte, eu me rendo. Você venceu, você é o melhor.

— Sou mesmo — respondeu, convencido.

Voltou a se sentar ao meu lado, e nos aproximamos embaixo da manta, outra vez. Assim que ele relaxou, juntei mais neve e coloquei sobre seus cabelos, como se fosse fazer cafuné. Ele demorou um pouco para perceber o que eu tinha feito.

Acabei deitada, com ele por cima de mim, tentando enfiar neve dentro do meu casaco. Eu gargalhava sem parar, de nervoso, diversão e ansiedade.

— Você não disse que tinha se rendido? — E abriu o zíper do meu casaco. — Vou fazer você se render de verdade.

Meu peito descia e subia rápido, e lágrimas mornas desciam por minhas bochechas, estava chorando de tanto rir. Ele subiu a minha blusa térmica encheu a mão de neve e a colocou na minha barriga. Gritei e me contorci, ri ainda mais, e consegui acertar uma bola no rosto dele, em cheio.

— Agora chega — disse, ofegante, e imobilizou meus braços, esticando-os acima da minha cabeça, enquanto tentava pegar mais neve para me atingir.

E as coisas mudaram.

Ainda ria e me contorcia, mas ele ficou imóvel e então deitou em cima de mim. O calor do corpo rígido derreteu a neve na minha barriga e eu parei de sorrir e de lutar. Aaron encostou a ponta do nariz no meu, a respiração quente fazendo uma nuvem de fumaça entre os nossos lábios.

— O que devo fazer? — murmurou e me encarou por um tempo em silêncio, nossos lábios quase se tocando. — Droga — soprou e se ergueu em seguida, pegando o violão, como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse acabado de derreter não só a neve que estava em cima de mim, mas a do mundo todo.

Fingi, como ele que estava ofegante pelas gargalhadas, que meu coração vinha acelerado pelas tentativas de escapar do ataque de neve, que meu corpo estava em chamas pelo calor da fogueira à nossa frente.

A noite terminou no quarto dele com risadas, duas poesias a mais lidas em voz alta, músicas sopradas para as estrelas, e conosco fingindo que não sentíamos nada além de amizade um pelo outro, abraçados numa cama de solteiro. Aaron voltaria para faculdade e teríamos de enfrentar seis meses de distância e saudades antes de nos vermos outra vez.



*“E sei que passei todas as vidas antes dessa procurando
você.”*

NICHOLAS SPARKS, DIÁRIO DE UMA PAIXÃO

Marilia

AGORA - BUENOS AIRES

Olho para o corredor à minha frente e respiro fundo, ganhando coragem.

Prossigo pelo ambiente estreito e vagamente iluminado, procurando o número 1232, o apartamento dele.

O motorista da minha avó me deixou no shopping, no bairro de Abasto e peguei um táxi, até o prédio do Aaron. Falei para ela que tinha uns amigos que tem casa em Saint Martin que moravam por aqui e, que iríamos ao cinema. Odeio mentir para as pessoas que amo, mas não podia falar verdade.

Apalpo o bolso externo da mochila sentindo a caixa com o presente que trouxe, e fecho um pouco os olhos ao lembrar o que o meu amigo enviou por correio no dia do meu aniversário, um mês e meio antes. Um tênis, um pote de doce de leite e um verso de Mario Quintana sobre um fundo de estrelas. Uma poesia que eu havia decorado de tanto reler.

“Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos, se não fora

A presença distante das estrelas!”

Estou com tantas saudades dele.

Olho ao redor encontrando o número do apartamento. Paro em frente à porta com o coração disparado. Toco a companhia, e

sinto o ritmo do coração acelerar ainda mais.

Será que ele está em casa?

Pelo que sei de sua rotina, Aaron deve ter voltado do emprego temporário que o ocupa durante as tardes. Vejo o relógio do celular enquanto espero a porta ser aberta.

20h12.

Meu coração galopa no peito quando escuto a trava.

Um cara loiro com cabelos espetados, dá um sorriso caloroso. Ele deixa os olhos correrem por meu corpo com uma preguiçosa disposição, o sorriso se alargando ainda mais em seu rosto.

— Olá — diz, apoiando o ombro no batente. — Então você é Marília, a famosa amiga brasileira do Aaron — afirma com simpatia.

Meus lábios se curvam para cima, numa tentativa frustrada de sorriso. Estou *mega* ansiosa. O *colega de quarto* de Aaron, sabe que sou eu porque me apresentei no interfone, pouco antes de ele liberar minha entrada.

— Eu mesma. Vim fazer uma surpresa — confirmo.

Um indie rock toca na sala. É um lugar pequeno, organizado e masculino. Eu meio que conheço o apartamento, todas as noites eu e Aaron nos falamos por Skype daqui.

Ele estende o braço para dentro ao dizer:

— Entra.

Dou alguns passos tímidos, meu coração cada vez mais acelerado.

— Obrigada.

— Você quer tomar alguma coisa? — o garoto pergunta e vai em direção à cozinha. Quer dizer, acho que é a cozinha. Olho para os lados e coloco a bolsa em cima do sofá de dois lugares, cor de café, que fica disposto em frente à televisão.

— Você é o Miguel, não é?

— Você está certa — responde, voltando para sala com duas *long necks* na mão. — E aí, por que você não se senta e toma uma cerveja enquanto espera pelo Aaron? Logo mais ele aparece.

Aperto os dentes, um pouco frustrada e sem graça, apesar de já ter falado com Miguel algumas vezes enquanto estava no facetime com Aaron, mal conheço o garoto.

— Eu, eh... Achei que ele já teria chegado a essa hora. Desculpa te incomodar.

Ele abre a cerveja e se joga no sofá. Estende a outra garrafa em minha direção.

— Incômodo nenhum. Então, Marília, por que você não se senta? — repete o convite.

Respiro fundo, entendendo que não tem outro jeito a não ser me juntar ao amigo de Aaron. Tento manter uma distância segura e confortável, e pego a cerveja já aberta dando um gole em seguida.

— Acho que vou ligar para ele e...

— E estragar a surpresa?! Imagina! Ele vai ficar amarradão quando vir que você está aqui.

Dou um sorriso tímido, sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Vocês se tornaram o quê? — Miguel continua descontraído. — Melhores amigos?

— Acho que sim — digo, e dou mais um gole na cerveja meio quente.

— E o que te traz a Buenos Aires? — Estica as pernas de maneira relaxada. — Quer dizer, vocês não vão se ver em Saint Martin, nessas férias?

Sim, nós vamos, claro. Aaron sempre vai visitar a mãe durante as férias.

Pareceria uma idiota apaixonada se dissesse que vim até aqui só por causa de Aaron? Por que quero fazer uma surpresa de aniversário?! Por que a ideia de esperar mais alguns dias para vê-lo em Saint Martin é ruim?

Nesse momento, não quero que Miguel desconfie de nada. Já basta meu coração parecendo a bateria de uma banda de hard rock e meu estômago inaugurando uma nova era glacial toda vez que penso, falo, ou vejo Aaron.

— A minha avó é daqui e, como esse ano ela vai passar o Natal com a minha tia que mora no Chile, vim vê-la antes da sua viagem.

Ele dá dois goles longos.

— Legal.

Mexo no rótulo molhado meio solto da garrafa, me odiando por estar tão nervosa.

— Será que ele vai demorar muito?!

— Calma, linda, daqui a pouco ele está aqui.

Linda?

— Ah, tá — replico, após dar mais um gole na cerveja.

— Ele deve ter passado na casa da Florência para pegar ela, mas já, já eles aparecem, fica tranquila.

Meu coração para.

— Florência? — pergunto, impulsiva, meio em choque.

— É a garota que ele está pegan... Quer dizer enrolado, ficando... Enfim... — Sorri cheio de malícia e com as sobrancelhas erguidas. — Aaron tem essa coisa com as meninas.

Um caminhão entra em minha goela e abre passagem até o estômago, onde o gelo derrete aos poucos.

— Essa coisa?

Ele dá outro gole longo e apoia a garrafa na mesa de centro.

— Sei lá, até queria descobrir o que é, para fingir que tenho também. — Ri. — O fato é, as garotas caem em cima dele, as

mais velhas, a mais novas, as gatas, as não gatas.

— Que horror — murmuro sem perceber.

— Eu assustei você, minha linda?

— Eu não sou sua linda — digo, um pouco ríspida, um caminhão continua atravessando as costelas e o ar. Está difícil de respirar. Com quantas “ficantes” ou sei lá o quê, Aaron havia estado desde que nos conhecemos?

— Hei, desculpa, você ficou brava é que... Poxa, que mancada, eu achei que vocês fossem somente amigos. Até perguntei pro Aaron se vocês, se ele...

Levanto de uma vez.

— Nós somos apenas amigos. — Minha voz sai fraca e entrecortada, e tenho certeza de que não convenceria nem um surdo de que falo a verdade. — Acho que já vou indo.

A porta abre.

Eu congelo.

O ar... o ar... o ar...

Onde está a porcaria do ar?

Aaron entra com uma garota, a tal ficante, grudada no pescoço dele.

Meu Deus!

O ar desaparece de vez dos meus pulmões.

Vê-lo pessoalmente me faz lembrar porque ele nunca me olhará como uma mulher; Aaron é impressionante, lindo, forte, alto, a pele dourada, como se o sol gostasse mais dele do que dos outros garotos, um sorriso demolidor e um olhar dono do céu e de todas as estrelas. Enquanto eu?! Sou apenas... comum. Ele está usando uma blusa de linha azul-marinho meio justa e uma calça jeans escura, e tenho certeza de que é o cara mais gato que já vi. Infelizmente, a garota colada nele também acha isso. Eles parecem um casal daquele tipo de cinema. Com certeza, fazem todos os pescoços virarem e as bocas caírem quando passam. Ela é loira, com cabelo na cintura e usa uma roupa justa, colada no corpo inteiro.

Como alguém fica confortável vestindo aquilo?

Ali, em pé junto à porta, a modelo beija meu amigo, morde seu pescoço e faz uns barulhinhos, parecendo uma sanguessuga. E Aaron? Ele sorri. Um sorriso que eu queria que

fosse somente meu. Um sorriso manhoso que vi em seu rosto poucas vezes.

— Eu quero dar o seu presente — aquela coisa enroscada nele murmura.

— Calma, gata — diz, fechando a porta e as janelas do meu coração.

O meu rosto inteiro arde de raiva, vergonha, desespero. Porque esse idiota está tão ocupado em ser *sanguessugado* que nem me vê aqui, parada, com uma garrafa long neck entre os dedos e cara de quem acabou de acordar pelada no meio da Avenida Paulista. Eu quero desaparecer.

— Ahn, Aaron — Miguel tem que chamar a atenção do garanhão porque a garota agora beija sua boca e o puxa pela malha para o quarto.

— Você tem visita — Miguel anuncia.

Ah não!

Aaron ergue o pescoço por cima da cabeça loira e arregala os olhos ao me ver.

Engulo em seco e tento sorrir.

Ele empalideceu?

Será que se eu pular pela janela me machuco muito?

— Surpresa! — me forço a dizer.

Miro a janela.

— Marília?! — ele pergunta, parecendo confuso.

É claro que ele sabe que sou eu aqui, paralisada na frente dele. Essa foi aquela típica pergunta idiota que as pessoas fazem quando estão surpresas demais para falar.

Abro as duas mãos no ar, como quem quer dizer *eu mesma* e me sinto um *Teletubbie*.

Como ainda seguro a bosta da cerveja, ao abrir as mãos, o líquido da garrafa derrama no chão fazendo uma poça à minha frente.

— A cerveja — Miguel avisa rápido, e eu endireito a garrafa.

Florência me encara com uma expressão confusa.

Aaron não percebe a confusão da garota ao se livrar dos braços dela em dois movimentos. Meu amigo abre um sorriso capaz de amolecer montanhas, esfarelar corações e acabar com a função de pernas na mesma medida. Por sorte, ele é rápido, se aproxima e me abraça com força, me dando o apoio que eu preciso. E beija minha testa com carinho. O ar volta aos meus

pulmões, e toda a saudade que sinto é dissolvida junto às montanhas e ao resto do mundo.

Ele beija minha cabeça duas vezes.

— Marília — repete com a boca em meus cabelos, e meu nome não parece mais errado.

Como eu gosto de ouvi-lo me chamar com a voz rouca.

— Meu Deus — prossegue ele —, que surpresa... Que surpresa.

Aaron se afasta um pouco e segura o meu rosto entre as mãos grandes e quentes, me obrigando a fechar os olhos, me permitindo sentir todas as emoções correndo entre nós. Como eu amo afundar o rosto nessas mãos.

— Suas mãos estão quentes — falo sem pensar.

E então me dou conta de que ele inteiro deve estar quente. Olho sobre os ombros dele e vejo a garota, que me encara com os braços cruzados sobre o peito.

Fazendo um pouco de esforço, me afasto do meu amigo.

— Parabéns! — desejo, olhando pra baixo.

A cerveja derramada escorre no chão e desenha o contorno do meu pé. Aliás, do par de All Star de cano longo tingidos com a estampa de galáxias e estrelas. Um dos presentes que Aaron me mandou, no meu aniversário.

— Você está com o tênis — ele repara, animado.

Eu só quero ir embora daqui rápido, todo o calor do abraço, do sorriso, do beijo carinhoso é desfeito junto com a lembrança de Florência.

— Aham — concordo, buscando minha bolsa com o olhar sobre o sofá.

— Então — Aaron dá dois passos para trás e se aproxima um pouco da loira —, essa é... é a... — Hesita. — Ahm... É a Florência, uma-uma amiga — apresenta por fim, parecendo desconfortável.

Fique desconfortável, Aaron. Minha parte orgulhosa e ciumenta exige. Isso é o mínimo que você deve ficar.

— Prazer, eu sou a Marília — respondo, e não faço questão de estender a mão ou de dar dois beijinhos.

— Marília é minha melhor amiga — Aaron conclui, e volta a sorrir.

Florência, por fim, parece relaxar.

Ódio. Dele, de mim. Dessa bosta de situação.

A minha vontade? É arrancar esse sorriso com mão e jogar no triturador de alimentos na pia da cozinha.

Desde quando *melhor amiga* pareceu tão errado? Tão insuportável? Não é isso que nós somos, afinal? Não foi isso que combinamos que seríamos?

Amigos para sempre.

Naquela manhã, Aaron tinha me mandado o *quote* do dia e eu repliquei a ele com uma estrofe da poesia Aniversário, de *Álvaro de Campos*:

“(...)Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!

Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,

Por uma viagem metafísica e carnal,

Com uma dualidade de eu para mim(...)”

Encerrei a mensagem dizendo que o meu pedaço de eternidade de hoje era a amizade dele. Desde a primeira noite

em que conversamos, além de trocar *quotes* diariamente, brincamos um com outro desse jeito. Normalmente, Aaron é quem começa:

“Você não vai ser profunda, hoje?”

“Estou esperando você começar.”

Então contamos coisas boas que aconteceram conosco: *meu pedaço de eternidade hoje foi...*

Só que meu coração tem certeza de que eu não quero ser somente amiga dele, quero muito mais. Quero, o que imagino, Aaron jamais concordará em me dar. Ele nunca prometeu nada além de amizade e, aqui, nesta sala, com vontade de arrancar o sorriso dele com as unhas e depois pisar em cima, entendo que a errada sou eu. E, o pior, entendo que sentir ciúmes desse jeito não é o que uma melhor amiga faria.

— Eu acho que já vou indo — preciso sair daqui, preciso voltar a raciocinar.

— Poxa — é Miguel quem protesta —, achei que você fosse com a gente pro bar. Vai uma galera da faculdade comemorar o aniversário do Aaron.

Miguel é um gatinho, mas nunca fui de me importar apenas com isso. Beijei dois caras até hoje. Eles eram mais velhos, com um papo que me ganhou antes da aparência. Felipe, o filho de um casal de amigos dos meus pais, foi um deles. O outro, *que ninguém nunca descubra*, foi meu professor particular de poesia britânica. E é isso. Duas bocas diferentes e alguns amassos que seguiram os beijos. É a única experiência que tenho com homens.

Olho para frente e vejo que Florência está com o braço rodeando a cintura do Aaron, e preciso me segurar para não gritar. Ok, é errado a história do ciúme entre amigos, só que também não é. Eu achei que ele se sentia como eu, achei que talvez pudéssemos ter uma chance juntos e achei...

O que mesmo que eu achei? Nem sei mais.

— É que... — Hesito. Não vou conseguir ficar assistindo a isso. Então, dou a primeira desculpa que passa na minha cabeça: — A minha avó está me esperando para jogarmos buraco. — Pena que a desculpa é a pior que já inventei na vida.

Eu disse jogar buraco com a minha avó? Mesmo?

Noto um risinho sarcástico no canto dos lábios de Florência.

É aqui que toda a razão some do mapa, da terra, do universo. E é culpa da idiotice que falei e não dessa risadinha cínica. É culpa do Aaron que me fez acreditar em algo a mais e em pedaços de eternidade. Que me deu um espelho com os olhos e permitiu que eu visse a beleza da minha alma através deles.

Olho para a loira, e ela ergue as sobrancelhas, quase num duelo visual.

Em três segundos, volto ao século 18, quando um duelo era algo encarado com muita seriedade. Essa noite passa a ser uma questão de honra e orgulho. Essa noite, eu serei uma jovem de dezoito anos que se diverte bebendo com outros jovens. Essa noite, vou provar que, apesar do meu coração estar quebrado, sou capaz de me dar um pouco de diversão. Não serei tachada como a esquisitona ou a nerd chata, mais uma vez.

— Pensando bem, acho que posso ir com vocês — olho de lado para Miguel —, eu vou adorar.



*"Mas acho que esse é o grande lance no amor entre duas
pessoas - é impossível recriá-lo."*

AMOR(ES) VERDADEIRO(S), TAYLOR JENKINS REID

Aaron

Comemorar o próprio aniversário junto com os amigos é legal, certo?

Errado.

Comemorar meu aniversário nunca foi tão ruim.

Na verdade, poucas vezes na vida me senti levado ao limite das emoções desse jeito. Primeiro, a surpresa pela presença da

Marília.

Eu fiquei feliz de verdade em ver minha garota e... não!
Não, minha garota, minha amiga.

Depois o clima ficou estranho quando apresentei Florência.

E agora?

Porra, agora Marília resolve encher a cara e retribuir as investidas do Miguel.

Não consegui dar atenção a ela, não consigo ficar perto de Marília enquanto ela parece disposta a dar mole para outro cara na minha frente.

Florência passa as mãos nas minhas costas e deixa os lábios mornos desenharem a curva do meu pescoço. Isso, em outra situação, seria estímulo suficiente para me deixar disposto. Mas, cacete, eu não sou capaz de tirar os olhos da minha... amiga. Ela fala algo na orelha do puto do Miguel, e a mão do vagabundo está baixa demais, franzo o cenho.

Não está?

— Vamos para casa, bebê?! — Florência sopra na minha orelha.

Os dedos do Miguel descem um pouco mais, parando em cima da bun... Ah merda!

Mudo o peso de uma perna para outra, desconfortável.

Isso não está certo. A avó dela deve estar preocupada, e Marília não é garota de ficar enchendo a cara em bares enquanto vagabundos passam a mão nela. Ela devia ir embora e, além do mais, ela é minha responsabilidade e tem só 18 anos.

Com dezoito anos ela é maior de idade?

É claro que é.

Não é por causa da idade, sei que muitas garotas mais novas saem, bebem e ficam com mais garotos em um mês do que Marília ficou na vida inteira. O problema não é Miguel e nem mesmo a pouca experiência de Marília, eu estou tentando me enganar, o problema é...

Florência passa a mão no meu pau que reage ao toque dela.

— Vamos, vai?! — insiste na minha orelha.

Por que mesmo eu estou com Florência?

Ah sim, porque ela é uma gata e gosta de sexo sem compromisso. Desde que entrei na faculdade, jurei que não me

envolveria com ninguém.

Então, além da Marília ser proibida, por ser a filha dos patrões da minha mãe — e minha amiga, porra —, não quero me envolver com ninguém agora. Pego o copo em cima do balcão e dou um gole grande demais no conhaque que os meus amigos compraram. A bebida desce queimando a garganta.

Sem pensar, envolvo a cintura da Florência com os braços.

Meus olhos crescem conforme a boca do Miguel se aproxima da boca da minha amiga. Meu coração encolhe e em seguida acelera, explodindo no peito.

— Pera aí — digo, afastando Florência. Impulsivo.

Droga!

Não vou aguentar ver isso. Também não quero ficar com outra garota na frente dela. Não é errado. Mas, não parece certo.

Eu me aproximo dos meus amigos com vontade de enfiar a cara do Miguel contra o balcão. *Que bosta!* O cara é meu amigo e Marília?!

Marília é minha... Minha...

Puxo Miguel pelos ombros com mais força do que planejava, e ele tropeça dando alguns passos para trás.

— O que é isso? — pergunta, os olhos arregalados enquanto o rosto de Marília adquiria um tom intenso de vermelho.

Sem me preocupar com nada, a não ser em levá-la embora, seguro a sua mão e a puxo.

— Vamos! Vou te levar pra casa.

— O quê? — ela sopra entre os dentes.

Continuo puxando com um pouco mais de vontade, e Marília cede, dando alguns passos.

— Você não deveria ter vindo para cá.

Ela para de maneira abrupta.

— Para cá onde? — pergunta, empalidecendo.

Não, merda! Ela entendeu tudo errado.

— Você não entendeu — tento explicar por cima da música.

— Eu não quis dizer isso.

Ela puxa o braço, agitada, e eu a solto.

— Eu odeio o péssimo amigo que você está sendo desde que te encontrei hoje.

O problema é que... não quero ser só seu amigo.

— Eu sei... por favor, vamos sair daqui, fora dessa bagunça.

— Gesticulo para os lados, nervoso. — Deixa eu te levar para casa, quero muito conversar com você em um lugar mais calmo.

— Qual é o seu problema, cara? — Miguel segura meu braço, nem lembrava que ele estava por perto.

— Você é meu amigo, não é? — disparo.

Ele franze o cenho e concorda com a cabeça.

— Então deixa eu sair daqui numa boa, vou levar a Marília embora.

— Não sei se quero ir com você.

Meu maxilar trava.

— Marília, por favor.

— A gata estava na minha, cara. — Miguel solta meu braço e passa a mão no ombro dela.

Bêbado de merda.

— Tira as mãos dela — exijo baixinho. Meu maxilar pulsando.

— Que bosta! — Marília protesta.

Miguel se aproxima do meu ouvido e murmura:

— Você está louco?

— Eu não sei.

— Se soubesse que você estava a fim da Marília, não teria chegado nela.

— Não estou a fim dela — minto, inclusive para mim mesmo —, só estou preocupado porque ela é uma criança, e é diferente das garotas a que você está acostumado.

Os olhos da minha amiga se arregalam, e posso jurar que se enchem de lágrimas.

— Seu idiota! — ela diz, saindo em direção à porta do bar.
— E você é só três anos mais velho que eu — grita, já se afastando.

Meu amigo balança a cabeça e bufa.

— Achei que ela fosse sua amiga.

Fecho os punhos ao lado corpo com força.

— E é — afirmo indo atrás dela — a melhor amiga que já tive.

Antes de sair atrás de Marília, que havia cruzado a porta em direção à rua, joga um olhar para Florência que me encara com

os braços cruzados e a expressão furiosa.

— Desculpa — peço em silêncio, só mexendo os lábios.



“Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”

A HORA DA ESTRELA, CLARICE LISPECTOR

Marília

Qual seria a pena por matar um argentino dentro do seu próprio país?

Saí do bar pensando nos riscos e benefícios de cometer um homicídio.

Primeiro, o babaca mal olhou na minha cara durante metade da noite. Tirando as poucas frases que trocamos no apartamento dele, não falamos mais. Depois, ele ficou se

esfregando com a Florência... E, então, eu bebi um pouco e dei liberdade para o amigo dele se aproximar mais.

Talvez porque estivesse muito irritada com a distância de Aaron. Estou louca de ciúmes e não tenho o direito de estar, esse é o problema.

Chega!

Preciso encontrar um táxi.

Saio andando em direção oposta à do bar, para a avenida mais movimentada que fica a uma quadra daqui.

— Marília! — A voz do Aaron chama atrás de mim.

Ignoro.

— Marília, espera! — As mãos dele nos meus ombros me detêm.

Viro para encará-lo.

— Eu não devia ter vindo — digo, tentando voltar a andar.

— Você aqui — começa ele meio esbaforido — foi o melhor presente que eu já recebi.

Olho para baixo, disfarçando as lágrimas que cobrem meus olhos.

— A Florência está te esperando — afirmo, engolindo a vontade de chorar, bater nele, desaparecer.

— Ela não significa nada para mim.

— Mesmo assim, você veio com ela e não é certo deixar a garota sozinha. Além do mais, estou cansada.

— Desculpa. Por favor... Me desculpe — Aaron pede, quebrando parte da minha resistência.

— Você acha que sou uma criança? — pergunto, magoada.

Ele fecha os olhos respirando fundo.

— Acho que você é boa demais para as intenções do Miguel.

— Eu tenho dezoito anos.

— Miguel tem o dobro disso em número de garotas, só nesse ano. Não quero que você seja mais uma na lista dele.

Viro o rosto para o lado. Os carros passam jogando a luz dos faróis sobre a calçada. Engulo em seco, frustrada com a resposta dele.

— Então você e seu amigo competem para ver quem tem a maior lista de pegadas e, já que eu sou uma menina boba —

cutuco o peito dele, irritada —, não posso querer me divertir e ter a minha própria lista?

— Não — confirma rápido.

Dou uma risada, incrédula.

— Ah, não?

Ele passa um braço nas minhas costas, nos aproximando, e eu seguro o ar, surpresa.

— Não — murmura com boca em minha cabeça —, primeiro, eu não coleciono garotas como troféus. Desde que nos conhecemos, só fiquei com três garotas, incluindo Florência, e elas sempre souberam que é apenas casual.

Tento me soltar, mas Aaron me detém.

— Já você, Marília, deveria ser única na vida de alguém, especial e nunca uma a mais.

Eu quero ser única para Aaron, que está muito ocupado cuidando em não ser o único na vida de ninguém.

— Então só os homens podem ter números?

— Mulheres também podem, Lili, só que isso, depois de um tempo, fica vazio e meio sem sentido, pelo menos pra mim ficou.

— Ele passa o outro braço nas minhas costas, nos aproximando mais.

— Eu queria te fazer uma surpresa — conto, dentro dos braços dele.

— Você fez a maior surpresa que já recebi.

Sinto o peito dele subir e baixar com o movimento da respiração, as mãos na minha cintura queimam, marcam e me deixam sem ar.

O silêncio se alonga entre nós.

— Nunca vi uma noite tão linda em Buenos Aires — sopra.

Olho para cima e franzo o cenho, intrigada. O céu está totalmente nublado.

— Você está bem, hoje?

Ele nega, olhando em meus olhos.

— É você, Lili, quem deixa tudo mais bonito.

Respiro fundo, frustrada.

Ele me confunde, e a confusão não faz bem ao meu coração.

— Você me olha de um jeito, mas fala e faz coisas... —
Umedeço os lábios, nervosa. — Você me faz acreditar e sentir
que podíamos ser mais do que amigos e então, chego aqui para
te surpreender e fico sabendo que você está de caso com uma
garota que não significa nada pra você.

Ele abre a boca para responder, mas prossigo rápida
impedindo que se defenda:

— Você diz que eu devo... Devo ser única, e age como um
cara ciumento e possessivo, então, quando acredito que você vai
me falar algo diferente, continua com o discurso de que somos
amigos.

— Não achei que estava te machucando ou te confundindo
— diz com a voz rouca.

O peito dele sobe e desce rápido.

— Eu não brinco com os sentimentos dos outros, que é o
que você faz quando me olha como se eu fosse a melhor coisa
que aconteceu em sua vida e depois beija outra garota.

— É porque você é — murmura ele.

Eu rio sem achar graça.

— Odeio a confusão que suas palavras provocam.

— Desculpe.

Olho para a blusa dele, uma maneira de ganhar coragem para falar tudo o que eu quero, tudo que foi minha intenção em dizer quando decidi vir para Buenos Aires:

— Planejei essa viagem como a coisa mais especial que fiz na vida, porque você se tornou o meu melhor amigo. Então, lá dentro — aponto com o queixo para o bar —, quis provocar ciúmes em você, porque eu acho que estou apai...

— Marília, não! — ele me interrompe, desesperado, como se eu estivesse conjurando uma maldição. E coça a cabeça, nervoso. — Não estrague o que temos, não me fale isso, não faça isso — repete me abraçando outra vez, e eu o empurro devagar.

— Bons amigos são sinceros uns com os outros.

Ele cobre os olhos com as mãos como se estivesse lutando consigo mesmo e, em seguida, segura o meu rosto entre as mãos outra vez.

— Tem razão, senti ciúmes — confirma, agitado. As pupilas se deslocando rápidas de um lado para outro. — Quis bater nele por tocar em você e mais, Marília, quase enlouqueci quando

soube que você tinha ficado com outro cara três meses atrás, o tal de Felipe. Até... até entender que eu não tenho esse direito, nós não podemos ser nada além de amigos.

— Eu precisava entender se o que sentia por você era real — olho para baixo —, eu estava, estou confusa.

— Eu estou confuso pra caralho.

A minha respiração acelera, Aaron deixa os polegares deslizarem através do meu rosto até chegarem aos lábios. O toque meio áspero e quente dos dedos me faz fechar os olhos. Ele encosta a testa na minha, a respiração invadindo minha boca.

— Meu Deus — murmura sobre os meus lábios —, eu te quero tanto.

Não consigo dizer nada, só concordar em silêncio.

Ele para.

As mãos que me tocavam se afastam.

Abro os olhos.

Aaron se distancia com a expressão condoída.

— Mas não podemos, Marília. É errado.

— Errado?

Esfrego os olhos novamente, com mais força.

— O que nós temos vale um milhão de vezes mais do que uma boa trepada. — Abaixa a voz ao concluir: — E uma boa trepada pode estragar o que temos, entende?

Ele tenta falar com suavidade, cuidado e até mesmo com carinho. Acho que tem carinho em seu olhar. Mas só consigo sentir raiva. Fecho a mão com força ao lado do corpo e mordo a bochecha por dentro para não chorar.

— É isso o que seria se acontecesse algo entre nós, uma boa trepada?

Vejo o movimento da garganta dele ao engolir.

— Eu não posso fazer isso agora, não posso ter nada sério com ninguém... Você nunca seria apenas uma boa trepada. Você seria o algo a mais que não posso ter, não agora. Nós não podemos ter nada.

Inspiro lentamente tentando encontrar uma palavra, não sei nem mesmo onde colocar as mãos. Esse seria um momento perfeito para acender um cigarro e dar uma tragada longa. *Se eu fumasse*. Um cigarro entre os dedos seria uma maneira de

ocupar a mão, a mente, o ar. Se eu fumasse, não estaria com os dedos enroscados torcendo a alça da minha bolsa de maneira frenética.

— É por causa dos meus pais? — pergunto por fim.

Ele estende a mão e toca no meu rosto devagar, como se ele pudesse se desfazer.

— Também. É por causa da minha mãe e dos meus estudos. Prometi pra minha mãe, quando ela soube que ficamos amigos, que não deixaria isso acontecer e também me fiz essa mesma promessa.

Quero dizer para ele que ninguém precisa ficar sabendo e que, se realmente ele quiser levar isso adiante, nada seria motivo grande o suficiente para nos impedir. Viro para ele e encontro uma expressão cansada.

Uma pena, entendo aqui parada, ainda torcendo a alça da bolsa, que estar comigo não faz parte dos seus sonhos.

— Você foi sincero — me obrigo a dizer. — Obrigada.

— Marília, não fica assim.

Não entendo o que Aaron quer dizer até perceber que meu rosto está molhado. *Lágrimas idiotas.*

Como tudo isso aconteceu?

Tudo saiu fora da linha. Foi uma noite torta.

Imaginei uma centena de vezes que as coisas poderiam ficar estranhas entre nós depois que falasse como venho me sentindo. Uma nuvem cinza enche meu coração e transborda por meus olhos. *Eu só quero sair daqui.*

Analiso a rua agradecendo a vida ou o monte de táxis que circulam em Buenos Aires. A minha salvação é preta com quatro rodas e uma luz vermelha acesa no painel piscando “Libre”.

Estendo o braço e o táxi encosta.

— Aonde você vai? — pergunta, surpreso.

Vou me esconder, me trancar no quarto e só sair quando toda forma de vida estiver extinta do planeta.

— Para a casa da minha avó.

— Deixa eu te levar.

Nego com a cabeça e abro a porta do carro.

— Por favor — insiste.

Abro a bolsa rápida e pego a caixa com o presente dele. Nem sei por que faço isso. Não tem clima nenhum para troca de

presentes.

— Feliz aniversário — desejo, entregando o embrulho. Bato a porta antes que ele possa se despedir ou agradecer.

Depois de falar o endereço da casa da minha avó, em um murmúrio automático para o motorista, encosto no banco, cubro os olhos com as mãos e choro em silêncio.



Márcia

Quem nunca se apaixonou por um amigo, atire a primeira pedra.

E o que é pior?

Desde o começo, uma parte minha sabia que a chance disso acontecer era enorme. E mesmo assim, segui adiante acreditando na história: vou ser amiga desse homem incrível e gato, vou trocar confidências e deixar ele entrar na minha vida, vou deixá-lo se tornar tão essencial quanto o ar e não vou me

apaixonar, *nem um pouquinho por ele*. Que autoengano mais ridículo.

Esfrego os olhos inchados. Acordar depois de chorar por algumas horas é quase como levar uma surra e dormir sem tomar um analgésico, meus olhos ardem, e sinto como se tivesse sido atropelada. Mesmo agora, depois de tomar um banho, estou apenas um pouco melhor. Pego o celular e vejo que tem uma mensagem do Aaron. *O quote da manhã*.

Penso por alguns segundos se devo ou não ler, vencida e sem conseguir resistir, abro a mensagem:

“Um único minuto de reconciliação vale mais do que toda uma vida de amizade.

Cem anos de solidão - Gabriel García Márquez

Lili, me desculpe, não queria que as coisas tivessem acabado daquele jeito ontem à noite. Era meu aniversário, poxa! Quero te ver hoje, você ficará na cidade ainda?

Obrigado pelo presente, eu amei e já estou usando. E sua poesia foi o meu pedaço de eternidade do dia. “

Dei de presente um anel de prata grosso com o símbolo de um cervo gravado na parte chata e plana e uma poesia escrita especialmente para ele, impressa em um papel com fundo de estrelas.

Quando você deixou de ser só um amigo, Aaron?

No meio do quarto de hóspedes do apartamento enorme e antigo da minha avó, com o celular na mão e a mala na outra, não quero responder à mensagem dele, não agora.

Mais tarde, talvez.

Saio do quarto pronta para a viagem, a filha de uma amiga da minha avó vai pegar carona com o motorista que meu pai contratou. Os poucos voos para Saint Martin no verão, estão lotados. E eu pedi, implorei para fazer toda a viagem de carro jurando que queria conhecer mais da Argentina, país de origem da mãe do meu pai. A real é que tinha certeza de que Aaron estaria comigo, que convenceria ele a vir comigo. É uma viagem de mais de quinze horas e vamos ter de pernoitar no meio do caminho.

Ao entrar na sala, vejo que a mulher, Rosa, o nome que lembro da minha avó ter falado, está sentada no sofá, já me

aguardando para sairmos.

— Bom dia, Marília — minha avó cumprimenta.

— Bom dia, vó — respondo, e viro para a moça sentada junto à janela ampla, com vista para as ruas da Recoleta, um dos bairros mais tradicionais da Argentina.

Minha *abuela* é alta e magra, sempre tão elegante, educada, discreta e loira, sentada na sala decorada com móveis clássicos, parece uma nobre sueca.

— Essa é Rosa, filha da minha amiga que vai com você até Saint Martin de Los Andes. E essa, Rosa, é a minha neta — me apresenta para mulher de cabelos pretos cacheados em volta do rosto que parece ter pouco mais de trinta anos.

Os olhos dela são verdes macios, como tufo de algodão, e seu sorriso natural e acolhedor, me faz lembrar, não sei por que, de chá de hortelã e cheiro de chuva. É o tipo de sorriso que cativa antes das palavras.

— Oi, Marília, muito prazer — a mulher diz me estendendo a mão.

Retribuo ao cumprimento também sorrindo. Meus olhos inchados destoando do riso.

— Sua avó me disse que gosta de ler — Rosa afirma, simpática.

Como é incrível como algumas pessoas fazem uma conexão rápida conosco, basta um olhar, um sorriso e uma frase linda. *Livros sempre serão lindos.*

— Sim, é verdade.

— Que bom, eu também adoro — confessa, descontraída.
— Acho que teremos muito assunto para a viagem.

Concordo, satisfeita. Uma pessoa que fala gostar de livros na primeira frase trocada é quase um convite para uma amizade longa e verdadeira.

Será que eu sou uma neurótica por livros?!

Sim, com certeza absoluta.

— O motorista já está lá embaixo — minha avó avisa, tocando meu ombro —, vá tomar seu café para que vocês possam sair.

Ando em direção à mesa onde o café da manhã está servido, aliviada por ter uma companhia de viagem. Talvez, se eu não contar tudo para ela — Deus sabe como preciso falar com

alguém —, conversar sobre outras coisas, será um jeito de parar de pensar em Aaron, o tempo inteiro.

Respiro fundo revirando um pouco os olhos. Não era para isso acontecer. Não era para eu estar aqui, com o pulso acelerado, criando mil maneiras de tirar meu melhor amigo da cabeça.

*“Eu avisei, Marília” esse é meu coração se vangloriando.
“Disse para você que quem manda aqui sou eu.”*

Quando isso foi acontecer? Quando me apaixonei pelo meu melhor amigo?

Talvez, desde o começo. Desde a primeira vez em que o vi, um ano e meio atrás.



“Todos os bons livros se parecem: são mais reais do que se tivessem acontecido de verdade.”

ERNEST HEMINGWAY

Marilia

SAINT MARTIN DE LOS ANDES

Estava há mais de uma semana em Saint Martin, e visitar Rosa tinha se tornado um hábito. Após a viagem de horas, regada à música boa e conversa sobre livros, vida e sonhos, ela se tornou especial. E, nossa, como em tão pouco tempo eu já

adorava o cheiro daquela casa: papel envelhecido, chá de frutas e flores.

É verão, então não há neve na cidade, por isso as atividades de esqui estão suspensas. Mamãe não tem motivos para me perturbar sobre minha ausência durante os dias. Até desconfio se Dona Clara não dá graças internamente por eu ter encontrado uma ocupação que me mantém longe dela.

— Tenho estudado bastante sobre a lei pra abertura de ONGs aqui na Argentina, no Brasil e também na Espanha — diz Rosa, chamando minha atenção.

Deixo a estante de livros e me viro, ao ouvi-la.

— Acho essa sua ideia de abrir uma ONG tão linda, já disse que você pode contar comigo, Rosa, no que eu puder ajudar. Aliás, você não acha muito louco que um dos meus sonhos seja trabalhar com ONGs e crianças e tenhamos nos conhecido e ficado amigas?

— Tenho certeza de que os sonhos nos escolhem e vão atrás da gente nos dando chances de realizá-los. Daí, se ouvimos eles ou não, é uma escolha nossa.

Rosa tem uma história de vida fascinante, uma mulher de 32 anos, filha única de fazendeiros portenhos. Herdou uma fortuna quando os pais faleceram prematuramente em um acidente de carro. Então, trancou todas as propriedades, foi viver em um convento na Espanha, e serviu a ordem por seis anos.

— *Eu era muito feliz no convento — ela me contou durante a viagem de carro até Saint Martin. — Achava que jamais largaria o hábito, foi assim até eu conhecer o Cesar, dois anos atrás. Ele lecionava teologia na faculdade local, e nos apaixonamos.*

— *Vocês se casaram?*

— *Três meses depois, de nos conhecermos.*

— *E os sonhos que vocês tinham antes?*

— *Eu saí do convento e Cesar deixou a faculdade. A intenção era focar em nosso novo projeto, a abertura da ONG. Levamos um tempo estudando e planejando tudo. Agora, sinto que estamos prontos para levarmos isso adiante.*

— *Deve ser incrível amar alguém e ser amada desse jeito.*

— *Acho que conosco foi amor à primeira vista, você acredita nisso, Marília?*

Nove dias atrás no carro, eu quase respondi que sim, porque era dessa maneira que eu me sentia junto a Aaron. Porém, desde o seu aniversário em Buenos Aires, eu vinha evitando ele, e tentando ao máximo não pensar em nós. Não desse jeito. Então, não contei nada para ela.

— Já escolheu o que vai levar para casa hoje? — Rosa pergunta, e volto para perto da estante de livros. Deixo os olhos correrem pelos títulos. Deve ter mais de mil, organizados por cor e ordem alfabética. Poucas vezes vi uma coleção de livros tão grande e eclética.

— Ainda não, vou olhar mais um pouco. Tem certeza de que seu marido não vai ficar bravo de você me emprestar esses livros?

— Essa casa é minha, Mari. Foi a única propriedade na Argentina que não vendi.

Leio mais alguns títulos e pego uma antologia de poemas de Pablo Neruda.

— Poesia — afirmo, mostrando o livro para ela.

— Pablo Neruda, excelente escolha.

— Acho a maneira como ele descreve a paixão, o amor e o desejo, tão real e intensa. Nenhum poeta consegue fazer isso como ele.

Rosa me encara por um tempo em silêncio, antes de dizer:

— Concordo com você e, se um dia quiser me contar quem anda te fazendo ter vontade de entender Neruda, saiba que pode confiar em mim.

Meu coração dá um salto, e eu abro o livro, tentando disfarçar.

— Não tem ninguém — nego após ler uma estrofe de um dos poemas. — Eu sempre achei Neruda intenso e apaixonado pela vida, pelas mulheres, pelo amor.

Era, em parte, verdade, mas nunca tinha entendido tanto as palavras de Neruda quanto depois de me apaixonar por Aaron.

— Os livros não são coisas mágicas? — Rosa pergunta, após dar um gole no chá.

Pisco lentamente, confusa com a mudança de assunto.

— Como assim?

— Sei lá, nenhuma outra arte cria pontes tão reais entre a alma de quem escreveu e de quem está lendo, ou entre os

sonhos e a realidade, como as histórias.

— Quando era pequena, acreditava que as histórias de todas as pessoas estavam escritas em um único livro e que podíamos ler e aprender com todas elas. Se fosse mesmo assim, tudo estaria conectado.

— Mas eu acredito que é assim, de certa maneira. Por isso — prossegue Rosa —, a leitura de histórias sempre foi considerada um remédio para a alma.

— Acho que também acredito nisso.

— Eu e Cesar temos o hábito de ler um para o outro, sem a sinopse antes. Gostamos de ser surpreendidos.

Arregalo os olhos, surpresa com a coincidência, Aaron e eu líamos um para outro há um ano e meio, quase todas as noites. Sinto falta desses momentos, de falar com ele, de trocar *quotes*, de... tudo.

Viro para minha amiga novamente. Sim, Rosa se tornou uma amiga, e em pouco tempo me sinto à vontade com ela.

— Você tem razão, as coisas boas acontecem quando menos esperamos. Quando estamos despreparados.

— Concordo.

Aperto o livro de Neruda contra o corpo e sento junto a ela, no jogo de poltronas confortáveis forradas de veludo bege. Dois abajures de chão fornecem a luz perfeita para leitura. A vista para o jardim e o sossego da sala só reforçam o convite para mergulhar nos livros.

— Você acha que só nos apaixonamos quando somos pegos de surpresa, quando não estamos atrás disso?

Ela aquiesce.

— Tenho certeza de que sim.

Engulo o bolo que se formou em minha garganta ao lembrar das palavras de Aaron:

Você nunca seria somente uma boa trepada. Você seria o algo a mais que não posso ter, não agora... nós não podemos ter nada.

— Por que você acha que nem sempre os relacionamentos dão certo, mesmo quando nos apaixonamos?

— Talvez a pessoa certa, não aparece sempre na hora ou do jeito certo, entende? — responde Rosa.

— Entendo.

Olho para o jardim, numa tentativa de disfarçar as emoções.

— Quem é ele, Marília?

Meu pulso acelera.

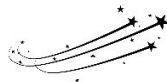
— Acho que é a pessoa certa do jeito errado.

— Vou fazer um chocolate quente pra gente — diz, levantando da poltrona. — Não há nada que uma boa xícara de chocolate não ajude a resolver.

— Até um coração partido?

— Uma bebida quente, bons livros e uma dose de carinho funcionam como cola para corações quebrados.

E tomo três xícaras de chocolate quente com a esperança de que meu coração seja colado pelo calor que recebo da minha nova amiga.



Aaron

Muitas horas mal dormidas dentro de um ônibus abarrotado normalmente seriam suficientes para me deixar esgotado e com um humor do cão. Mas, naquela manhã, saindo da rodoviária a caminho da propriedade da família Ferreira Aragão, eu só consigo pensar em como estou pilhado. Meu coração bate tão rápido que faz minhas mãos tremerem. Parece que tomei um estimulante.

Acabo de entrar no táxi e, em vez de aproveitar o espaço e o tempo para esticar um pouco as pernas e descansar, abro o bolso da mochila e tiro de dentro o papel vincado com os versos. A poesia de Marília que ganhei de presente, palavras colocadas sobre um fundo de cervo.

Querido Aaron (senhor dos cervos)

Silêncio, tem um cervo aqui perto que vive de respirar sonhos.
Olhos profundos como o espaço entre as nuvens engolem todas as per-
guntas. Será que ele sabe que tem o coração de uma estrela, batendo
dentro do peito? As galhadas como dedos compridos seduzindo a
chuva, beleza de fazer qualquer astro sonhar em pertencer a Terra.

Te amo,

Lili.

Inspiro o que consigo de ar, dobro o papel e guardo de volta na mochila. Marília deixou Buenos Aires há nove dias e, desde então, tenho enviado *quotes* e mensagens diariamente.

Ela respondeu apenas uma das minhas tentativas de aproximação. E, se o silêncio não fosse suficiente para me deixar

triste, afinal nós somos amigos, a mensagem dela foi a pá de cal.

Marília disse que sempre seríamos amigos, mas me pediu um tempo.

Um tempo do quê? Da amizade?

Ela pediu para eu ser sincero e eu fui, o que mais ela quer?

A verdade é que nos últimos dias, venho me sentindo cada vez mais em dúvida sobre o que realmente quero. Pensei em não vir para Saint Martin nessas férias; uma fuga covarde. Pensei em vir passar as férias e dizer a ela que eu tinha começado a namorar com Florência: mais uma maneira bastante frouxa de encarar a situação.

Até que ontem, no meio de uma noite insone, olhando através da janela do ônibus em um trânsito sem fim de pensamentos e emoções, entendi que eu não conseguiria me afastar, nem mentir, nem mais fugir do que sinto por Marília. Não busquei, não era o momento certo de acontecer, *mas me apaixonei por ela*. Não dei permissão, não pedi por isso. Ou, talvez, fosse sim culpado. No momento em que estendi a mão e entrei naquela floresta, um ano e meio atrás, convidando-a, eu

sabia que tudo mudaria. Alguns segundos, uma escolha, é só isso que basta para mudar toda uma vida.

Pego o celular e vejo que já passa das dez da manhã, Marília deve estar acordada e...

— Para o táxi! — ordeno.



Marília

— Marília! — Ouço meu nome ser gritado. Estou na rua perto da casa de Rosa, procurando um táxi.

Meu coração para, minha respiração para, o mundo para.

É ele, eu tenho certeza.

Não preciso ver para saber.

Viro devagar até encontrá-lo.

Meu coração pula e minha respiração acelera.

É sempre assim quando ele sorri para mim.

É sempre assim quando ele me olha.

Nós somos apenas amigos, tento lembrar antes dos meus joelhos fraquejarem.

Ele se aproxima.

Meu coração explode.

Ele me abraça.

Meus pulmões derretem.

Ele beija minha testa, minhas bochechas e a ponta do meu nariz.

O mundo deixa de existir.

— Que saudades — Aaron fala junto à minha orelha, e minhas pernas amolecem.

É tão difícil me lembrar que nada acontecerá entre nós nem hoje, nem amanhã e talvez nunca.

— Nunca — digo baixinho.

— O quê? — ele pergunta.

Mas não ouve meu coração, não busca meus olhos, não me entende.

— Nada — me obrigo a dizer, sorrindo.

É tudo mentira, não quero sorrir, estou segurando as lágrimas, sinto meu coração esmigalhado.

O “nunca” vibra dentro de mim enquanto as mãos dele sobem e descem por minhas costas, gelando minha barriga.

— Estou com um táxi — Aaron aponta com a cabeça para trás. — Você está indo pra casa? Nós podemos ir juntos.

Concordo. Apesar de querer responder que estou indo para a Lua, Marte, Vênus, sei lá... qualquer lugar anos luz distante de tudo o que sinto por ele e que, sei, nunca sairá dos meus sonhos.

— Deixa eu te ajudar — pede, tirando a bolsa do meu ombro e andando em direção ao carro.

— Obrigada — respondo de maneira automática.

— Meu Deus! Mas o que você está carregando aqui?
Pedras?

Entro no carro.

— Livros.

— Isso é bom — replica ele, também entrando. — Quais livros? Posso ver?

— Não. Quer dizer, não agora — tento me corrigir, enquanto ele fecha a porta.

— Pode seguir — pede ao motorista.

O carro começa a andar e eu pego a bolsa que ele colocou entre nós e a abraço.

— Sei que só faz nove dias que nos vimos, mas, como a gente quase não tem se falado nesse tempo, parece uma eternidade e... — Para, parecendo concluir algo internamente. — De onde você está vindo assim tão cedo?

Eu viro de lado para encará-lo. Olheiras fundas sombreiam os olhos cor de mel e avermelhados. Está cansado.

— Da casa de uma amiga aqui perto. Tenho passado boa parte dos dias com ela.

— Que bom, Lili, e.... — Franze o cenho. — Se você está vindo todos os dias para cidade, por que não tem respondido minhas mensagens?

Sinto o maxilar travar porque ele deveria saber. Aaron deveria ter a sensibilidade de entender que eu preciso de um tempo longe para organizar minhas emoções. Aliás, eu não disse exatamente isso para ele?

— Achei que você não respondia porque na sua casa o sinal é horrível, mas você falou sério quando disse que queria um tempo — prossegue, parecendo machucado.

E meu coração fica pequeno, porque não quero machucá-lo, mas também não posso mais me machucar. Continuar falando com ele do jeito intenso e íntimo, como falamos todos os dias, está me fazendo mais mal do que bem nesse momento. E isso dói por que, de certa maneira, eu ter me apaixonado significa que não podemos mais ser amigos, *não do mesmo jeito*. Não estou afastando apenas um cara por quem me apaixonei, e sim, um amigo, o melhor que já tive.

Engulo a vontade de chorar e inspiro devagar, antes de falar:

— Aaron, eu achei que você tinha me entendido quando escrevi que seria bom levarmos as coisas com menos intensidade. Eu-eu preciso de um tempo, preciso me afastar um pouco.

E ele fica me olhando com um vinco profundo entre as sobrancelhas, por um momento que me parece eterno, até eu virar o rosto e encarar a janela com lágrimas nos olhos.

— Você ao menos leu minhas mensagens, os *quotes*, qualquer coisa?

Nego com a cabeça, respondendo a verdade. *Não li*. Se eu continuasse a ler, não conseguiria deixar de responder. Já é difícil demais lidar com as saudades que sinto das nossas conversas, das leituras, das risadas. Eu sabia que ele estava para chegar em Saint Martin e que, possivelmente, me confrontaria com perguntas e pediria respostas. Respostas que não quero dar sobre continuarmos amigos como antes, sobre termos o mesmo contato de sempre. *Um contato tão essencial para mim*. Parece que chega um momento na vida de quase todo mundo que se deve escolher entre o coração ou a sanidade.

Definitivamente aqui, estou rasgando meu coração em nome da sanidade.

— Nós podemos conversar sobre isso? Sobre esse distanciamento — pergunta baixinho, parecendo se importar em ser ouvido pelo motorista.

Aperto ainda mais a bolsa contra o colo, tentado me manter serena. Apesar de ele ter alimentado ilusões e de, naquele momento, estar com vontade de fugir sem precisar ter conversa

alguma com ele, Aaron é meu amigo. Meu melhor amigo. Não posso simplesmente dizer não, posso? Será só uma conversa e depois distância, sanidade e coração esmigalhado. Ao menos por um tempo.

— Está bem — concordo, voltando a olhar através da janela a vasta vegetação que cobre quase todas as montanhas.

Saint Martin é um paraíso coberto de neve e cercado por montanhas no inverno e que, no verão, se transforma em um paraíso coberto de árvores, cercado por lagos e cachoeiras nas mesmas montanhas. Uma estância ecológica.

— Olhe para mim, Lili — Aaron sussurra.

Meu coração volta a acelerar, viro devagar até nossos olhos se encontrarem, fico sem ar com a intensidade do seu olhar.

— Hoje à noite, após o jantar, na clareira?

Sinto uma vontade quase incontrolável de me jogar nos seus braços e então de chorar por ter tanta vontade dele, de nós. De querer dividir muito mais que conversas e risadas. Mas preciso ouvi-lo, talvez precise ser ouvida, ele é meu amigo. *Nós somos amigos.*

— Talvez demore um pouco para chegar, meus pais estão com visitas e terei que ficar um pouco mais na sala, porque... —
Pauso.

Devo falar que as visitas incluem Felipe, meu ex quase alguma coisa?

— Por quê?

— Eu apenas terei que ficar um pouco mais após o jantar — digo por fim, entendendo que não devo esse tipo de satisfação para Aaron, nem para Felipe, nem para ninguém.

— Uma hora mais tarde do que o horário de sempre?

— Sim, acho que será o suficiente.

— Amigo! — Aaron chama o taxista que o olha através do retrovisor. — Você pode parar aqui, por favor? Vou descer, e a senhorita seguirá até a casa mais à frente.

— Sim, senhor — o motorista responde.

Fito-o, confusa, enquanto o carro diminui a velocidade parando em seguida.

— Acho que não será bom sermos vistos chegando juntos.

— Não acredito que tenha proble... — Paro de falar quando Aaron abre a porta, tirando algumas notas de dinheiro do bolso.

— Deixa que eu acerto a corrida — ofereço sem pensar.

Ele me encara com um vinco ainda mais profundo entre as sobrancelhas.

— Não, Lili, posso pagar uma corrida de táxi pra você.

Ele está bravo?

— Aaron, eu não quis dizer isso.

Assisto-o entregar o dinheiro para o taxista, enfiar o capuz do moletom preto e sair do carro. Depois de fechar a porta, coloca o rosto dentro da janela.

— Me desculpe — pede —, eu sei que não.

E assinto, confusa.

— Nos vemos à noite, então?

Faz que sim antes do carro começar a andar.

Encosto a cabeça no banco e fecho os olhos, sentindo que essa conversa talvez salve alguma coisa entre nós. Dê um significado diferente ao que venho sentindo. E me agarro à esperança de salvar o que costumávamos ter como um cavalo

faminto que corre atrás de uma cenoura, amarrada com uma cordinha bem à sua frente.



Aaron

Entendi que lutar contra o que sinto por Marília se tornou um esforço igual ao de sair em uma tempestade e lutar para não se molhar. Por mais que tente desviar ou fingir ser indiferente, é impossível. Já estou encharcado, por dentro e por fora. Acho que é assim com todo sentimento verdadeiro.

Ela queria distância, ignorou minhas mensagens, disse precisar de um tempo e, apesar de ter afirmado isso indiretamente por escrito, ouvir cara a cara, doeu.

Passei o dia perdido entre a vontade de ir atrás dela e falar na frente de qualquer pessoa o que estava sentindo e a

ansiedade por saber que fazer isso seria impossível. Havia muita coisa envolvida, minha mãe e seu emprego, Marília e a família dela. Então, só me restou esperar.

E nesse momento estou esperando há quase duas horas.

Marília tinha comentado que talvez demorasse um pouco mais. Normalmente nos encontramos por volta das dez da noite.

Olho para o celular pela décima, vigésima ou trigésima vez.

23h43.

Volto a guardá-lo no bolso da calça jeans.

Sento na pedra, deito, sento outra vez, olho as estrelas.

Ou melhor, olho as nuvens no céu.

A umidade do ar deixa meu cabelo e a camiseta molhados. Meu humor começa a ficar cinzento, pesado e estranho.

Será que ela está demorando por causa do garoto que está entre os convidados? Será que é amigo dela? Quem é ele afinal?

Tinha visto o *almofadinha* um pouco mais cedo, enquanto ajudava minha mãe carregando umas caixas de vinho para a cave. Ele me parou e pediu um favor, de maneira rude. Para não dizer que o cara tinha sido um completo babaca.

Será que Marília não responde minhas mensagens porque está muito ocupada com o novo amigo?

Sem ter nada o que fazer além de esperar, só consigo pensar merda, e isso não me faz bem.

Cacete! Estou ficando louco.

E me transformando no tipo de cara que odeio: ciumento, possessivo e, talvez, meio obcecado. Detesto me sentir assim.

Dez minutos mais tarde, cansado de esperar, frustrado e lutando contra mil sentimentos contraditórios, saio da clareira e vou até a lateral da casa onde as janelas amplas da sala dão visão para o jardim. Quero ver se ela ainda está com os convidados dos pais ou se já...

— Aaron. — A voz de Marília me detém. Meu coração acelera, e eu viro para encontrá-la.

E, meu Deus, como ela está linda.

Usa um vestido azul-escuro, justo o suficiente para deixar visíveis as curvas nos lugares certos e solto o bastante para não acabar com a imaginação.

Como será vê-la por inteiro?

Ter ela embaixo ou em cima de mim, as coxas apertando meus quadris e... tire isso da cabeça. Aaron.

— Desculpa — ela pede se aproximando um pouco mais —, não consegui sair antes.

Estar junto dela é tão foda que em poucos segundos esqueço do tempo, da espera, da ansiedade com a conversa que teremos.

— Tudo bem — digo baixinho —, vamos para a clareira?

— Acho melhor o chalé gourmet. Está garoando e com uma cara de que vai chover a qualquer momento — diz, observando o céu. — Peguei as chaves.

— Está bem — respondo, e mudo o rumo indo em direção ao chalé.

Meu coração martela as artérias do corpo todo a cada metro avançado. Neguei por tanto tempo o que estava acontecendo, coloquei-a como inalcançável por seis meses, um ano, um ano e meio — desde que nos conhecemos —, mesmo a desejando mais do que já havia desejado qualquer garota. Passei noites mal dormidas e dias infernais, enquanto acreditava que jamais a teria, enquanto achava que Marília me via apenas

como um amigo. E, agora que sei como ela se sente, resolvido a mandar toda a prudência se ferrar e obedecer ao que estou sentindo, o que eu mais quero é me fechar naquele chalé e beijá-la até ser impossível parar, até esquecermos de tudo o que pode nos afastar. Mas sei que as coisas não podem acontecer assim, não agora.

Ela para de costas para mim, colocando a chave na fechadura. Eu só quero pressioná-la contra aquela porta e beijá-la até o fim do mundo.

Minha respiração acelera. Ela abre a porta, e nós entramos.

As bochechas dela estão vermelhas, e a parte do colo que o vestido deixa visível, também. Quero passar os lábios em todas as partes cobertas e descobertas e deixá-la ofegante e ainda mais corada. Meus joelhos ficam tão bambos que preciso me sentar no sofá mais próximo. Marília me acompanha.

Preciso me controlar, porra!

Estou perdendo a cabeça, nós estamos aqui para conversar e, se resolvermos ficar juntos, teremos que combinar algumas coisas e temos que esperar. E eu estar louco de desejo e só

conseguir pensar em provar Marília, em senti-la se desfazendo em meus braços não facilita nada, nós precisamos conversar.

— Desculpa, Aaron — começa com a voz entrecortada, a eletricidade entre nós, estalando no ar —, eu me atrasei porque Felipe cismou, só porque fez meia dúzia de aulas antes de vir para cá, que dança tango melhor do que todo mundo, e quis dançar duas vezes seguidas. Tive que me livrar dele antes de vir te encontrar.

Estou tão louco por ela, que demoro alguns segundos até entender.

— O quê? Quem? — pergunto, e sinto meus olhos se arregalarem, conforme me dou conta do que Marília acabou de falar. Do nome que ela acabou de dizer.

— O filho dos amigos dos meus pais. Ele é insistente e sabe ser inconveniente também, tentei vir antes, mas... — A voz dela morre, conforme a raiva dentro de mim cresce.

— Que Felipe?

Agora os dela é que se arregalam.

— Como assim?

— Esse Felipe é o mesmo cara com quem você saiu alguns meses atrás, em São Paulo?

Ela faz que sim e tudo no mundo ferve, derrete, explode.

— Você me deixou esperando duas horas na porra do relento porque estava dançando com esse filho da puta?

— Aaron, eu não podia deixar a sala. Como eu iria di... — Para e estreita os olhos, as faces se tingindo de um vermelho mais intenso.

Só quero sair daqui e esmurrar uma parede. *Caralho*, ela dançou tango. TANGO, com ele. Nunca dancei com ela por respeito, para manter a distância, para... Quero esmurrar dez paredes.

— Acho que a gente não tem mais nada o que conversar — digo, puto, e levanto.

Marília levanta, seguindo meus passos.

— Eu disse que iria demorar — se justifica, enfática.

— Não precisava se dar ao trabalho de dispensar seu amiguinho. Estou dando o fora daqui, dessa casa, da sua vida.

— Que porcaria está acontecendo, Aaron? — Marília berra.

Mas o que dói de verdade e, quase não me dou conta, não é só a demora dela em sair para me encontrar, nem o fato daquele desgraçado ter uma história com ela. Não é somente o ciúme injetado no meu sangue como uma turbina, girando sem parar. É também a certeza de que aquele cara é bom o suficiente para jantar na mesma mesa que ela, para dançar com Marília junto aos seus pais, sem precisar se preocupar em ser humilhado, rejeitado.

Aquele *playboyzinho* pode estar com a garota pela qual me apaixonei sem ser considerado um segredo sujo. E eu me sinto mais insignificante e inadequado do que em qualquer outro momento da minha vida.

Nunca a minha classe social significou tanto e nada ao mesmo tempo. Tanto para mim, nada para os pais dela. Tanto para nós, nada para os outros. Eu sou um nada para a família da garota que roubou meu coração e, neste momento, isso faz uma diferença enorme e desestrutura o meu mundo.

Avanço para cima de Marília que dá alguns passos para trás, parecendo surpresa. Seguro-a pela curva dos braços, antes de exigir entre os dentes:

— Me responde só uma coisa, foi por estar ocupada com ele que você não respondeu minhas mensagens?

Vejo o momento em que minhas palavras a atingem. Mas não consigo pensar direito, sinto muita raiva de mim, do Felipe, do mundo inteiro.

— O quê?

— Você ficou com ele de novo, Marília? Você beijou ele outra vez?

— Agora você está exigindo explicações que nunca me deu. — Faz uma negação com a cabeça, agitada. — Já nem sei mais. Você é meu amigo Aaron? Às vezes parece que você não é nada meu.

Você não é nada meu.

Você não é nada.

Aquelas palavras terminam de me envenenar.

— Tem razão, sou apenas o filho da caseira. Não sou nada seu, acho que nunca fui. Talvez Felipe seja o cara certo pra você.

Marília arregala ainda mais os olhos, não paro:

— O errado aqui — eu a solto e bato com a mão aberta no peito — sou eu! Eu que não conheço o meu lugar. Eu que acreditei que éramos iguais e que seria possível passarmos por cima de tudo e ficarmos juntos.

— O que você está me cobrando? — grita, e dá alguns passos se afastando. — Eu não acredito! — me acusa com a voz quebrada. — Foi você quem esfregou Florência na minha cara e agora quer me cobrar por Felipe? Foi você quem disse que não estava pronto para ser nada mais do que meu amigo. Aaron, veja se cresce!

E as palavras dela entram no meu peito e roubam o ar dos meus pulmões. É verdade, Marília, tem razão.

O que estou fazendo?

Sento no sofá, abatido, esfregando as mãos no rosto.

— Eu não sei, não sei — murmuro, tirando a corrente de dentro da blusa.

— Você está me enlouquecendo — ralha. — Você se aproxima e então me faz acreditar que podemos ser algo a mais e, em seguida, se afasta. Enquanto me apaixonava dia a dia, minuto a minuto, por você. Depois, você faz com que eu me sinta

uma louca por sentir ciúmes, por esperar algo que você não quer me dar. Acreditei que estava delirando, que confundi as coisas.

Cubro os olhos com as mãos.

— Marília... — chamo, confuso, perdido, chateado.

— Aí eu peço um tempo — ela não me ouve e prossegue ácida —, distância para ser capaz de lidar com o que estou sentindo por você. Então você volta, e tudo o que tinha organizado dentro de mim se mistura, como folhas de um ficheiro, jogadas no vento de suas atitudes loucas.

Descubro o rosto e a encaro, ela está na linha da janela, os cabelos castanhos bagunçados. Cheguei em Saint Martin a falar a verdade, abrir meu coração, dizer tudo o que sentia, e o que estou fazendo agora?

Marília tem razão, pareço um louco. Mas tenho os meus motivos e quero, preciso explicar para ela.

— Sim, você tem razão, sou um louco ou devo estar, porque me apaixonei por você, mesmo sabendo que é errado, que não tenho esse direito. Prometi a você que seríamos apenas amigos, e também à minha mãe — inspiro devagar —, e traí as duas mulheres que mais me importam na vida — acrescento.

Ela faz uma negação, o luar iluminando os olhos cheios de lágrimas, como madrepérola.

— Eu nunca te pedi que me promettesse isso.

Meu coração acelera.

— Ah, não? E aquela nossa conversa sobre eu não ser mais um garoto e ser um amigo, jurado sob um céu cheio de estrelas?

— Não... Quer dizer, não sabia que me sentiria assim e...

— Eu também não sabia, Lili. — Puxo a medalha da corrente outra vez. — Sabe por que fiquei com outras garotas?

Nega novamente.

— Porque eu precisava tirar você da cabeça, porque me apaixonar não estava nos meus planos e, principalmente, porque eu sabia que você era proibida.

Ela abre a boca como se estivesse surpresa. Não permito que me interrompa:

— Mas o que me deixou puto e triste pra cacete hoje foi saber que Felipe, o garoto com quem você ficou e me contou meses atrás querendo deixar claro o meu lugar de “melhor

amigo” na sua vida, está aqui, na sala da sua casa, jantando com você e seus pais.

Marília umedece os lábios, as narinas expandindo de leve, conforme ela inspira devagar.

— Meus pais convidaram os pais dele. Felipe estar aqui não tem nada a ver comigo. E eu demorei a sair porque meus pais perguntariam para onde estava indo, eu só queria vir sem chamar a atenção.

Afundo o rosto nas mãos, derrotado.

— Esse é o problema, Lili, você está aqui escondida — minha voz falha e luto contra a vontade de chorar —, e aquele *playboyzinho* que foi grosso comigo e me tratou como lixo, hoje mais cedo, ao me encontrar, jantou sentado com você e seus pais, ele dançou contigo e pôde te tocar sem que isso fosse considerado errado. Enquanto ser visto com você fará minha mãe perder o emprego, mesmo que... — Não aguento e as lágrimas vencem a barreira do meu orgulho. — Mesmo que você seja a pessoa mais valiosa que já conheci.

Ouçõ o barulho dela se movimentando, mas não descubro os olhos. O silêncio se estende por um tempo entre nós. O som

das nossas respirações é o único barulho presente.

— Sinto muito por Felipe — ela diz por fim.



Marilia

Estendo a mão incerta e toco nos cabelos dele. Aaron está com ciúmes de Felipe? Ele ficou esperando no relento por duas horas, enquanto eu estava com o garoto com quem, ele sabe, tive um casinho, meses antes. E tudo o que ele acabou de me dizer... Meu pulso está tão acelerado. Noto o corpo dele enrijecer e prossigo rápida, tentando ordenar os pensamentos e transformá-los em frases coerentes:

— Sinto muito pela maneira como você está se sentindo, porque pra mim você é tudo. — Ele ergue o rosto e olha para mim, engulo em seco e o mundo se desfaz, ele está chorando.

— Sinto muito por ter ficado com ele meses atrás, mesmo estando... — Aaron levanta, e eu perco o ar junto com as palavras.

— Mesmo estando? — pergunta, se aproximando. Nossos corpos em contato, a respiração dele incendiando minha face, meus olhos, meu pescoço, meu corpo.

— Apaixonada por você — consigo concluir.

E as mãos dele envolvem a base das minhas costas, ele me puxa para junto do corpo firme, quente, perfeito. Eu arfo. Aaron também respira de maneira acelerada.

— Eu sinto muito por Florência — murmura, e deixa as mãos conquistarem espaço em minhas costas, nos aproximando ainda mais.

Ele olha para baixo sem se afastar.

— O que foi?

— Sabe por que disse que ficar com você, podia atrapalhar meus sonhos?

— Por causa dos seus estudos? Você não quer perder o foco.

Ele concorda e nega.

— Mesmo dando aulas de tango e fazendo trabalhos temporários sempre que aparece alguma coisa, o salário da minha mãe como caseira e o fato dela não ter despesas para se

manter, torna possível ela me ajudar com algumas despesas na cidade — toca no meu rosto. — Se ela perder esse emprego, provavelmente eu terei que trancar a faculdade.

Arregalo os olhos, em todo esse tempo que somos amigos, Aaron nunca tinha me dito que precisava que a mãe dele estivesse empregada aqui, para se manter em Buenos Aires.

— Eu não sabia, achei que você estivesse tão focado nos estudos. Por que você não me disse isso lá, em Buenos Aires?

— Porque Lili — e toca a ponta do meu nariz com o dele —, para mim quebrar uma promessa, mentir para minha mãe, é algo que me fará mal. Muito pior do que a possibilidade de trancar a faculdade. Ela sabe que somos amigos, mas não acho certo que fiquemos juntos, antes de ter tudo resolvido. Além disso, também não acho certo que fiquemos escondidos, como se tivéssemos fazendo algo errado.

— Vamos esperar, então. Você tem toda a razão — tento sorrir, mas a tensão sexual entre nós, faz tudo ficar meio confuso e misturado, como se existisse apenas a mão dele nas minhas costas, o corpo rígido colado nas minhas curvas e a respiração quente, tocando meu rosto.

— Eu posso contar tudo para ela e pedir que minha mãe procure outro emprego, daí, estaremos livres para vivermos o que estamos sentindo, sem ter que dar satisfação a ninguém.

— Posso falar com aquela amiga que conheci no caminho para cá, a Rosa tem casa na cidade e conhece muita gente. Além disso, meus pais dariam uma ótima carta de recomendação tenho certeza, eles adoram a sua mãe.

Ele coloca uma mexa de cabelo atrás da minha orelha, e me encara com os olhos pesados.

— Até lá, não vamos deixar isso mudar a nossa amizade.

Umedeço os lábios, e os olhos de Aaron cravam neles como anzóis; as pupilas dilatadas e o ar que sai de sua boca envia deliciosas ondas geladas pro meu estômago.

— Promete?

— Prometo — diz e beija minha testa. — Prometo — repete e dá outro beijo, na pontinha do meu nariz. — Prometo — e beija minhas bochechas abrindo uma trilha de fogo até as orelhas.

Meu coração bate tão forte que tenho que fechar os olhos.

— O que você está fazendo?

— Um beijo, três segundos e depois-depois, só nos tocamos outra vez, quando tudo estiver resolvido — sopra com a respiração entrecortada, acariciando meus sentidos e esmorecendo minha consciência. — Só um beijo, o que acha?

Minhas pernas amolecem como um suspiro, firmes por fora, líquidas por dentro. Eu me seguro nos ombros largos para não cair enquanto o calor se espalha das minhas bochechas pelo pescoço, desce pelo colo, envolvendo meu ventre, até crescer, atingindo o meio das minhas pernas. Gemo quando as mãos dele sobem por minha coluna e enlaçam a minha nuca, exercendo uma pressão possessiva.

— Sim — murmuro.

— Graças a Deus — ele diz com a voz rouca, baixa, macia.

Os lábios mornos e exigentes deslizam outra vez da orelha até a canto dos meus lábios enquanto os dedos se fecham, enroscados nos fios do meu cabelo. Arfo sob sua boca, sem conseguir me conter, todo o meu corpo vibra quando ele

mordisca meu lábio de leve, beija o cantinho da minha boca, passa suavemente, a língua me provocando, e se afasta respirando fundo.

Protesto baixinho e busco a boca dele.

— Mais vinte segundos — sussurra, o ar quente acariciando meus lábios. — Mais um minuto.

Aaron pressiona os lábios nos meus, gemendo, e, conforme dou espaço, ele avança com a língua. Fecho os olhos enquanto o mundo se desfaz. As mãos incertas e grandes emolduram o meu rosto com firmeza, como se ele pudesse perdê-lo. Sinto o mundo girar quando suga o meu lábio inferior, e tenho que pressionar os dedos no pescoço dele para não cair. Não sobra nenhum pedaço de resistência em meu corpo, ele me beija de um jeito novo.

E não tem nada de sutil, é tempestuoso, impiedoso, vulcânico, descontrolado e cheio de uma paixão explosiva. Ele me beija por minutos, por horas, sei lá.

— Sabe o quanto sonhei com isso? — pergunta com a voz rouca sobre os meus lábios, os braços fortes oferecendo apoio ao meu corpo desfeito, entregue e em chamas.

Nego.

— Dez mil vezes mais do que todas as estrelas do céu. E a realidade? — diz, deslizando os lábios sobre os meus. — Porra, a realidade é infinitamente melhor do que os sonhos.

E me beija outra vez, um beijo suave. Acaricia os meus lábios repetidas vezes com toques e mordidas leves, grunhindo toda vez que eu o imito ou que retribuo arfando de prazer.

— Amanhã mais cedo, aqui no chalé? Nós podemos ler um para o outro e conversar.

— Sim, só conversar — digo tentando me afastar, mas os braços dele apertam minha cintura me imobilizando.

— Mais um beijo, somente mais um beijo — pede, e me beija de todas as maneiras que tinha beijado antes e de outras mil diferentes, ele me beija até todas as estrelas do céu estarem apaixonadas pela terra.



"Se vamos nos beijar, tem que ser digno de um livro".

NOVEMBRO, 9 - COLLEEN HOOVER

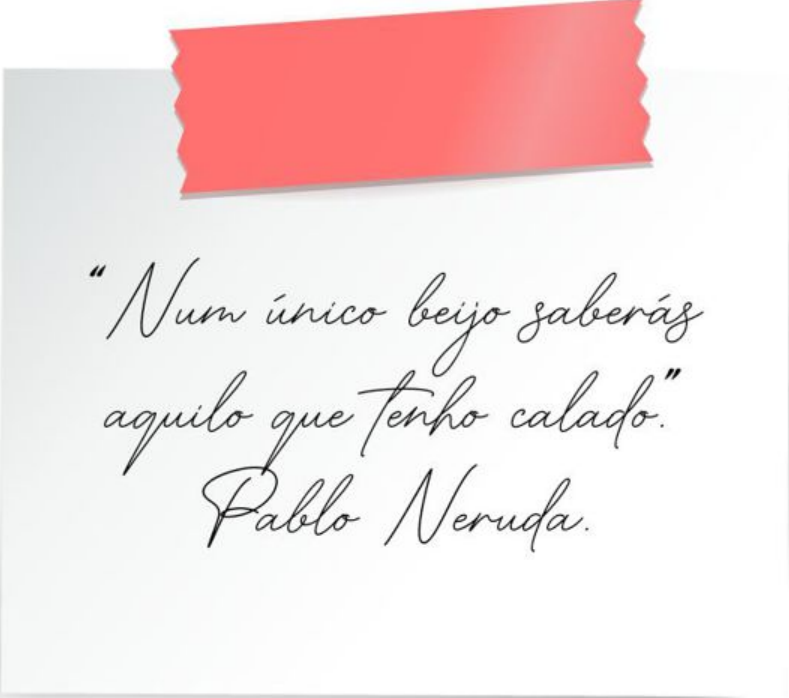
Marília

Sorrio como uma boba para a xícara de café à minha frente.

Se essa xícara tivesse olhos, entenderia como estou nas nuvens e como todo o mundo parece brilhar à minha volta.

Mal consigo ouvir as conversas paralelas que acontecem na mesa. Hoje o café foi colocado na varanda externa da casa. Montado sobre jogos americanos de linho em uma mesa de aço inoxidável com doze lugares. Dois guarda-sóis quadrados e gigantes fazem par com poltronas de vime e almofadas floridas.

Olho para a frente levando a xícara até a boca, e meu coração dispara quando vejo Aaron subindo a trilha em direção à casa. Dou um gole grande, lembrando do *quote* que ele passou embaixo da porta do meu quarto, mais cedo. Quando estamos aqui, ele troca o celular pelo papel e eu acho a coisa mais fofa do mundo, um perfeito cavalheiro à moda antiga).



*“Num único beijo saberás
aquilo que tenho calado.”
Pablo Neruda.*

Sinto minhas bochechas esquentarem. Quanto significado cabe em uma frase?

Meu pulso acelera. Aaron está uns três metros distante, carregando um vaso enorme de um lugar ao outro no jardim. Meu amigo segue as instruções do jardineiro da casa, o senhor Rafael, um homem calvo atarracado e de idade avançada.

— Nada como ter um jovem vigoroso em casa — diz minha mãe, descontraída, mexendo no celular.

As redes sociais são a compulsão da dona Clara. Quando ela não está fofocando da vida dos outros pessoalmente, faz isso pelo celular.

— Obrigada, Aaron — prossegue com a voz mais alta, após correr os dedos sobre a tela. — Pedi para o senhor Rafael mudar esses vasos de lugar há duas semanas, estávamos apenas esperando você chegar para concluirmos o serviço.

Engraçado minha mãe usar a terceira pessoa do plural, como se estivesse de fato fazendo alguma coisa, além de dar ordens e teclar no Facebook ou no Instagram.

— O nome de sua mãe no facebook é Teresa Martinez? — Aaron levanta os olhos dos vasos, e Clara explica, com os dedos ainda na tela: — Estou testando a nova antena de internet instalada ontem, na casa.

Ele passa as mãos nos bolsos da calça.

— Sim, senhora.

— Achei! — Minha mãe sorri para o celular. — Avise-a que a estou adicionando. É bom termos todos os contatos possíveis.

— Aviso, sim senhora — Aaron responde, solícito.

Como se alguém precisasse ter a caseira no Facebook para manter algo funcionando bem. Para mim, as redes sociais são tipo o monstro de *Strangers Things*; assustador, se infiltrando onde é possível e drenando as pessoas para um mundo paralelo e perigoso. Isso é claro, quando não se tem “o poder” ou cabeça para usá-las.

A única rede que realmente curto é o Whatsapp e só para falar com algumas pessoas da escola e receber os *quotes* dele, todas as manhãs. Aaron parece ler meus pensamentos sorrindo de maneira contida em minha direção. Meu coração galopa no peito. A tensão sexual entre nós estalando em ondas visíveis. Como vamos fingir que nada aconteceu e não nos beijarmos mais, até estar tudo resolvido com a mãe dele? Como?

Alcanço meu celular e teclo uma mensagem para Rosa, ela está *on-line*:

Marília:

“Oi amiga, bom dia! <3 Preciso falar com você pessoalmente, posso ir hoje a tarde em sua casa?”

Rosa:

“Oi Mari, bom dia! Poxa ☹ , hoje vou passar o dia em Bariloche resolvendo umas coisas por lá, pode ser amanhã?”

Marília:

“Sem problemas, marcado ☹ .”

— É tão importante encontrarmos bons funcionários, não é mesmo Clara? —Giovanna, a mãe de Felipe fala, chamando minha atenção.

— Bom dia, miladys — Felipe, que acabara de se sentar, cumprimenta.

— Bom dia — respondo, seguida pelo eco dos outros dois cumprimentos à mesa.

Somos só nós na casa esse ano, meu pai provavelmente está arrumando a cave, e Gisele e Roberto viajaram com amigos para a Europa.

Eu me sirvo de um pouco mais de café, enquanto um burburinho de conversas segue à minha volta, como o zumbido de insetos. Não consigo me fixar em nada além de Aaron.

Ele usa uma calça jeans larga e suja de barro na frente e uma camiseta branca justa, estampada com um livro. Por cima, uma camisa de flanela xadrez aberta, as mangas dobradas até os cotovelos. Aaron abaixa e levanta pegando vasos enormes, sacos de terra ou qualquer outra coisa grande e pesada. O esforço faz os músculos dos antebraços potentes se contraírem e expandirem. Ele se aproxima da mesa colocando um vaso em dos cantos da varanda, as veias dilatadas no pescoço e nas mãos. *Igual ontem, após nos beijarmos.*

Meu ventre se encolhe, e meu rosto ferve com a lembrança dos beijos e...

— Marília o que você está fazendo?! — ralha minha mãe.

Pisco lentamente e arregalo os olhos ao ver um montinho de açúcar acumulado em cima da toalha, próximo à xícara de café. Mordo o lábio por dentro, contendo o riso.

— Desculpe — peço, ainda tentando não rir —, acho que me distraí.

— Preste mais atenção, pelo amor de Deus!

— É verdade que esse menino dá aulas de tango nas horas vagas? — a mãe de Felipe pergunta.

— Acho que sim — minha mãe replica, largando, por fim, o celular.

Analiso Giovanna que encara Aaron com um brilho sugestivo no olhar. Os pelos da minha nuca arrepiam.

Que descarada.

Viro para Felipe que entreolha para mim e Aaron com o cenho franzido.

Será que ele percebeu alguma coisa?

— Clara — chama Felipe, antes de cruzar os dedos sobre a mesa —, você se importaria se eu pedisse um favor ao seu funcionário? — termina, apontando com a cabeça para Aaron.

O quê?

— Imagina, lógico que não.

— Mãe — intervenho impulsivamente —, Felipe pode pedir pra outra pessoa. Aaron nem é funcionário da casa.

— Oras, por quê? — ela não me dá tempo de resposta, erguendo um pouco o pescoço antes de chamar em voz alta: — Aaron, venha aqui, por favor.

Ele olha em nossa direção, largando o saco de terra no chão.

Minhas mãos ficam molhadas de suor, talvez minha testa também.

Por que Felipe está fazendo isso?

Aaron se aproxima, batendo as mãos na calça a fim de limpá-las.

— Pois não, dona Clara?

Minha mãe aponta para Felipe.

— O nosso convidado gostaria de te pedir um favor.

Felipe me lança um olhar rápido e desafiador, antes de falar.

— Quero que você pegue as botas de montaria no meu quarto e dê um jeito nelas.

Aperto a borda da mesa.

— Aaron não faz esse tipo de serviço — me adianto —, aliás, por que você mesmo não pode fazer isso, Felipe?

Felipe ergue as sobrancelhas em uma expressão que só posso classificar como irônica, enquanto Aaron permanece com

a expressão impassível e minha mãe dá mais um gole no café antes de falar:

— Pare de dar um show matinal, tenho certeza de que Aaron não se importará em ajudar, estou errada?

— Eu te darei uma caixinha, é claro! — Felipe bate nos bolsos antes de concluir: — Terá que ser depois, deixei a carteira lá em cima.

— Se você se importar — continua minha mãe com uma expressão enfasiada —, posso pedir para sua mãe nos ajudar.

— Eu cuido disso — Aaron diz e me joga um olhar rápido.

Travo os dentes com raiva. Nos dias em que saí com Felipe enquanto nos conhecíamos, ele nunca demonstrou esse lado arrogante, idiota.

— Obrigado, então — diz Felipe —, tem graxa na sacola, em cima da escrivaninha.

Aaron assente.

— É só isso? — pergunta, olhando para Clara.

E antes que minha mãe responda, Felipe cruza as pernas de maneira indolente e pergunta:

— Você vai montar comigo hoje, não vai, Mari? — termina, colocando a mão sobre a minha.

Arregalo os olhos e viro para Aaron. Apesar de manter a expressão neutra, percebo as narinas dilatarem.

Meu estômago contrai, e eu removo a mão de maneira um pouco brusca.

— Não — respondo —, não estou a fim de montar hoje.

— Que bobagem Marília, você adora montar, é claro que você vai — minha mãe resolve por mim.

— Eu não vou — nego, ácida —, tenho idade suficiente para decidir quando quero ou não montar, ou quando quero ou não determinadas companhias.

Minha mãe pede com a voz suave e com um sorriso discreto nos lábios:

— Você pode ir, Aaron, obrigada.

Ele vira as costas e sai. Conheço meu amigo, pela expressão dele, sei que ficou puto com Felipe, e com razão.

Nervosa, aperto os dentes dizendo antes de levantar:

— Com licença, vou ler no meu quarto.

— Mas vamos montar juntos mais tarde, não vamos? —
insiste Felipe.

— Não, Felipe! E, antes que você insista, não estou fazendo charminho. Não é não! Estou com dor de cabeça — minto, e saio da varanda com o coração apertado, sem dizer ou ouvir mais nada. Querendo apenas encontrar Aaron e conversar com ele.



“Passar a vida inteira sem uma loucura por amor, é o equivalente a não viver.”

CARPINEJAR

Marília

O barulho dos meus passos contra a terra se mistura aos sons da noite.

Aaron desapareceu durante o dia inteiro, provavelmente esteve ocupado com as aulas de tango que dá a tarde, em alguns dias da semana.

Antes de sair para montar, Felipe fez questão de deixar claro, mais uma vez, o tipo de pessoa que ele é.

— *Você melhorou, não vai comigo, mesmo? — perguntara mais cedo.*

Neguei, mal desviando os olhos das páginas do livro. Ainda estava chateada com o pedido dele a Aaron durante o café.

— *O filho da caseira daria um ótimo engraxate, fez um excelente trabalho. Estreitei os olhos com raiva. Não pela ocupação mencionada, mas pelo desprezo na voz dele.*

— *Sabe, Felipe, entendo cada vez mais que o problema das relações está na certeza que alguns têm, por qualquer motivo idiota, que são melhores do que os outros. Que são donos da verdade. Sendo que nossas percepções do mundo estão sempre mudando. Cada um é dono de sua própria verdade e não existe uma verdade absoluta sobre nada.*

— *Nossa, Marília, se eu não te conhecesse, seria capaz de dizer que você sente alguma coisa pelo filho da caseira. Desde que ele apareceu próximo à mesa do café da manhã, seu comportamento ficou muito estranho.*

Ergui o livro na altura do rosto, não queria que ele visse como as palavras dele me irritaram:

— O seu discurso, agora, é mais uma prova de que você não me conhece e, além do mais, o filho da caseira tem um nome.

— Contanto que ele saiba qual é o lugar dele — Felipe dissera com desdém.

Sempre me considerei uma pessoa calma, mas se tinha algo que me tirava do sério era perceber algum tipo de injustiça, preconceito ou abuso de poder.

Levantei de uma vez do sofá, como se tivessem saído pontas de facas do assento. Olhei, enfurecida, para o garoto que acreditei ser uma boa pessoa e senti nojo dele e de mim, por tê-lo beijado meses atrás, por ter me iludido sobre quem ele era.

— Se um dia você aprender que o dinheiro que uma pessoa tem, o cargo ou a profissão, não definem caráter e honra, você me procura que podemos voltar a ser amigos.

E, por causa dessa discussão, Felipe se manteve longe durante e após o jantar, dançando tango com as filhas de alguns amigos dos meus pais — dançando de um jeito bem ridículo na

verdade, como se fosse *o Don Juan*, como se tivesse certeza de que estava me provocando.

Agora, caminhando em direção ao chalé, onde Aaron está me esperando, minhas bochechas ardem e só consigo pensar em como meu amigo está e o que pensa sobre o que rolou mais cedo.

Cheguei a mandar uma mensagem, mas ele não respondeu.

O chalé está aberto.

Aaron já está aqui.

Coração mais acelerado.

Fecho a porta atrás de mim. Tiro o casaco e o penduro no gancho atrás da porta. Coloco o livro que trouxe para lermos em cima do aparador. Um arrepio percorre meus braços quando uma corrente de ar gelado toca minha pele. Apesar de ser verão, está um pouco frio.

As luzes do chalé estão apagadas e os raios da lua entram pela janela vencendo parte da escuridão em alguns cantos da sala.

— Aaron? — chamo com a voz baixa.

Olho para os lados, ansiosa, a impressão de estar sozinha é quebrada pela sensação de ser observada.

— Hoje você chegou mais cedo. — A voz profunda de Aaron ressoa pelo ambiente e dou um sobressalto.

Pulso cada vez mais acelerado.

— Eu trouxe o livro novo, do Mia Couto.

— Legal, mas tenho outra ideia pra hoje.

Viro o corpo até encontrá-lo.

Está sentado em uma poltrona larga, no canto da sala, completamente envolto pelas sombras. Parece um rei vingador. Minha garganta aperta enquanto um frio sobe por minha espinha.

Dou alguns passos em sua direção.

— Felipe é um idiota — digo, rápida. Era o que eu queria ter dito desde que Aaron deixou a varanda durante o café da manhã.

Ouçõ a respiração forte.

— Seu amigo gostou do meu trabalho e pediu para eu engraxar todos os sapatos, inclusive o que ele usava, sem tirá-los dos pés.

Mordo o lábio inferior, *emputecida*.

— Sinto muito.

— Até pensei em dizer não, mas foda-se, se aquele babaca quer me pagar para fazer isso, sou homem o bastante para saber que nenhum trabalho é indigno.

Umedeço os lábios, nervosa, antes de dizer:

— Eu também penso isso e...

— O que eu não me conformo — ele me interrompe — é como você ficou com um babaca desses?

— Ele não parecia ser assim quando saímos e...

Aaron levanta e se aproxima de um balcão lateral e mexe no celular.

Prossigo me explicando:

— Nós saímos por uma semana todos os dias para nos conhecermos, e ele disse gostar de ler e que estava no último ano da faculdade de filosofia e era sempre um cavalheiro, quer dizer, parecia ser e... — Paro quando um tango começa a tocar.

Frio no estômago.

Ele se aproxima, devagar como um predador e está lindo de calça caqui larga e camiseta branca justa de magas compridas,

minhas bochechas esquentam quando me circula devagar, parecendo uma pantera, com os olhos em chamas grudados no meu corpo. Se tivesse cauda, ela estaria balançando daquele jeito que os felinos fazem ao caçar.

— Já disse que você fica linda de vermelho?

Uso um vestido meio justo até o joelho, é a roupa do jantar, nem pensei em trocar antes de vir encontrá-lo. Pisco lentamente, tentando recuperar o raciocínio. Nós não ficaremos mais por um tempo e, apesar de saber disso, meu corpo inteiro está tensionado, a pele quente e a respiração acelerada, como se ele estivesse a um passo de me beijar, outra vez.

— Obrigada — respondo, e perco o ar quando mãos grandes e quentes envolvem minha cintura.

— Sou eu quem agradeço — murmura próximo ao meu ouvido, e minhas pernas tremem.

Ansiosa, continuo falando sem pensar:

— Então... Foi por sua causa que beijei Felipe, precisava entender o que estava sentin... — Dedos compridos cobrem meus lábios e tenho que lutar para manter os olhos abertos.

— Shh — ele sopra —, esquece, eu sou um idiota ciumento. Isso não faz a menor diferença.

Aaron encosta a testa na minha e depois murmura:

— Você enfrentou sua mãe e aquele babaca por mim mais cedo, e achei isso tão foda. Isso foi, sem a menor dúvida, o meu pedaço de eternidade de hoje. — E segura meu rosto entre as mãos. — Sabe qual foi minha vontade na hora?

Nego.

— Pegá-la no colo, sair de lá e beijar você encostado na primeira árvore que topássemos.

— Minha nossa, Aaron — sibilo. — Achei que fossemos esperar.

Ele encolhe os ombros.

— Isso não significa que não estou morrendo de vontade de te beijar, o tempo inteiro.

— Eu também — murmuro e ele encosta a testa na minha.

O silêncio se estende entre nós por um momento, acentuando nossas respirações aceleradas.

— Você ainda quer dançar tango comigo, Lili?

Engulo seco antes de responder.

— Sim, é claro que eu quero. E... se você é um babaca ciumento, eu também sou porque simplesmente morro de ciúmes quando imagino você dançando com outras mulheres.

— Com elas danço profissionalmente. É frio, não me envolvo. Mas com você... — Ele me olha de baixo a cima. — Quero dançar com tudo o que sou e sinto, deixa?

Concordo sentindo o corpo pegar fogo.

Como ele é... quente!

— Então, primeiro vou te explicar como conduzir e se deixar ser conduzida, está bem? — pergunta, tão próximo que sua respiração marca meus lábios.

— Sim, eu fiz um ano de aulas de dança de salão mas, nunca aprendi totalmente.

Pousa a mão firme na base da minha coluna, nos aproximando ainda mais.

— No tango, todos acham que o homem é quem está no controle, só que não. O homem não comanda nada, ele está rendido, apaixonado, tentando conquistar sua parceira. Então, quem controla quem? — A pressão da mão em minhas costas

aumenta, e eu arqueio a coluna, soltando o ar pela boca em uma rajada curta.

— Na verdade — prossegue ainda mais próximo, as palavras acariciando meus lábios —, são seus movimentos que guiam o meu controle, entende?

Concordo, atordoada.

— Eu te conduzo, mas... — E faz uma pausa, a mão forte correndo a extensão da minha coluna e disparando choques deliciosos em meu ventre. — Você é quem manda, Marília... Você resiste e não se entrega e eu não sou nada, meus passos apenas querem que você mude de ideia e ceda.

Meu coração acelerado acompanha a música, ao sentir Aaron escorregar a mão pelo meu braço, esticando-o. Parece que engoli leite quente com conhaque ou qualquer outra bebida forte.

— Acho que não vou conseguir dançar.

Beija minha testa.

— Vamos sim — e beija de novo, enquanto me segura firme, os lábios curvados num sorriso preguiçoso —, e vai ser o melhor tango da minha vida.

Concordo, me forçando a sorrir também, como se não estivesse a um passo de me jogar nos lábios dele ou de pedir por mais alguns beijos.

Não, Marília, pare com isso!

— Está bem, vamos lá.

— Enquanto vou para a frente, você vai para trás — diz, pressionando a mão firmemente em minhas costas e começa a se mover.

Eu tento acompanhá-lo, mas no meio do terceiro passo, erro o ritmo, tropeço e sorrio, sem graça.

— Desculpe.

— Dançar tango é confiança e entrega, Lili, feche os olhos e cole a sua testa no meu rosto.

Minha respiração está muito acelerada e o sangue corre rápido demais, fazendo meu corpo inteiro ferver, mesmo assim concordo, e nós recomeçamos.

— Sinta a música — pede, me trazendo para mais junto de si —, sinta meu corpo.

Aaron me conduz entre giros e quedas, sempre me tocando como se a música transpirasse através da minha pele. Como se

eu fosse a mulher mais desejada do mundo. Olhos intensos e grudados nos meus, testa com testa, lábios próximos o bastante para respirarmos o ar um do outro. No final de um giro, ele deixa meu peso pender sobre si e, por alguns segundos, fico suspensa sobre o corpo rígido. Acabamos o movimento com os lábios quase colados e respirando como se tivéssemos corrido dez quilômetros.

Tento me afastar, ele me segura, as mãos firmes em minhas costas, colando nossos corpos por completo.

— Marília — murmura rouco —, nós não devíamos — e deixa os lábios tocarem os meus. — Mas que porra, não estou aguentando.

Só tenho tempo de concordar com ele, fechar os olhos e entreabrir os lábios. E sou assolada por um beijo insano, faminto e possuído de desejo. Continuamos por dois, três, quatro, nem sei quantos tangos mais. Nossos corpos se buscando onde mais precisamos ser tocados.

Beijando o canto dos meus lábios, ele desce pelo queixo e, através do meu pescoço, movendo a língua suavemente, uma onda de arrepio e calor se espalha no meu corpo. Aaron desliza

os lábios por minha face, e sua respiração entrecortada toca minha orelha.

— Lili, sei o que combinamos ontem, mas quero muito, muito mesmo continuar. Você quer que eu pare?

— Não — respondo, sentindo os meus pés deixarem o chão, outra vez.

Aaron me carrega até junto a lareira que está apagada e me deita em cima do tapete de lã grossa.

O meu corpo afunda um pouco nos pelos macios, e meu coração martela no peito quando ele remove a camiseta, puxando-a em um movimento preciso. E me olha de cima a baixo vagarosamente, espalhando deliciosos choques no meu estômago.

O abdômen definido abaixa e sobe rápido, no mesmo ritmo da respiração. Aaron tem um corpo escultural, como uma estátua de bronze. O cós baixo deixa o elástico da boxer branca à mostra. Noto o volume que faz a calça parecer muito apertada na frente, e uma contração e um calor úmido invadem meu sexo.

Mãos quentes percorreram minhas coxas, que se arrepiam em resposta. Aaron desliza-as dos joelhos até quase a virilha,

levantando a saia do vestido no caminho.

— Abre as pernas para mim, linda — pede, rouco, de olhos fechados, e se ajoelha no meio delas quando obedeço.

Todos os meus vasos sanguíneos estão queimando.

Os dedos um pouco ásperos tocam a extremidade do meu rosto.

— Lili — diz com a voz aveludada —, para mim, dançar da maneira que fizemos é como fazer amor de roupas.

Minhas pernas abrem mais, e a saia do vestido enrola até o quadril na medida que ele se acomoda melhor.

— E o que quero fazer agora com você — e me beija mais profundamente — é quase como continuar dançando, só que de um jeito muito mais íntimo e forte, deixa?

Concordo e gemo quando ele se movimenta, a rigidez quente da ereção comprime o meu sexo. A única coisa entre nós é a calça, a cueca dele e minha calcinha.

— Eu avanço —impulsiona o quadril mais uma vez e uma corrente elétrica percorre meu sangue.

Cravo as unhas nas costas dele.

— E você — arfa se movendo mais uma vez — cede, se entrega e me acompanha.

Aaron se impulsiona com mais força, gemendo junto comigo.

— Eu te guio — sopra aumentando o ritmo —, mas é a sua entrega que me comanda.

Agarro as nádegas dele sentindo meu ventre contrair e expandir em ondas ferventes de desejo. Ele beija e suga meus lábios, meu pescoço, meu colo e quanto mais rápido eu respiro, mais rápido ele me beija e mais nos movemos juntos.

Meu corpo treme e pulsa, e estou em chamas, me desfazendo por ele.

Estico o pescoço, beijando o queixo quadrado, a linha do maxilar e do pescoço. Respiro fundo o perfume de Aaron e, Deus, como eu amo esse cheiro! Como amo ele em mim desse jeito. Mãos grandes sobem dos meus quadris até os seios. Ele aperta meus mamilos de leve por cima do vestido, e vejo tudo rodar.

Que loucura, isso é tão bom.

— Nossa, isso é bom! — Aaron lê meus pensamentos e diz com a respiração instável.

Gememos juntos conforme ele avança, fazendo minhas pernas abrirem mais. *Ele está me deixando louca.*

Desesperada, ergo o quadril, buscando um maior contato. Minhas coxas começam a tremer enquanto sinto estar a ponto de explodir. Aaron aumenta o ritmo dos movimentos e me beija com intensidade, a língua indo tão fundo quanto suas investidas. Quando dou por mim, gemo sem parar, sem nenhum autocontrole. Curvo o corpo para cima, como um arco. Ele se afasta um pouco, me encarando. Minha calcinha está tão molhada, que facilita os movimentos do pau duro dele, mesmo sob as camadas de tecido que nos separam.

— Olha para mim, eu quero ver você, por favor — pede com um desespero contido, as veias do pescoço dilatadas e pulsando rápidas.

Então, Aaron desacelera e se move de uma maneira diferente, lenta, pressionando o corpo com mais força contra mim, e é como se todo ele estivesse entre as minhas pernas.

Meu clitóris contrai, contrai e contrai no mesmo ritmo acelerado do meu coração.

Ele sabe muito bem o que está fazendo comigo.

— Aaron, por favor — arquejo, resfolegada, agarrando-o como posso, e ele continua se movendo, dessa vez olhando dentro dos meus olhos. Eu grito, arranhando suas costas, me prendendo em seus olhos, e meu ventre é varrido por espasmos e mil choques deliciosos. Enquanto derreto no maior êxtase do mundo, Aaron me beija engolindo meu prazer, fazendo o meu orgasmo ser dele.

— Estou quase lá, Lili — acho que é isso o que ele diz.

— Tira! — Tento abrir o botão da calça.

— Não, não vou aguentar — sopra rouco, os olhos tão pesados que parecem duas linhas brancas.

Consigo abrir e puxar o zíper.

— Fica só de cueca.

— Você vai me matar — diz, deixando a calça escorregar pelas pernas e pressionando ainda mais meu corpo, agora somente com a boxer.

Arqueio o pescoço para trás, apesar de já ter gozado, sentir ele assim, mais perto, mais quente. É quase insuportável de tão bom.

Envolvo as pernas, apertando seu corpo com força, e ele ondula o quadril soltando um gemido rouco e alto do fundo da garganta. Sob a ponta dos dedos, os músculos das costas largas dele estremecem e contraem algumas vezes.

Se eu achava que a expressão de Aaron no primeiro dia em que o vi ficaria para sempre gravada em minha alma, tive certeza de que não sabia de nada. Ele está com as bochechas tensas e os lábios entreabertos e inchados pelos beijos, e vejo em seus olhos, uma mistura de sol e tempestade, de pó de estrela e fogo. É a coisa mais linda que já vi na vida.

— Essa sua expressão, Li — começa com a voz falha —, vou guardar para sempre. Nunca vi nada mais lindo do que seu rosto agora.

Sorrio, porque às vezes Aaron parece ler meus pensamentos e arranca as palavras da minha boca.

— Obrigado por esse pedaço de eternidade — diz, e me beija de leve, envolvendo minha cintura com os braços, me

levando a deitar encaixada nele.

Estou mole, entorpecida e em um estado de letargia deliciosa. Devagar, nossas respirações voltam ao ritmo normal.

— Se isso é como dançar tango — começo, a voz arrastada —, acho que quero dançar todos os dias. E você está proibido de dar aulas.

O peito dele treme em uma risada. E ele fica em silêncio, por um momento. Como eu, deve estar pensando se devemos continuar com isso ou manter o combinado. Será que aguentaremos nos ver todos os dias e não nos tocarmos e até quando?

Mexo os dedos, pegando a corrente que ele usa, quero me distrair, distrair ele.

— Quando começou a sua mania de morder isso quando fica nervoso ou ansioso?

— Acho que desde que a ganhei, com doze anos.

Eu a aperto um pouco.

— Quem te deu?

— Minha mãe. Li... — chama baixinho.

— Uhm — respondo com esforço, o estado letárgico me dopando outra vez.

Aaron desliza e deita de lado, o rosto apoiado sobre a mão e me beija de um jeito intenso, fico sem fôlego, outra vez.

— Achei que você fosse falar que devemos esperar — afirmo sorrindo e toco no rosto dele.

— Mais vinte e quatro horas? — sugere forçando um ar sedutor.

Dou risada.

— Agora falando sério, mesmo que não tenhamos conseguido essa noite, podemos esperar, não quero que nós dois juntos seja algo te faça mal, por estar mentindo pra sua mãe.

Ele me beija antes de falar com um riso na voz rouca:

— Estava louco. Ficar sem você é o que me faz mal. Nem mais um dia sem te beijar — e beija outra vez. — Nem mais um segundo de espera — outro beijo.

— Certo— respondo tentando desanuviar minha cabeça da presença dele. — Mas vamos falar com sua mãe, logo.

— E com seus pais também, assim que a situação com minha mãe estiver resolvida.

— Combinado.

— É ridículo parecer que precisamos de autorização, não é? Eu tenho vinte e um anos e você dezoito. Nunca imaginei que com essa idade, teria que pedir a garota que estou apaixonado em namoro: “ Dona Maria, deixa eu namorar a sua filha, vai me desculpendo a ousadia, essa menina é um desenho do céu” — canta em tom divertido.

— Sim, é ridículo — dou um beijo no queixo e a barba por fazer, acaricia meus lábios. — É só a sua mãe estar segura em outro emprego, aí não precisaremos da autorização de ninguém, nem da “Dona Maria. “

Ele acha graça e depois me encara sério.

— Será que seus pais vão aceitar nosso namoro?

— Sim, eu acho que sim e você falou namoro, jura?

Ele arqueia as sobrancelhas, numa expressão zombeteira.

— Naah, tem razão. São só alguns beijos proibidos, depois do jantar.

— Está certo — replico com ar brincalhão —, contanto que você não pare de me beijar.

Ele segura meu rosto entre as mãos.

— Não vou parar nunca mas, não serão beijos proibidos, a coisa mais incrível que já aconteceu na minha vida não pode continuar sendo vista pelos outros como algo errado.

E ele me beija outra vez, reascendendo a paixão e guiando os meus sentidos.



— Estava com saudades — digo, após abraçar Rosa.

— E eu sentindo falta de suas visitas. Venha, vamos sentar.

Acompanho-a até o banco, embaixo do caramanchão no jardim. Fazia três dias que eu não aparecia. A última noite com Aaron foi intensa e, como resolvemos contar tudo para Teresa dali uma semana, acho que seria bom ouvir a Rosa. Pedir conselhos sobre como agir e, enfim, falar com alguém que está fora do furacão que Aaron é em minha vida.

— Veio pegar mais livros? — minha amiga pergunta, após se sentar.

— Ah não, não... Eu nem consegui terminar aqueles que peguei da última vez — respondo, analisando o jardim. Meu estômago gela ao lembrar do motivo de não ter tido tempo para ler.

— Você está diferente — Rosa fala com ar analítico.

— Estou? — pergunto, e a encaro, surpresa.

— Agora mesmo suas bochechas ficaram vermelhas e tem alguma coisa a mais em sua expressão que...

— Tem um motivo para eu não ter conseguido ler — me adianto e me viro para ela.

— E o que é? Ou será que deveria ter perguntado quem é?

— O cara certo no momento certo? — arrisco, forçando um sorriso.

— Fico feliz por você estar apaixonada e ser retribuída, deixa o mundo mais vivo.

— Sim, estou apaixonada como nunca achei que fosse acontecer e você tem razão, isso é tão bom que não deveria ser

um segredo, não é?

Rosa, pensativa, me analisa por um momento antes de perguntar:

— E por que ele é um segredo?

Inspiro devagar, o cheiro das flores deixando a brisa com orvalho da manhã encher meus sentidos.

— É complicado.

— Seus pais não aprovam — ela conclui por mim.

— Eles não sabem. Ninguém sabe, você é a primeira pessoa com quem converso.

O barulho da fonte grande e circular que jorra água à nossa frente paira por alguns segundos no ar.

— Quem é ele, minha amiga?

— O nome dele é Aaron e ele é o filho da caseira dos meus pais.

— Entendo. — Suspira. — Que bom. Por alguns segundos achei que você fosse dizer que era alguém realmente problemático.

— Ele é uma pessoa maravilhosa, muito sensível, e se tornou meu melhor amigo antes de ficarmos e...

— Você não precisa defendê-lo para mim, Lica. Mas me diga, quanta resistência acha que os seus pais podem criar?

Fecho os olhos, pensando antes de responder.

— Acho que eles vão demorar a acreditar que Aaron está comigo sem ter algum interesse financeiro, ou que possamos ter algum futuro juntos.

— Mas você só terá certeza falando com eles, não é?

Concordo.

— E qual a pior coisa que você acha que pode acontecer quando eles souberem?

Sopro uma mexa do cabelo que caiu em cima dos olhos.

— Aí é que está o problema, eles podem mandar a mãe de Aaron embora, e ela precisa do emprego e do salário. Ele também precisa que a mãe esteja segura para poder seguir com a faculdade em Buenos Aires.

Ela me encara com um sorriso contido nos lábios.

— Você foi vê-lo em Buenos Aires, não foi? Agora entendi — e ri de novo —, e eu achando que você sentia saudades da sua avó.

— É claro que eu sinto, também. Mas Aaron — sorriu junto com ela — foi um incentivo.

— E você está feliz? Que dizer é claro que está, olha só para você.

Recosto no banco antes de responder.

— Nunca estive tão feliz.

Rosa coloca a mão sobre a minha em um gesto de carinho e apoio.

— Sobre a mãe dele, acho que posso tentar ajudar. Conheço muitas pessoas na cidade, posso ver se alguém precisa de uma caseira de confiança.

Tenho vontade de abraçá-la. Rosa é incrível.

— Sério? Você faria isso?

— Que tipo de amiga seria se não fizesse?

Meus lábios se curvam acompanhando o sorriso no meu interior.

— Obrigada, Rosa, mesmo. Sabia que contar para você era a melhor coisa e... — Eu a abraço. — Obrigada por tudo.

— E me diz — ela se afasta para me encarar —, ele é bonito?

— Hum Hum.

— Hum hum?

Acho graça da expressão desconfiada e meio cômica.

— Ele é lindo, como um modelo, mais de um metro e oitenta e cinco, moreno de olhos cor de mel, tem o queixo quadrado e o nariz reto, clássico, mas não delicado, tem o nariz marcante. Ombros largos, tanquinho na barriga... — Rio. — Assim está bom para você?

Ela também ri.

— Está ficando bom.

Forço um ar pensativo.

— Deixa eu ver. Ele, toca violão e lê para mim todas as noites, além disso, é meu melhor amigo e beija como um... — Paro, envergonhada.

Apesar de sermos amigas, Rosa é uma ex-freira e, vez ou outra, me pego controlando o que eu falo para ela.

— Beija como? — me incentiva.

— Muito bem. Ele beija muito bem.

— Não vou mais te ajudar.

Meus olhos se arregalam.

— Não?

— Ele beija muito bem? Você está mesmo apaixonada?

Gargalho.

— Está certo... — concordo, e rio outra vez antes de dizer:

— Quando ele me beija, meu Deus! Eu sinto que vou me desfazer, é como aqueles clichês de romances.

— Fogos de artifício, sinos tocando?

— Todos eles.



“ Se a música é o alimento do amor, não parem de tocar”.

DUQUE ORSINO - NOITE DE REIS, WILLIAM SHAKESPEARE

Aaron

Dez *quotes*, passados por debaixo da porta, dez respostas de Marília.

Dez noites a mais com ela.

Nesses dez dias desde que começamos a ficar, namorar, enfim, estou dez vezes mais apaixonado. Aqui, sentado próximo à casa da minha mãe, enquanto espero por Marília, tento me concentrar para a conversa difícil que teremos.

Olho para cima e a vejo saindo da casa principal e pegando a trilha que dá acesso para cá. Além de ser minha melhor amiga, ela é minha primeira namorada, em termos de significância, apesar de já ter tido outras garotas, Marília é a primeira.

E, se Deus quiser, a última, a única.

Esse tipo de certeza e pensamento invade meu coração e minha mente em vários momentos do dia, e já desisti de me sentir assustado, estranho ou confuso.

Fecho os olhos, lembrando da loucura que aconteceu, horas antes, dentro da casa principal.

O senhor Ricardo ficou sabendo do meu conhecimento de vinhos, acho que minha mãe comentou em algum momento que estudo tudo que posso sobre os tipos de uvas, vinícolas e safras e, apesar de não ser um enólogo profissional, tenho um ótimo conhecimento sobre o assunto.

Naquela manhã, antes do almoço, fui avisado de que o pai da Marília queria falar comigo. Por alguns segundos gelei, pensando que ele tivesse descoberto sobre nós dois.

Mas, então, me disseram que era para encontrá-lo na cave da propriedade. E eu segui mais tranquilo. O lugar fica no andar

de baixo da casa. Estava quase alcançando o corredor de acesso, quando uma mão agarrou o meu pulso com firmeza.

Marília.

Em seguida, ela me puxou com força para o depósito embaixo da escada. Pego pela surpresa, não consegui reagir ou pensar. Fui empurrado contra a porta, fechando-a com nossos corpos. Escutei o barulho da tranca sendo passada.

— O que você está fazendo... — E fui calado com um beijo intenso, faminto, louco.

Louca.

Loucos.

Meu coração batia tão rápido que tenho certeza de que ele foi ouvido por toda a casa. Ela colocou um fone de ouvido na minha orelha direita e apertou play no celular, que estava dentro do bolso da sua calça jeans.

— *Somewhere Only We Know*, de Lily Allen — disse, e enfiou o outro fone na orelha esquerda dela.

O ambiente estava escuro e cheirava cera para madeira e produtos de limpeza, misturados com sabonete de flores e o perfume lavanda de Marília, o calor e o gosto irresistível dela.

Ela me apertou contra a porta e, merda! Sentir o corpo inteiro no meu, junto com os lábios na minha boca, foi enlouquecedor. Sem conseguir resistir, retribuí o beijo com paixão, e ela gemeu, entregue.

Estou louco.

Estamos loucos.

As mãos dela escorregaram dos meus ombros pelo abdômen que estremeceu com o contato, e desceram até o cós da calça.

— Nós não pode... uhmm — tentei protestar rouco, mas parei quando a língua macia desenhou círculos em cima das veias no meu pescoço.

Precisava me concentrar e...

— Uhm, Marília — gemi de novo quando ela sugou o lóbulo da minha orelha.

O som de passos altos seguidos por vozes no exterior, fizeram meu sangue gelar.

— Marília — sussurrei, afoito —, isso é uma loucura, nós temos que sair daqui.

— Shh, quietinho! — soprou na minha orelha, o hálito quente enviando ondas geladas no meu ventre. — Escuta a música.

E passou a mão no meu pau, que se contraiu, ferveu e ficou completamente duro.

Travei o maxilar tentando lutar contra a insanidade daquela situação.

Os passos e as vozes se afastaram enquanto lutava para controlar a respiração que saía em rajadas curtas pela boca e...

— Merda! — xinguei baixinho, quando os dedos dela abriram o botão e o zíper da minha calça.

— Não, Li, isso não é certo. — Era a minha razão querendo ganhar voz.

— Aaron — ela sussurrou na minha orelha, intercalando mordidas e beijos com as palavras —, você fez isso por mim ontem e não me deixou fazer por você. Sonhei a noite inteira em sentir você assim, desse jeito. — Sugou o lóbulo outra vez antes de concluir: — Por favor, ninguém vai entrar aqui. Estou tão molhada por você. — E beijou minha orelha, como beijava a

minha boca e, ah, *dorga*... Liberou meu pau, que implorava por espaço, e o envolveu com a mão quente e macia.

Como me afastar?

Impossível.

Tudo rodou, respirar ficou impossível e minha consciência nublou quase completamente.

Apesar de nos tocarmos todas as noites, somente ontem tirei sua calcinha e a acariciei com os dedos pela primeira vez. Ela quis fazer o mesmo por mim, mas eu não deixei. Havíamos combinado esperar até que Marília se sentisse pronta para levar as coisas adiante. E, sinceramente, achava que não iria aguentar se ela me tocasse daquele jeito como fez embaixo da escada, com o pai dela me esperando para uma conversa.

— Que loucura — saiu junto com o ar da minha boca quando ela me acariciou até embaixo, apertando muito. Eu estava perdendo o controle.

Perdi o controle.

Marília aumentou a velocidade da mão enquanto me beijava, e eu me esforcei para não gemer alto, minhas pernas tremendo pelo prazer. Ela continuou os movimentos por um

tempo, aumentando e diminuindo a velocidade e a pressão dos dedos.

Meu ventre contraiu junto com meu pau, a ponto de explodir. A razão me abandonou, e o que tomou conta de mim foi o desejo e uma parte animal, insana e descontrolada. Eu a empurrei contra outra parede no extremo do quartinho, o fone escapou da minha orelha e devorei a boca deliciosa com toda a loucura do prazer que percorria o meu corpo.

— Não para — implorei com a voz rouca, e ela obedeceu, apertando da base até o fim enquanto o polegar desenhava círculos na cabeça sensível, e eu gozei. Muito.

Um grunhido alto escapou do meu peito e Marília cobriu os meus lábios com os dedos, pedindo silêncio. Fiquei tão louco, tão possuído e desesperado, que segurei o seu rosto entre as mãos e a beijei, gemendo e enfiando a língua na boca dela, através dos dedos entreabertos.

Conforme as ondas de prazer abandonaram meu corpo, encostei a testa na dela, ofegante e meio entorpecido.

— O que vou fazer com você?

— Me amar por toda a eternidade?

Eu a beijei de leve, sentindo um sorriso satisfeito nos lábios da garota que virou meu mundo do avesso. Ela suspirou tremulamente, e o ar vibrou em meu pescoço fazendo meu coração voltar a acelerar.

— Estou louco por você, Marília — disse a verdade.

— Ainda bem — respondeu com um riso na voz.

E tirou um lençinho descartável do bolso limpando as mãos.

— Quer? — ofereceu.

— Obrigado — aceitei e me limpei um pouco antes de fechar a calça.

— Vim preparada — brincou.

Nós ficamos abraçados por um tempo em silêncio, nos acariciando. Devagar, voltei a perceber o que acontecia, onde estava e o que tínhamos acabado de fazer. O cheiro de produtos de limpeza e cera para madeira se tornando presentes outra vez.

— Nós precisamos sair daqui.

Concordou com a cabeça, mas, antes que conseguisse se mover, segurei sua mão entre as minhas. Queria reafirmar o que havíamos combinado na noite anterior.

— Vou falar com minha mãe sobre nós, hoje, no final da tarde.

— Eu quero estar com você.

— Você não precisa se não...

Voltou a me abraçar.

— Nós estamos juntos, Aaron. Você não vai falar com ela sozinho.

Eu a beijei na testa. Meu coração explodindo dentro do peito.

Depois que deixamos o quartinho, entrei no banheiro de serviço e lavei o rosto. Desci correndo para a cave onde o senhor Ricardo me esperava um pouco impaciente. Tive que lutar para tirar Marília do corpo e das lembranças e conversar por quase uma hora com o pai dela sobre vinhos, vinícolas, uvas e safras.

— Oi — Marília disse, me trazendo de volta ao presente, olhei para ela e para a casa da minha mãe a poucos metros dali.

— Preparado?

— Sim. E você? — pergunto porque sei que a conversa talvez seja dura, minha mãe quando fica nervosa não é muito fácil.

Nós andamos um pouco e abro a porta da frente. É um domingo de folga da minha mãe e, também, o dia da reunião quinzenal com minha tia e meus primos. Na noite anterior, convidei Marília para me acompanhar à festa de natal da família.

Convidar Marília foi precipitado? Inconsequência? Uma mistura dos dois? Tudo depende de como minha mãe vai reagir agora.

Entramos em casa.

Se eu disser que não estou nervoso, estarei mentindo. Sei que quebrei uma promessa feita para ela e odeio isso.

— Mãe?! — chamo do meio da sala, e olho para Marília, segurando na mão dela.

— Oi, filho — ela responde saindo do quarto. — Você já está pronto? Nós vamos sair daqui a pou... — O som da voz dela morre conforme se dá conta da presença da Marília.

Minha mãe entreolha para mim e Lili, e então para nossas mãos dadas, arregalando os olhos.

— O que... O que.... mas o que... — tenta por uma terceira vez.

— Tenho que começar pedindo desculpas. — Ela faz uma negação incrédula, e eu prossigo: — Por ter omitido de você e por ter quebrado a promessa que te fiz.

— O que vocês fizeram? — pergunta com a voz fraca.

— Nos apaixonamos — respondo, tentando manter a postura tranquila.

Minha mãe se senta de uma vez no sofá.

— Vocês não podem — murmura —, isso é loucura.

— Mãe — começo com a voz baixa, mas firme —, isso não está em discussão, nós estamos juntos e vamos ficar pelo...

— Vocês são duas crianças — ralha um pouco mais ríspida —, não sabem o que estão fazendo.

Sinto os dedos de Marília apertarem de leve minha mão.

— Eu sinto muito mãe, mas decidimos tentar fazer isso dar certo.

— E o que o seu pai acha disso? — pergunta, visivelmente nervosa, encarando Marília.

— Ele ainda não sabe — Marília responde.

— É claro que não — minha mãe coloca com ironia. — O que vocês acham que vai acontecer quando ele souber?

— Eu não sei, dona Teresa, mas sei que nada do que ele faça vai nos impedir de levarmos nosso relacionamento para frente.

Minha mãe aperta a base do nariz antes de dizer:

— Dois jovens tolos e iludidos.

— Mãe, se eu não tivesse certeza do que sinto por ela, não estaria aqui. Você sabe dos meus sonhos e como luto para consegui-los. Nunca colocaria nada disso em segundo plano por uma ilusão, nem meus sonhos, e muito menos a senhora.

Minha mãe fica um tempo apenas nos encarando, a testa franzida e a expressão pensativa.

— Se eu perder esse emprego, meu filho, o que vou fazer da minha, da nossa vida?

Marília solta um suspiro trêmulo e então diz:

— Uma amiga, que tem casa na cidade há muitos anos, falou com algumas pessoas sobre uma vaga para caseira. O nome dela é Rosa, é uma pessoa de confiança e hoje cedo ela

me ligou dizendo que tem duas pessoas interessadas em conversar com a senhora e...

— Meu Deus, vocês estão fazendo tudo isso pelas minhas costas? — rebate, meio alterada.

— Mãe, eu não quero brigar, nós estamos aqui contando a verdade e tentando fazer com que isso seja apenas o que é na verdade: duas pessoas contando que se amam.

Ela nos entreolha.

— Há quanto tempo vocês estão juntos?

— Dez dias — respondo, já sabendo o que minha mãe vai falar sobre isso.

— Dez dias? Ai, meu Deus! E já sabem que foram predestinados um ao outro — bufa, parecendo impaciente —, como Romeu e Julieta.

— Nós nos falamos todos os dias há um ano e meio — começo devagar. — Marília é minha melhor amiga, tentei lutar contra o que estava sentindo desde o momento em que a conheci, mãe. Você me conhece e sabe que não sou um maluco impulsivo.

— Teresa — Marília diz, soltando minha mão e sentando ao lado da minha mãe antes de prosseguir —, o maior problema que a senhora pode ter com o nosso namoro é o meu pai enlouquecer e te mandar embora, certo?

Minha mãe concorda, parecendo ter mil dúvidas na cabeça.

— Você tem nossa palavra de que só iremos contar para ele quando a senhora estiver recolocada em uma casa boa, com uma nova família.

Minha mãe respira fundo umas três vezes.

— Se os seus pais não aprovarem o namoro de vocês, como você acha que poderão construir uma relação saudável e feliz? Além disso — aperta as mãos —, conheço o mundo e, apesar de achar lindo o que estão sentindo, tenho certeza de que — se vira para Aaron —, você jamais será aceito por essa gente, Aaron, sei como eles pensam, sei como funcionam.

Abro a boca e fecho sem saber o que falar. Quero acreditar que talvez os pais dela sejam diferentes, mas já vivi na pele o preconceito, a forma distorcida com que muitas pessoas ricas ou não, enxergam a vida, os outros, o mundo, as diferenças.

Marília olha para mim ao responder:

— Essa gente, dona Teresa, são meus pais. Não estou no seu lugar e nem no do Aaron, sei que é impossível e não é certo eu tentar me colocar nele ou querer falar por vocês, mas tenho certeza de que meus pais só querem me ver feliz.

Minha mãe faz uma negação, a expressão condoída.

— Vocês estão arrumando sarna para se coçar.

— Sei que meus pais — Marília insiste — podem se opor um pouco no começo, não sei se levarão as coisas ao extremo de te mandar embora, eles te adoram. E são boas pessoas, quando perceberem que estou feliz, ficarão do nosso lado, tenho certeza. Ao menos o meu pai ficará.

— Isso é loucura, uma loucura — repete baixinho.

Marília segura a mão de minha mãe.

— Dona Teresa, nos dê a sua benção, por favor. Isso é muito importante para o seu filho. Por favor.

Minha mãe me fita, e então a Marília, e depois volta a me olhar.

— Se eu disser que vocês são muito jovens e que, provavelmente, estão cometendo um erro, e continuar me opondo, vai adiantar alguma coisa?

Sento do outro lado da minha mãe, no sofá.

— Não — respondo segurando o ombro dela —, ficarei muito triste, mas não mudará a nossa decisão de continuar com o namoro.

— Então — ela segura a minha mão e a junta com a de Marília —, apesar de ainda achar uma loucura, vou colocá-los em minhas orações. Vou pedir pela felicidade de vocês e de todos que estão envolvidos. — E termina abraçando Marília com carinho.

Essa é a minha mãe. Tudo o que ela fez na vida foi pensando em mim, em nossa pequena família. Tudo o que sou e, ainda me tornarei, devo a essa mulher forte, corajosa, gentil e guerreira.

Marília olha sobre os ombros, murmurando somente com os lábios:

— Sua mãe é o máximo.

Sim, ela é.



Aaron

Tinha acabado de montar a barraca numa área que acreditei ser a mais perfeita e isolada do parque. Fixei as estacas embaixo de uma árvore, em uma clareira próxima a uma praia de água doce, pequena e tranquila, cercada por montanhas. Andamos cerca de duas horas pelas trilhas, mas valeu a pena, mesmo com o parque cheio por causa do feriado, conseguiríamos achar um reduto de natureza só nosso. Era uma vista de tirar o fôlego.

Marília tinha ido passar o Natal com a família em Bariloche, os pais ficaram por lá, enquanto ela disse que voltaria para

passar o Ano Novo junto a Rosa e, pelo que me contou, a amiga concordara em confirmar a história, caso fosse preciso.

— *Cuide bem dela, hein? — Rosa disse, antes de sairmos.*

— *Tem certeza de que não quer que fiquemos com você até o Cesar chegar? — Marília perguntou, e me esforcei para não franzir o cenho. Entendi o gesto da minha namorada, afinal, Rosa tinha concordado em mentir, se fosse preciso, para nos ajudar. Mesmo assim, meu lado egoísta não queria esperar para iniciarmos nosso passeio.*

— *Cesar chega amanhã cedo e eu fico bem sozinha, Lica. Além do mais, uma vez que concordei com essa... Bem, uma vez que concordei em servir de álibi, não faria vocês perderem um dia do tempo que têm juntos.*

— *Obrigado — disse, gostando de Rosa.*

— *Só concordei porque sei que falar a verdade agora complica para você e sua mãe, mas Marília me prometeu que assim que sua mãe estiver segura em um novo emprego, vocês contarão a verdade.*

— *Eu, mais do que ninguém, quero isso — repliquei, e Rosa sorriu transparecendo confiança e cumplicidade.*

Entendi porque Marília ficou amiga dela em tão pouco tempo. Ela parecia ser daquelas pessoas que não precisamos conhecer para confiar. Nem gostar para amar.

O guinchado longo de um falcão me traz de volta ao parque. Olho para Marília, agachada, catando gravetos, e sinto a garganta apertar. Ela usa shorts jeans, uma camiseta azul e bota de caminhada. O sol faz o cabelo castanho ganhar um tom dourado e deixa a pele ainda mais branca. Ela tem o rosto e o corpo mais perfeitos que já vi e é completamente inconsciente da sua beleza. Marília é o tipo raro de garota que, ao passar em frente a um espelho, não estaca para se olhar. Um tipo raro de garota que ao entrar em uma sala cheia de homens, não nota que se torna o centro de todas as atenções e olhares masculinos. Essa displicência inocente a deixa mil vezes mais irresistível.

Ela não se esforça para parecer sensual e, mesmo assim — e talvez por isso —, é a mulher mais sedutora que conheci.

Expiro pela boca ao vê-la levantar e agachar outra vez. O short justo evidenciando as pernas torneadas. Minha boca seca com a lembrança dessas mesmas pernas em volta de mim. Sem controle, meu pau dá sinal de vida. É um pouco incômodo ficar sempre assim quando Marília está por perto. Me sinto como um

adolescente eufórico. Agora mesmo, minhas mãos estão um pouco trêmulas enquanto termino de amarrar a corda na última estaca da barraca.

Barraca armada no sentido literal e figurado.

— Por aqui tudo pronto — digo, virando de costas para ela. Apesar de termos total liberdade um com o outro, não quero que ela me ache um cara cheio de tesão que só tem uma coisa na cabeça, e não é na de cima. Apesar de não ser mentira, passa longe de ser toda a verdade.

— Quantas pessoas cabem nessa barraca? — pergunta com tom de voz surpreso.

— Umas cinco.

Escuto o barulho da madeira sendo colocada no chão.

— Peguei vários gravetos. Acho que já temos o bastante.

— Vou buscar uns pedaços de madeira maiores para podermos acender a fogueira, mais tarde.

Braços macios me envolvem por trás.

— Estar aqui com você, desse jeito — ela dá um beijo no meu ombro —, é tão bom que acho vou fazer um pote para escrever e guardar os pedaços de eternidade desses dois dias.

Eu a viro de frente, beijando-a de leve algumas vezes, e ela sorri de olhos fechados. Perco o ar.

Pulso mais acelerado e mais frio no estômago.

— Você sendo poético é tão lindo.

— E você é a coisa mais linda desse mundo, sendo... O que você quiser ser.

Ela acha graça.

— Não sei porque acredito quando você diz isso para mim.

— É porque é verdade — digo, e dou um impulso, girando seu corpo nos braços, de surpresa.

Ela gargalha, e mil estrelas voam do meu coração.

— Vai achar a lenha antes que escureça, vou fazer o sacrifício de ler enquanto isso.

Estreito os olhos antes de responder com uma seriedade forçada:

— Esteja nua quando eu voltar.

A boca dela abre e seus olhos se arregalam um pouco.

— É brincadeira. Bem, não muito, mas, é! Você sabe que eu jamais te pressionaria e...

Ela ri outra vez.

— Vá pegar a lenha, Aaron! Vou pensar na sua proposta.

Meu corpo enrijece. Quero isso, quero demais. Quero tanto que fico meio tonto de expectativa, mas também não vou pressioná-la.

— Você sabe que foi uma brincadeira, não sabe? — pergunto, passando as costas dos dedos no rosto dela.

— Aham — concorda —, mas a minha resposta não foi.

Minha respiração acelera.

— Ah, meu Deuus, Lili.

— A lenha, Aaron — ela brinca.

— Certo, só vou dar um mergulho no lago gelado rapidinho antes de ir.

E Marília gargalha outra vez.

Saio de lá com a certeza de que esses serão os dois melhores dias da minha vida.



Marilia

— Humm, isso está com cheiro delicioso! — Aaron diz atrás de mim.

Desligo o fogareiro e sirvo as porções em um prato descartável.

— É noodles, Aaron, não tem como estar com cheiro tão delicioso.

— É com certeza a melhor refeição que um homem já comeu.

Gargalho.

— Como você é exagerado.

— Vamos ver o quanto eu sou exagerado — afirma, cobrindo meus olhos com as mãos e me impulsionando para andar.

— O noodle — protesto, dando alguns passos para frente.

— Vamos devagar, nada vai cair.

Aaron estava há mais de uma hora na nossa prainha privativa, como ele mesmo nomeou mais cedo. O lugar fica uns 20 metros para baixo do acampamento. Aaron me proibiu de olhar em direção a tal prainha enquanto me arrumava e preparava o nosso jantar. Quer dizer, ele pediu por favor para que eu não olhasse.

— É uma surpresa — explicou mais cedo.

É claro que eu estou morrendo de curiosidade. Afinal, o que meu namorado fez em um pedaço de areia de uns 30 metros quadrados, por mais de oitenta minutos?

Sim, eu contei os minutos.

— Cuidado aqui — Aaron me instrui junto à orelha quando passamos por um declive maior. — Pronto, chegamos — diz, descobrindo meus olhos.

Devagar e com o coração acelerado, abro os olhos.

— Meu Deus! — murmuro com a voz fraca. — Como?

— Ter ficado amigo de um dos vigias do parque na última semana, ajudou bastante.

Com os olhos cheios de lágrimas, vejo umas trinta velas dentro de potes de vidro espalhadas pela areia e algumas

menores penduradas nos galhos das árvores que lançam ramos como um dossel sobre uma parte da praia.

Mais adiante, algumas almofadas, uma mesa baixinha coberta com uma toalha verde e um arranjo de flores brancas no meio dela. Ao lado, um colchão de casal daqueles infláveis coberto com duas mantas coloridas, e uma fogueira que com certeza, ajudará a aquecer a noite.

Ele segue a direção do meu olhar.

— O colchão é para olharmos as estrelas.

Meu coração acelera ainda mais.

— Obrigada — é tudo o que consigo murmurar.

— Conte com a sorte de termos um clima bom hoje, admito.

Engulo o bolo de emoção na minha garganta antes de perguntar:

— Você trouxe tudo hoje, naquela mochila?

Ele sorri divertido.

— Não. Trouxe as coisas aos poucos. Hoje de manhã por exemplo, trouxe as velas e as flores.

— E a mesa e as almofadas?

— A mesa desmonta, e as almofadas são muito leves

— Quantas vezes você fez essa trilha?

— Na última semana? Umas duas vezes — responde com ar descompromissado.

Mas não tem nada de descompromissado nessa cena. Nesse cenário de sonhos que ele criou dentro de uma porção de areia. Dentro de um pedaço da nossa eternidade.

Ele pega o prato com *Noodles* da minha mão e coloca em cima da mesa.

Reparo nas taças descartáveis, na garrafa de champanhe que peguei da adega do meu pai e em um prato com queijos e algumas uvas.

— Também teremos o melhor doce de leite do mundo de sobremesa.

— O argentino, é claro.

— É claro. Os argentinos sempre serão os melhores, Li, em tudo.

Acho graça, e o abraço, emocionada.

— Você tem razão, é a melhor ceia de réveillon de todos os tempos. Mas não sobre os argentinos serem os melhores em tudo, nisso eu tenho muitas dúvidas.

Ele beija a minha testa algumas vezes, antes de dizer com um riso na voz:

— A melhor ceia, a melhor companhia e, até o fim da noite, espero mudar sua ideia sobre os argentinos.

Gargalho e reparo no céu, na linha das montanhas que delineiam o pôr do sol, no lilás rosa e dourado derrubando um manto calmo e aveludado. É o nascer silencioso de mais uma noite. Ainda está claro, apenas duas estrelas se mostram, como os olhos de um artista, como o coração e a mão de um poeta ou os brincos díspares de uma deusa.

— É lindo — comprovo, emocionada.

E, então, Aaron faz uma vênica engraçada e ajeita uma das almofadas.

— Vamos sentar, mademoiselle? Antes de me juntar a você... Ah! Quase me esqueço! — Ele se abaixa e liga a caixinha de som. — A melhor companhia, com a melhor ceia e a *playlist* mais melosa dos últimos anos.

— *Moon River*, Frank Sinatra? — pergunto, surpresa.

— Ele é o mestre das músicas românticas, não é?

Concordo com a cabeça, olhando ao redor. Apesar da trilha sonora ser a mesma que estou acostumada a ouvir nos jantares da minha família, Frank Sinatra nunca pareceu tão perfeito.

No final do jantar, damos risadas sobre como um noodle frio pode ser tão maravilhoso, ou como um queijo cheddar de pacotinho é sem dúvida nenhuma o melhor queijo do mundo, ou ainda, como nenhum doce de leite baterá os argentinos, jamais!

Neste momento toca *Write in the sky* de Kina Grannis, e brinco com uma semente de uva no canto do prato de plástico.

— É incrível como uma semente desse tamanho tem toda a informação que a planta precisa para se tornar uva. Você já parou para pensar nisso? Quer dizer, como será que a informação fica registrada, aqui dentro?

Aaron me encara com intensidade.

— Não, nunca pensei — murmura, me convidando a continuar.

— Às vezes, imaginava que as sementes tinham mundos completos dentro delas. A semente de uva por exemplo, teria um

mundo das uvas. Cidades inteiras com casas, carros, escolas, árvores, céu, mar e pequenas uvinhas vivendo felizes.

— Pequenas uvinhas? — pergunta sorrindo.

— Tipo uvas microscópicas e, então, ao plantarmos os mundos de uvas sementes, eles crescem e viram uvas maiores e mais sementes nascem cheias de miniuvinhas.

Observo Aaron, que levanta apenas uma sobrancelha em uma expressão especulativa.

— O que é?

— Então, com as bananas, com os tomates, com os figos acontece o mesmo?

— Com qualquer semente — rebato bem-humorada —, bem, se realmente fosse assim, seria incrível.

— Sabe o que eu acho incrível, Li?

Nego com a cabeça, suspirando com a maneira intensa com que Aaron volta a me olhar.

— Que uma garota como você, que tem absolutamente tudo que o dinheiro pode comprar, seja capaz de encontrar tanta beleza em uma semente de uva.

E meus olhos enchem de lágrimas, rápido assim. Em três segundos na verdade. Sorrio disfarçando.

— Isso engana muito, sabe? — Encolho os ombros. — O dinheiro ajuda a comprar muitas coisas boas, mas ele não compra aquilo que é essencial, como o amor, por exemplo.

Aaron levanta, e prossigo com o coração acelerado:

— Ele te liberta de muitas coisas, mas não compra liberdade.

Para na minha frente, o peito largo subindo e descendo rápido.

— Ele não compra isso — olho ao redor — que senti quando vi tudo o que você fez aqui, entende?

Aaron segura embaixo dos meus braços e me levanta com um impulso.

— Entendi, Lili, ele compra as uvas, mas não compra o mundo dentro das sementes, certo?

Sorrio, surpresa com a conclusão do meu namorado.

— E você está chorando outra vez! — Ele comprova beijando as minhas lágrimas.

Um pouco sem graça por ser tão emotiva, tento me explicar:

— Em minha defesa, você sabia que as lágrimas choradas por alegria, gratidão e amor são quase doces, enquanto as choradas por tristeza e raiva são ácidas e bastante salgadas. E, bem, eu amo doces.

— Deixa eu ver... — Então ele beija e lambe toda a extensão do meu rosto amolecendo minhas pernas no caminho.

— Doces — murmura —, estão doces.

Eu quis sorrir, mas ele pressiona os lábios nos meus e me beija com uma paixão capaz de reascender mundos apagados e de provocar o encontro entre galáxias.



Aaron

Conforme a noite avança, mais estrelas brilham no céu. Comemos e bebemos champanhe, e me sinto o cara mais rico do mundo, o mais sortudo e com certeza o mais feliz.

Olho para o relógio do celular em cima da mesa:

22h30.

Falta uma hora e meia para o ano novo, e estamos tão absortos em nosso pedaço de praia e na companhia um do outro, que esquecemos o dia e as horas. Porém, com a breve ausência de Marília, observo o relógio pela segunda vez em poucos minutos.

Ela subiu em direção ao acampamento, dizendo ser a sua vez de fazer uma surpresa.

Observo ela descer pela trilha com uma sacola na curva do braço, e meu coração acelera pela expectativa. Ela se aproxima com um sorriso preso, uma mistura de divertimento e ansiedade.

— E o que vai ser? — pergunto, quando ela coloca a sacola junto ao colchão de ar.

— Você vai ver — responde passando a malha de lã e o vestido pela cabeça, ficando apenas de biquíni.

Minha garganta aperta.

— Você quer nadar? — falo, tentando manter a coerência.

Nega e segue concentrada, mexendo na sacola.

— O que tem aí? — prossigo em dúvida.

— Tira a calça e a malha... Eu vou explicar.

Nada. Eu disse nada, que eu já tenha ouvido, soa mais sexy do que Marília de biquíni, pedindo para eu tirar a roupa. Mas uma parte minha que ainda tenta manter a razão pergunta:

— Para quê?

— Vai ser divertido, confie em mim.

Quem sou eu para duvidar? Incapaz de continuar pensando, desamarro a calça e deixo escorregar pelas pernas conforme tiro a malha pela frente da cabeça, me livro do chinelo, deixando a calça para trás ao dar dois passos, mantenho apenas a boxer no corpo.

Minhas vísceras se contraem quando Marília me analisa de cima a baixo, devagar. As bochechas dela se tingem de vermelho, acompanho, a respiração instável, a língua rosada percorrer os lábios cheios. Preciso beijá-la, preciso dela. Agora.

— Sempre quis tatuar algumas frases de livros pelo corpo
— diz, tirando da sacola alguns *poket books* e canetas tipo *pilot*.

Pisco lentamente, tentando achar a capacidade de pensar, falar e respirar. Simplesmente não consigo, meu peito desce e

sobe rápido, o sangue se concentrando em apenas um ponto, um que talvez não esteja sendo convidado a entrar na brincadeira, *não ainda*. Tento me distrair com a imagem de Marília, banhada pela luz do fogo, circulada pela luz das estrelas, o cabelo revoltado em torno do rosto e somente de biquíni, segurando meia dúzia de livros em uma mão e um jogo de canetinhas na outra. Meu peito estremece pela vontade de rir — nervoso — e ando até ela, vencendo a distância e cobrindo o rosto perfeito de beijos.

— Espera — pede, tentando me afastar —, deixa eu te explicar a brincadeira.

— Li — sopro na sua orelha —, tem várias brincadeiras que quero fazer com você agora e nenhuma delas inclui livros e canetinhas.

Nós lemos um para ao outro mais cedo e, apesar de amar fazer isso com Marília, agora, só quero ficar com ela, quero tocar e ser tocado.

— Me escuta — murmura, rindo porque eu não paro de beijá-la —, vamos escrever estrofes de poesia no corpo um do outro.

Paro mais uma vez surpreendido por ela, que prossegue afobada:

— Nós abrimos um livro, aqui tem Meireles, Fernando Pessoa, Neruda, Shakespeare, Mario Quintana, Blake... Só os melhores. E então, lemos um trecho e copiamos na parte do corpo que acreditamos conversar melhor com o que acabamos de ler e...

Eu a beijo como um desesperado.

Meu Deus!

É possível se apaixonar várias vezes por uma mesma pessoa?

Começo a ter certeza de que sim.

Que ideia mais incrível. Como alguém pode transformar todos os momentos e coisas como canetinhas, sementes de uvas e estrofes de poesia em mágica?

Eu me afasto um pouco para encará-la, maravilhado, hipnotizado por tudo. Por ela.

— Eu começo — digo com a voz rouca.

Pego o primeiro livro da pilha — William Blake — e paro em uma página de maneira aleatória.

— Abre a mão — peço baixinho, rouco.

Ela estende a esquerda, virada para cima e eu escrevo:

“Capturar o infinito na palma da mão

E a eternidade numa hora”

Embaixo da frase, desenho o símbolo do infinito. Viro a mão dela para cima plantando um beijo demorado sobre ela.

Marília abre um sorriso enorme ao ler o verso que transcrevi.

— É incrível — diz, sem desfazer o sorriso —, parece que Blake escreveu para nós.

Concordo retribuindo o sorriso, ainda meio tonto com a coincidência. Com tantos versos, o primeiro que eu li foi esse. Não tive que procurar, nem pensar. Ele saltou da página.

— Minha vez — ela afirma, interrompendo meus pensamentos.

Abre o livro e o lê, uma ruguinha de atenção entre as sobrancelhas, e rouba o ar do mundo ao aproximar o rosto do

meu corpo. Quando a ponta da caneta toca o osso do meu peito e começa a traçar contornos e letras, tenho que fechar a mão com força para me controlar. Marília segue o traçado até meu estômago encolher, esfriar, esquentar.

Quando ela termina, meus olhos pesam de desejo.

Abaixo o queixo tentando ler, mas não consigo.

Ela lê para mim:

*“Amar é ter alegria que extravasa,
amar é sentir-se no firmamento.
Amar é mudar a alma de casa,
é ter no outro, nosso pensamento.”*

Mario Quintana

Cerca de meia hora depois, estamos com boa parte do corpo coberto por frases, estrofes, versos e poesias inteiras. O que tinha começado como uma brincadeira, uma troca sensível e única, se transforma aos poucos em um dos momentos mais sensuais da minha vida. Cada toque da caneta junto com a mãos

quentes e a respiração de Marília próximos à minha pele, tencionam os meus músculos, arrepiam a pele, aceleram o meu coração fazendo miséria com meus sentidos.

Escrevi parte de uma estrofe de Neruda contornando os seios fartos, respeitando os limites do biquíni. Noto que os mamilos dela estão entumecidos e marcam o tecido. Com os olhos escurecidos e pesados, Marília parece tão afetada quanto eu. Já desisti de ficar constrangido com a evidência do meu desejo por ela avolumando a boxer branca desde a terceira frase que escrevemos um no outro.

Ela umedece os lábios antes de perguntar:

— O que você escreveu?

Engulo em seco, tentando encontrar forças para falar:

“Integração na cama ou já no cosmo?

Onde termina o quarto e chega aos astros?

Que força em nossos flancos nos transporta...”

Pablo Neruda

Termino quase sem voz.

— Nos transporta? — ela pergunta com respiração instável.

— Não tinha mais espaço.

Minto. O problema são minhas mãos trêmulas e o desejo que toma conta de tudo dentro de mim.

Assisto, vidrado, a ela desfazer o laço que prende o biquíni nas costas e se livrar dele, enquanto o mundo cai ao redor como uma tempestade de estrelas. Os seios são claros e redondos, encimados por mamilos cor-de-rosa, da cor dos lábios dela. A luz da lua e do fogo se misturam com a pele branca, com as ondas do cabelo castanho dourado, com os lábios entreabertos e avermelhados e com as faces coradas.

— Li — digo, rouco, e mal reconheço minha voz —, eu não vou aguentar.

Nós estamos sentados na beirada do colchão inflável, e ela anda sobre os joelhos até colar os lábios na minha orelha.

— Minha vez — murmura.

Meu membro contrai e pulsa, endurecendo ainda mais.

Engulo em seco. Uma, duas, três vezes.

Quero dizer que não aguento mais nada a não ser beijá-la. Estar nela de todas as maneiras possíveis. Mas paro com a boca aberta, o coração martelando, quando Marília senta no meu colo, envolvendo com as pernas o meu quadril.

— O meu verso é:

Me ame, Aaron.

Quero ser sua agora.

Não quero mais esperar.

E tudo se funde com aquelas palavras, o céu, a praia, as velas, eu e Marília.

Seguro o rosto dela entre as mãos e me obrigo a perguntar:

— Tem certeza?

Ela coloca os dedos em cima dos meus lábios.

— Absoluta.

Então, faço o que estava querendo desde que começamos aquele jogo de palavras. Pressiono os lábios nos dela, de leve. Persuadindo-a abrir a boca com carícias lentas.

Suspira antes de dar passagem para a minha língua e, quando a invado, quero conquistar todo o território perdido desde a última vez em que nos beijamos. Mexo a língua com movimentos profundos e circulares, abrindo espaço para recebê-la em minha boca. Nossas línguas se tocam, gemo de satisfação, e ela responde gemendo junto comigo.

Com um desejo alucinante de provar e senti-la ao máximo, sigo com a boca pelo pescoço delicado, desenhando círculos rápidos. Conforme ganho espaço alcançando o ombro, meu movimento exige que ela se deite. O colchão nos recebe afundando. Nossos corpos se encaixam, se completam, ela arfa embaixo de mim. A ponta dos seios toca a pele do meu peito e uma corrente elétrica e deliciosa percorre meu sangue. Um meteoro cai em algum lugar da terra ou em cima do meu corpo, abrindo uma trilha até os nossos corações. Desesperado, deixo beijos suaves alcançando um dos seios.

Ela passa os dedos nos meus cabelos, conforme envolvo um mamilo entre os lábios e sugo com paixão. Engulo o bolo formado em minha garganta com a explosão de sensações que assola meus sentidos quando ela começa a se movimentar embaixo de mim. A coxa macia comprimindo meu pau duro,

fazendo meu ventre contrair junto com ele, sem parar. Estou doendo por ela. Doendo muito.

Sugo e rodeio com a língua o mamilo e Marília aumenta a pressão dos dedos, arqueando o corpo, pressionando minha cabeça para baixo.

— Aaron — ela me chama com a voz quebrada.

Sem responder, mudo para ao outro seio e continuo estimulando o mamilo úmido com os dedos.

Baixo a boca pelas palavras de Neruda e encontro alguns versos entre os pelos arrepiados, prossigo por Fernando Pessoa descrito nas costelas, sentindo a pele sedosa tremer. Beijo-a até alcançar o centro em volta do umbigo, onde Shakespeare tenta enfeitar a poesia mais linda, que são os sons do prazer e as ondulações do ventre de Marília. Deixo mordidas leves em volta da virilha e me perco entre os versos de mais um poeta. Seguro-a pelos quadris, puxando-a para baixo conforme me ajoelho no chão, entre as pernas dela. Baixo a cabeça e me entrego à única vontade que tenho, dar prazer a ela. Fazê-la alcançar as estrelas.

— Ah, humm... Aaron — geme várias vezes o meu nome e outras palavras perdidas, versos nunca escritos, pedaços de

poemas e súplicas.

Eu a beijo por cima do biquíni até ele estar úmido e quente, até Marília ondular os quadris e gemer de maneira frenética.

Então, removo a peça e abro as dobras rosadas. Passo a fazer o mesmo na pele nua, no clitóris, sugando e traçando caminhos com a língua, conforme a invado com um dedo uma e outra vez.

Ela é tão quente e apertada. Porra!

Meu pau fica ainda mais duro e lateja.

Sinto ela tremer e contrair quando introduzo mais um dedo devagar, aumentando o ritmo das investidas. O corpo inteiro dela tenciona, como a corda de um violão muito esticada, e então vibra, como todas as cordas em movimento fazendo música na minha boca, nos meus dedos, no meu corpo inteiro quando explode gemendo alto.

Escalo de volta beijando os versos de Shakespeare, Pessoa, Neruda, e emolduro o rosto delicado com as mãos, seus olhos estão cheios de lágrimas, divididos em mil facetas, como um diamante, refletindo cada pedaço da minha alma e do meu coração.

— Li, seus olhos têm um milhão de estrelas.

— Os seus também.

— Estou falando sério, têm mesmo milhões de estrelas.

Todas do céu.

Sorri, lânguida como um filhote satisfeito.

— Obrigada — diz. — Por tudo. Por você, por tudo.

E eu sei que nada nunca foi tão forte.

Nada nunca será tão forte. Essa certeza faz uma onda gelada envolver meu estômago. Depois que fizermos amor, nunca mais serei o mesmo.

— Acho que é impossível amar uma estrela e voltar à Terra outra vez. O que vamos fazer Lili, vai me marcar e me mudar para sempre.

— Aaron — ela murmura, e eu a beijo porque as palavras não são suficientes.

Minhas costas contraem sob o toque dos dedos finos e suas mãos deslizam até o cócs da boxer, Marília começa a tirá-la.

— Eu quero você Aaron, dentro de mim — diz baixinho.

— Eu quero você dentro de mim, quero estar dentro de você.

Tiro a boxer libertando minha ereção dolorida e agarro a bermuda que está na ponta do colchão, alcançando a camisinha no bolso.

Um fio de sorriso nasce no canto dos lábios dela e sinto a ponta do meu pau pressionar a entrada quente e estreita. Todos os meus músculos tremem. Lábios macios beijam os meus e descem em seguida por meu pescoço, voltando pela linha do maxilar.

Eu a penetro mais um pouco.

As veias do meu pescoço pulsam aceleradas.

Penetro mais um pouco.

O calor apertado me convida a tomar tudo, a me impulsionar com força, a tentar nos aproximar o máximo possível.

— Ahn — ela arqueja quando entro um pouco mais, travando o maxilar, conquistando e ganhando centímetro a centímetro, deixando que se acostume com a invasão, com o tamanho do meu desejo, da minha necessidade por ela.

O cheiro de lavanda, água doce e Marília, me deixa ainda mais tonto de desejo. No fundo, acho que *When I fall in love* está tocando.

Penetro um pouco mais e sinto uma resistência maior.

Sem me conter, grunho de prazer e desespero.

— Desculpa, Li — começo, a voz rouca a respiração saindo em rajadas curtas pela boca —, acho que talvez agora, doa um pouco.

Ela concorda com a cabeça, erguendo os quadris e me convidando para continuar. Invisto de uma vez e a beijo, engolindo nossos gemidos. Fico quieto por alguns segundos, sentindo-a pulsar em volta de mim. Tão molhada, tão apertada e tão quente. *Perfeita*.

— Você sente, Li? — Eu me afasto um pouco para encará-la. — Sente como os nossos corações pulsam dentro da gente, onde estamos juntos?

Ela fecha os olhos ao responder:

— Sim, eu sinto. Faça amor comigo, Aaron.

E eu começo a me mexer devagar sentindo a maneira como momento a momento, ela se entrega, e meu prazer cresce. Ela

se contrai, e meu corpo é percorrido por ondas quentes e frias, elétricas, e tão boas! Ela geme, vou mais fundo. Arqueia o pescoço, e invisto com mais força. Arranha as minhas costas e me beija com desespero, e arfo louco por ela. A cada investida, mil choques passam por todo o meu corpo e me levam para fora desse mundo. Então, movimento o quadril de um jeito diferente, mais profundo, ondulando um pouco no final, e ela estremece.

— Assim? — pergunto, segurando o rosto dela entre as mãos, e repito o movimento, sentindo-a apertar com força em volta de mim.

— Sim — e geme, jogando o pescoço para trás.

Prossigo e me movo da mesma maneira mais uma, duas, três vezes, até todo o corpo dela se desfazer vibrando, apertando e pulsando.

É demais para mim.

Todos os meus nervos são inundados pelo êxtase. Juro que vejo e escuto uma estrela cadente riscar o céu, talvez duas, no momento que sou tomado por espasmos no maior e mais arrasador orgasmo da minha vida.

— Meu Deus! — Arquejo, investindo mais uma vez, e as palavras em nossas peles se misturaram por completo enquanto me derramo dentro dela.

Solto o corpo ofegante.

Meus músculos ainda tremem. Não sei quanto tempo dura o êxtase. Sei que as minhas costas ardem, como se a luz das estrelas tivesse marcado minha pele para sempre, junto com a certeza de que meu coração deixa de ser meu. Porque sim, eu a amo. Eu a amo tanto.

— Eu te amo, Lili das estrelas — confesso, e a beijo nos lábios várias vezes.

Ela suspira embaixo de mim e viro o corpo trazendo-a para junto. Busco, com os pés, as mantas que estão emboladas em nossas pernas e nos cubro.

Marília aconchega a cabeça no meu peito antes de dizer:

— Eu te amo, Aaron dos cervos, das montanhas. Para sempre.

— Por toda a eternidade — juro baixinho, e pouco depois nós dormimos ouvindo *Kiss me*, de Ed Sheeran.



Marilia

Arrumo as coisas na mochila, mordendo os lábios para não chorar. Os últimos dois dias foram os melhores da minha vida. Sabendo que o nosso tempo era limitado, tentamos aproveitar ao máximo cada momento. Fizemos outra fogueira, dançamos na nossa prainha. Meu namorado tocou violão, lemos um para o outro, nadamos e fizemos uma trilha até uma cachoeira linda, uma das principais atrações do parque. E...

Nos amamos.

Muitas vezes.

De todos os jeitos.

Naquela manhã, sentei sobre ele e o acordei, foi lento, gentil e entregue.

Então ele assumiu o controle e, quando estava a ponto de me desfazer, Aaron preencheu minha boca e terminamos juntos, gemendo dentro do beijo. Aquela foi diferente de todas as outras

vezes; nos amamos em silêncio, olhos nos olhos, respirações encontradas, como se soubéssemos que teríamos que esperar algum tempo antes de estarmos juntos assim, novamente.

De certa maneira eu sabia.

— Tudo pronto? — Aaron pergunta, atrás de mim.

Nós arrumamos quase tudo em menos de uma hora.

— Sim — respondo baixinho.

O clima pairando no ar é uma mistura de desejo que esses dias não acabassem nunca, com alegria e gratidão por termos nos permitido viver. Na verdade, lembro a real despedida que enfrentaremos dali sete dias. Vou voltar pra São Paulo e Aaron vai para Buenos Aires. Tenho que morder o lábio outra vez para não chorar.

Aaron percebe e me abraça.

— Eu também vou sentir falta de nós dois assim, sem sermos mandados pelo relógio, sem termos que esconder o que sentimos — e beija minha testa —, sem nos preocuparmos com nada e ninguém, a não ser em estarmos juntos.

Não aguento e deixo algumas lágrimas caírem no ombro dele, onde apoio o rosto.

— Como será daqui a uma semana, Aaron?

Ele se afasta um pouco e enxuga minhas bochechas.

— Eu também penso nisso. Mas tenho certeza de uma coisa, o que estamos sentindo um pelo outro não deve ser motivo de lágrimas salgadas, tudo vai dar certo, Lili das estrelas, você vai ver.



“O amor deve ser livre para sair por aí, aportar na margem escolhida e respirar.”

UM LUGAR BEM LONGE DAQUI, DELIA OWENS

Marilia

Tudo está certo.

Tudo dará certo.

Tento me convencer quando eu e Aaron entramos juntos no hall da minha casa.

Faz dois dias que voltamos da nossa viagem mágica e parece que o mundo vai desabar ao nosso redor, sem nem

entendermos direito como.

Tento me convencer de que a conversa será fácil, de que nada poderá dar errado, afinal, não somos mais crianças, e o único motivo de não termos contado sobre nosso namoro, até então, é a segurança e o emprego da mãe de Aaron. Mas as coisas não são tão simples assim e, principalmente, não eram para terem acontecido desse jeito. Não com o puto do Felipe tendo visto a gente se beijando há pouco e, com certeza, dando com a língua nos dentes. Não com a mãe de Aaron ainda precisando do emprego, com...

— Eu desejo você o tempo inteiro — Aaron disse, e me beijou pouco antes de sermos interrompidos por Felipe no jardim, dez minutos atrás.

— Marília, seu pai quer falar com você, com vocês — afirmou arrogante, e saiu, sem dar tempo de reagirmos.

Cobri o rosto, resfolegada.

— Acho que ele nos viu, merda. Acho que ele foi falar com meu pai.

— Covarde filho da puta — Aaron xingou baixinho.

Agora, os dedos dele apertam os meus, conforme entramos na sala íntima, onde meu pai e minha mãe nos esperam.

Suspiro, tentando me convencer:

Tudo vai dar certo.

Tudo acabará bem.

E paramos de frente para os meus pais com as mãos entrelaçadas.

Meu pai arregala os olhos e os estreita em seguida, antes de dizer com a voz baixa e isenta de emoções:

— Quando Felipe nos contou que vocês precisavam falar conosco dizendo que ele — aponta para Aaron — tinha aprontado algo, eu achei que era uma brincadeira de mau gosto.

— Senhor Ricardo — Aaron diz com firmeza —, não era para o senhor ter ficado sabendo dessa forma, nós íamos contar que estamos...

— Eu não estou falando com você, seu moleque — interrompe meu pai. — Marília, diz pra mim que isso é uma brincadeira.

— Não — respondo me controlando. — Estamos apaixonados.

Três coisas acontecem simultaneamente, Aaron aperta mais os meus dedos para me dar apoio. Meu pai gargalha sem achar graça, e minha mãe murmura, pálida:

— Meu Deus, ela está namorando esse malandro, esse oportunista?

— Clara! — meu pai repreende em voz baixa.

— É isso que ele é, não é mesmo?

Quatro coisas na verdade, porque meus olhos se enchem de lágrimas e eu explodo em seguida:

— Mãe, olha o que você está dizendo!

— Olhe você — ela arfa nervosa —, se veste e se comporta como uma hippie e, agora vem me dizer que está namorando com esse... com o...

— O filho pobre da caseira?! — Aaron diz, o maxilar travado.

Ela fica quieta.

Os lábios do Aaron estão tremendo.

— Na real, se tivesse o poder de apagar algum sangue, seria o do meu pai. — Ri, irônico, atingido. — O sangue dele é a única genética ruim que tem no meu corpo e, pasme, a família dele que o renegou antes de eu nascer, sempre teve dinheiro.

— Meu Deus, quanta raiva vocês têm de quem é rico — minha mãe murmura, como se estivesse horrorizada. — Cruzes, não sou preconceituosa, é somente que... — Ela dá uma risadinha nervosa. — Isso nunca vai dar certo.

É a minha vez de apertar a mão de Aaron, tentando não perder o controle. Eu tenho raiva da minha mãe. E vergonha.

— Se o seu conceito de dar certo e ser feliz é esse, tomara Deus que eu nunca dê certo para você.

— Chega, Clara! — meu pai repete, mais enfático. — Você está piorando as coisas.

Ela fica um tempo em silêncio nos analisando e arregala um pouco os olhos, como se tivesse acabado de descobrir algo, antes de prosseguir:

— Agora entendi tudo. Estão explicadas as suas saídas noturnas durante as férias, por isso foi para Buenos Aires antes? — Vira para o meu pai explicando: — O garoto mora lá, Ricardo,

e é por isso que essa criatura desajuizada tem saído de casa todas as noites. Estão nos enganando há tempos.

— Isso é verdade, Marília?!

Respiro fundo antes de responder:

— Nós queremos ficar juntos. Nós vamos ficar juntos.

Minha mãe bate com os dedos sobre a pernas.

— Eu não disse? — E abre uma das mãos no ar. — Sabia que tinha alguma coisa errada acontecendo com ela.

— Meu namoro com Aaron não é uma coisa errada — rebato, nervosa, e olho meu pai que nos observa com ar pensativo.

Minha mãe sussurra se aproximando do meu pai:

— Pelo menos ela não é lésbica.

Mas eu escuto.

— O quê? — Simplesmente não consigo entender como alguém pode ser tão horrível e preconceituosa como a minha mãe.

— Venho te contar que estou namorando, que estou apaixonada, e você classifica meu namoro como um erro e tenta

humilhar meu namorado. — Inspiro, exaltada. — Se a sua intenção era nos ofender, passou muito longe.

— Dona Clara — Aaron começa devagar, tentando manter a calma, mesmo tendo sido tão ofendido —, nós realmente estamos apaixonados, estou disposto a fazer o que for preciso para que vocês entendam isso e que aceitem o nosso compromisso.

Minha mãe respira fundo e estica a coluna antes de dizer:

— Tenho certeza de que o que vocês estão fazendo jamais será um compromisso. Como pensa que pode acompanhá-la aos jantares de gala da nossa família, vestir um smoking e se sentar à mesa. Sem se... Oras! Sem se constranger e constranger Marília e a nossa família? Tsct — estala a língua—, seu pai é um ex-presidiário, pelo amor de Deus! Pelo bem de vocês, terminem com essa loucura antes que existam consequências e...

— Como você pode ser tão ruim? — grito. — Ele nunca me envergonharia, nunca! Tenho vergonha é de você.

— O que eu fiz para merecer isso? Não aguento ver uma coisa dessas e ainda ouvir esse tipo de insulto. Você não teve nem a dignidade de vir nos contar, quando avisaria, hein? Depois

que estivesse grávida? Saindo de casa para morar com esse...
Com ele?

Minha mãe se levanta devagar sem perder a pose, sem que nenhum fio do cabelo impecável se mexa, e deixa a sala, em silêncio.

Meu pai parece impassível diante do mundo que cai e pigarreja antes de falar, olhando para Aaron com uma falsa calma:

— Eu confiei em você e em sua mãe.

— Minha mãe não tem nada a ver com isso, essa foi uma decisão nossa — Aaron contrapõe, mantendo o tom.

Mas consigo ver o que está acontecendo, olhos vidrados, respirações rápidas, veias pulsando dilatadas. Essa é uma conversa muito, muito tensa e horrível. Só quero chorar e abraçar o Aaron, prometer para ele que tudo vai ficar bem.

— Que lindo — ironiza meu pai. — Como é lindo o amor. — Olha para mim. — Marília, vá para o seu quarto e feche a sua mala, nós voltaremos hoje para o Brasil.

Nego, sem nem perceber o que faço.

— Ah, não?! — pergunta com frieza.

— Não sou mais uma criança — digo, atingida. — Ou você me escuta e conversa como um adulto, ou juro que sairei de casa, vou viver longe de tudo isso.

Sinto o polegar de Aaron desenhando círculos nas costas da minha mão.

— Você vai viver como, posso saber? — Aponta em nossa direção com desprezo e lágrimas agulham meus olhos. — Não conte comigo, mocinha, vocês não terão um centavo do meu dinheiro.

Engulo o bolo de choro preso na garganta, e os dedos de Aaron estão incertos contra os meus.

— Você está me proibindo de namorar o homem por quem eu me apaixonei, porque ele não tem dinheiro, é isso?

Aaron aperta minha mão outra vez, e vejo meu pai respirar fundo.

— Vocês não sabem o que estão fazendo! — Aponta para Aaron. — E você, meu jovem, vai deixar sua namorada brigar com a família, ficar sem um tostão, deixar todos os sonhos dela para trás, para viver um grande amor?

A respiração de Aaron acelera.

— Eu nunca a pressionaria ou a influenciaria para desistir dos seus sonhos, e, senhor Ricardo, não pedi para ela fazer nada disso, é o senhor quem está pedindo.

— Difícil de acreditar — meu pai ironiza.

E meu sangue ferve outra vez.

— Aaron é uma das melhores pessoas que já conheci, ele é honrado, sensível, é meu melhor amigo, e eu o amo. Entendeu?
— afirmo, sentindo as lágrimas escorrerem por minhas bochechas. — Nem você, nem a mamãe, nem ninguém vai me fazer desistir dele ou esquecê-lo.

E, para meu desespero, meu pai bate palmas sem achar graça.

— E quanto a você, ama minha filha?

— Eu a...

— Não me diga — interrompe bruscamente —, deixa eu adivinhar, também está disposto a largar tudo e ir atrás dela?

— Sim — afirma, entredentes. — Estou disposto ao que for preciso para tentar fazer o que tenho com Marília dar certo.

— Isso nós já vamos ver — meu pai murmura, antes de olhar para mim. — Filha, eu quero falar com esse garoto, a sós.

— Não. — Nervosa, aperto mais o laço de nossas mãos.

— Ele não é homem o bastante para te seduzir embaixo do meu teto e depois vir aqui na minha frente jurar amor eterno? Eu só quero uma conversa de homem para homem com ele.

— Não, eu fico — repito com a voz embargada.

— Vá, Lili — Aaron pede com suavidade.

Atordoada e confusa com tudo o que está acontecendo, com essa reação tão exagerada, tão diferente da que tinha imaginado que meu pai teria, continuo encarando o homem à minha frente, hipnotizada, como se ele fosse um estranho, até sentir os dedos mornos de Aaron tocarem em minha bochecha.

— Minha estrela — me chama baixinho —, deixa eu falar a sós com seu...

— Não encosta nela na minha frente, seu aproveitador — meu pai berra.

— Não fala assim com ele — ralho, desesperada.

Aaron ignora a ofensa e a ordem do meu pai, beijando a minha testa antes de pedir, junto à minha orelha:

— Vai ficar tudo bem aqui, faça o que seu pai está pedindo e nos deixe um pouco a sós.

Inspiro o que consigo de ar e concordo, relutante, com a cabeça.

— Eu te amo. Estarei aqui ao lado — murmuro, antes de sair da sala. — Eu te amo — repito, como se precisasse deixar gravado para ele, depois do que ouvimos dos meus pais.



“(...) Ao menos por um instante, decido acreditar que amanhã será diferente, que amanhã serei capaz de eliminar os demônios do passado que dançam em meu encaço.”

O ROUBO, PAOLA ALEKSANDRA

Aaron

Meu corpo inteiro treme de raiva e só consigo me controlar porque o senhor Ricardo, além de ser um homem de meia idade, é o pai da minha garota.

Assisto quando se dirige para a bandeja de prata com algumas garrafas e copos de cristal no aparador, ao lado da lareira.

Escuto o barulho do líquido sendo vertido e, em seguida, assisto quando dá um gole na bebida âmbar.

— Quer uma dose? — pergunta, erguendo o copo no ar.

Nego com a cabeça.

O senhor Ricardo dá mais gole antes de prosseguir:

— Eu não costumo beber à tarde, mas às vezes gosto de uma dose, especialmente em situações como essa.

Situações como essa? Ele não parece estar comemorando o meu namoro com a filha dele, longe disso, na verdade.

— Como assim? — indago, confuso.

— Antes de negociar com homens inteligentes.

Negociar? O que esse desgraçado acha que vai acontecer aqui? Minha respiração, já alterada, acelera ainda mais. *Ele é o pai da Marília.*

— Negociar?

Ele caminha e se senta no sofá próximo ao local onde eu estou em pé.

— Você é um homem, não é? E me parece inteligente também. — E ignora minha pergunta, sem deixar o sarcasmo de

lado. — Sente-se aqui. — Aponta para o lugar ao lado dele.

— Não sei você — prossegue o monólogo —, mas acho extremamente incômodo falar com outra pessoa que está em pé. Mesmo quando essa outra pessoa não merece um pingão de consideração ou respeito.

O pai de Marília.

É o pai de Marília.

Mordo o lábio por dentro até sentir o gosto de ferrugem na boca.

As veias do meu pescoço pulsam rápidas. Deus me ajude a manter o controle.

Assisto ao senhor Ricardo apoiar o copo na mesa lateral e cruzar as mãos em cima do joelho.

— Disse que é inteligente porque você soube ler muito bem a situação da minha família e conseguiu fazer o que se propôs — fala como se fosse óbvio.

Eu franzo ainda mais o cenho. Não entendo aonde esse homem quer chegar.

— Você deve ter percebido que a minha esposa trata Marília de uma maneira diferente.

Um pouco chocado com a mudança de assunto e, sem saber direito o que fazer, concordo.

— Não disse?! — Sorri vitorioso. — Um rapaz inteligente. Imagino que percebeu também que sou o porto seguro da Marília na família, especialmente quando a mãe... falta com ela.

Se ele é um porto seguro, é um bem ruim. Mas, verdade seja dita, Marília parece ter uma relação boa com o pai, enquanto não tem relação alguma com a mãe.

Apenas concordo outra vez, o coração acelerado sem entender o porquê desse assunto estar sendo trazido à tona nesse momento.

— Eu tinha certeza de que havia lido você direito — continua o senhor Ricardo, os olhos estreitos. — Assim como você, também sou observador, e percebi que, além de inteligente, você é esforçado, estudioso e gosta do que é bom. Fiquei bastante impressionado com seu conhecimento sobre vinhos, aquele dia na cave.

— E tem algo de errado nisso? — resolvo ser direto, estou nervoso demais para fingir que estamos tendo uma conversa normal.

Ele volta a pegar o copo e dá mais um gole na bebida.

— Nada de errado na verdade, se as circunstâncias não envolvessem Marília, eu te daria os parabéns e, talvez, até o contratasse para trabalhar comigo. Não considero a ambição um defeito.

Fecho a mão com força ao lado do corpo, começando a entender aonde ele quer chegar com isso. Meus ouvidos zunem por causa da raiva, da tensão.

— E o que o senhor está insinuando?

Ele respira fundo, parecendo tentar se controlar, assim como eu.

— O que nem mesmo Marília sabe sobre a implicância da mãe dela é, que de certa maneira — olha para o copo de bebida entre os dedos —, esse comportamento injustificável, pode ter algo a ver com minhas escolhas do passado. Eu e Clara não estávamos bem quando ela ficou grávida de Marília.

Inspiro devagar umas três vezes, me sentindo perdido outra vez. O que Ricardo Ferreira Aragão está querendo com esse discurso? Aonde ele quer chegar?

— O fato é que eu sou homem e dei minhas escapadas no casamento — o senhor Ricardo me encara e depois prossegue: — Clara ficou muito brava quando descobriu que uma amiga dela e eu... Enfim, ela ia pedir o divórcio. Não me casei para me divorciar. Mas ela estava irredutível. Então, soube que estava grávida de Marília e eu consegui convencê-la a ficarmos juntos. Marília nasceu e Clara teve depressão pós-parto, rejeitando a filha em seguida.

Ele dá mais um gole antes de acrescentar:

— Foi uma fase muito difícil. Mas, como tudo na vida tem dois lados, por causa disso, fiz com Marília o que não fiz com nenhum dos meus outros dois filhos. Fui efetivamente um pai. Troquei fraldas, ajudei com as lições de casa, tive muitas noites mal dormidas. — Curva o corpo e se aproxima um pouco mais, de maneira intimidadora. — Marília, além de ser a menina dos meus olhos, significa para mim, a união da minha família e, Aaron — pausa me olhando com ar de superioridade —, nada para mim é tão importante quanto minha família. Mas acho que você já deve ter percebido isso, também.

Travo o maxilar com força, esse canalha traiu a esposa com uma amiga dela e vem fazer um discurso sobre amar a família?

— Senhor Ricardo, não entendo o que isso tem a ver com o fato de eu ter me apaixonado por Marília.

Ele me fuzila com o olhar, antes de responder:

— Não estou querendo ser seu melhor amigo, moleque — diz, e se levanta de uma vez. — Contei tudo isso para que você entenda que Marília tem um lugar diferente no meu coração e, tendo isso em mente, quero que considere com bastante atenção o que vou te dizer.

— Eu não sou um mole...

— Não! Você é um pilantra esperto que seduziu a minha garotinha bem embaixo das minhas barbas. E nem por mais um segundo tente me convencer de que você sente algo por ela, quando nós sabemos qual é o seu único interesse com essa relação.

— E qual é ele? — pergunto, expirando o ar com força, exaltado, o sangue zunindo ainda mais em meus ouvidos. Volto a pedir a Deus por autocontrole. Tiro a medalha da virgem de dentro da blusa, mas paro antes de levá-la à boca.

— Dinheiro — senhor Ricardo responde, como se sentisse nojo de mim.

A minha visão periférica escurece e a respiração volta a acelerar.

Ele bate no bolso do paletó e retira a carteira e uma caneta dourada e preta, abrindo em seguida o talão de cheques.

— Quanto você quer para desaparecer da vida dela? — cospe com ódio no olhar.

Eu me levanto.

— Nada — rosno.

Ele bufa.

— Achei que você tinha entendido, Aaron, apesar de se achar esperto, sei o que encontrou na doce Marília, tão ingênua, com o coração bondoso, romântica e sonhadora. Ela é o seu bilhete de loteria. E, parabéns, você acertou.

— Ela não é nada disso — murmuro, fechando as mãos com tanta força que sinto dor.

Ricardo se levanta e dá um passo para a frente e mais um para trás, como um pugilista.

— Garoto, não teste a minha paciência, me diga de uma vez quanto você quer?

— Nada — respondo, sentindo as têmporas doerem de tensão.

Ele começa a bater o pé rapidamente contra o chão de madeira.

— Quanto você quer, seu vagabundo de merda, para sumir da vida dela? Coloque o seu preço, eu assino o cheque. Tenho certeza de que evitarei o sofrimento dela no futuro quando descobrir o tipo de canalha interesseiro que você é. Estou disposto a pagar para que nos deixe em paz. Para que os estragos sejam menores. Quanto, fale, quinhentos mil?

O ar ferve, e respirar fica impossível. Tudo está tingido com a cor e o gosto da raiva que me domina.

— Quinhentos mil? — pergunto em tom irônico. — Isso é dinheiro de troco para o senhor.

As veias da testa dele saltam.

— Um milhão de dólares, seu merdinha, e nem um centavo a mais.

Esfrego os olhos, trêmulo de ódio, cego, ofendido, emputecido.

— Quanto vale a felicidade da sua filha?

— Diga você seu salafrário, quanto vale?

— Eu sei que a minha felicidade não tem preço — começo, respirando fogo no lugar do ar, meu pulmão arde e queima. — Estar com Marília para mim é felicidade! — Aperto a mão com força outra vez. — Sei, também, que a felicidade dela é a minha então, nenhuma delas pode ser vendida ou comprada, senhor Ricardo. E você, como pai de Marília, deveria ser o primeiro a lembrar disso.

— Você vai pagar caro por isso — ele grita, me ameaçando.

— Agora é sua vez de me escutar bem. — Paro a poucos centímetros do rosto dele. — Nunca vou aceitar um único real, peso ou dólar do seu dinheiro sujo, nem que eu esteja passando fome, nem que esteja à beira da morte, nunca vou pegar em uma moeda que veio de seus bolsos. Nada! Eu amo a sua filha, acredite você ou não e, se Marília quiser ficar comigo, sou capaz de ir até o inferno atrás dela.

— Você não vai precisar ir mais longe — ele urra —, porque a sua vida e a da sua mãe serão um inferno a partir de agora, vou garantir isso.

Nós dois estamos em pé, próximos um do outro, ofegantes e totalmente descontrolados. Ameaçadoramente próximos. E, que Deus me ajude, porque se ele falar mais alguma droga, não vou aguentar.

— O que está acontecendo aqui? — uma voz feminina indaga.

Demoro alguns segundos para me dar conta de que Marília entrou, então dou alguns passos para trás me afastando desse desgraçado que, infelizmente, ela chama de pai.

— Por que você não pergunta para o seu pai?

Ela olha abatida para o senhor Ricardo, aguardando a resposta.

— Nós estávamos apenas conversando e talvez, as coisas tenham...

— O seu pai tentou me comprar para que eu te deixasse — disparo sem pensar. Queria arrebentar com toda aquela casa, mas falar a verdade teria que bastar. — E agora há pouco, ele ameaçou a mim e a minha mãe.

Paro, lutando para recuperar o ar, sentindo o meu coração sangrar por Marília, por mim, por nós.

— Pai? Você... você não faria isso, faria?

— Lilica, preste atenção — começa um pouco mais controlado. — Esse garoto só vai trazer sofrimento para a sua vida, ele só quer o seu, o nosso dinheiro, ele não te ama de verdade. É o pior tipo de pessoa, se aproveitou de sua bondade. Ele tentou fazer isso com a filha do antigo patrão da mãe dele e não deu certo, mas você, minha filha, é pura demais para perceber a maldade nos outros. acredite em mim, Marília.

Ela me olha com o rosto cheio de lágrimas e não consigo mais segurar o choro. Toda a raiva, humilhação, tristeza e indignação que sinto escorrem dos meus olhos.

— Eu não vou mais ouvir isso, Lili, não posso mais — digo com um fio de voz, por ela, por mim, por nós.

Vejo o senhor Ricardo segurar os ombros de Marília e me olhar de lado com desprezo.

— Mande a sua mãe arrumar as coisas dela, quero que vocês deixem a propriedade imediatamente. — E se vira para Marília. — Vamos, minha filha, vamos voltar para São Paulo.

— Não! — Ela se afasta do pai e olha outra vez para mim.

Estendo a mão incerta em direção a ela, movido por meu coração, minha alma, e por tudo o que sou e que foi feito para amar Marília.

— Eu te amo, vou cuidar de você — afirmo querendo salvá-la. Querendo me salvar.

A mão pequena cobre a minha enquanto as lágrimas continuam inundando os seus olhos. Não queria que as coisas tivessem acontecido dessa maneira.

— Se você sair por essa porta de mãos dadas com esse pilantra, Marília, esqueça que eu existo. Não me procure mais a não ser que seja para me pedir desculpas e sem esse aproveitador a tiracolo. Não vou assistir de camarote você acabar com sua vida.

Nós continuamos andando em direção à porta, abalados, desnorteados. Marília se detém, buscando o pai com os olhos.

— E eu só vou voltar para casa no dia que você reconhecer o quanto errou hoje e pedir perdão para o Aaron e para mim.

Mal respiro, e Marília não para de chorar.

Como isso foi acontecer?

— O que é isso? — dona Clara pergunta, do meio da escada.

— Marília está indo embora com esse salafrário... Eu vou acabar com sua vida, seu canalha, nem você ou sua mãe vão conseguir emprego nem na Somália, juro!

E ele agarra meu braço e me puxa para longe de Marília pela blusa, rosnando:

— Seu desgraçado.

— Me solta, porra! — grito fora de mim, empurrando-o com força. Com raiva.

Marília é impulsionada para a frente. O pai dela tropeça com impacto e cai no chão, grunhindo, o sangue deixa o meu rosto e olho pedindo perdão para Marília.

Dona Clara grita por ajuda.

— Viu que tipo de homem ele é Marília! — O pai dela ainda grunhi. — Violento, descontrolado. Igual ao pai dele — e fica vermelho espumando pela boca —, um marginal, perigoso.

Eu só consigo negar com a cabeça, andando para trás.

E um borrão de vozes, gritos, ruídos e movimentos faz tudo desmontar. O senhor Ricardo leva a mão ao peito, se queixando:

— Chame a emergência, socorro ai, ai, ai!

Marília agacha junto ao pai soluçando.

— Pai, pai, pelo amor de Deus, alguém chame uma ambulância.

Ele leva a mão trêmula até o rosto da garota que eu amo mais do que tudo e diz:

— Minha filha, fique comigo.

Dona Clara liga para emergência, berrando em desespero.

Felipe e os pais, que estavam colocando as malas no carro, voltam correndo para ver o que acontece.

Marília segura a mão do pai, pálido, que ainda respira com dificuldade.

Ele é colocado no banco de trás do jipe importado da família. Um helicóptero de emergência já está a caminho do centro de Saint Martin.

Meu mundo se desfaz, pedaço por pedaço, conforme entendo a gravidade do que está acontecendo. E se esse homem morrer? Como conseguiremos seguir juntos? Marília se culparia, me culparia? Ele me agrediu primeiro, não agrediu?

Meus olhos queimam e esfrego o rosto com força. Com medo de mim, do meu descontrole. Com medo de ser como meu pai.

O pai de Felipe se oferece para dirigir. Quero abraçar Marília, ficar com ela, rezar junto com ela para que tudo dê certo. O senhor Ricardo volta a grunhir com a mão no peito.

Que merda! Que merda!

Abro e fecho as mãos repetidas vezes ao lado do corpo.

Não sou igual ao meu pai. Nunca fui. Foi ele quem me puxou, foi ele quem me agrediu antes, *tenho certeza*.

Antes de entrar no outro carro da família para acompanhar o pai, ela se aproxima de mim murmurando, pedindo desculpa com os olhos.

— Tenho que ir com ele. É o meu pai.

— Eu sei — respondo, nervoso, as mãos molhadas de suor.

— Claro.

— Eu te amo — ela diz e entra no carro.

— Arrume suas coisas, você e sua mãe, e estejam fora da minha casa antes de eu voltar da cidade — dona Clara diz, entredentes, passando por mim.

Marília não escuta e provavelmente também não se dá conta de que quem entra no carro ao lado dela é o desgraçado do Felipe. O culpado de todo esse caos.

Mas eu percebo. Para a família de Marília, nunca serei bom o bastante, jamais poderei acompanhar a garota que eu amo, mesmo em um momento difícil. Jamais serei adequado para frequentar os mesmos lugares que eles.

Espero os carros descerem a ladeira, cruzarem o portão de saída e, somente então, sento no chão e choro, choro como nunca fiz na vida. Porque uma parte do meu coração acha que dificilmente as coisas voltarão a ser como antes, por mais que queiramos. Pelo menos não até eu conseguir ser alguém aos olhos dessa gente. Até eu provar que não estou com Marília por interesse, até obrigar o senhor Ricardo e dona Clara a pedirem desculpas para mim, para Marília e para minha mãe. Cubro o rosto com as mãos e juro para mim mesmo:

— Eu vou ficar rico, vou conquistar tudo o que sonhei. E, quando isso acontecer, talvez eu prove para eles, e para mim mesmo, que uma conta cheia de dólares se torna maior aos olhos de pessoas vazias do que qualquer preconceito.

Vencer na vida nunca foi tão importante para mim como nesse momento.

Nunca.



Marilia

SÃO PAULO

Depois que voltei para São Paulo, eu e Aaron continuamos nos falando todos os dias, ele jura sempre que me ama e eu juro de volta. Mesmo assim, as coisas parecem um pouco diferentes.

Naquela última tarde em Saint Martin, voamos de emergência para Buenos Aires e, horas depois, para casa. Meu pai teve que ser operado, sofreu um infarto, mas agora está totalmente recuperado. Naquela mesma tarde falei com Aaron

por telefone, nós choramos juntos antes de saber que tudo ficaria bem. Antes de saber que Rosa receberia meu namorado e a mãe na casa dela, até Teresa arrumar um novo emprego.

Infelizmente, Rosa não conseguiu ajudar com isso, e talvez pelo fato de Teresa ter sido demitida e não ter boas referências — por mais que ainda brigue com meus pais por causa disso, todos os dias, eles não cederam. A mãe de Aaron, não conseguiu um novo emprego como caseira. Há pouco começou a trabalhar em uma casa de empanadas no centro da cidade.

Não quero me perder do Aaron. Não quero esquecer quem somos quando estamos juntos. Mas as coisas parecem sair cada vez mais do controle.

Será que em algum momento temos o controle de algo na vida?

Isso ficou claro quando Aaron me ligou uma manhã de domingo, uma semana atrás. O tempo estava nublado e chuvoso, ainda não tinha saído de baixo das cobertas. Aaron estava com a voz rouca como se tivesse gritado por horas. Ou chorado.

— Eu vou trancar a faculdade, Li.

— Mas por quê?

Respirou fundo e não respondeu.

— Eu me alistei no exército.

Minhas mãos molharam de nervoso.

— No exército?

— Eles provêm um salário razoável, um teto e comida. Vai ser uma boa oportunidade de aprender mais sobre disciplina e força de vontade. E será por pouco tempo até eu poder voltar e...

— É por causa do dinheiro, não é? Sua mãe não ganha a mesma coisa, e você não pode mais se manter em Buenos Aires.

Ele ficou em silêncio outra vez, antes de responder:

— Minha mãe está morando com minha tia Grazi, vou precisar fazer uns extras e juntar uma grana, e então poderei voltar.

Foi impossível não me sentir responsável pelo que acontecia. Além disso, estou muito chateada com meus pais pela maneira como reagiram. Já decidi o que quero fazer.

Quero sair de casa. Quero ficar ao lado dele.

— Aaron, pensei que podíamos morar juntos em Buenos Aires, até conseguirmos um emprego, posso usar o dinheiro que tenho numa poupança.

— Não — negou, enfático.

— O dinheiro é meu e...

— Nunca, Marília — replicou entre os dentes. — Se você me ama, nunca mais me ofereça um centavo que seja, nunca vou encostar em uma moeda que veio dos bolsos do seu pai, entendeu?

Engoli em seco.

— Está bem... eu só...

— Não! Li, me escute você, vou vencer na vida, vou ficar rico e provar pro seu pai e pro mundo que o dinheiro pode comprar muita coisa, mas não compra caráter, nem honra.

Respirei fundo, sentida.

— Eu sei que você vai conseguir tudo o que sempre sonhou, quero apenas te ajudar um pou...

— Não, entendeu? — rosnou.

— Então, posso ir para Saint Martin, sei lá, posso tentar conseguir um emprego por aí.

— E a sua faculdade?

— Posso fazer ela depois e...

— Não — respondeu, enfático. — Já me alistei, está decidido.

— E nós?

— Nós daremos um jeito.

Fiquei em silêncio, engolindo o nó na garganta e driblando a sensação ruim que aquela conversa, aquela reação, acendeu dentro de mim.

— Estou com saudades — disse depois de um tempo.

— Eu também, vou fazer o possível para ir te ver o mais rápido que conseguir.



*“Nós precisamos ser tocados por quem amamos quase
tanto quanto precisamos do ar que respiramos.*

A CINCO PASSOS DE VOCÊ – RACHAEL LIPPINCOTT

Marilia

SAINT MARTIN DE LOS ANDES

Pego a taça de vinho que o barman acabou de servir e dou um gole pequeno.

Já estive nesse bar com meus irmãos. Tem uma bancada grande de madeira encerada. Estou sentada num dos bancos

altos e cromados com assento de couro verde, embaixo de uma cabeça enorme de cervo empalhada.

Marquei de encontrar Aaron aqui.

Ele está no exército há quatro meses. A sensação que tenho é que enquanto meu namorado luta para provar ao mundo que ele pode vencer sozinho, um mundo de possibilidades se abre à minha frente.

Fui aceita na Universidade de Letras em Madri. Aaron ainda não sabe. Posso começar em agosto deste ano, daqui a três meses. Quis esperar para contar pessoalmente.

Além disso, estou totalmente ocupada.

Rosa iniciara um projeto de educação nas comunidades carentes de São Paulo e Rio de Janeiro, dois meses atrás. A ideia é ensinar e aprimorar a escrita e com isso, o amor pela leitura para crianças carentes. Ela me convidou a fazer parte do grupo que orientaria a escrita de poesia.

Em cinquenta dias trabalhando na ONG junto com Rosa, descobri novos olhares, novos caminhos pelas comunidades de São Paulo, um novo jeito de ver e sentir a vida. Ela quer que eu vá para Madri trabalhar na ONG definitivamente. E, apesar de

estar feliz e de me sentir realizada, respondi que não sei se vou para a Europa tão cedo, por causa de Aaron.

Conseguimos unir o projeto aos programas dos governos do Rio de Janeiro e de São Paulo, que já atendiam centenas de jovens e crianças. A ideia futura é lançar um livro com todo o material poético que essa turma produzirá em classes de escrita e oficinas criativas, e a verba da venda desse livro será revertida para as comunidades.

Se, por um lado, essa parte da minha vida está dia a dia mais definida me enchendo de alegria e entusiasmo, por outro, minha vida emocional parece cada vez mais bagunçada. A verdade é que me sinto insegura sobre meu relacionamento com Aaron desde que voltei para São Paulo.

Por isso, por essa insegurança é que peguei um voo para Buenos Aires e outro para Saint Martin, usando dinheiro da minha poupança. Por isso, desembarquei em Saint Martin há pouco mais de uma hora. Por isso, só avisei meu namorado que vinha para cá algumas horas antes.

Meus pais sabem que continuo a falar com Aaron e que estou aqui, para vê-lo. E, apesar de jurarem que a decisão sobre

isso é minha — depois do caos que foi nosso último confronto —, não perdem a oportunidade de falar mal dele ou de deixar claro que não aprovam a minha escolha. É um absurdo, mas até a casa à venda eles colocaram. Dizem que isso não tem nada a ver com meu namoro, e sim com o fato de terem cansado da cidade. Eles têm muita certeza de que vou para Madri em poucos meses e que tudo acabará. No começo, eu brigava e batia o pé, mas agora fico quieta, entendi que não adianta nada brigar, e que as discussões constantes fazem eles se oporem com mais força. Fora que estou cansada desse clima de guerra em casa, da minha mãe jurando que quase matei meu pai, e dos meus irmãos a apoiando.

A porta abre jogando uma lufada de ar gelado para dentro do ambiente aquecido. É um grupo de quatro homens, dois com calças camufladas e coturnos e...

Ele me encontra, nossos olhos se encontram.

E sorri enchendo meu coração de amor. Recupero a certeza de que nada no mundo poderá nos separar. Nunca. Aaron usa uma jaqueta de couro, calça militar e coturnos.

E se alguma vez eu o achei lindo, nada, nada se compara a ele aqui, sorrindo para mim. Depois de meses de telefonemas curtos, saudades e dúvidas.

— Oi — cumprimento com a voz fraca.

Ele segura meu rosto entre as mãos.

— Oi — responde colando o nariz no meu.

Minha garganta seca.

— Como você está? — pergunto sem conseguir respirar.

— Me beija, Marília.

E eu obedeço e me perco. O mundo gira, meu estômago enche de borboletas e minhas pernas se desfazem conforme ele desliza a língua para dentro da minha boca. Quando enrosco os dedos na nuca e o puxo para aprofundar o beijo, ele geme de prazer. O som vibra por todo meu corpo e me demole. É atordoante e maravilhoso.

Aaron interrompe o beijo, ofegante, e me olha de um jeito ainda mais intenso antes de dizer:

— Sou loucamente apaixonado por você.

Consigo sorrir em resposta.

Sabia que ele jamais aceitaria ir para casa dos meus pais, mesmo que eles não estivessem na cidade.

— Rosa emprestou a casa para passarmos o seu fim de semana de descanso, sozinhos.

Aaron sorri com os lábios na minha testa e vem até o meu ouvido murmurar:

— Meu Deus, não vou sair de dentro de você um só minuto.

Acho que fico vermelha da cor dos *bloody marys* que são servidos no bar, mesmo assim, respondo, bem-humorada:

— Graças a Deus!



"Você só vive uma vez. É sua obrigação aproveitar a vida da melhor forma possível".

COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ – JOJO MOYES

Marilia

Passar uma noite e um dia somente com Aaron, praticamente sem sair do quarto, é como voltar ao paraíso. Vimos uns dez filmes e perdi a conta de quantas vezes ele não saiu de dentro de mim.

Mas, e agora? Acho que estou no inferno.

Aaron e eu brigamos e ele saiu de casa faz duas horas. Olho para o teto lembrando que contei para ele, há pouco, que fui

aceita na Universidade de Madri. Esperei para contar pessoalmente então...

— Tenho tanto orgulho de você — disse, passeando os lábios pelo meu rosto, tínhamos acabado de fazer amor.

— Eu não vou — afirmei o que tinha decidido, deixando meus dedos escorregarem dos ombros através das costas musculosas.

— Como assim?

Suspirei devagar, conforme ele sugava o lóbulo da minha orelha.

— Por nós. Pelo menos não agora... não até...

Aaron se afastou, o cenho franzido.

— Conhecer você, o nosso amor, foi a melhor coisa da minha vida, Li, e, por isso mesmo, ele tem que ser aquilo que te impulsiona a ser o melhor que você pode, a ir atrás dos seus sonhos e nunca aquilo que te prende. Entende?

— Enquanto você não voltar para a faculdade, eu não acho certo. Não é justo. Além disso, tem o trabalho que estou fazendo com Rosa nas comunidades carentes do Brasil, que só acaba

daqui a seis meses. Posso trancar a faculdade e ir no ano que vem pra lá.

— Se é pelo trabalho então tudo bem!

Arregalei os olhos.

— E por nós, não?

Ele passou as mãos nos cabelos agora rentes, por causa do exército.

— Não é isso que eu quis dizer, só não acho certo você pensar em adiar a sua faculdade um ano, porque não estou cursando a minha.

— Mas acha certo a gente ficar um ano praticamente sem se ver.

— Não tenho dúvida de que meu amor por você não mudará, nem em um, nem em dez anos — estreitou o olhar. — Você tem?

— Acho que um ou quatro anos é tempo demais para qualquer casal que se ama ficar longe.

Olhos cor de mel se estreitaram, ainda mais atingidos.

— Não acredito que você está dizendo isso, que merda...
você acha que o que sentimos é tão volátil assim?

— Que merda, você, que não está entendendo nada do que digo. Eu só não quero ficar longe.

— E você acha que eu quero?!

— É o que parece.

E nós brigamos. Foi horrível.

Foi realmente horrível.

Olho para o celular, faz duas horas que ele saiu e ainda não ligou. Eu também não... e...

— Me perdoa — diz da porta do quarto, meu coração acelera. — Porra, tudo mudou tanto, as coisas estão difíceis. Mas eu também não quero ficar longe, nem uma semana.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Se ficarmos dez anos longe, nunca vou parar de te amar
— afirmo baixinho.

Ele se aproxima, o peito largo descendo e subindo rápido.

— Eu vou dar um jeito, Lili — agarra minha nuca colando nossas testas —, vou pensar em algo, vou dar um jeito de

ficarmos juntos e de irmos atrás dos nossos sonhos.

E me beija, gemendo conforme invade a minha boca.

— Dança comigo? — pede na minha orelha, rouco.

Concordo e assisto, com a boca seca, a ele tirar o casaco e a camiseta, ficando só com a calça de malha. Em seguida, conecta o celular na caixinha de som e um tango ecoa no quarto.

— Tango para Evora da Loreena McKennitt — reconheço.

— Seu favorito — diz, envolvendo minha cintura e esticando o meu braço.

É um tango lento, suave, sensual.

Começamos a nos movimentar, agora com a fluência dos corpos que se conhecem, que fizeram isso muitas vezes juntos.

A mão dele se fecha num seio e estimula um mamilo sensível, até ele estar rígido. Até eu gemer e meu sexo se contrair por antecipação.

Ele me inclina, e nós giramos em seguida.

Estou só de calcinha e uma camisola de seda curta. Arfo e hesito, quando a língua invade minha orelha e os dedos ainda apertam meus mamilos.

— Não para — ele pede e, num movimento que parece fazer parte da dança, abaixa minha calcinha.

Minhas pernas tremem, e me sinto incapaz de continuar dançando. Mas Aaron me sustenta, me guia, me conduz enquanto envolve o próprio quadril com minha perna, e eu me inclino sobre ele. Os dedos, um pouco ásperos, sobem pela coxa e avançam até o meu sexo, abrindo as dobras úmidas e me penetrando sem dificuldade.

Eu gemo, conforme ele me gira, ainda dançando, e tomba meu corpo na cama, beijando minha boca com tanta paixão que, tenho certeza, nunca mais vou conseguir ficar de pé. Como se eu pesasse um grama, ele tira a minha camisola e me vira de bruços para o colchão. Meus seios doloridos e pesados se comprimem contra o lençol, enviando ondas de prazer por todos os nervos.

Um travesseiro é colocado embaixo do meu ventre, empinando minha bunda.

— A coisa mais linda do mundo — diz baixinho.

Escuto o barulho da respiração pesada nas minhas costas, ele se movimenta abrindo minhas pernas, a boca agora está entre elas, a língua buscando a entrada do meu sexo, enquanto,

com o polegar, ele aperta e puxa de leve meu clitóris. Ser invadida desse jeito é tão quente e bom que eu grito de prazer:

— Aaron, por favor! — Mas o som sai abafado pelas cobertas.

Ele me chupa e lambe, beija meu clitóris e me penetra com a língua, até eu estar a ponto de explodir. Meu corpo inteiro se retesa e estou tão excitada que sei, vou gozar, então, ele se deita sobre mim, arrumando o travesseiro no meu ventre, levantando mais os meus quadris, e me penetra de uma vez. Vai tão fundo e forte que eu gozo. Por muito tempo.

Enquanto espasmos contraem todos os meus músculos, ele se mexe atrás de mim, em busca do próprio prazer. Agarra meu cabelo e traz minha cabeça um pouco para trás.

— Porra, você é tão gostosa — murmura na minha orelha.

Eu adoro quando ele diz essas coisas no meu ouvido, durante o sexo.

— Tão apertada.

E, pouco depois, ele também chega lá, tremendo e grunhindo alto.

Estou tão sensível com tudo que, ao sentir o jorro quente do prazer dele invadir meu corpo, automaticamente chego a outro orgasmo. Isso prolonga o prazer de Aaron, que continua gemendo e mordendo meu ombro. Ele me gira de frente, e terminamos dentro de um beijo.

Sexo de reconciliação entrou para lista de coisas boas que momentos ruins trazem. Com toda a certeza.



Enquanto Aaron toma banho, eu encaro o teto, embalada pelo barulho do chuveiro, penso sobre a discussão da noite anterior. Divago sobre mil possibilidades e pessoas que poderiam ajudar Aaron a conseguir um emprego em Buenos Aires. Um emprego que pague bem. Um emprego para ele voltar para a faculdade.

Não pode ser ninguém que tenha ligação direta com meu pai.

Aaron jamais aceitaria isso.

Tem que ser alguém que ele conheça, mas que não tenha relação direta com meu pai. Alguém que o ajudaria numa situação dessas. Alguém que...

Quem?

Ando de um lado para outro do quarto pensando.

Quem?

O antigo patrão da mãe de Aaron, é claro!

Alguém que se importa.

Como não pensei nisso antes?

Meu namorado sempre diz que o senhor Carlos foi como um pai para ele durante anos e com certeza não recusaria ajuda vinda dele, mas é orgulhoso demais para pedir algo ao senhor Carlos, ou a qualquer outra pessoa. Só que eu não sou.

Pego o telefone dele e procuro na agenda: Carlos Fuentes.

Pesco meu celular.

Pouco depois, desligo com um riso satisfeito.

Eu me apresentei e pedi ao senhor Carlos que não contasse sobre o telefonema. A princípio, ele pareceu resistente, afinal de contas também conhece meu pai. Mas, diante da minha

insistência, prometeu que pensaria em algo para ajudar Aaron. Afirmou que gostava dele e que torcia para que “o garoto” desse certo na vida, e eu agradeci.

Coloco meu celular em cima da cômoda e tiro a camisola.

Eu poderia ir morar em Buenos Aires e fazer faculdade lá.

Ou...

Entro no banheiro, cheio de vapor.

A verdade é que não consigo pensar em mais nada, só quero arrumar as coisas, dar um jeito dele voltar para faculdade e, de preferência, dar um jeito de ficarmos juntos.

Entro no box.

Ele enlaça minha cintura e me abraça embaixo do chuveiro.

— Achei que você não vinha.

— Estava pensando em algumas coisas — digo, beijando o pescoço largo e quente, sentindo o pulso acelerar nas veias sob meus lábios.

— O quê?

— Que eu poderia começar a faculdade um ano pra frente e que podíamos ir juntos. Posso tentar com os contatos da Rosa

na universidade, conseguir a transferência do seu curso daqui para Madri. Podíamos arrumar empregos por lá e...

Ele ri.

— Vou começar a jogar na loteria hoje pra ter dinheiro e ir com você.

Fecho os olhos e bufo.

— Por que você não pode aceitar uma passagem, ou o mínimo de ajuda para que consigamos ficar juntos, sem ter que nos separarmos por tanto tempo?

— Já basta eu ter adiado os meus sonhos, os meus projetos de vida porque nos apaixonamos, Li. — Ele segura meu rosto entre as mãos. — Sobre o dinheiro do seu pai, achei que você tinha entendido que nunca vou aceitar nada, nada mesmo, nem um peso.

Sei que ele tem razão. Sei que trancou a faculdade e está no exército por não ter onde morar, sei que ele dá aulas particulares de tango em todas as folgas que tem, e que topa qualquer freelance para conseguir juntar dinheiro a fim de voltar a estudar. Mas é a primeira vez que ele fala isso me olhando,

segurando o meu rosto como se estivesse fazendo uma declaração de amor.

E isso dói.

Concordo com a cabeça, e terminamos de tomar banho em silêncio.

Depois que estamos vestidos, ele segura minha mão, me puxando para fora.

— Venha, quero fazer algo pra te provar que mesmo que a vida nos separe em milhares de quilômetros, por um tempo, é com você que encontro minha casa, meu coração e todos os meus pedaços de eternidade. Sempre será.

— O quê... para onde?

Vira minha mão e beija meu punho.

— Um amigo meu tem um estúdio de tatuagem, vou fazer uma na parte interna do punho esquerdo.

— Uma tatuagem?

— O símbolo da eternidade com uma frase numa das partes, completando a imagem. Pra mim, será como se fosse a nossa aliança de compromisso.

Meu pulso acelera e arregalo os olhos, surpresa.

— Jura? Que frase?

— *Para você guardei o infinito.*

Paro de andar. Ele falou isso do nada. Como se estivesse comentando a última partida do River Plate.

— Aaron, eu te amo.

Segura meu rosto entre as mãos. Acabamos de cruzar para o lado de fora da casa.

— Eu também te amo.

E ele me beija de um jeito apaixonado e lento.

— Se é uma aliança de compromisso, quero fazer uma igual no punho esquerdo também.

Ele me beija outra vez, de um jeito ainda mais intenso e murmura sobre meus lábios com um riso na voz:

— Vamos, estamos atrasados. Vamos nos casar.

— Sim, Aaron, eu aceito.



Aaron

Intoxicado.

Capaz de desistir de tudo, de fazer qualquer loucura para ficar mais dez segundos sentindo aqueles lábios nos meus.

“Esse tipo de paixão normalmente não acaba bem, vai com calma, meu irmão”, foi o que meu colega falou para mim, ontem, depois que arrumei um esquema subornando dois vigias da noite com folgas extras prometidas para depois da temporada: cigarros, bebida e um pouco de grana a fim de colocar Marília dentro do quartel em algumas noites durante a semana.

Meu companheiro de quarto sai por três horas, tive que subornar ele também. E nós fazemos amor, duas ou três vezes em apenas três horas.

Uma loucura.

Intoxicado.

Ontem transamos contra a parede, minutos antes de ela sair do quarto, e não foi o bastante, nunca será.

Totalmente viciado.

Mas vale a pena o risco, as folgas que eu perderei daqui a um mês. Vale a pena ter sido obrigado a adiar a faculdade.

Estar com Marília faz tudo valer a pena. *Tudo!*

Assim eu me convenço, toda a vez em que me sinto um pouco sufocado pela mudança abrupta dos meus planos. Da minha vida.

Até que há dois dias, recebi um telefonema que poderia mudar tudo novamente. Provavelmente é a minha chance, o meu cavalo selado. Sei que não posso deixá-lo passar e não vou.

— *Oi, senhor Carlos — disse ao atender o celular.*

— *Tenho uma proposta a lhe fazer. Você sabe que sou sócio de uma mineradora multinacional — foi direito ao assunto.*

— *Sei, sim senhor.*

— *Você está no terceiro ano de engenharia, além de estar no exército há alguns meses, certo?*

— *Certo — respondi, um pouco confuso.*

— *Você é um jovem obstinado, e é de minha confiança... Não sei como não pensei em você antes de...*

— *Antes?*

— *De uma semana atrás, quando finalmente me dei conta de que você é perfeito para ser meu sócio em um negócio.*

— *Sócio? — indaguei com o pulso acelerado.*

— *Não é uma coisa fácil, mas a chance de fazer muito dinheiro do nada, sem ser ganhando na loteria, nunca será.*

Eu só consegui ouvir “chance” e “muito dinheiro”.

— *No que depender do meu esforço e...*

— *É um local inóspito e bem perigoso, mas quando digo muito dinheiro, Aaron é mais dinheiro do que provavelmente você já sonhou um dia ganhar na vida.*

Pensei na proposta por um dia inteiro, quase não dormi durante a noite anterior e, hoje pela manhã, liguei aceitando a oferta do senhor Carlos. Sei que jamais terei outra oportunidade como essa. O antigo patrão da minha mãe me disse ao telefone que tem um amigo general que conseguiria a licença antes de eu completar o ano de serviço no exército. Carlos disse também que eu devo começar a trabalhar no máximo daqui a três ou quatro semanas. Pedi a última semana inteira livre, antes de ir embora de Saint Martin. Expliquei que queria ficar com minha família. O

senhor Carlos me garantiu que conseguiria, não apenas a licença do exército antecipada, como também a semana extra de descanso.

Na verdade, eu só penso em ficar com a Marília pelo maior tempo possível antes de ir.

Intoxicado.

Faz quinze dias que ela está em Saint Martin, e eu nunca me senti tão apaixonado.

Nunca quis tanto que algo desse certo na minha vida.

Eu a amo.

Ela é o motivo de tudo.

Ver o mundo através das lentes do amor não faz os problemas sumirem, mas faz tudo ganhar uma nova perspectiva e dimensão. Nem sempre essa nova perspectiva é mais fácil ou cor-de-rosa, mas com certeza, ela faz tudo valer a pena.

Agora estou entrando no bar onde sempre nos encontramos nos meus dias de folga, com coração aos pulos. Procuro entre as pessoas e a vejo, Marília está próxima ao balcão. Meu pulso acelera mais, ela está conversando com um cara e sorri para ele. Atravesso o bar em passadas rápidas.

Paro entre ela e o cara.

— Oi — digo e a beijo sem esperar.

Um beijo longo e do tamanho da minha saudade.

Marília se afasta um pouco com as bochechas vermelhas.

— Esse é Thiago — apresenta e eu me viro para ele —, um amigo dos meus irmãos que tem casa na cidade.

Aperto a mão dele que me encara como uma criança, cujo doce foi roubado. Conheço esse olhar, essa energia, ele estava a fim dela.

— Esse é o Aaron — Marília prossegue —, meu namorado.

Ele ergue as sobrancelhas como quem diz: *Ah que bosta, mas fazer o quê.*

— Prazer. Você tem sorte. — E aponta com o queixo para Marília. — Ela é demais.

— Eu sei — afirmo e a beijo outra vez, os lábios cheios estão curvados num sorriso satisfeito.

— Tchau Marília, a gente se fala — Thiago se despede.

— Que bom que você chegou — fala na minha orelha —, ele é um porre. Não aguentava mais.

— Às suas ordens — brinco batendo uma continência e a beijo mais uma vez.

Nós vamos para casa da Rosa, mais um final de semana inteiro nosso. E, ali, eu contarei sobre a proposta do senhor Carlos, e que, se tudo der certo, isso se transformará na passagem para todos os meus sonhos.

Nossos sonhos.

Ali, nós teremos tempo de conversar, e eu farei Marília entender que essa provavelmente será a única oportunidade que terei de fazer nosso futuro dar certo.



*“Prefiro compartilhar uma vida com você a encarar sozinha
todas as Eras deste Mundo.”*

O SENHOR DOS ANÉIS - A SOCIEDADE DO ANEL, J.R.R.TOLKIEN

Marilia

O coração de Aaron bate acelerado contra o meu ouvido.

Acabamos de fazer amor, essa é a última noite que teremos juntos, em Saint Martin. Faz mais de um mês que estou aqui.

Adiei minha volta para São Paulo para ficarmos o máximo possível juntos. Durante esse tempo, enquanto Aaron estava no exército, eu li muito. Corri, muito. Visitei reservas da região, e aprendi mais sobre vinhos. Às noites, Aaron dava um jeito de a

gente se encontrar dentro do quartel. Nas folgas dele, dormimos sempre juntos na casa da Rosa. Nunca estive tão feliz e apaixonada. Muito mais do que já fui. O problema é...

Quanto tempo ficaremos sem nos ver?

Eu também perguntei isso a ele após uma discussão, vinte dias atrás, ao ficar sabendo que Aaron se enterrará no meio da floresta amazônica, por alguns meses. No mínimo seis, no máximo um ano. Quase sem contato com o mundo.

Falar com ele ou vê-lo será muito difícil.

Mas Aaron insistiu que ir para Rondônia era o que ele queria, era o certo, a maior oportunidade que teria na vida, a única oportunidade, e jurou sobretudo que estaria seguro.

— O senhor Carlos é sócio da empresa e me garantiu que o ambiente é seguro. Disse que a Extor, uma multinacional no ramo de extração de minérios, faz tudo de maneira regularizada. Ele diz confiar em mim, e que precisa de alguém como eu por lá, à frente das coisas.

— Mas como saberei que você está bem se nem internet tem nesse lugar?

— A comunicação lá parece ser ruim, mas a empresa garantiu que vai instalar um telefone via satélite e vamos conseguir falar mais vezes depois disso, é claro que vai depender do sinal. — E me deu um beijo na testa. — Não se preocupe, vou dar um jeito de nos falarmos sempre que possível.

Meu coração gelou.

— Sempre que possível?

— Li, Carlos me ofereceu a chefia da equipe. Se tivermos sucesso, voltarei com dinheiro suficiente para realizarmos todos os nossos sonhos. Ganharei uma porcentagem pequena do que será encontrado. É mais do que ganhar na loteria acumulada.

Extração de diamante no meio da floresta amazônica.

Isso não parece nada seguro e, meu Deus, minhas mãos e minha testa molharam de suor, ao me dar conta de que fui eu quem liguei para o senhor Carlos. Se algo acontecesse com ele, me culparia pelo resto da vida.

— Eu não sei — afirmei, nervosa. — E se algo acontecer com vo...

— Seis meses minha estrela, no máximo um ano. Você vai para faculdade em Madri ano que vem e, eu vou para lá te

encontrar com dinheiro o bastante para terminar o meu curso. — Suspirou. — Podemos morar juntos e, você não percebe que é a chance para ficarmos juntos o mais rápido possível?

Cocei a testa, apreensiva.

— É, pode ser, mas...

— Vai dar tudo certo. Nós moraremos juntos em Madri, e eu terei dinheiro para comprar uma vinícola, talvez algo pequeno pela Europa mesmo.

Vou para São Paulo amanhã à tarde, e Aaron viaja para o seu novo trabalho em algumas horas e, mesmo estando juntos há uma semana direto, desde que ele foi dispensado do exército, já estou morrendo de saudades.

— Eu vou poder te visitar? — pergunto, voltando a atenção para o presente.

— Deixa eu chegar lá e ver como são as coisas, está bem? De qualquer jeito, em seis meses, se ainda tiver que voltar para as minas, terei uma licença de pelo menos quinze dias.

— Ok — concordo, tensa, insegura.

Com o ouvido no peito plano e quente, escuto o ritmo do coração dele voltar a bater normalmente. Aaron tinha me amado

de um jeito diferente; devagar, era como se quisesse gravar cada pedaço do meu corpo, da minha pele com os lábios, com a ponta dos dedos e com a alma.

É uma despedida. E, apesar de jurarmos que não, meu coração diz que sim.

— Eu te amo — ele murmura.

Ergo a cabeça a fim de encará-lo. Seus olhos estão cheios de lágrimas e é impossível continuar segurando o choro.

— Nós prometemos que não choraríamos. Você me prometeu que não era uma despedida.

— Eu sei... é só que... vou sentir saudades.

Não vá. Fique, seu idiota.

Não é certo eu continuar insistindo para ele desistir.

Lembro que, nessa semana que passamos juntos, ele estudou sobre ONGs ao redor do mundo. Disse que, no futuro, poderíamos fazer algo assim. Brincou dizendo que ficaria rico e patrocinaria a minha ONG.

Ele precisa disso, tento me convencer outra vez.

Nós precisamos que ele tente fazer isso para seguirmos adiante.

— Li, vou te amar três vezes mais a cada minuto que passarmos longe.

Mordo o lábio por dentro, contendo o choro.

Aaron me beija.

— Eu te amo tanto.

E ele me beija uma vez, duas vezes, três vezes, e em cada uma delas com maior intensidade, paixão e entrega. E então, me ama pela segunda vez da noite, com força, como se buscasse diamantes ou estrelas com os lábios, com os dedos sobre a minha pele.

O dia amanhece e acordo com um beijo apaixonado. Um beijo de despedida. Ele me ama novamente, de um jeito suave e forte. Devagar e intenso, uma mistura perfeita das duas vezes anteriores. Ganho meu infinito dessa noite, gravado para sempre em meu coração.



“O mais feliz dos felizes é aquele que faz os outros felizes.”

O CONDE DE MONTE CRISTO - ALEXANDRE DUMAS

Marilia

RIO DE JANEIRO

Na frente de uma turma de vinte crianças, só consigo pensar que preciso falar com Aaron. Faz quase três meses que ele foi para Rondônia.

Ele costuma me ligar mais de uma vez por semana.

Telefonemas curtos e falhos.

Uma bosta de ligação.

Não é culpa dele, Aaron precisa pegar um carro e dirigir uma hora para chegar ao posto onde tem internet e sinal de telefone. Ele jura que a empresa de mineração está trabalhando para levar internet via satélite para a zona em que trabalha.

Hoje faz quatro dias que não nos falamos.

Acho que nunca passou tanto tempo.

E eu realmente preciso falar com ele.

Pego o caderno de Laura, uma menina linda de onze anos que mora no Borel, no Rio de Janeiro.

Essa é outra novidade, uma vez por semana há trinta dias, subo numa ponte aérea que me liga com os braços do Cristo e com os pés dos morros. Faz pouco mais de trinta dias que conheço uma realidade do Brasil tão diferente da minha. Aqui, e nas outras comunidades onde o projeto acontece, uma parceira da ONG *da Rosa* com o governo do Rio, sou recebida com calor de sorrisos e mãos que, mesmo recebendo pouco, só sabem oferecer.

Hoje mesmo, vou jantar na casa de um dos alunos que faz aniversário. Por isso, o bolo recém-devorado e as migalhas que

atestam o sabor aprovado.

— Foi você quem fez? — pergunta Tiago com a boca cheia.

— Sim, cheguei um dia antes aqui no Rio só pra fazer o bolo do Zeca.

— Não quero que você vá embora — diz Mikaela, a boca torcida para baixo.

Engulo o doce da cobertura com o amargo por estar concluindo o trabalho no Borel.

— Ainda volto pro Rio e venho ver vocês.

Laura me abraça.

— Promete?

— É claro, sempre.

Meus olhos ardem com lágrimas. Desde que comecei a trabalhar com a ONG, desde que comecei a dar aulas de poesias para crianças pelas comunidades de São Paulo e do Rio, meses atrás, toda turma que me despeço leva um pedacinho do meu coração.

Mas também sei que, especialmente hoje, estou mais sensível. Muito mais.

Meu telefone toca e meu pulso acelera. *Expectativa.*

Pelo número enorme, como se fosse uma ligação do exterior, sei que é o Aaron. Pesco o aparelho de cima da mesa antes de dizer:

— Crianças, eu já venho. Estou aqui na porta.

— Uhuu! É o namorado da professora. — Escuto um coro de risadinhas antes de encostar a porta.

— Alô.

— Minha estrela.

Pulso mais acelerado.

— Oi, que saudades.

Chiados e ruídos comuns nas ligações dele.

— Tá me ouvindo meu amor?

— Sim.

— Estou tentando completar essa ligação há mais de uma hora.

— Puxa — murmuro, me segurando para não pedir que volte para cá. Que esqueça tudo isso porque eu não aguento mais.

— Como você está?

— Terminando a última aula no Borel.

— Aquela comunidade — ruídos — do Rio, né?

— Sim, e você, como está?

— Hoje está um calor dos infernos aqui, e estou morrendo de saudades.

Meu estômago gela.

— Eu... preciso falar uma coisa importante com você.

Chiados e mais ruídos.

— O que você disse?

— Que preciso falar com você.

— Merda! — xinga e fala algo que sai totalmente cortado.

Só entendo *ligação* e *bosta*.

— Você demorou para ligar — falo mais alto.

— Caiu — falha — barragem — ruídos — isso daqui — chiados — caos.

Impossível, como posso falar com ele desse jeito? É sempre assim. Dias melhores e outros piores. Não posso falar isso por telefone. Não vou conseguir.

— Aaron, por favor desista disso, volte pra casa — peço de uma vez, impulsiva.

— Vai ficar tudo bem, Li — ruídos —, eu não vou desistir agora que...

Ele ouviu.

— Que...?

— Oitenta dias — chiados — eu não vou... — corte — tudo fora.

— Mas você está bem? Jura que está bem? Fico tão preocupada, você está seguro aí?

— Estou seguro meu amor, o lugar é — falha. — Só é... muito difícil, muito calor, muitos bichos — ruídos —, é uma floresta gigantesca, e estamos no meio dela.

A tensão na voz, a forma como ele reage toda vez que eu pergunto se ele está seguro é o que, além da distância e da ausência de notícias, está acabando comigo.

— Quando você terá uma folga? Posso ir até aí, até Rondônia.

— O que tem Rondônia?

Bufo impaciente.

— Nada.

— Eu te...

Fica mudo.

— Aaron.

Silêncio.

A ligação caiu.

Aperto o celular segurando as lágrimas. Não aguento mais isso. E, agora? Agora tudo está diferente. Preciso vê-lo para... preciso arrumar um jeito de encontrar Aaron, o mais rápido possível.

Fecho os olhos com a certeza do que terei que fazer:

Vou ter que pedir ajuda para meu pai. *Infelizmente.*



Duas noites depois, estou de volta a São Paulo, acabei de chegar e ter outra conversa tensa e difícil com meu pai.

Sei que vou precisar de uma autorização da mineradora. A princípio meu pai resistiu, é claro que sim. Mas quando entendeu que faria o que estivesse ao meu alcance para ir, mesmo que fosse sem a porcaria da autorização e sem ajuda alguma, ele acabou cedendo.

Coloco o pijama, lembrando das palavras dele há pouco:

— Sempre soube que Aaron era um homem ambicioso, isso não é surpresa alguma para mim. Mas, minha nossa, se enfiar no meio de uma floresta em um terreno de mineração, poucos homens que conheço são tão loucos ou tão desesperados por dinheiro desse jeito.

Meu pai vinha repetindo esse discurso sobre a ganância do meu namorado constantemente. Tento ignorar sempre, acreditando ser sua implicância usual com Aaron.

— Aaron jurou que está instalado com conforto e que é seguro — rebati.

Meu pai riu. E eu odiei aquela risada.

— Quer saber? Vai ser bom você ver com seus próprios olhos.

— Ele está bem. Ele jurou pra mim e...

— *Vou organizar sua viagem, conseguir as autorizações pra você entrar com segurança, mas você vai com três pessoas de minha confiança.*

— *Seguranças?*

— *Sim.*

— *Isso é um exagero!*

— *Marília, ou é assim ou pode ir por sua conta e risco. Não me culparei se algo acontecer com você.*

Lavo o rosto e escovo os dentes.

A condição do meu pai foi como levar um soco no estômago, porque sei que ele não apoia meu namoro, mas jamais me colocaria em risco, ou exageraria sobre isso.

Aaron está realmente seguro como jura todas as vezes que nos falamos?

Deito e pego um livro.

Vou tentar ler e não pensar mais no assunto.

Meu pai vai conseguir a autorização para eu entrar na zona de mineração, vou ver Aaron. Vou conseguir falar, conversar

pessoalmente com ele. E isso é o que mais importa nesse momento. Isso é tudo o que importa.



“Não quero que toda minha felicidade dependa de outra pessoa, não quero ser refém de destinos que não consigo controlar.”

DEPOIS DE VOCÊ – JOJO MOYES

Marília

RONDÔNIA ZONA DE MINERAÇÃO

Nunca visitei a floresta amazônica e, se alguém me pedisse para descrevê-la em uma palavra, seria “grandiosa”.

Faz um mês que pedi ajuda ao meu pai.

Nesses trinta dias que passaram, falei com Aaron apenas mais cinco vezes, os telefonemas cada vez mais espaçados, curtos e de pior qualidade. É quase impossível trocar três frases inteiras sem cair a ligação. Ele jura que daqui uns dias a empresa finalmente possibilitará o acesso à internet no local do trabalho.

Não quero esperar nem mais duas horas para falar com ele.

Por isso, sei que estar aqui é a coisa certa.

Não posso mais esperar.

No começo da viagem de Porto Velho até o local das minas, fico encantada com o tamanho das árvores, com a força viva do lugar. Demoro para sentir o quão desconfortável a estrada se torna, a cada quilômetro avançado. Aos poucos, o asfalto liso dá espaço a buracos e valas e, nas últimas três horas de viagem, o carro pula tanto que me sinto em um daqueles brinquedos de parques que sacodem e giram sem parar.

O problema é um só, o enjoo.

A cada pulo que o jipe dá, eu me agarro à minha bolsa e a uma peça de roupa que passou a ser o meu amuleto, minha coragem para continuar com a viagem.

Chego depois de quatro horas no carro. *Ainda bem que saí de Porto Velho às seis da manhã.* E agora, estou dentro da barraca que me apontaram como sendo a de Aaron. Aperto ainda mais, entre os dedos, a peça que me serve de apoio.

Porque nada, nada do que imaginei se compara a isso.

Estou literalmente enterrada na maior floresta do mundo, em uma clareira do tamanho de um campo de futebol, com barracas por todos os lados. Elas são numeradas e variam de tamanho. A de Aaron é uma das grandes e, mesmo assim, não é maior do que um banheiro pequeno. O clima é tão abafado e úmido que me sinto numa sauna. E o cheiro de terra, mato e muitos homens que possivelmente não têm tempo, nem local adequado para tomar banho, fazem meu estômago revirar.

O que realmente esperava encontrar aqui?

Uma suíte?

Analiso a cama de armar pequena, o lençol dobrado e uma mesinha de alumínio ao lado de um cofre enorme. Em cima da mesa, o relógio dele, uma lanterna, um caderno e um livro — Clarice Lispector — em espanhol. Meus olhos saltam para uma foto colocada sobre o travesseiro, e meu coração dá um nó. É

um retrato meu, um que ele tirou enquanto eu dormia. Um que ele havia me contado ser sua foto preferida.

Guardo a peça de tecido na mochila de couro.

Avanço em direção à mesinha, pego o livro e passo a folheá-lo rapidamente. Quero espantar a sensação ruim que me acompanha desde que cheguei. Quero que esse livro tenha o poder mágico de apagar tudo.

Leio três frases e lembro que, assim que entrei na área do acampamento, vi pelo menos cinco homens armados dos pés à cabeça, sem contar os olhares de arrepiar todos os pelos lançados em minha direção. E assobios e... uma ofensa. Ou duas.

— *Essa é uma das putas caras do argentino?*

É claro que era uma ofensa aleatória e cheia de ódio. Eu sei que Aaron não recebe putas nem baratas, nem caras. *Tenho certeza, não tenho?*

Claro que sim. Estou ficando louca.

Agradeço mentalmente pelos seguranças que meu pai contratou e que me aguardam do lado de fora da barraca.

Onde é o banheiro? Onde eles tomam banho, escovam os dentes?

Meu Deus.

Por que ele está se sujeitando a isso?

Aaron está vivendo há quase quatro meses em uma situação que poucos homens considerariam saudável ou suportável. Recordo das palavras do cara que me trouxe até aqui, poucos minutos atrás. Ele é um tipo de guia do acampamento.

— *Essa semana não tivemos nenhuma baixa.*

Nenhuma baixa?

Minha garganta seca e meus olhos enchem de lágrimas. Meu Deus o quanto ele omitiu da verdade?

Por que ele escolheu passar por isso?

“O garoto que você diz amar, é um homem ambicioso.” A voz do meu pai entra na barraca e invade minha mente, fazendo meu coração gelar.

“O quanto você o conhece Marília? Um homem que é capaz de ir para o inferno de uma zona de mineração, tem que estar

disposto a tudo, matar ou morrer. Tudo por dinheiro.” As palavras da minha irmã espremem meu pulmão.

“Estou bem meu amor, o lugar é seguro e nós temos acesso a tudo o que é preciso para descansar com conforto.”

Mentira.

“Ele só ficou com você por dinheiro, ele nunca te amou. As farpas que minha mãe disparava, vez ou outra, me enjoam.” De novo.

Sento no canto da cama, o colchão é fino demais e sinto as molas da armação do estrado.

Por que ele está aqui?

Mais uma vez lembro o que o guia do acampamento disse há pouco:

— Vou chamar Aaron na garganta do inferno.

— Por que garganta do inferno? — perguntei, assustada.

— Porque até termos certeza de que estamos escavando no lugar certo e implodirmos o necessário, são feitos vários buracos muito profundos e estreitos o bastante para um homem ter certeza de que pode sufocar até morrer se cair lá dentro.

— Não é perigoso entrar nisso?

O homem riu, sem jeito.

— Esse é dos menores perigos que temos por aqui, moça.

— Como assim?

— Ah, moça, isso daqui é a terra de ninguém — ele olhou para os lados abaixando o tom de voz. — Semana passada, uma das mulheres que vem lavar as roupas dos homens foi violentada, e tudo fica por isso mesmo. Tem as brigas com os locais, ameaças, mortes acidentais ou não, tentativas de roubo. Isso aqui é um verdadeiro inferno, não é lugar para uma moça como você e para ninguém que tenha amor pela vida. Estamos cercados de pessoas dispostas a vender ou matar a própria mãe por um punhado de diamante.

Por que, Aaron?

Passo a mão na barriga e fecho os olhos engolindo a vontade de chorar.

Por quê?

— Por que, merda, você deixou ela entrar?

Meu estômago aperta e meu coração acelera. É a voz dele. A voz do garoto que mudou minha vida. A voz do homem que

amo louca e exageradamente. Se é que existe excesso de amor. E ele está bravo. Mais de três meses sem me ver e ele está puto da vida por eu ter entrado aqui.

Por que, Aaron?

— Ela trouxe uma autorização oficial da sede, assinada pelo chefe — é a voz do homem que me atendeu. — Além disso, achei que ela fosse sua garota.

— Mais um motivo pra você ter mantido ela longe daqui — Aaron murmura, não tenho certeza se ele queria que eu o escutasse. Acho que não.

Mas eu ouvi.

Por que, Aaron?

Então, avança barraca adentro, parando quando nossos olhos se encontraram. Ele respira rápido pela boca entreaberta, como se tivesse corrido alguns quilômetros, como se estivesse desesperado.

Meu coração acelera mais.

É possível alguém mudar tanto em três meses e meio?

Meu Deus!

Ele usa uma camiseta branca manchada de terra vermelha. Nunca o vi tão bronzeado. A barba cobre o rosto quadrado. E ele está mais forte.

Bem mais forte.

Quanto de músculos alguém pode ganhar em cem dias?

Aaron parece ter dobrado de tamanho.

Isso, ou tudo dentro dele mudou completamente. Como se antes fosse um céu azul e claro e agora estivesse coberto por nuvens carregadas e neblina.

A primeira coisa que intuo, é que ele deve precisar de nuvens e trovões internos para sobreviver nesse lugar.

E a pergunta que passa a martelar meus nervos é *“O que ele viveu e aguentou aqui, em cem dias?”*

Por que, Aaron?

Então, por reflexo, me encolho um pouco ao encarar seus olhos pela primeira vez em todo esse tempo.

Onde está você, Aaron?

O olhar dele gela meu sangue, como se o brilho, a luz, a esperança que ele me mostrava sempre que nos encarávamos,

tivessem se perdido entre as árvores enormes dessa floresta, tivessem sido enterrados junto aos diamantes que ele escava para achar. Ainda parecem duas estrelas cor de mel, porém, elas não refletem nada além da minha insegurança. Estão cobertas de pó de terra.

Alguém que te olha de verdade, deixa você ver a sua própria alma refletida nos olhos dele. Lembro da frase que Aaron me disse tempos atrás.

Arfo.

— Marília — ele diz baixinho.

E seu olhar suaviza, se abre, muda.

Aproxima-o mais do Aaron que conheço e amo.

— Aaron — me obrigo a dizer.

Ele vem em minha direção, me surpreendendo.

Meu coração dispara ainda mais quando segura a curva dos meus braços, me erguendo com as mãos ásperas, muito mais ásperas do que lembro. Sigo o impulso dado pela força dele e, ao parar em pé, nossos corpos se encontram. Colidem de um jeito íntimo, conhecido.

— Eu quero... — E ele me beija.

E eu lembro.

Esqueço.

Ganho o ar e perco.

Perco tudo e renasço.

Na medida que a língua invade minha boca, me agarro a ele, as mãos pressionando a nuca molhada de suor, descendo pelas costas largas. Ele está com cheiro de terra, chuva, sol, árvores, instinto e Aaron. No fundo, ainda é o meu Aaron. Por baixo do pó vermelho que cobre a pele, por dentro da camada que o envolve, eu o encontro.

Ele geme e me beija com mais força, com mais vontade, com toda a paixão que ficou guardada junto com as centenas de horas entre nós. Os lábios macios exigindo e absorvendo os meus. Um beijo quente, feito do calor do centro da terra, o mesmo que faz carvão virar diamante. Ele quer me levar para dentro, eu quero levar ele para dentro e nunca mais soltar. E com a mesma força e urgência que me beija, se afasta, ofegante, confuso, parecendo transtornado.

Tenho que sentar na cama estreita às minhas costas.

Aaron me observa por um tempo com os olhos arregalados, ofegante, e tira a camiseta com um movimento rápido de trás para frente.

Engulo, nervosa, sem entender nada. E tremo quando o vejo agarrar uma arma enfiada no cós da calça e guardá-la dentro da gaveta na mesinha lateral. Ele tenta esconder, mas eu vi. Meu coração que estava quente e enorme por causa dos beijos, encolhe, esfria, endurece.

Uma arma.

Por que, Aaron?

Assisto, ainda horrorizada, a ele abrir a sacola de lona no chão e tirar uma camiseta limpa, mas antes de a vestir, reparo em uma tatuagem.

Uma tatuagem nova.

Quando ele fez? É enorme e cobre as costas inteiras. É o desenho de várias constelações, um mapa astronômico. É linda, perfeita e combina tanto com ele. Mas estou tão nervosa com o que tenho para falar e com tudo o que vi, que não consigo, não quero perguntar nada sobre a nova tatuagem. Ele coloca a camiseta.

— Desculpe — começa com a voz rouca abrindo uma garrafa de água e jogando nas mãos e rosto —, estou imundo, não devia ter tocado em você assim.

O quê?

Como?

O que ele está falando?

— Não devia ter tocado em mim?

— Não! — E esfrega os olhos, parecendo cansado.

As molas da cama estreita rangem quando ele se senta ao meu lado. Passa as mãos no rosto escorregando-as pelo cabelo ondulado, longo outra vez. Em seguida, puxa para fora da camiseta a corrente com a medalha de Nossa Senhora Aparecida. Que imagem irônica para alguém que acabou de tirar uma arma da cintura.

— O que você está fazendo aqui, Lili?

Quero gritar, berrar e talvez esmurrá-lo também.

Engulo.

— Só me responde uma coisa Aaron, isso-isso que vocês estão fazendo aqui é legal?

Ele fecha os olhos antes de responder:

— O senhor Carlos jura que teremos todas as licenças até...

— Ou seja — arquejo —, vocês não estão legalizados.

— Eu também não sabia.

— Você mentiu para mim.

Faz uma negação com a cabeça.

— Ah, não?!

— Não, Marília, só não te contei exatamente como era.

— Por quê?

Ele respira fundo.

— Se você soubesse como isso aqui é de verdade, achei que nunca mais me olharia da mesma maneira.

Por que, Aaron?

Fecho os olhos. As veias pulsam forte nas minhas têmporas.

— Você estava armado.

— É necessário.

Então eu viro e bato nele.

Um soco no peito.

Ele nem se move.

— Por... por dinheiro? Você está se expondo a tudo isso por dinheiro! — grito e dou outro soco no peito.

— Não, estou passando por tudo isso porque é a chance que tenho de realizar meus sonhos e também porque é o único jeito de eu ser respeitado pelos seus pais.

— Achei que ficaríamos juntos, você me prometeu que não nos separaríamos mais.

— Estou fazendo isso por nós — diz baixinho.

— Mentira — grito outra vez. — Você acha que estar em um lugar desses, se arriscando todos os minutos do dia e da noite, é um bom jeito de ficarmos juntos? É um plano seguro sobre o futuro? Desde quando o dinheiro vale mais do que a vida? Do que nosso amor, desde quando?

— O que você sabe sobre não ter dinheiro nenhum, Marília? — Ele arfa. — Sobre ser olhado de maneira diferente por que você não caga dólar? De não ter o respeito da família da garota que você ama porque é o filho pobre da caseira? De não saber se você vai ter o suficiente um dia para poder realizar seu

sonho? Para ficar com quem ama sem ser taxado como um bosta interesseiro. Pare de me julgar, pare de ser hipócrita.

— Eu estou grávida.

Ele fica um tempo me encarando em silêncio, nossas respirações aceleradas, todos os músculos do meu corpo estão instáveis, trêmulos.

— O quê?

— É por isso que vim te ver. Estou grávida de quase quatro meses. Quatorze semanas, praticamente o tempo que você está nesse inferno. Ninguém, tirando um médico de confiança sabe, eu queria que você fosse o primeiro.

Então os lábios dele se curvam para cima e os olhos brilham de um jeito que nunca tinha visto, como se os diamantes que ele está buscando estivessem dentro daquele sorriso e daquele olhar.

— Meu Deus! Li, meu... — A voz dele falha, e Aaron me abraça com todo corpo e alma. E me beija com todo amor. — Eu te amo.

Retribuo o abraço e o beijo várias vezes, relaxando desde que coloquei os pés nesse acampamento. *Tudo vai ficar bem,*

Aaron.

Segura meu rosto entre as mãos, rindo sem parar.

— Você está falando sério?

Concordo com a cabeça, os olhos cheios de lágrimas.

— Eu vou ser pai — diz e me beija. — Vou ser pai — grita, ainda rindo, e me beija outra vez.

— É um menininho, descobri dias antes de viajar. Um mini você.

— Vou ser pai de um menino, ouviram? — ruge alto como um leão orgulhoso.

— Parabéns, argentino! — Surge um grito do lado de fora em resposta.

A ponta do meu nariz toca a dele.

Vai ficar tudo bem com a gente, Aaron.

— Entendeu por que você tem que ir embora? Você não pode ficar aqui e se colocar em risco desse jeito. Não é mais apenas por mim.

Os braços dele afrouxam um pouco, e ele murmura com os lábios nos meus cabelos:

—Meu amor — e volta a segurar o meu rosto entre as mãos —, por favor, me entenda. Depois de saber disso, que teremos uma família, não posso deixar esse lugar com as mãos vazias, agora, mais do nunca, preciso fazer isso dar certo. Preciso que isso dê certo, por nós, por nossa família.

Eu me desvencilho dos braços fortes e me afasto sentindo o coração parar de bombear sangue para a cabeça.

— Eu preciso de você, Aaron, agora mais do que nunca — murmuro, incrédula.

— Eu preciso de você — ele repete esfregando as mãos no rosto com vigor. — Saber disso, saber que teremos uma família, é toda a força que precisava para me manter vi...

— Vivo aqui? — pergunto, sentindo a visão nublada.

Ele concorda, e um gosto ácido envolve minha boca.

— Nós podemos voltar, minha avó pode nos ajudar.

— Não.

— Meu pai pode te dar um empre...

— Nunca.

— Rosa — digo entredentes, meus dentes batem uns nos outros. — Ela pode nos receber, podemos morar na casa dela em Saint Martin por um tempo, eu consigo um emprego, você consegue um...

— Não, Marília, vou conseguir tudo o que precisamos, sem pedir favor pra ninguém.

Abaixo os olhos para o chão coberto por uma lona azul.

— Seu orgulhoso, estúpido.

— Vou te dar tudo o que você sonhou Li, tudo o que...

— Eu só quero o seu amor.

Ele ri de maneira triste.

— Isso só funciona nos livros! — Aperta os olhos e depois a base do nariz com força. — Quero que o nosso amor seja real. Não quero que você e nosso filho sejam privados de nada por ter escolhido ficar comigo.

— Não acredito!

— Eu sei como é ser privado das coisas substanciais por falta de grana. E juro, Marília, é horrível.

— Nós temos um ao outro.

— Até quando? — Puxa a medalha outra vez. — Até o seu pai pagar alguém para nos separar? Ou até a milésima vez em que eu fracassar e ele jogar na minha cara que não tenho como sustentar a mulher que amo? — Escova os cabelos com os dedos, parecendo atordoado. — E agora, nosso filho, meu amor.

— Se não é por mim que você vai embora, então que seja somente por ele.

Aaron nega, os olhos vermelhos e brilhantes, cheios de lágrimas.

— Ficar aqui, é o certo. Você e o bebê que teremos serão minha coragem para não desistir.

Fico em silêncio por um tempo, sentindo o mundo se desprender dos meus pés.

— E nunca o certo pareceu tão errado.

Uma gritaria ao lado de fora, seguida por vários estouros como bombas enormes, faz meu estômago revolver e minhas mãos molharem de suor.

— Você tem que sair daqui, Marília, não é seguro — diz, afoito, nervoso, meio em pânico.

— É ainda menos seguro pra você.

Agarra a curva dos meus braços e ajuda a me erguer da cama, com cuidado.

— Você tem de ir embora. É sério. Aliás — franze o cenho com dureza —, como você vem para esse inferno, grávida?

Meus lábios tremem ainda mais.

— E você está nesse inferno há meses por dinheiro.

— Estou nesse inferno por nós.

Mais gritos e estouros.

— Você vai voltar comigo? — pergunto com a voz fraca.

Ele lança um olhar aflito para fora.

— Vi que você veio com seguranças. Vá embora agora com eles, se começar uma briga, você não tem ideia do caos, do risco e dos problemas que surgem em segundos aqui.

Enfia a arma na cintura outra vez, e meu coração perde algumas batidas.

— Estou tendo ideia, Aaron.

— Assim que der, prometo. Assim que conseguir uns dias de folga, vou até São Paulo. — Ele segura o meu rosto, me beija,

passa os dedos nos meus cabelos. — Logo, logo estaremos juntos para sempre.

Mais gritos e explosões.

— Como acha que posso ficar bem sabendo o que você está passando aqui?

— Sabendo que estou passando tudo isso por nós — rebate, tenso.

— Eu não acredito.

Faz uma negação parecendo desolado e mira o chão, abatido.

— Nós estamos quase lá, tenho certeza. Mais alguns meses e sairei daqui com um punhado de diamantes na mão, milhões de dólares, Lili, nossa segurança, o sustento da nossa família garantido, e nunca mais precisaremos pedir nada para ninguém, nem nos separar, nem nos preocupar com nada.

— Às custas do nosso amor.

— Não diga isso, por favor — suplica com a expressão angustiada. — Você não percebe como está sendo egoísta?

— Aaron — uma voz masculina grita ao lado de fora —, precisamos de você com urgência na garganta oitenta, teve um

deslizamento, alguns homens estão presos e está um tumulto dos infernos.

Por que, Aaron?

— Eu já vou — responde, enfático, me encarando com os olhos cheios de lágrimas. — Você precisa ir, Li. Agora! É sério!

Suspiro de maneira falha, mas não consigo chorar. Algo se quebra aqui dentro dessa barraca.

Meu coração.

— Diga que estamos bem — pede, buscando meus olhos.

— Como?

— Vou voltar pra você e tudo ficará bem.

— Aaron, rápido pelo amor de Deus! — o homem grita mais uma vez, seguido por outros rugidos e mais estouros.

— Diga que estamos bem, Li...

— Você precisa ir — é só o que consegui dizer.

Ele me beija, parecendo desesperado, e não consigo retribuir.

— Eu te amo — murmura e depois sai.

Quando Aaron deixa a tenda, escuto ele pedir, afoito, resfolegado:

— Levem ela pra casa em segurança, por favor, agora! Tirem ela daqui, agora — Aaron deve estar falando com meus seguranças. — Meu infinito, Marília, sempre será você — grita, afastando-se.

— Nós temos que ir. Nós temos que ir agora, Dona Marília — um dos seguranças fala, tenso, colocando o rosto para dentro da lona.

— Um minuto.

Meu rosto está molhado, nem percebi que chorava. Desato o nó do cordão que fecha minha bolsa de couro com os dedos incertos. Pego o casaquinho amarelo de bebê que comprei antes de vir para cá. Deixo-o em cima da cama. Abro o zíper do nécessaire e tiro os brincos de diamante que meu pai me deu de presente quando fiz quinze anos, os guardei, antes de entrar no acampamento. Coloco junto com a peça de linha amarela. Agarro uma folha de papel do meu caderninho e uma caneta e escrevo:

29 de outubro

Rifa-se um coração que na realidade está um pouco usado, meio calejado, muito machucado e que teima em alimentar sonhos e cultivar ilusões.

Clarice Lispector

Para que você lembre do dia em que trocou meu coração que teima em acreditar no amor, por um punhado de diamantes. Eu te deixo mais dois brilhantes, quem sabe assim, você desista de tentar se matar para ir atrás deles.

Para mim, o amor sempre valerá mais do que o dinheiro, não posso esperar menos do homem que amo. Quem sabe as pedras te farão feliz. Você já parou para pensar que os diamantes parecem estrelas refletidas na terra? Talvez, tirá-los do lugar, seja como abrir buracos no céu.



“É só a vida. E não importa quem somos, temos que fazer o melhor para seguir em frente de qualquer modo, amar de qualquer modo, ter esperança de qualquer modo(...)”

A VOZ DO ARQUEIRO – MIA SHERIDAN

Marilia

SÃO PAULO

Árvores, lataria sendo amassada, vidro quebrando. Um jipe blindado enorme, ficou tão pequeno quando o temporal nos alcançou, ficou tão pequeno quando derrapou, sumiu dentro da árvore que o engoliu.

— Está tudo bem, Marília — Rosa me acorda com cuidado.

Abro os olhos e engulo em seco.

Rosa está no quarto comigo.

— Estava sonhando com o acidente de novo?

Concordo.

— Acho que nunca vou me esquecer do tamanho daquelas árvores e do som que elas fizeram ao serem atingidas em alta velocidade.

Ela segura minha mão.

— Está com dor?

— Agora não.

Meus olhos enchem de lágrimas e dedos longos apertam mais os meus. Ela sabe por que estou chorando. Sabe que meu problema não é o barulho horrível das árvores sendo amassadas e sim...

— Já disse hoje que é um milagre você estar viva, né?

— Sei — respondo baixinho. — Foi um milagre o jipe ter batido quase em Porto Velho e os celulares estarem funcionando. Foi um milagre terem conseguido chamar meu pai e um jatinho

chegar em tempo recorde, depois da minha primeira cirurgia em Rondônia — miro os pés da cama —, mas não teve milagre grande o bastante para salvar meu bebê.

— Eu sinto muito, Marília.

— Eu também sinto.

Em silêncio, choro pela vida que não resistiu, pelo jipe que não conseguiu frear a tempo, pela dor, pelo medo, pela falta.

Aaron não me ligou mais e, apesar de fisicamente estar melhor, não ter mais tantas dores, ainda estou um pouco fraca. Meu corpo está fraco, meu coração está quebrado. Não consigo me levantar sem ajuda e, com certeza, precisarei de alguns dias além dos dezenove passados no hospital, para ter alta.

Dezenove dias que saí de Rondônia, a última vez que vi e falei com o pai do bebê que parece — para os outros —, nunca existiu.

Apesar de os médicos garantirem que estou me recuperando bem, sinto que algo está errado. Porque, simplesmente, deixei de sentir as coisas.

Não tenho vontade rir, de chorar, de gritar, nada.

Os médicos justificam dizendo se tratar de uma queda bruta hormonal. Mas sei que não é somente isso, porque chorei na primeira semana inteira. Nos dias após o acidente, lembro meio vagamente de pedir para falar com Aaron, apesar de tudo, queria ele comigo naquele momento. Acho que nunca precisei tanto dele.

Ele não ligou de volta. Ele nem mesmo ligou para saber se eu havia chegado bem em São Paulo e, para mim, essa foi a prova final de que Aaron é uma pessoa muito diferente do que eu acreditei ser. A prova de que não conhecemos ninguém de verdade. A prova de que sempre que nos apaixonamos estamos, na verdade, amando uma projeção, uma idealização de nossos desejos.

Nunca me senti tão só em toda a minha vida.

— Você quer ver um filme? — Rosa pergunta, e o telefone toca em seguida.

Ela atende e fica lívida, me encarando com olhos verdes enormes.

— É o Aaron, Marília, ele está subindo.

— Eu não quero falar com ele — falo, impulsiva.

— Você vai ter que falar isso na minha cara — diz, entrando no quarto.

E é horrível porque, pela primeira vez em dias, meu coração acelera, meus lábios tremem, meus olhos enchem de lágrimas e eu choro. Começo a soluçar descontroladamente em segundos.

Ele me encara ainda do batente da porta.

— Me perdoa — pede, a voz embargada.

Respiro fundo sem saber se sinto raiva, alegria, amor ou uma mistura insana de tudo.

— Quando você soube do acidente?

— Há nove dias pelo senhor Carlos. Tentei ligar no seu celular, mas só dava caixa postal. Precisava ver como você estava. Eu precisava. Então peguei dinheiro emprestado no acampamento e comprei a passagem, só consegui vir hoje, me perdoa.

E constatar que ele está aqui, porque soube do acidente e não apenas por mim, por nós. Não está aqui porque se arrependeu antes de saber que quase morri, o que perdi, o que perdemos, perceber isso acaba de quebrar meu coração.

— Você está aqui por que se sente culpado pelo acidente?

— Preciso ter certeza.

— Estou aqui porque há vinte dias cometi o maior erro da minha vida e continuei sem ver, achando que você estava sendo egoísta e mimada então...

Eu soluço, ele para.

— Vá embora, Aaron.

— Por favor, Li — ele respira fundo parecendo abatido —, me perdoa.

— Eu perdoo. — *Não sei se consigo.* — Agora vá embora.

— Meu amor, não faz isso com a gente.

Ele se aproxima da cama, e eu quero bater nele com força. Não consigo nem encará-lo direito. Tenho vontade de abraçá-lo até que tudo pare de doer.

— Não tem mais a gente.

Ele arregala os olhos cheios de lágrimas. Tão claros, quase verdes.

— Não diz isso.

— Vinte dias, Aaron, eu poderia ter morrido e você só saberia há pouco tempo. É isso que é o amor pra você? Você me mandou embora daquele acampamento maldito sozinha e...

A expressão dele desaba.

— Me perdoa — pede se ajoelhando ao meu lado —, eu te amo, por favor, me perdoa.

— Não minta — peço de olhos fechados. De repente estou muito cansada e meio tonta também. — Ninguém-Ninguém sabe o que eu estou sentindo. — As lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Se você não tivesse escolhido ficar lá, isso não teria acontecido.

Ele se afasta um pouco, empalidecendo.

— Você está me culpando?

Eu não respondo porque, no fundo, estou culpando a ele, a mim mesma, aos meus pais, a vida e a Deus. Todos recebem uma parcela de culpa. *Todos*.

— Você está sendo injusta — sussurra e se levanta, apoiando as mãos na grade da cama. — Por favor, me deixa ficar com você. Eu errei pra cacete, eu sei. Mas quero consertar, não

vou desistir de nós. Eu não vou mais embora. Sem você, Lili, nenhum sonho faz sentido. Nada faz sentido.

Aaron se curva e beija minha testa. Continuo de olhos fechados, continuo sentindo as lágrimas quentes em meu rosto. Ele beija minhas bochechas e ergo a mão tocando na cabeça castanha. A sonda do soro se mistura com os cabelos dele.

— Me perdoa — murmura com os lábios em meus cabelos.
— Por favor, me perdoa.

— Aaron, eu preciso... — *de você*. — Eu preciso...

— O que esse filho da puta está fazendo aqui? — Meu pai entra no quarto berrando. — Vou chamar os seguranças, você está proibido de entrar aqui.

— Pai, para! — berro também.

Aaron se afasta com expressão cheia de ódio, e meu estômago gela.

Ele me encara antes de dizer:

— Entende agora por que eu não queria sair de lá sem nada? Seu pai nunca vai me respeitar, nunca vai entender que te amo, cacete! Nunca vai deixar a gente ser feliz.

— Cala boca, seu mentiroso, você quase a matou, o que mais você quer? Fora daqui!

— Marília, você quer que eu fique?

Meu pai continua gritando e Aaron reage o encurralando. Eu respiro de maneira acelerada, os sinais vitais saíram de controle, estou hiperventilando.

— Aaron, para — murmuro. — Saiam daqui.

— Parem vocês dois — Rosa se impõe.

— Sabe o que eu acho? — Aaron pergunta, se aproximando de maneira ameaçadora do meu pai. — Que o senhor fingiu aquele problema no coração para tentar separar a gente.

— O quê? — meu pai urra. — Olhe o que esse marginal está me acusando de fazer, filha.

E tudo se perde junto a uma brisa de inconsciência, sons difusos e abafados. Quando dou por mim, estou chorando e em pé. Estou chorando muito.

—Chega! — grito ou murmuro, não sei.

— Você acha isso certo, minha filha, esse desgraçado aparecer aqui depois de quase te matar, assassinar meu neto e

me acusar desse jeito?!

— Foi um acidente — Aaron rosna entre os dentes.

Meu pai bufa.

— Que não teria acontecido, se você não fosse um mercenário ambicioso, se não tivesse se enfiado naquele inferno. Se realmente sentisse alguma coisa pela minha filha.

— Se eu soubesse que ela queria ir até lá, eu jamais teria concordado — Aaron afirma em tom desafiador.

Meu rosto molha de suor, e levo as mãos ao ventre que pulsa e repuxa de dor. Acho que levantei muito rápido.

— Agora a culpa é minha?

Aaron tenta se aproximar, meu pai grita qualquer coisa que não consigo entender. Encaro o homem que mudou a minha vida, o garoto que acreditei amar e não o encontro. Talvez nunca mais encontre.

— Por favor, vá embora.

— Marília — ele me chama, estendendo a mão para tocar em meu rosto.

O quarto começa a girar.

— Eu não quero mais te ver.

— Eu não acredito.

— Acabou.

E tudo escurece.



"Mesmo que meu coração estivesse despedaçado por perder você, fosse orquestrada pela mera ausência física ou pela morte, senti que pelo menos havia uma nova vida surgindo das cinzas da tragédia."

A ROSA DA MEIA NOITE - LUCINDA RILEY

Marília

ALGUNS MESES DEPOIS - MADRI

Acabo de passar os olhos pelo desenho de uma Tara budista.

Tibet, Índia, Butão.

Yoga, meditação, pranayama.

Um mergulho para dentro.

Nunca imaginei que esses lugares pudessem ensinar tanto.

Tanta disparidade que desfaz barreiras internas. Tanto contraste de cores, cheiros, gente, crenças que nos levam mais perto de quem verdadeiramente somos.

Ao menos foi assim comigo.

Foi o que me salvou. Foi o que me resgatou do abismo que mergulhei quando saí do hospital.

Reparo em outro desenho, o símbolo do Om. Estou num estúdio de tatuagem em Madri, cercada de imagens que lembram minha viagem de meses pelo Oriente.

Aqui dentro, o barulho constante do zumbido do motor tatuando, me faz lembrar que tudo nessa vida passa. Desenho o símbolo do infinito com a ponta do dedo.

Olho através da janela frontal e reparo nos prédios da *Calle de Alcalá*. Cheguei na cidade faz cinquenta dias e estou apaixonada. Madrid é uma mistura de clássico com moderno. Muitos prédios de Buenos Aires foram inspirados na arquitetura

daqui. É o coração cultural e o centro econômico da Espanha. Uma cidade do mundo, cosmopolita e linda. Tão diferente das cidades do Oriente.

Folheio um pouco mais uma das pastas com desenhos e ideias de tatuagens, lembrando o que me motivou a entrar num dos mais famosos estúdios de tatuagem de Madri. Descobri, numa cidade pequena entre a Índia e o Tibete, que para alguns povos a tatuagem, a tinta que se mistura com o sangue, é algo sagrado. Algo que marca não apenas a pele, mas também a alma.

Observo meu pulso esquerdo outra vez. De uns tempos para cá, consigo pensar nas coisas com mais clareza. Desafogada da minha própria mágoa.

Será que errei?

Será que devia ter perdoado ele?

Onde e como ele está?

Meses atrás eu achava que nós dois, eu e Aaron, nunca mais teríamos conserto. Que algumas marcas — fecho os olhos e passo as mãos no ventre — eram grandes demais para serem

esquecidas, superadas. Que olhar para ele só me faria lembrar do que perdi, do que perdemos.

Mas hoje...

Hoje não sei mais. Vou tomar coragem e procurá-lo. Talvez a gente precise de uma última conversa para resolver tudo o que ficou para trás, dizer tudo que não foi dito e perdoar. Talvez...

Amanhã é meu primeiro dia na faculdade. Outro recomeço. Outro sonho que era para ser nosso. Morarmos juntos em algum lugar qualquer, estudarmos e...

Meu celular vibra, me afasto um pouco dos desenhos expostos na parede, para atender.

— Oi, mãe.

— Oi, filha, animada para começar as aulas?

— Sim.

— Graças a Deus você desistiu de morar naquele lugar sem civilização no oriente.

Quero rir, porque a civilização desses lugares é mais antiga em milhares de anos do que a do mundo ocidental. No lugar, pergunto:

— Eu estou bem, mãe, e você?

— Você ficou sabendo que o seu Aaron se casou? Ele não demorou nem um ano para achar outra boba que o aceitasse.

Minha boca seca e meu pulso acelera.

— Mentira! — rebato, impulsiva. — Você não tem como saber.

— Vi a foto, a mãe que ainda sigo no Facebook postou esses dias. Foi um casamento bem simples, apenas no civil pelo que entendi.

— Mentira! — Não pode ser verdade.

Não faz nem nove meses desde o acidente. Demorei séculos até me sentir um pouco melhor. Meus olhos enchem de lágrimas. A verdade é que eu ainda o amo, de um jeito estranho e confuso, mas amo. Aaron não teria conhecido outra pessoa e se casado em tão pouco tempo, teria?

— Vou te mandar a foto. Você abandonou de vez as redes sociais desde o acidente. Eu não te digo, Marília?! Você tem que voltar pelo menos para uma delas, além de ser importante para ser vista, é um jeito de se manter informada e não fazer papel de tonta.

— Chega! — grito, é sempre a mesma coisa.

Ela não me respeita, faz questão de me espezinhar e humilhar, de fazer com que me sinta péssima, somente por respirar na direção oposta a que ela espera.

— Estou querendo abrir seus olhos, menina ingrata. E te provar que, apesar de você se achar tão melhor do que as outras pessoas por ser mais... altruísta, está longe de ser uma moça inteligente e...

— Eu disse, já chega — engulo o choro —, eu não aguento mais.

— O quê? Você realmente ainda está desequilibrada.

— Faça um favor mãe, não volta a me ligar, a não ser que seja para admitir que sabe o quanto tudo o que você fez e deixou de ser na minha vida ferrou com a minha cabeça.

Desligo.

Aaron não seria capaz.

Ele...

Ele...

Carrego a foto enviada pelo número da minha mãe.

Sei que esse é mais um jeito de ela tentar me ferir.

Deixar claro que eu não sou boa o bastante.

Deixar claro que ela tem razão. Que ela sempre tem razão.

A imagem aparece.

É um casal. Aaron olha para a garota sorrindo, visivelmente emocionado.

Embaixo a legenda:

Casamento de Aaron, meu filho, em Buenos Aires.

Quero gritar.

Talvez grite.

Um soluço sai abafado.

O quanto realmente fui uma idiota em toda essa história?

Uma piada para ele.

Não sei.

Só sei que se as tatuagens marcam a alma, quero uma que me lembre que ainda sou capaz de acreditar nas pessoas, no amor. Na bondade, nas coisas que valem a pena.

Quero apagar tudo que deu errado no meu coração.

Quero me marcar com a certeza de que ainda tenho motivos para acreditar no amor. Mesmo que seja num amor diferente do que já conheci. Acho que é mesmo impossível amar de um jeito igual, para sempre.

Volto para o estúdio de tatuagem, sei o que quero no meu outro pulso. O nome da ONG que um dia vou dirigir. Marcas que valem a pena.



“Então, esta é minha vida. E quero que você saiba que sou feliz e triste ao mesmo tempo, e ainda estou tentando entender como posso ser assim.”

AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL - STEPHEN CHBOSKY

Márcia

CINCO ANOS E ALGUNS MESES DEPOIS – CIDADE DO CABO

Hoje é o dia que continuei respirando.

Há seis anos, todo dia vinte e nove de outubro, me obrigo a lembrar, não tenho saída, simplesmente lembro da escolha que fiz.

Escolhi a vida.

Olho para meu punho direito e vejo o símbolo oito deitado de lado, preguiçoso, expansivo.

Eternidade.

Uma marca. Apenas um contorno de tinta preta que me lembra o porquê de tudo.

Marcas que não nos derrubam, nos fortalecem.

Repito.

Mas é mentira.

É um mantra.

Mentira.

Essa marca não me fortalece.

Essa marca me lembra como é difícil ser forte quando tudo ao seu redor desaba. Como às vezes é difícil respirar.

Sinto lágrimas cobrirem os meus olhos.

Engulo o bolo na garganta. Não choro mais.

Escolhi não chorar.

Somente nessa data. Nesse dia eu posso.

Normalmente, uma vez por ano, fico sozinha, me isolo e me permito colocar para fora o que sinto. E dou graças a Deus porque voltei a sentir.

Mas hoje, ao contrário dos outros anos, tive que vir dar aula. A outra coordenadora do projeto está de cama, acho que pegou uma gripe. Então, aqui estou, na frente de uma turma de vinte crianças. E elas são tão lindas, vivas e me dão motivos para respirar.

— Estou com sede. — Uma mãozinha agarra a barra da minha saia.

Dou água para ela. Seu nome é Nobomi, tem nove anos; pele preta, cabelos escuros. Olhos de estrelas. Todas as crianças têm duas estrelas no lugar dos olhos. Eu amo olhar o céu nos olhos das crianças do projeto.

Trabalho na township de Langa, uma comunidade da região da Cidade do Cabo, seus habitantes são descendentes da tribo de Xhosa. Aqui, centenas de pessoas vivem à margem do centro

da cidade, sem acesso à água, esgoto, ruas pavimentadas ou luz elétrica.

Coloco o copo sobre a mesa.

A outra tatuagem no meu punho esquerdo me lembra que tenho muitas marcas na minha história. *Marcas boas*. São essas que me erguem, me mantêm, me sustentam.

“Ubuntu” uma palavra escrita em letra cursiva. É o nome da ONG que dirijo há um ano aqui na África, e significa “Eu sou, porque nós somos”. Em outras palavras: o que eu, como indivíduo, posso fazer pelo coletivo?

Eu, tenho trabalhado há quase seis anos na ONG de Rosa que atua sobretudo, apoiando a educação de crianças e jovens carentes ao redor do mundo: A fundação *Olhos da Terra*, da qual a *Ubuntu* é um braço.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Passo os dedos no rostinho de outra menina antes de abrir minha bolsa e retirar folhas de papel, giz de cera e coragem.

Elas são o motivo da minha escolha há quase seis anos; respirar e buscar um jeito de continuar acreditando.

Crianças, vida, coragem.

Continuar acreditando.

E hoje é apenas mais um dia vinte e nove de outubro. Um dia como outro qualquer.

Mentira.

Um dia como outro qualquer.

Mantra.

Tento me convencer enquanto analiso vinte pares de olhos brilhando, aguardando.

Distribuo as folhas. As crianças estão sentadas em círculo no chão de terra batida. Elas têm entre oito e doze anos, todas recém-alfabetizadas pelo programa.

Nocawe sorri para mim.

Retribuo o gesto com amabilidade, abrindo o livro: Poesia para crianças, desvendando a alma através das palavras.

Começo a ler:

— Um minuto, silêncio...

Uma borboleta que voa.

Ela foi batendo as asas,

Deixando cor pelos olhos.

Uma borboleta no cinza

Póde colorir as paredes.

Afinal, borboletas guardam lápis de cor e pincéis no corpo todo.

As vinte crianças sorriem cheias de cor nos olhos.

— Hoje eu vi uma borboleta — diz Nocawe —, ela pintou toda a minha casa.

— E essa é a ideia para a nossa atividade — respondo olhando seus rostinhos curiosos. — Vamos pintar no papel as cores que vemos nas nossas casas, nas ruas onde moramos.

— Eu vou pintar tudo de rosa — rebate Zintle.

— E eu vou usar todas as cores — replica Temba.

— Quero que minha casa seja da cor do mar — afirma, animado, Lwazi.

No meio das vozes e da animação provocada por uma caixa de giz de cera, uma folha de papel e uma poesia; eu me perco na melancolia poética de como essas crianças conseguem, em meio à tanta pobreza, ver a beleza, a alegria, as cores e sorrirem por tão pouco.

Continuar acreditando.

E me encho com a certeza de que existe beleza em tudo, e de que o sol também sorri nas Townships.

Fecho os olhos devagar, lembrando que uma vez um garoto disse que eu tinha o dom de enxergar a beleza até mesmo em uma semente de uva. Não foi um garoto qualquer. Essa frase também não foi dita em um dia qualquer, e sim na noite que mudou a minha vida, a minha história, e que me trouxe até aqui.

Abro os olhos tentando entender onde está aquela garota das sementes de uvas?

Onde você foi parar?

Enxugo uma lágrima que não consigo impedir.

É dia vinte e nove de outubro.

Hoje eu posso.

Não choro por saudades, nem dele, nem de nós, nem do que perdemos.

Mentira.

Choro porque esse é o dia que tiro para lembrar como fui imatura ao acreditar que o amor pode superar qualquer coisa e

que as pessoas amam da mesma maneira.

Mantra.

Choro porque nesse dia, todos os anos, me despeço do que fomos, do que criamos, do que nunca chegamos a ser.

Mentira.

E, por fim, choro pela certeza de que nossa história foi esquecida e só será lembrada outra vez daqui um ano.

Mentira. Mentira. Mentira.

Mantra. Mantra. Mantra.

Meu coração teima em me contrariar. Eu teimo em não o ouvir. Assim como tenho feito nos últimos seis anos.



— Lica? — A voz do meu amigo soa de maneira urgente.

— Oi, Santi.

— Graças a Deus você atendeu!

Meu coração dispara.

— Acabei as atividades na classe, o celular estava no mudo. Aconteceu alguma coisa?

— Uma coisa boa, ótima na verdade.

Solto a respiração em uma rajada pela boca.

— Você me assustou.

— Desculpa, Lica, mas é urgente, você precisa me encontrar na sede da Ubuntu.

— Mas fica a quinze minutos daqui.

— Eu sei... E... Nós temos exatamente duas horas para estarmos sentados na sala de reuniões da vinícola Montagne e Aldebaran em Stellenboch

Abro a porta do carro.

— Calma, Santi, devagar, não estou entendendo nada.

— A vinícola Montagne, que é uma das dez maiores do país, foi comprada há dois anos. O novo dono é um empresário desses gênios, ele duplicou o faturamento em pouco tempo e já tem mais de um vinho premiado internacionalmente. A vinícola agora chama, Montagne e Aldebaran.

— Certo — respondo apoiando o telefone no ombro, antes de fechar a porta.

— Além de estar investindo na região, ele também quer investir em programas sociais e... Meu Deus, Lica, é a nossa chance de continuarmos o trabalho por aqui.

— Certo — repito com o coração na garganta.

Santiago é meu amigo há alguns anos. Ele era da minha turma de Letras em Madri e viemos para cá trabalhar juntos. Santi é afrodescendente, seus avós ainda moram em Johannesburg. Ele sabe o quanto esse trabalho significa para mim e como sonho em continuar ajudando as crianças daqui. Sei que isso é muito importante para ele também.

Mesmo tendo nascido no Brasil, que é um país com um enorme paradoxo social, sinto que a minha missão é permanecer na África por um tempo. Além do mais, o Brasil tem...

Meu Passado.

Trancado entre o Brasil e Argentina.

Esquecido e superado entre a Índia, o Tibete, a Espanha e a África.

Não quero reabrir o meu passado agora, talvez nunca.

— Lica, você está ouvindo? — Santiago chama minha atenção no viva-voz.

— Sim, desculpa. Pode falar.

— Então, o dono, quer dizer, uma diretora da vinícola, marcou uma reunião para hoje à tarde.

Ajusto o retrovisor.

— Você não pode ir sozinho? — pergunto, sabendo que o meu amigo deve lembrar que hoje é um dia difícil pra mim.

Santiago fica em silêncio antes de responder:

— Eles querem conversar com a coordenadora do projeto na África e...

— Mas você é meu sócio e meu braço direito aqui.

Escuto uma respiração longa do outro lado da linha.

— Lica, me desculpa, sei que esse é um dia difícil pra você. Bom, na verdade eu não sei o motivo, porque você nunca me contou direito o que aconteceu, mas sempre entendi que alguma merda muito grande rolou nesse dia. Então respeito sua dor e jamais estaria pedindo se eles não tivessem insistido.

É a minha vez de respirar fundo. Santi continua sem me dar tempo de falar.

— Conversei bastante com a diretora da vinícola, Lica, eles querem desenvolver um projeto enorme na região e estão muito interessados que seja com a gente, a Ubuntu.

— Não pode ser amanhã? Ou depois? — pergunto, ainda resistente. Apesar de parecer uma oportunidade incrível, uma parte minha só quer ir para casa, se trancar no quarto e ficar sozinha.

— Argumentei um pouco, mas eles insistiram e falaram que poderiam enviar um carro para nos buscar. Eu não tive saída.

— Droga— murmuro baixinho.

— Parece que já se reuniram com duas ONGs, mas é no nosso trabalho que realmente têm interesse. No seu projeto, Lica, no sucesso do que fazemos aqui na Cidade do Cabo.

— Está bem — concordo, resignada.

— Essa é a minha garota! — Santi comemora. — Você está a caminho da sede?

— Sim — respondo, me sentindo péssima por soar mal-humorada.

— Que bom, porque o carro que eles enviaram deve chegar em vinte e cinco minutos.

— Poxa, Santi, você já tinha concordado antes de falar comigo?

— Eu sabia que você não deixaria essa oportunidade passar.

Bufo.

— Não vou ter tempo nem de tomar banho?

— Acho que não.

— Estou uma bagunça

— Ninguém vai reparar que você não está num terninho Chanel — brinca.

— É, mas dificilmente deixarão de reparar que estou com borboletas pintadas pelo corpo.

Santiago ri.

— Como assim?

— Crianças.

— Vem rápido que talvez você consiga se limpar.

— É canetinha, isso só vai sair completamente daqui uns dois dias.

E ele ri outra vez.

— Talvez seja uma propaganda de como você se entrega e ama o que faz.

Não aguento e dou risada junto com ele.

— É, vamos pensar assim que fica melhor.



Meus dedos passeiam pelos vincos no tampo da mesa rústica como um tronco. Uma linha funda e, embaixo, uma rasa quase imperceptível.

— Desculpe as minhas roupas — explico assim que chegamos —, estava dando aula até agora.

— Não se preocupe — responde a jovem de pele marrom, cabelos encaracolados e elegantemente vestida. Ela se apresentou como diretora administrativa. — Na verdade, acho isso um ótimo começo.

E, em seguida, falou sobre a empresa com o entusiasmo de uma jovem apaixonada:

— A Montagne e Aldebaran, fundada em 1760, tem um museu, faz eventos e festas, tem um restaurante com uma estrela Michelin e é, sem dúvida, além de um ponto turístico, uma das melhores e maiores vinícolas de toda a região.

Fazia duas horas e meia desde que começamos a conversar.

Passo os dedos nos vincos da mesa outra vez.

É uma sala grande de reunião, estou em uma das dez cadeiras giratórias de frente para uma janela que vai do chão ao teto e ocupa toda a parede.

Dez metros de vidro? Talvez doze.

Muitos metros de vista para as vinhas e, ao fundo, uma parede de montanhas de tirar o fôlego. O sol está se pondo. Respiro devagar. É impressionante como Deus coloca o sol para dormir na África. Todo dia o céu exibe uma paleta de cores infinita, como se um artista talentoso tivesse instalado seu atelier embaixo das nuvens. Como as borboletas nos meus braços.

Agora mesmo, olho um par de asas azuis no meu punho esquerdo, em cima da tatuagem do infinito.

— Então, como estava dizendo — Emily chama minha atenção para a reunião —, o senhor Santos é um empresário jovem com uma visão diferente sobre o impacto a longo prazo de ações sociais bem implementadas, especialmente as de cunho educacional.

— Como colocado no gráfico — meu amigo aponta para a projeção na tela plana da TV —, você pode observar que o método que a Ubuntu emprega não está focado apenas nas defasagens de alfabetização, mas principalmente, que visamos desenvolver e sustentar nas comunidades carentes o hábito da leitura.

Ele faz uma pausa e prossigo no seu lugar:

— Em seis anos de atuação em diversas culturas e países, a *Olhos da Terra*, da qual a Ubuntu é um braço, conseguiu fazer com que mais de cinco mil crianças e adolescentes aprendessem ou melhorassem a gramática, bem como outras matérias importantes no currículo escolar. Ajudamos também, no desenvolvimento educacional de escolas locais. Muitos dos

alunos do projeto, passam a encontrar nos livros, não apenas uma oportunidade de aprendizado, mas também uma fonte de diversão, abertura de horizontes, estímulo à criatividade e uma porta para escrita e outras formas de expressões artísticas. Aqui na África, focamos também no ensino da agricultura sustentável e de subsistência.

— O senhor Santos estudou o projeto e me passou detalhes do trabalho de vocês em nossa reunião na semana passada, quando entendemos que a Ubuntu seria a melhor escolha para trabalhar na região. Entenda — ela se recosta na cadeira —, não tenho dúvida quanto ao que vocês podem fazer, a minha questão aqui é conseguirmos fechar uma verba que esteja dentro daquilo que planejamos investir e tirarmos o melhor proveito desse investimento.

Santiago olha para mim, rápido, antes de acrescentar:

— Vocês tinham sinalizado a intenção do senhor Santos em investir quinhentos mil dólares em dois anos é isso?

— Sim — a diretora responde. — Isso sem mencionar a verba que arrecadaremos com jantares beneficentes envolvendo as duzentas vinícolas da região.

— Com a quantia mencionada — dou um gole na água —, podemos aumentar a equipe — continuo —, desenvolver todas as etapas do projeto, desde o teste do nível educacional das crianças, como também, montar ao menos duas bibliotecas comunitárias, inserir o projeto livro viajante nas comunidades atendidas e trabalhar em conjunto com as escolas locais. Além, é claro, de explorarmos outras expressões artísticas como artes cênicas, canto, e escrita criativa.

— De quantas pessoas vocês precisariam para atender as oitenta crianças inscritas da região?

— Para um projeto desse tamanho — Santi diz —, imagino que teremos que trabalhar com uma equipe de dois psicólogos e pedagogos, quatro educadores e dois coordenadores, que seremos eu e Marília.

— Ótimo, se viabilizarmos o negócio, vocês poderão morar nos apartamentos construídos no terreno da vinícola para atender compradores e fornecedores. Trabalharão a mais ou menos dois quilômetros dos alojamentos, num pavilhão bem equipado. Além disso, temos ônibus escolares para transportar as crianças diariamente.

Santiago desliga a TV antes de responder:

— Por nós, parece maravilhoso.

— Se acertarmos tudo — Emily começa arrumando umas folhas de papel —, quando vocês acreditam que poderão se mudar para darmos início à primeira fase?

— Não teremos dificuldade em transferir parte da equipe que está na Cidade do Cabo e, após a assinatura do contrato, conseguimos começar em... — Meu amigo olha para mim, pedindo com os olhos que eu dê o prazo.

— Uma semana — coloco sem hesitar.

Tem tanta adrenalina no meu sangue, que tenho certeza de que sou capaz de voltar correndo daqui até a Espanha para contar tudo pessoalmente à Rosa.

Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Quinhentos mil dólares, mais o que for arrecadado durante dois eventos beneficentes promovidos pelas vinícolas. É bom demais. Meus nervos vibram.

— Mas antes da assinatura do contrato, precisamos acertar tudo com Rosa, a presidente da ONG e...

— Desculpem — interrompe Emily —, esqueci de comentar no início da reunião, tomamos a liberdade de ligar para a senhora Rosa, pouco antes de vocês chegarem, e ela pareceu entusiasmada com a possibilidade de avançarmos por aqui.

Eu estou entusiasmada.

Entusiasmo é o meu nome do meio.

— E, se vocês concordarem — prossegue Emily —, podemos colocar nossos advogados em contato para avaliação das minutas.

Cruzo os dedos sob o tampo de madeira. Vejo alguns quadros na parede lateral.

Fotos da vinícola.

Alguns quadros de matérias impressas, prêmios e outros documentos. Mais ao lado, uma frase chama minha atenção:

Dinheiro não compra felicidade, mas compra vinho que é quase a mesma coisa.

Sorrio com a frase, porque se tem uma coisa boa que sobrou do meu passado, é que aprendi a gostar de vinho.

Um frio invade meu estômago, com a lembrança.

Aaron.

Foi ele que me ensinou sobre vinhos.

Onde será que ele está? O que tem feito?

Não me permito ir além dessa inquietação mental que vez ou outra surge. Há seis anos não sei quase nada dele, e talvez...

Talvez não! Tenho certeza de que é melhor não saber.

Pisco devagar, retomando o raciocínio, olho outra vez para o quadro e me sinto motivada a questionar o que sempre perguntamos antes de aceitarmos um projeto. Por mais incrível que isso seja, precisamos ter certeza do que levou o senhor Santos a doar uma grande quantia de dinheiro para obras sociais.

— Emily — começo após respirar fundo —, o senhor Santos sempre esteve envolvido com projetos sociais ou essa é primeira vez?

— É uma pena que um imprevisto em cima da hora o impediu de estar aqui. Ele estava ansioso para encontrar vocês. — Pega o copo sobre a mesa e dá um gole na água antes de acrescentar: — Imaginei que nós chegaríamos a esse ponto da conversa.

Eu e Santi nos olhamos, esperando que ela prossiga.

— Como disse no começo da reunião, o senhor Santos tem seus motivos para investir dinheiro próprio em melhorias para a comunidade local. Ele é um homem justo e bom, que quer fazer sua parte para que o mundo seja um lugar melhor.

— Certo — Santiago aquiesce, incentivando-a.

— O senhor Santos é um homem bastante reservado sobre a sua vida particular, sei que a escolha de ajudar crianças vem das questões com o próprio filho.

Nós prosseguimos em silêncio.

Ela aponta para um porta-retrato na mesa de apoio lateral.

— Ele tem quase cinco anos.

Olhos verdes.

Um sorriso de sol.

Um rostinho de boneco emoldurado por cachos pretos.

Um menininho lindo.

E meu coração acaba de dizer sim ao projeto, sem precisar ouvir mais nada.

— Senhor Santos é um pai maravilhoso — a voz de Emily sai mais baixa —, infelizmente a mãe do pequeno morreu pouco depois de ele nascer.

E começo a lutar contra as lágrimas.

— Apesar de não enfrentar as dificuldades financeiras que as pessoas que o programa ajudará enfrentam, o senhor Santos sabe que não é fácil criar uma criança sozinho. Rael é um menino incrível.

Apenas concordo com cabeça.

— Entendemos — Santiago me salva. Não consigo falar, estou com um bolo na garganta enorme. — A maioria dos empresários que decidem se envolver com trabalhos sociais são motivados por vivências ou problemas pessoais.

Ainda não consegui deixar de olhar o retrato do garoto lindo que sorri em silêncio.

Exalo o ar de maneira falha.

O problema é o dia. E todas as lembranças que vêm junto com ele.

— Acho que vocês tiveram um dia cheio e com certeza nós também, não é Marília? — meu amigo me salva outra vez. Ele

me conhece o bastante para entender que algo está acontecendo.

— Sim, com certeza — me obrigo a dizer.

— Nós podemos enviar as minutas para os advogados e Rosa darem uma olhada? — pergunta Emily.

— Sim, claro que podem — Santiago replica e levanta.

Emily o acompanha.

Meu coração ainda não voltou a bater normalmente. Eu também me levanto.

Apertamos as mãos e celebramos o sucesso da reunião.

Por dentro, vejo uma borboleta voar dos meus dedos e pousar no nariz do menino na fotografia. No rosto da minha falta. Nos olhos da minha perda. No vazio desse dia.

Saímos da sala em silêncio. Deixamos o prédio da administração da vinícola sem comemorar. Santi, mesmo sem saber o que aconteceu nesse dia seis anos atrás, me abraça.

— Obrigada, minha amiga, por você ser tão forte. — E beija a minha testa, e eu consigo, por fim, chorar. Pela primeira vez em muito tempo, no dia vinte e nove de outubro, eu choro abraçada com alguém.



“Eu estava errada quando lhe disse que não sabia o lugar a que pertencia. Eu sei. Meu lugar é ao seu lado.”

SEGREDOS DE UMA NOITE DE VERÃO – LISA KLEYPAS

Marília

STELLENBOCH - VINÍCOLA MONTAGNE E ALDEBARAN

Faz quinze dias que estive aqui pela primeira vez.

Hoje estou mais arrumada.

Um vestido preto com flores brancas e um casaco de linho.

É um vestido bastante usado, mas é dos melhores que tenho.

Nunca liguei pra roupas.

E depois de conviver por anos com a pobreza, como poderia me importar?

A realidade de muitas crianças da comunidade onde trabalho é ter apenas uma camiseta, uma saia ou shorts e um casaco. Então, quando olho para o meu guarda-roupa relativamente recheado, me pergunto sempre: o que isso quer dizer?

Não acho errado ter roupas novas ou gostar de se vestir bem, acho apenas... desnecessário. Ninguém deveria reparar nas roupas de outra pessoa sem olhar nos olhos dela antes.

“As roupas dizem muito sobre uma pessoa.”

Bobagem!

Para mim, essa frase é a maior estupidez.

Os olhos dizem muito sobre uma pessoa.

Por isso, estou olhando dentro dos olhos pretos de Emily. Santiago e eu estamos sentados na mesma sala de reunião na vinícola Montagne e Aldebaran. Nada aqui está diferente do que há quinze dias, mas para mim, desde que ocupei a cadeira na mesa de reunião, tudo parece estranho.

O vestido começou a pinicar. O rabo que prende meu cabelo está apertado demais. Minha boca está seca e não é por falta de água. Acabei de beber mais de meio copo.

Estamos reunidos para assinarmos os contratos discutidos durante quinze dias pelos advogados da vinícola e da ONG.

Dou outro gole na água.

Tenho certeza de que estou ansiosa com a formalização do novo projeto.

Eles fizeram questão de colocar em contrato a sua participação, pelo mínimo de um ano, alegando que sua coordenação é imprescindível para o sucesso do projeto.

Lembro das palavras do advogado, e minha boca seca um pouco mais.

Estou ansiosa com esse novo desafio.

— Senhor Santos, nós já estamos aqui — Emily fala ao telefone e se vira para mim ao desligar. — Ele está vindo.

Combinamos que o contrato seria assinado naquela tarde, quando também conheceríamos o dono da vinícola.

A mulher de rosto delicado, mexe na caneta sobre o bloco de notas.

— Está tudo pronto para vocês se mudarem e...

A porta se abre.

Inspiro devagar, porque sei que seremos apresentados ao meu novo patrocinador.

— Desculpem o atraso — ele diz.

Aquela voz forte faz o meu estômago congelar e os pelos dos meus braços se arrepiarem.

Nervosa, deixo o olhar subir pelo tampo da mesa até encontrar os olhos...

Dele.

Um dia, ele me disse:

Tem um Universo inteiro nos seus olhos, tenho certeza.

O mundo se desfaz em um milhão de pedaços.

Tenho que piscar repetidas vezes na tentativa de trazer a realidade de volta.

Mas ele continua aqui.

Em pé.

Com a expressão séria.

Preciso lutar para respirar.

— Boa tarde, Marília — diz, confirmando que é verdade. Essa boca que acreditei, nunca mais veria, essa voz que tinha certeza de que não ouviria chamar meu nome outra vez. Não nessa vida.

Mas aqui está ele, escancarando o passado.

Expondo feridas cicatrizadas. *Mentira*. Elas nunca foram curadas.

— Fico feliz em revê-la — prossegue, como se fosse um reencontro com um colega de turma do colégio. Alguém que significou pouco em sua vida.

Essa indiferença me mata. *É o golpe final*.

Pisco, atordoada, lágrimas se avolumam nos olhos.

Tento recuperar o foco, os sentidos, a razão.

Olho outra vez para ele.

Aaron se parece com o garoto que conheci e amei há seis anos, porém, no corpo de um homem com olhar cínico e desafiador. No lugar das roupas despojadas, da calça jeans larga, do tênis de skatista, dos moletons estampados de capuz; ele usa um terno preto de três peças.

Calça, colete e paletó.

Porque diabos ele está de terno e gravata, dentro da própria vinícola?

E que pergunta estúpida é essa que estou me fazendo?

Isso não significa porcaria nenhuma. O problema é ele aqui, na minha frente.

Ele parece maior, mais forte.

Mais poderoso.

Aaron está carregado da arrogância e da petulância que alguns homens adquirem junto com poder e dinheiro.

Será que ele sabe que teve o meu coração e os meus sonhos nas mãos?

Ele é uma mentira.

Nós fomos uma mentira.

Tenho que fechar os olhos porque tudo sai do foco. Nada mais faz sentido.

— O que você está fazendo aqui? — acho que falo em voz alta.

Seguro nos braços da cadeira como se estivesse no assento de uma montanha-russa prestes a despencar na maior

descida. Aperto com tanta força, que meus dedos doem. Meu coração dói.

Alguém pigarreia.

— Vocês se conhecem? — uma voz feminina soa apagada.

— Este é o senhor Aaron Santos — a mesma voz me traz de volta para sala como uma boia salva-vidas: *Emily*.

Aaron Martinez.

Eu nem sabia que ele tinha o Santos no nome.

Ele sempre usava Martinez, o sobrenome do pai.

O pai que ele odeia.

Como não lembrei, ou nunca soube, que Santos era um dos sobrenomes dele?

Como poderia lembrar ou sequer pensar em uma coisa dessas, aqui?

Por que sempre deixo os contratos nas mãos dos advogados? E por que não li o nome completo do novo investidor, na última página?

Aaron continua me olhando sem piscar. O coração acelerado bombeia sangue rápido demais para a minha cabeça e

tudo perde o foco de vez. Tenho que abaixar a cabeça e respirar devagar.

Acho que vou desmaiar. Ou vomitar.

— Marília? — Santiago me chama, afoito.

Consigo inspirar um pouco de ar e levantar a cabeça, e em seguida o corpo.

Não desmaio.

Graças a Deus.

Ele ainda está aqui, bem na minha frente, me olhando como se eu devesse o mundo para ele.

— Marília foi uma amiga da juventude.

— Amiga? — murmuro.

Santiago agora está em pé ao meu lado e segura a curva do meu braço.

— Você está pálida — meu amigo comprova.

Minhas pernas tremem.

E só o que eu consigo fazer é rir de maneira debochada, incrédula. Ridícula.

— Por que só eu pareço estar afetada?

Ele encolhe os ombros de maneira despreocupada.

A conclusão faz faltar ainda mais ar nos meus pulmões.

— Você sabia que eu estaria aqui, não sabia?

— Eu te vi saindo de um restaurante há um mês na Cidade do Cabo. E olha que coincidência, há três semanas vi o seu nome na lista de diretores da ONG que escolhi contratar.

Minha respiração volta a acelerar muito e meu corpo se desestabiliza. Tenho que respirar fundo para não cair.

Aaron me viu saindo de um restaurante e não foi falar comigo? Estive aqui há duas semanas e ele também não apareceu.

Quão pouco eu signifiquei para você? — quero gritar

— Então, por quê? — Utilizo o filtro interno e mudo a pergunta.

— Porque ao contrário de você, não fujo do meu passado.

Restaurante, ONG, contratar, vinhos, crianças. Tudo se mistura com a dor que a porta aberta do meu passado traz de volta e se fixa em uma imagem emoldurada.

Rael, o menino do porta-retrato.

O filho dele.

O filho que ele teve com outra mulher.

Ele se casou.

Ele cuida de uma criança.

Ele é um pai maravilhoso.

As palavras de Emily voltam à minha memória.

Um gosto ruim invade a minha boca. A criança tem cinco anos, faço as contas rápido. Poucos meses depois que nos separamos ele engravidou outra mulher.

Quão pouco eu signifiquei pra você, Aaron?

— Quanto tempo depois? — pergunto com a voz trêmula

— O quê?

— Quanto tempo depois você se... casou? — Não deveria perguntar.

Estou sendo ridícula. Pareço uma louca. Mas não tenho o menor controle sobre minhas emoções. Na verdade, não me importo em parecer uma louca.

E então, pela primeira vez, ele demonstra alguma reação além do descaso e passividade, noto uma veia pulsar na testa.

— Isso não tem nada a ver com a contratação da ONG —
abaixa a voz para um murmúrio rouco —, mas quero ter a
oportunidade de conversarmos melhor, acho que devemos isso
um ao outro.

Minha visão turva e sinto a mão de Santi me apoiando.

— Marília, acho melhor nós sairmos e...

— Parabéns, Aaron — começo com o máximo de
indiferença que consigo reunir, o que infelizmente para mim, é
pouca. — Ou devo dizer senhor Santos, você realmente tem tudo
o que sonhou.

Ele estreita o olhar antes de responder:

— Nem tudo.

Nem tudo.

Engulo em seco com aquela resposta, e meu coração volta
a acelerar. Ignoro.

— Boa sorte com o projeto, senhores — digo, e viro o corpo
para sair, tentando me fixar no que resta de dignidade e orgulho.

— E o contrato? — Emily pergunta, parecendo
completamente atordoada.

Eu me viro de frente para ele uma última vez.

— Sabe o que você faz com esse contrato?

Ele ergue as sobrancelhas e perco toda a dignidade:

— Enfia ele no meio da sua bunda, junto com todo o seu dinheiro maldito!

— Mas... — Emily balbucia

— Deixe-a! — Escuto a voz de Aaron abafada. — Quando ela perceber a estupidez e o egoísmo do que está fazendo, vai voltar.

Saio quase correndo, incapaz de ouvir qualquer outra coisa. Santiago vem atrás de mim, sem perguntar nada, parecendo ainda mais confuso, perdido e desorientado do que eu.



“Você deve manter ao seu lado quem tira o melhor de
você.”

AARON

Aaron

Ela saiu da sala e estou em pé, encarando a porta recém-fechada, não sei por quanto tempo.

Até um mês atrás, tinha certeza de que tinha esquecido tudo. Que simplesmente não me importava mais. Que seis anos era tempo suficiente para superar e que, se um dia eu a encontrasse de novo, lembraria dos momentos ruins e dos bons. E só.

Até que que a vi saindo de um restaurante com um cara, na Cidade do Cabo.

Meu Deus!

A raiva, dor e, pior, a vontade de me aproximar que senti, era como se ainda fosse um garoto de dezoito anos, apaixonado, iludido e inseguro.

O que me pegou naquele dia foi comprovar que talvez eu nunca a esquecesse por completo, de que menti pra mim mesmo durante anos. Entendi que, para colocar de vez uma pedra em cima dessa história, precisava entender algumas coisas que ficaram sem resposta. Talvez, só precisasse ouvir que... *Nem sei direito.*

Então, fui atrás dela nas redes sociais e descobri que Marília tinha um novo perfil ativo no Facebook e que trabalhava há um ano na Cidade do Cabo, em uma ONG atendendo crianças das Townships.

Tão parecida com a garota por quem me apaixonei anos atrás.

Tão diferente do que imaginava quando ainda me perguntava onde ela estaria?

Veza ou outra eu a via trabalhando ao lado do pai, cercada por investidores de terno e gravata, ou torrando a grana da família em viagens exóticas, hotéis de luxo e restaurantes caros.

O terno de três peças que uso, foi na verdade, uma tentativa ridícula de deixar claro: *Olha só, Marília, eu consegui.*

Se seus pais me vissem agora, eles ainda me enxotariam de sua vida como se eu fosse um maldito vira-lata? *E você ?*

— Se eu tivesse algum interesse em você, com certeza teria ficado enciumada — Emily diz, chamando minha atenção.

Eu e Emily nos conhecemos dois anos atrás, quando comecei a negociar a compra da vinícola e nos tornamos bons amigos.

— É ela, não é? — pergunta. — A garota do seu passado.

— É — respondo, sucinto.

Uma tarde quente que tomamos vinho demais durante um almoço, contei por cima que foi a minha história com uma garota que influenciou na escolha do novo nome da vinícola.

— Por que você não me disse nada?

— Não sabia que ela reagiria dessa forma — não sei direito porque a chamei para cá. Solto o ar devagar e penso em voz

alta: — Ela não mudou nada, imaginei que estaria diferente.

Em algum lugar da minha mente, essa ideia de que ela nascera para ter uma vida fútil, gastando milhares de dólares como quem gasta centavos, me confortava um pouco por tudo o que não fomos, por tudo o que perdemos. Por tudo o que escondemos.

Pela escolha mais errada da minha vida.

Era assim que pensava até um tempo depois de nossa separação, até eu desistir de vez da gente. Até eu parar de me culpar e me convencer de que ela não era a garota que acreditei que fosse.

Então, quando vi fotos de Marília entre crianças, trabalhando pela educação, ensinando a escrita e o amor pelos livros em comunidades pobres pelo mundo; a imagem de uma garota mimada que montei e alimentei durante anos, se desfez por completo, como se fosse feita de areia. E daí em diante. Inferno! Daí em diante, não consegui mais deixar de pensar nela. Isso junto com a coincidência dela ser diretora da ONG que Emily jura de pés juntos ser a melhor atuando na região, fez as coisas

em meu interior assumirem uma outra dimensão. Uma muita mais complexa, perigosa e íntima.

Quero ouvir dela o porquê de tudo.

Se é que tem um porquê.

E depois de entendermos...

Só de pensar nisso, meu pulso acelera, minha respiração fica pesada e meu estômago se contrai.

Coço a cabeça tentando me acalmar.

Ela não mudou nada. E talvez...

Porra!

Quase perco o equilíbrio ao perceber o que nunca quis admitir para mim mesmo. De alguma forma, consciente ou não, todos os meus passos, os grandes e os pequenos, os bons e os ruins, tiveram alguma relação com nossa história, com o que nós fomos ou com o que perdemos. E Marília, a razão de tudo, o sol orbitando no caos e na ordem das minhas escolhas e emoções, está a poucos quilômetros de distância.

Tudo isso é aterrorizante e excitante na mesma medida.

Estou fodido.

— Você acha que ela vai aceitar gerenciar o projeto? — Emily pergunta, e volto para o escritório.

— Não sei.

— Você nunca falou muito sobre ela. Quer dizer, sobre vocês, mas pelo pouco que me contou, tinha impressão de que você não queria mais vê-la.

— Eu também tinha. Mas isso foi antes de entender... — Existem coisas e pessoas que nunca serão totalmente esquecidas.

— O quê?

— Você é uma amiga Emi, a única que tenho aqui.

Ela sorri de um jeito carinhoso.

— Você sabe que também te considero um amigo.

— Vamos sentar — aponto com a cabeça para mesa —, vou te contar tudo. Coisas que não conto para ninguém há anos, e talvez, assim, eu consiga arrumar a bagunça que estão minhas emoções desde que eu a vi, há um mês.



“Há momentos na vida de uma mulher em que seu coração dá uma cambalhota no peito(...)”

(Os segredos de Colin Bridgerton, Julia Quinn)

Marília

CIDADE DO CABO

No caminho de Stellenbosh até a Cidade do Cabo, tento manter a cabeça longe de Aaron, do passado, dessa loucura.

Reparo nas paisagens através da janela fechada.

Depois de um ano no país, conheço bem melhor tudo por aqui. A África do Sul, se parece com Brasil em muitos aspectos.

Se fosse comparar cidades, diria que a Cidade do Cabo seria o Rio de Janeiro: cheia de beleza, turismo, cultura e esportes envolvendo a natureza. E Johannesburg é mais São Paulo: enorme, cosmopolita, com mil opções de tudo; restaurantes, compras, cursos e negócios. Infelizmente, África do Sul e Brasil, também dividem o enorme paradoxo social que permeia suas principais cidades.

Faço a viagem de cinquenta minutos em silêncio.

Agora, no apartamento que divido com Santi, abro as cortinas de linho, deixando a luz do final de tarde invadir a sala. É um pôr do sol bonito, os veleiros no cais estão voltando dos passeios com turistas. O cheiro do mar me acalma.

Mentira.

Tenho certeza de que meu amigo vai querer respostas.

Respostas que não quero dar porque elas significam lembranças, dor.

Deus!

Acabei de encontrar Aaron.

Esfrego os olhos, exausta.

Ele parecia ainda mais bonito do que eu lembrava.

Que merda de importância isso tem?

E mexe comigo de um jeito ainda mais absurdo do que devia.

Abro a garrafa de uísque e sirvo uma dose

— Quer? — pergunto para o meu amigo.

— Você vai beber uísque?

Viro a dose de uma vez, sem responder. Sirvo outra em seguida.

— Meu Deus, Lica!

Viro a segunda dose e abro as gavetas do aparador à procura de...

O que mesmo estou procurando?

Os olhos de Aaron.

A maneira como meu corpo inteiro reage na presença dele.

A asfixia com as lembranças. O descaso. A imparcialidade.

Minhas mãos tremem contra o copo.

— Você já me viu assim? — indago, alterada, largando o copo com força sobre a mesa e penteando os cabelos de maneira frenética.

Tenho certeza de que minhas atitudes correspondem às de uma pessoa que acabou de tomar duas doses de uísque — verdade —, junto com quatro estimulantes — o que não aconteceu, pelo menos não artificialmente.

— Eu... — meu amigo começa.

— Não responda.

— Está bem.

Fecho os olhos e tento respirar fundo. Preciso parar de enlouquecer. Tenho que voltar ao meu centro, não é possível que um encontro com esse... Com Aaron, tenha me deixado tão alterada, tão absurdamente fora de mim.

Não fui eu quem ficou seis meses meditando na Índia, *droga?!*

— Você quer água, café? — pergunto tentando parecer normal.

— Não, querida — Santi se recosta no sofá —, eu só quero saber, o que diabos aconteceu naquela sala.

Esfrego os dedos em cima dos olhos outra vez.

— Posso colocar uma música pra descontrair?

Santiago concorda com a cabeça.

Vou até a mesa e ligo o telefone na entrada do som, uma voz suave preenche o ambiente: Billie Elish, *Ocean Eyes*.

— Essa história é prova do quanto relações erradas podem ferrar com a nossa cabeça.

— Falou a mulher cheia de experiência, que nunca se relaciona a sério com ninguém — rebate com as sobrancelhas arqueadas.

Sento na frente dele.

— Nem sempre foi assim.

— Você nunca me contou.

Cruzo as mãos sobre o colo sentindo um relaxamento bem-vindo. É o uísque fazendo efeito.

— A última vez que contei essa história foi há mais de cinco anos. Resolvi esquecer do passado. Perdoar, me perdoar. Mas parece que...

— Tentar enterrar o passado não faz com que o esqueçamos, muito menos que ele desapareça — Santiago me interrompe.

— Não, definitivamente não faz. — Levanto e vou até um dos cantos da sala, me abaixo junto a um baú de couro. Com as mãos incertas, destravo e empurro a tampa. Pego uma caixa de dentro dela.

— O que é isso? — meu amigo pergunta.

— Aqui estão as coisas das quais não consegui me desfazer. — Volto a me sentar próximo. — É uma história longa.

— Sou todo ouvidos.

Analiso a tampa da caixa enchendo o peito de ar lentamente.

Coragem Marília. Essas lembranças não vão te matar.

Depois de encontrar com ele e sair viva, essas lembranças não podem mais me matar.

Ignorando o frio na barriga, tiro uma fotografia de dentro dela. Meus dedos tremem contra o papel, sem-graça pelo exagero das minhas emoções, eu a entrego para o meu amigo.

—Marília! — As sobrancelhas de Santiago batem no teto. — Você... Ele... São vocês dois juntos.

Abaixo a foto e fecho os olhos buscando a tal da coragem em meu interior para lembrar de uma história que queria

esquecer, apagar, enterrar para sempre.

— Tudo começou, sete anos atrás... A primeira vez que eu vi Aaron, ficou gravada a...



Duas horas depois quando acabo de contar tudo, Santi segura minha mão.

— E você não queria nunca mais vê-lo? — pergunta baixinho, como se fosse um segredo.

Encolho os ombros.

— Estava tão ferrada naquele momento, achava que não. Então, quando tive alta, entendi que precisava fazer algo por mim. Foi aí que passei seis meses em mosteiros no Tibete e na Índia. Fiz isso porque precisava encontrar outro significado para as coisas, novos sentidos. Tinha certeza de que havia encontrado.

Ele puxa o cobertor sobre nós dois.

— E encontrou?

— A tragédia do acidente, a tristeza, me levou de volta à Madri e a Ubuntu que é o que me faz feliz hoje.

Santi massageia a minha mão.

— E você nunca mais quis procurá-lo?

— O que na vida é certo desse jeito? — Sorrio triste. — Ao mesmo tempo que me sentia em paz depois que voltei do oriente, não conseguia ver as coisas do mesmo jeito, estava meio desencantada com o amor e... isso não parecia certo.

— Isso não é certo.

— Comecei a me perguntar com mais frequência, se não tinha errado em culpar Aaron, em expulsá-lo do hospital, em sair do acampamento daquele jeito. A verdade é que alguns meses depois do acidente, eu pensava em ligar para ele, quase o tempo todo. Queria encontrá-lo, conversar melhor sobre tudo... — Mexo na almofada que está ao meu lado. — Até que minha mãe me ligou.

— Sua mãe?

Concordo antes de responder:

— Ela disse: *você ficou sabendo que o seu Aaron se casou? Ele não demorou nem um ano para achar outra tonta que*

o *aceitasse*. Era o jeito dela de dizer que eu tinha me enganado sobre Aaron. Era o jeito dela de deixar claro que eu tinha sido uma estúpida.

— Que merda!

— A maneira como ela contou, a forma como me criticou depois de tudo o que passei, foi a gota de água em nosso relacionamento conturbado, nós brigamos feio. Foi a partir daí que fiquei quase dois anos sem falar com a minha mãe.

— Eu lembro — Santi diz, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Quando te conheci você não falava com ela.

— Depois de um tempo, voltei para o Instagram, criei uma conta nova. Tinha esquecido por completo as senhas que usava nas contas antigas. Mas na época, não me importei, não queria mais ver nada dele, nunca mais.

— Ai, Lica, que merda!

Suspiro.

— Ele se casou com outra mulher meses depois de tudo o que aconteceu entre nós. Na verdade, descobri hoje que ele engravidou outra mulher uns quatro, cinco meses depois de tudo.

— Estou chocado.

Se ele estava, imagina como me senti. Sorrio tentando disfarçar.

— Mas de uma coisa tenho certeza, foi a dor dessa história que me deu coragem e força para lutar pela ONG, cursar a faculdade longe do Brasil. São essas marcas boas e ruins que me fizeram ser quem sou, hoje.

— E você é uma pessoa linda, forte e amorosa.

Encolho os ombros.

— Acho que a minha maneira de sentir o amor nunca mais será a mesma. Talvez por isso, me sinta tão realizada e motivada em fazer trabalho voluntário.

Ele me fita com olhos enormes.

— Por não se sentir capaz de amar?

Nego com os olhos nublando.

— Para sentir que ainda sou capaz de amar, pelo menos de algum jeito.

Meu amigo segura a minha mão com ar sério.

— Você é tão capaz de amar que não deu um soco no Aaron, hoje na vinícola.

Soluço e rio ao mesmo tempo.

— Você é tão bondosa, altruísta e maravilhosa que, tenho certeza, não deixará que eu tenha uma conversa em particular com ele para acertar alguns detalhes da nossa contratação.

Gargalho.

—Bom, depois de hoje, tive certeza de que lembrar de algumas coisas sempre doerá e que, talvez, duas doses de uísque e algumas horas de conversa com o melhor amigo do mundo é o que precisamos para superar certas dores.

— E por que só depois de quase seis anos, ele te procurou?

Não tenho a menor ideia.

— Não sei, talvez somente pela ONG. Mas você percebeu a data da primeira reunião na vinícola?

Os olhos de Santi arregalam, querendo chegar nas sobancelhas.

— Vinte e nove de outubro. O dia do acidente. Que loucura.

— Não pode ter sido uma coincidência.

Ele nega com a cabeça e lança um olhar para o retrato com a foto do namorado que mora em Madri.

— Sobre o novo projeto, você quer desistir? Ainda temos seis meses de verba para concluir as coisas aqui na Cidade do Cabo, podemos ir atrás de outros investidores, tenho certeza de que conseguiremos e...

— Não, Santi — havia decidido —, nós perdermos nosso principal patrocinador, seria uma estupidez muito grande negar algo desse porte e seria um egoísmo maior ainda.

— Você acha que se ele não contratar a Ubuntu, vai simplesmente desistir da iniciativa?

Esfrego os olhos antes de dizer:

— Acho que não, quer dizer não sei. Na verdade, está difícil processar tudo, esse reencontro aqui, Emily dizer que faz questão da minha presença na vinícola. Eu não entendo.

— Nem eu, por isso sei que se você não quiser tocar isso pra frente, Rosa vai entender.

— Eu vou fazer isso pelas crianças, Santi, o resto é pequeno perto disso. Além do mais, toda a dor é curada quando

sobre ela se conta uma história — cito —, foi o que acabei de fazer aqui, não foi?

Ele beija minha testa antes de dizer:

— Eu te amo minha amiga, a pessoa mais capaz de amar que conheço.

— Também te amo. Vou ligar para Rosa, ela não vai acreditar no que aconteceu.



Mastigo um pedaço de pizza que foi entregue um pouco fria. Resolvemos comer na mesa da varanda. Faz uma hora que desliguei com Rosa. Como sempre, ela foi uma amiga compreensiva e acolhedora e reafirmou que a escolha de seguir ou não com o projeto na vinícola, seria só minha.

Santi agora está com olhar vago, perdido nos barcos com as velas abaixadas junto ao píer.

— Acho tão absurdo pensar que depois de mais de trinta anos desde o fim do apartheid, ainda exista tanto racismo aqui e no mundo.

Coloco a mão por cima da dele, a minha clara e a dele marrom. É um contraste tão lindo.

— Sinto muito, meu amigo.

Ele faz uma negação com a cabeça, mas não deixa de olhar para os barcos.

— Por isso estamos aqui, não é verdade?! Para fazermos nossa parte nesse mundo estranho, cruel, bondoso e lindo?

Ele foi um dos alunos mais brilhantes da faculdade de Letras, é um poeta sensível e talentoso. Aplaudido de pé pela banca examinadora na conclusão do curso em Madri. Largou o sonho de escrever para se dedicar a outra paixão: a humanidade e a esperança.

Porque é disso que nos alimentamos aqui, de esperança, de fé e amor pelo ser humano.

— Você está triste — afirmo após dar um gole no vinho.

— Não, minha amiga, só estou pensando em tudo o que conversamos. Em como o preconceito pode mudar o rumo de uma vida e marcar as pessoas. Mesmo assim, mesmo depois de tudo o que você perdeu e tudo o que já enfrentei por causa da minha cor, cada um no seu lugar, é claro, não desistimos de

acreditar no ser humano. Você enfrentou isso dentro de casa, a relação abusiva com sua mãe, com uma das pessoas que mais amava e confiava, eu lido com o racismo de estranhos e sei o quanto isso me marca, não imagino como fez para aguentar.

Aperto a mão dele um pouco mais.

— Nós sempre teremos o poder de escolha, não é isso que nos define? E não a nossa origem, nem aquilo que os outros fazem conosco, mas quem escolhemos ser?

— É isso mesmo — ele se aproxima e me abraça.

— Eu te amo meu amigo, meu irmão de alma.

Santi se afasta agarrando a taça de vinho, um riso discreto no canto dos lábios. O bom humor reestabelecido.

— Em pensar que Brasil e África antes da Pangeia, foram o mesmo território.

— Viu só? Estava predestinada a te conhecer há milhões de anos.

A gargalhada alta dele me faz rir.

— Quem sabe um dia, minha amiga, seremos unidos novamente, o mundo inteiro, não em territórios, mas num único povo. E então de repente entenderemos, como perdemos tempo,

porque nossas diferenças quando unidas de verdade, nos tornam invencíveis.

— Um brinde a isso — ergo a minha taça.

— Um brinde a isso, a nossa amizade e a Ubuntu, meus três maiores ideais e amores.



“Eles se tornavam parte daquele irreal mas penetrante e emocionante universo que é o mundo visto pelos olhos do amor.

AO FAROL, VIRGINIA WOOLF

Márcia

STELLENBOCH - VINÍCOLA MONTAGNE E ALDEBARAN

Estamos no interior da enorme construção que abriga os tonéis de carvalho para descanso do vinho. Há uma semana assinamos os contratos e, hoje pela manhã, trouxemos as malas e parte da equipe da Cidade do Cabo que atenderá o novo projeto Aldebaran.

Vi Aaron uma vez mais na semana anterior, quando voltamos para entregar os papéis assinados. Ele entrou na sala de reunião, vestindo uma camisa azul-clara e calça jeans.

Agora, ele veste uma camiseta preta, calça jeans e sandálias de couro. A barba por fazer há dias contrasta com a pele muito bronzeada, e isso deixa os olhos cor de mel, incrivelmente claros. Os cabelos estão mais longos, os cachos soltos e bagunçados encontram o final da nuca.

No dia da troca dos contratos, Aaron sorria de um jeito espontâneo, parecendo o garoto por quem me apaixonei, e nos cumprimentou como se não tivéssemos brigado dias antes, naquela mesma sala. Depois de assinar tudo, se levantou dizendo:

— *Fico feliz que você tenha topado participar, Marília.*

— *Fico feliz que você esteja disposto a investir tudo isso junto a ONG.*

E sorriu como costumava fazer, e me encarou como se ainda fôssemos namorados. Meu estômago encolheu, deu um nó, gelou, esquentou, minha boca secou, meu coração quase explodiu e lamentei internamente.

O que eu topei fazer?

Agora, Aaron guia o grupo de dez pessoas da Ubuntu e explica, entusiasmado, cada um dos processos da produção do vinho. Ele fala com tanta paixão e brilho no olhar, que é impossível não sentir um pouco de orgulho de tudo o que conquistou. Mesmo sabendo o que essa escolha significou na nossa história. E, pela primeira vez em anos, me questiono outra vez: *Será que agi do jeito certo com ele, naquele acampamento? No hospital? Será?*

O que teria sido de nós se eu tivesse dito que o perdoava naquele dia?

Veza ou outra, Aaron para, me procura entre o grupo e, ao me encontrar, curva os lábios para cima de um jeito discreto e inquietante. Inquietante porque minhas pernas amolecem um pouco e meu estômago contrai como se eu tivesse caído num buraco, toda vez que ele repete o gesto. E isso não é para acontecer. Não mais. Não depois de tudo o que passamos. Não depois de quase seis anos de distância.

— Esses são barris de carvalho europeu sésil, ele é pobre em taninos e rico em notas de especiarias e baunilha — diz,

tocando um dos tonéis.

A voz dele fica mais abafada e, nesse momento, lembro de quando provei vinho com Aaron pela primeira vez. Ele insistia em achar todos os sabores que não era capaz de identificar: café, cacau, frutas vermelhas. Até que fiz um curso na Espanha com uma amiga. O curso foi por mim, é claro. Ou... ou será que foi para tentar provar algo para ele? Mesmo que Aaron nunca soubesse.

— Marília — Aaron me chama, e minha atenção volta para vinícola. — Você está bem?

Olho para frente e vejo o grupo se afastando, enquanto Emily os guia.

— Estou bem — digo, e começo a ir em direção ao grupo, o pulso mortalmente acelerado.

— Espera — pede e segura a curva do meu braço. Estou usando uma regata branca e calça jeans. Então, sinto o toque, o calor da pele dele contra a minha. Após quase seis anos, seus dedos ainda me queimam, abrem uma trilha de arrepio por todo o braço que sobe até a nuca.

Meu coração surra as costelas.

Estou com dificuldade de manter a respiração normal.

— Você, eu — ele umedece os lábios — queria conversar com você.

— Pode falar — respondo dando alguns passos para trás, a fim de tirar a mão dele do meu braço. Da minha pele, da minha alma. Paro quando minhas costas batem em um barril de carvalho.

— Você janta comigo hoje à noite na casa sede?

Minha garganta seca porque Aaron se aproxima e coloca um braço ao lado da minha cabeça.

— Para falar da ONG?

— Também. — Ele se aproxima mais. — Na verdade, Marília, é para falar sobre o aconteceu. Sobre nós.

Meus lábios tremem.

— Não temos nada para falar sobre nós — desvio os olhos para o chão de pedra —, não aceitei coordenar o projeto pra isso, Aaron. Se for essa sua intenção, me avise porque vou embora antes mesmo de assumir meu posto.

— Olhe pra mim — ele ergue meu queixo com o indicador. — Essa conversa precisa acontecer há anos, Marília.

— Não — digo, nervosa, e coloco uma mexa do cabelo rebelde atrás da orelha.

O olhar dele se prende no meu punho, na tatuagem que fizemos juntos. O símbolo da eternidade, do infinito.

Sinto as bochechas arderem e tento disfarçar.

— Vamos perder o grupo e não quero que...

Ele encosta a testa na minha, me surpreendendo, e respiro o seu cheiro. O mesmo cheiro que acendia meus sentidos. O mesmo maldito cheiro que me perseguiu por anos, sabão de barbear, carvalho, alecrim, vinho, tango e Aaron. Todo o meu corpo entra em combustão.

— Marília, por favor — pede, parecendo atordoado.

Assim como eu estou. Tenho certeza de que perdi de vez o juízo. Como ele ainda pode mexer comigo desse jeito?

— Não, Aaron, pare com isso! Sem passado, sem conversas, sem...

— Aaron — uma voz de mulher o faz virar o rosto, os olhos arregalam em duas bolas cor de mel, enormes, como se por fim, percebesse o que estava fazendo e com quem estava.

— Oi, mãe — cumprimenta, parecendo sem graça, e se afasta.

— Oi, dona Teresa — replico com a voz fraca.

— Marília?! — Ela franze o cenho para o filho e se vira pra mim sorrindo. — Meu Deus, olhe pra você! Virou uma mulher ainda mais linda do que era quando nos conhecemos.

— Obrigada — respondo e olho de canto para Aaron, que me encara fazendo minhas vísceras contraírem um pouco mais.

— Venha cá — ela diz, e me aproximo sem demora. Passa o braço sobre meu ombro antes prosseguir: — Seja bem-vinda à vinícola Montagne e Aldebaran.

Nós duas caminhamos em direção ao grupo.

— Aaron me disse que você é a coordenadora desse projeto tão lindo, eu não acreditei na coincidência de vocês se encontrarem aqui na África do Sul.

Nem eu.

Lembro que a última vez que falei com Teresa foi antes de partir para Rondônia, ela implorou para que eu tentasse convencer Aaron a voltar pra casa. Eu implorei para ela me ajudar a convencê-lo.

— E como você está? — prossegue.

— Estou bem, e a senhora?

— Estou muito bem, graças a Nossa Senhora, você sabia que ela é a padroeira da vinícola.

— Não, não sabia.

Olho de relance para trás e encontro Aaron ainda me encarando, os braços cruzados sobre o peito. Não sei por que, mas a expressão dele me lembra a do cervo que vimos juntos na noite em que nos conhecemos.



“A vida costuma ser simples, mas a gente não nota até que ela se torne absurdamente complicada.”

TETO PARA DOIS, BETH O’LEARY

Márcia

O calor da fogueira aquece meu rosto.

É a minha quarta noite na vinícola e, desde o primeiro encontro com Aaron, não o vi mais. Quer dizer — sorrio com ironia —, até agora.

Ele está sentado na mesma fogueira que eu, ao lado de Lesedi Nkosi. A modelo mais famosa da África do Sul. E, agora mesmo, sorri de algo que ela acaba de falar.

Engulo em seco e desvio os olhos do *casal de pombinhos*.

A mão de Santi aperta meu ombro.

— Vamos começar?

— Sim, é pra isso que estamos aqui.

Eu, Santi, os outros oito colaboradores da ONG e as oitenta crianças que terão aulas conosco a partir de amanhã, estamos sentados em um círculo grande. Hoje, elas vieram mais tarde somente para participar das apresentações que já foram feitas e de um final de tarde na fogueira, para contarmos histórias e...

Arregalo os olhos, a mão dela, da Lesedi, aperta a coxa de Aaron, que desvia os olhos da modelo e os gruda em mim.

Meu rosto arde.

Merda.

Pisco devagar, desconfortável, e falo em voz alta:

— Vocês estão animadas para começarmos as nossas aulas amanhã?

— Sim — as crianças respondem em coro, entusiasmadas.

— Vou contar uma história para abrir nossos ensinamentos... — Faço uma pausa e meus olhos correm pelos

rostos cheios de expectativa e entusiasmo da maioria das crianças. — Era uma vez, um homem que se chamava Alenssê. Um dia, cansado do pouco conhecimento que tinha, resolveu sair atrás de toda a sabedoria do mundo. E rumou para os quatro cantos da Terra, carregando, embaixo do braço, uma enorme cabaça. Ele ouviu histórias de toda a gente, homens, mulheres e crianças.

— Quando voltou para casa, após muitos anos — Santi prossegue —, Alenssê resolveu guardar toda a sabedoria do mundo em cima de uma árvore.

— Mas é muito difícil escalar uma árvore grande com ou sem cabaça nas mãos, sem correr o risco de cair de cima dela ou... de bumbum no chão — termino, rindo das gargalhadas das crianças, e meu olhar busca, impulsivo, o par de olhos cor de mel que ainda me encaram, ainda gelam meu estômago pela maneira intensa como me encaram. Aaron está com Rael sentado no meio das pernas. Viro para Santi, disfarçando o quanto essa cena mexe comigo.

Eu, ele, uma fogueira, histórias e um menininho. O filho dele.

— Então, o filho de Alenssê oferece ajuda ao pai, que recusa dizendo: Imagina você, uma criança pequena e ignorante, oferecendo ajuda para o dono de toda a sabedoria do mundo.

— E enquanto discutia com o filho — retomo a palavra —, Alenssê se desequilibra, derrubando a cabaça no chão.

“Aaahhh” algumas crianças reagem.

— A cabaça quebrou — continua Santi —, e a sabedoria se espalhou pelo mundo outra vez, por todos os continentes de Norte a Sul, de Leste a Oeste e por todos os lugares. Hoje é possível achar fragmentos de sabedoria espalhados, mas é impossível reunir toda a sabedoria do mundo, de novo, num único lugar.

As crianças batem palmas e ficam quietas em seguida, quando Santi começa um outro conto. Eu me seguro para não olhar Aaron, não é certo ficar encarando ele desse jeito, sentindo coisas que... *Não é certo.*

E consigo não olhar mais para ele, até Santi acabar a história e Aaron resolver falar.

— Vou contar uma história curta, também — diz, e deixa um beijo na testa de Rael, o menino agora dorme nos braços dele.

O céu está azul-escuro e algumas estrelas já aparecem entre as nuvens.

— Existiu uma pessoa na minha vida — Aaron acrescenta — que, mesmo sem saber, é responsável por tudo isso existir. Por todos os tesouros que encontrei — beija a testa do filho novamente —, pela maior joia da minha vida. Ela mesma...

E faz uma pausa e me encara. Meu pulso bate desenfreado, enquanto um nó envolve minha garganta ao ouvir:

— Ela foi a maior riqueza que encontrei. Muitas vezes a gente tem tudo o que precisa para ser feliz, mas não percebe e sai atrás de outras coisas, quando o maior presente está bem entre os nossos braços.

Aconchega o filho que se remexe um pouco.

E respirar fica difícil, porque tenho certeza de que é da mãe do Rael que Aaron fala e, por algum motivo incoerente, faz isso sem desgrudar os olhos dos meus. Lesedi aperta o ombro dele, que se vira para ela sorrindo.

Quero vomitar e sair daqui. De preferência na ordem inversa.

— Santi — peço baixinho —, você ajuda a equipe a colocar as crianças nos ônibus para casa?

— É claro que sim.

— Eu-eu estou com dor de cabeça.

— É claro — acho que ele percebe —, pode ir.

Eu me levanto dando uns passos para trás ao dizer:

— Boa noite, crianças, amanhã será um dia longo e muito especial e vou me recolher antes que... — meu pé enrosca em uma raiz exposta e abano as mãos de maneira bastante ridícula tentando me equilibrar.

Não consigo, caio de joelhos e mãos no chão.

Um coro de risadinhas e exclamações ecoam pelo ar. Levanto, conseguindo rir de mim mesma fingindo não ter me esfolado inteira, e bato as mãos no shorts, limpando parte da terra.

— Você está bem? — algumas pessoas perguntam.

— Estou bem — falo para todos. — Ainda bem que não estou segurando a cabaça da sabedoria. — E surge mais uma série de gargalhadas. — Boa noite a todos.

Viro as costas e saio rapidamente, sem olhar para Aaron nenhuma outra vez.

Tem mais de cinco minutos que estou caminhando pela trilha que leva ao meu chalé, com o joelho ardendo e me sentindo ridícula, por fugir antes do fim da noite, por causa de Aaron.

O barulho de um carro elétrico da vinícola chama minha atenção.

— Tudo bem, Marília?

Meu coração acelera, óbvio. Reviro os olhos e encontro Aaron apontando com a cabeça para o banco vazio ao seu lado.

— Deixa eu te dar uma carona.

— Eu... obrigada, mas consigo ir andando.

Seus olhos param em cima do meu joelho esfolado.

— Você está sangrando, deixa eu te levar até os chalés... não morde, Marília.

— Eh... sei que não. — Entro no carrinho, sem graça. *Pelo menos não mais. Não a mim.* — Obrigada.

Ele dirige por um minuto em silêncio, antes de falar:

— Por que você saiu da fogueira?

— Estava acabando e tenho umas coisas para preparar para amanhã e...

— Tá feio pra caramba esse seu joelho — afirma, e encosta o carrinho na trilha, depois se vira para trás remexendo em algumas coisas. — Achei — completa, e volta para a frente segurando uma caixa branca com uma cruz vermelha, de primeiros-socorros.

Estendo as mãos para pegar, e os olhos dele se arregalam:

— Você esfolou as mãos também.

— Está tudo bem, juro.

Sem responder, abre a caixa e retira um vidro azul de água-oxigenada, molhando um chumaço de gaze. Estendo a mão para pegar, mas ele passa a gaze no meu joelho sem dar atenção ao meu movimento.

— Com licença — pede, já fazendo.

— Ai, ai, ai — reclamo, impulsiva.

E paro atônita ao assistir ele abrir um band-aid e se aproximar na intenção de cobrir o corte.

— Eu posso fazer isso.

Aaron prossegue, tapando o machucado.

— Sou pai de um moleque arteiro, sei lidar com cortes e arranhões cheios de terra. Agora, me deixa ver as suas mãos.

Não sei por que obedeço sem contestar. Talvez, porque um canto idiota da minha mente o reconhece como o cara que foi meu melhor amigo um dia e me desarma muito rápido.

Aaron repete o mesmo ritual: água-oxigenada, band-aid e atenção.

— Obrigada — murmuro. — Você é... Você parece ser um ótimo pai para o Rael.

Ele está guardando tudo no banco de trás outra vez, minha respiração segue alterada, meu pulso cada vez mais acelerado. E nada disso era pra acontecer aqui.

Ele liga o carro outra vez e me olha de lado, o peito subindo e descendo rápido.

— Marília, tem tantas coisas que...

— Não — peço, abrupta —, não faça isso.

As narinas dele expandem.

— Você nunca quis me ouvir, não é?

— E você é incapaz de cumprir algo que combinou, eu te disse, deixei claro que não estou aqui para brigarmos por causa do passado e...

— Está certa — concorda e se vira para frente —, não quero brigar.

E dirige por um tempo em silêncio.

— Estou bem... você pode encostar aqui, por favor?

— Posso te deixar na porta.

— Não acho legal que as pessoas da ONG nos vejam chegando juntos, não quero fofocas ou ter que lidar com comentários de funcionários. Você sabe como as pessoas são.

Ele desliga o carrinho com a boca presa em uma linha reta, visivelmente contrariado.

— Obrigada, você me ajudou — tento amenizar o clima. — Além disso, sua namorada está esperando e...

— Ela não é minha namorada, não trago mulheres para casa, para junto do Rael. Nunca trouxe. Ela fará a nova campanha da vinícola.

Salto do carro querendo dizer que ele colocou outra mulher no coração, poucos meses depois de tudo o que nos separou. De tudo o que perdemos. De tudo o que perdi.

Não digo.

— Boa noite, Aaron.

— Boa noite, Marília.

Liga o carro, faz a curva na trilha e desaparece entre as vinhas.



“E sei que passei todas as vidas antes dessa procurando você.”

DIÁRIO DE UMA PAIXÃO, NICHOLAS SPARKS

Marília

Eu e Emily acabamos de ter uma reunião com a agência de publicidade que cuida do marketing da vinícola. Eles vão divulgar o trabalho da Ubuntu para engajar o evento beneficente marcado para daqui a dois meses e meio. Faz vinte dias que começamos os trabalhos aqui, e estou sentindo que faremos coisas grandiosas e incríveis com essa parceria. Lembro de me agradecer em silêncio por não ter desistido, por não ter jogado tudo para cima por causa do passado.

Emily me pediu, há pouco, para deixar a ata da reunião no escritório do Aaron, alegando estar atrasada para um encontro com alguns fornecedores.

Uma ata que poderia ser passada por e-mail, mas que ela fez questão de anotar tudo com uma caligrafia caprichada e pedir para eu entregar.

E aqui estou, andando em um corredor com janelas amplas e vista para as videiras, com destino à área mais íntima da casa sede.

É o escritório particular, é onde o senhor Santos realmente gosta de trabalhar. Uma casa em estilo inglês de tijolinhos e janelas azuis com trepadeiras. Uma casa de tirar o fôlego.

Seguindo as instruções, viro à direita e subo uma escada ampla e circular.

Passo por uma antessala com móveis clássicos e outros mais modernos. Respiro fundo ao me aproximar da segunda porta à esquerda. Meu pulso acelera.

Não posso simplesmente evitar encontrar meu empregador. E é assim que tenho me obrigado a agir desde a noite da fogueira, como se ele fosse uma pessoa comum, alguém que

tivesse acabado de conhecer, como se não tivéssemos dividido uma história de amor, um passado, marcas.

A porta está aberta e Aaron não está aqui.

Suspiro, em um misto de alívio e frustração.

Frustração idiota. Alívio idiota.

Deixo os papéis sobre a mesa e viro rapidamente, na intenção de sair logo, mas meu olhar congela sobre um quadro e meu coração para.

Na verdade, é uma parede com algumas fotos enquadradas.

Porém, a imagem que faz meu coração parar, não é uma foto.

Não é uma imagem qualquer.

É a folha com o desenho de cervo feito de estrelas.

É a poesia que dei de aniversário para Aaron, anos atrás.

Quando ainda existia nós dois.

Meu coração bate mais rápido, enquanto uma pergunta cruza minha mente:

Por que ele guardou isso?

Ou melhor...

Por que ele enquadrrou isso?

Observo as outras fotos a fim de tentar entender, comparar, significar tudo de um jeito que não seja com uma pontada enorme de conforto e esperança, que pisca em meu coração como um farol, sobre nós dois, sobre o que fomos e o que poderíamos ter sido.

Vejo uma foto de Aaron nas jazidas, segurando uma pedra bruta azul do tamanho de uma manga e sorrindo. Um sorriso tão satisfeito e pleno, que faz meu estômago contrair. Aaron está com o peito nu, a camiseta enrolada na cabeça, como se ele fosse um beduíno. Um beduíno muito gato e gostoso.

Pare!

Desvio os olhos para outra foto e encontro a mãe e a tia dele, abraçadas.

E então, em outro quadro vejo Rael bebê, segurando um ursinho.

E mais uma foto, uma garota de cabelos pretos com enormes olhos verdes.

Ela parece triste, apesar de sorrir.

Sei quem ela é. Tenho certeza de que é a mãe do Rael.

A mãe do filho que Aaron teve pouco tempo depois de...
nós.

Viro o rosto para a foto vizinha e meu coração, muito mal colado, perde um pedacinho a mais.

É uma foto da nossa prainha em uma tarde, um pôr do sol.

Será que ele levou a moça de olhos verdes até lá? Será que ele fez uma fogueira e disse coisas a ela que ficariam gravadas em seu coração como uma tatuagem?

Agora chega!

Estou louca. Estou com ciúmes de uma pessoa que foi embora.

Que deixou a vida por uma doença terrível — soube que ela teve câncer — a mesma doença que levou embora Fernanda, minha melhor amiga.

Ninguém deveria perder para uma doença. Ninguém.

E essa jovem, deixou para trás um filho, um marido, uma vida inteira pela frente. Engulo a vontade de chorar não sei se por mim ou por ela. Ou por todos nós.

— Espero que você more em uma estrela bem linda e que esteja em paz — digo e saio do escritório, dessa vez sem hesitar.

Estou quase alcançando a escada, quero apenas ir para o galpão do projeto e mergulhar no planejamento de aulas e ações e esquecer.

— Marília! — A voz profunda de Aaron chama as minhas costas.

Droga.

Eu me obrigo a sorrir antes de virar para ele.

— Oi, Emily me pediu para deixar na sua mesa a ata da reunião de hoje com a agência de publicidade — encolho os ombros —, é isso, eu já estava de saída.

— Estava brincando um pouco com Rael — ele aponta para as portas duplas às suas costas —, já vou dar uma olhada nisso.

— Ok, obrigada.

Faço menção de sair, mas Aaron me impede.

— Espere, você... eu, quer dizer... Temos uma safra nova bem especial, engarrafada em cima da minha mesa, e estou em dúvida se ela está pronta ou se deve envelhecer um pouco mais no carvalho e... Você me daria a sua opinião?

Engulo, um pouco nervosa com aquela interação, nós dois sozinhos outra vez, com ele me pedindo para degustar um vinho.

— Eu não entendo quase nada.

— Vamos — insiste —, é só me dizer se você gosta ou não.

— Eu...

— Você não perderá nem cinco minutos.

Olho para a escada e para a porta do escritório e inspiro devagar antes de responder:

— Está bem.

Apenas cinco minutos.

Cinco minutos, na noite em que nos conhecemos, mudou minha vida.

Quanto tempo é necessário para mudar um destino? Ou para se encontrar com ele? Um minuto? Uma hora? Um segundo? Uma palavra? Um gole de vinho?

Sinto o coração na garganta e me forço a parar de pensar besteira.

Acabamos de passar pela parede de fotos, e Aaron abre uma porta que não tinha visto ali antes.

Ele entra e eu o sigo, descobrindo uma sala aconchegante toda envidraçada e debruçada sobre as videiras. Duas poltronas Frau, cobertas com couro marrom e uma mesinha no meio delas no estilo Luís XV. Encontro a garrafa sem rótulo no meio dela. Uma estante envolve toda a parede atrás das poltronas e ela é recheada por livros, muitos livros. Tenho de me segurar para não ir até lá e ler os títulos de alguns. *Curiosidade.*

— Sente-se! — Ele aponta para uma das poltronas e se abaixa abrindo um armário, no pé da estante. Pega duas taças, um saca-rolhas e se senta em seguida na poltrona ao meu lado.

— É um Cabernet Sauvignon que normalmente envelhece em carvalho por quatorze meses, esse está há quinze.

Aaron usa uma camiseta verde e um blazer de linho bege por cima dela, e eu me controlo para não ficar grudada nos olhos cor de mel. Sempre que ele usa essa cor, a roupa parece destacar ainda mais o tom escuro das íris. Pega a garrafa e abre a rolha com uma elegância rápida, servindo um dedo de vinho tinto em cada taça.

Sentimos o aroma praticamente juntos e damos um gole quase ao mesmo tempo. Observo o movimento dos músculos

nas bochechas cobertas pela barba e do pescoço largo, quando aprecia a bebida. Tenho que me concentrar no vinho em minha boca, por isso fecho os olhos.

— O que achou? — pergunta, após alguns segundos.

— Acho que a acidez está boa — roço a língua no céu da boca —, é seco e os taninos estão equilibrados, consigo sentir as notas de café e cacau. Talvez, se ficar mais tempo no carvalho ele passe do ponto.

Abro os olhos e vejo que Aaron me encara, aparentemente surpreso.

— Achei que você não entendia.

Não resisto e sorrio orgulhosa.

— Estudei um pouco na Espanha, além de tudo o que aprendi com você, é claro.

Ele prossegue me encarando, dessa vez mais intensamente, e meu estômago gela.

— Acho que você tem razão... Sobre o vinho.

Coloco as mãos nos braços de couro da poltrona para me levantar.

— Eu-eu tenho que voltar para o projeto.

Aaron ignora e completa as duas taças.

— Vamos aproveitar que o vinho está perfeito e brindarmos o sucesso da Ubuntu aqui na África do Sul?

Olho para a frente, o sol começa a baixar sobre as montanhas.

— Eu...

— Vamos, apenas uma taça.

Concordo por fim, entendendo que se vamos conviver por mais de um ano quase diariamente, será bom começar a agir como se nunca tivéssemos machucado um ao outro. Como se não tivéssemos um passado. Será bom parar de fugir dele como o diabo foge da cruz.

Após os brindes, dividimos um momento de silêncio.

— Você tem uma vista linda aqui — digo, analisando o contraste verde das vinhas com o paredão de montanhas e o céu colorido.

— Eu adoro esse lugar, é a minha sala de leitura e, sempre que quero degustar um vinho, é aqui que faço.

Um momento de silêncio a mais e alguns goles dados no vinho, enquanto tento empurrar para fora da mente as lembranças de Aaron lendo para mim e as imagens dele lendo agora, nessa sala. Como seria se não tivéssemos nos separado? Nós leríamos juntos, ali?

— Por que África do Sul, Marília?



“Disse que haviam se conhecido por acaso e o acaso os uniria novamente”.

Cinco Minutos, Aione Simões

Aaron

Quero perguntar tudo.

Quero entender e saber de tudo.

Mas, principalmente, quero entender onde erramos?

Sei que parece óbvio.

Foi minha escolha não a seguir em Rondônia, quando me contou que estava grávida. Mas o fim de um relacionamento, quando duas pessoas estão apaixonadas e se amam, nunca é

tão simples assim. Nunca é apenas por um motivo, por mais errado que esse motivo pareça.

Sei que aqui não é momento de falar sobre o passado, não ainda.

Não quando ela finalmente baixa um pouco a guarda. Então, engulo a vontade de perguntar tudo o que quero há anos, junto com o vinho que eu sabia já estar pronto para ser engarrafado. A história da degustação, foi apenas uma forma de trazê-la até aqui. De tentar...

De tentar o que, Aaron?

Será que Marília viu a parede no meu escritório? Será que ela viu que a nossa história ainda está pendurada na parede que olho todos os dias?

— Mais de vinte mil pessoas morrem de fome por dia no planeta, grande parte dessas pessoas na África e na Ásia — responde, chamando minha atenção, e suspira antes de prosseguir: — É trágico como nos acostumamos com tudo o que deu errado no mundo, até mesmo com a nossa própria dor e seguimos com a vida, como se não existisse nada de errado no mundo.

Entendo o que ela fala, mas não consigo deixar de sentir que isso serve para nós dois, para a nossa história que não deu certo.

Ela prossegue, após dar mais um gole no vinho.

— Todo mundo sabe que milhares de pessoas morrem de fome por dia no mundo, porém, se comovem muito mais com o inédito, quando por exemplo, um monumento famoso desaba, mesmo que não haja vidas em risco ou feridos.

— Entendo. — Ela tem razão.

— Claro que é triste um monumento desabar — Marília continua —, mas para mim, isso não justifica o fato de, em poucas horas depois de uma tragédia como essa acontecer, terem bilhões de dólares doados para recuperação de prédios icônicos, enquanto continuamos assistindo à miséria que sempre existiu no mundo, ou inertes diante de uma guerra que não rola em nossos quintais. É estranho.

— O quê? — pergunto com a voz rouca por causa da bebida.

— Que o corriqueiro deixe de incomodar e comover, por mais triste que seja. Por mais errado que seja.

E eu tenho vontade de pegá-la nos braços, envolvê-la com força e não soltá-la mais. É a mesma sensação potente que sempre me invadia quando Marília se mostrava uma pessoa linda.

— Você tem toda a razão.

— Por isso vim para África do Sul — completa —, porque não quero ficar cega. Aquilo que os olhos não veem o coração deixa de sentir, mesmo que os números continuem existindo, mesmo que continuemos sendo boas pessoas, essa é uma grande verdade.

Tenho certeza disso.

Passei quase seis anos anestesiado.

Meu coração não sentia mais.

Até eu vê-la, até lembrar como me apaixonei por ela.

— E você? — pergunta, alheia ao turbilhão de emoções dentro de mim. — Por que as vinícolas de Cabo Ocidental?

— Esse é o estado com os melhores vinhos do novo mundo, pensei em comprar uma vinícola em Mendonza, mas aí surgiu a oportunidade aqui e, quando visitei o local, sei lá, foi

amor à primeira vista... igual com você. — Eu a encaro, as bochechas dela ficam vermelhas.

Minha respiração acelera junto com o pulso.

— Então, juntei o útil ao agradável — prossigo, disfarçando.
— Milhares de quilômetros distante do crápula do meu pai, com esse paraíso.

Ela umedece os lábios. Aperto um pouco os dedos nos braços da poltrona porque quero beijá-la. Muito. E não posso, não mais.

— Por isso. Por causa do seu pai, você não aparece em fotos de reportagens sobre a vinícola, nem mesmo no site dela? E nem o seu nome inteiro?

Dou um gole mais longo no vinho e depois respondo:

— Por isso mesmo. Se esse cretino souber que ganhei dinheiro e onde estou, jamais nos deixará em paz.

— Entendo.

O sol está se pondo e me levanto para acender o abajur na estante.

— Posso colocar uma música? É de uma banda daqui chamada The Parlotones.

Ela fica um tempo quieta, como se pensasse na resposta, e engulo em seco, porque se torna quase essencial que ela não saia daqui agora.

— Eu conheço. Santi é fã de algumas bandas daqui.

Inspiro devagar, e conecto meu celular na caixa de som.

Stardust Galaxies começa a tocar. Não posso falar em voz alta que sempre penso nela quando escuto essa música. Que sempre penso nela, em nós.

— E sua família? — pergunto, e volto a me sentar. — Estão todos bem?

Ela observa a linha do horizonte antes de responder:

— Meu pai achava que depois de trinta dias aqui, eu voltaria correndo para casa. Sempre que nos falamos, ele me pede para voltar. Promete milhões em obras de caridade. Minha mãe ainda não se conforma de eu aparecer nas fotos das redes sociais com um monte... Como ela diz? — Marília faz uma pausa. — Ah sim... *Crianças pobrezinhas e me vestindo com essas roupas tão simplórias*. No fundo, apesar de ela ter mudado comigo, acho que ainda tem vergonha das minhas escolhas.

Ela toca na saia com estampa peruana que usa, junto a uma regata preta justa com renda na alça, e eu perco o fôlego. Marília está com as faces coradas por causa do vinho, que também deixa seus lábios mais vermelhos. Ela usa o cabelo mais comprido do que quando nos conhecemos, as ondas mais claras nas pontas, acabam na altura da cintura. É uma pintura emoldurada pela luz do pôr do sol.

— Sinto muito — digo, porque é a verdade. Acho lamentável uma mãe se comportar assim com a própria filha.

— A última vez que falei com ela, um mês atrás, ela disse: *Ah, pelo amor de Deus, volte pra casa, seu pai... nós sentimos muito a sua falta, venha fazer algo de relevante junto à sua família, ao seu país.*

Marília bufa:

— Como se ela se importasse, ou como se meu trabalho aqui fosse irrelevante.

— E o que você respondeu?

— Cansei de brigar, Aaron. Se fosse antes, falaria tudo o que acho de errado e horrível na maneira como ela se comporta, mas entendi que não adianta nada. Ninguém muda ninguém e

lutarmos para que as pessoas correspondam às nossas expectativas só nos frustra. No fim, elas continuam agindo do jeito que sabem e fazendo aquilo que acham que é certo. — Bebe mais um pouco de vinho. — Além disso, ela é minha mãe e, por pior que tenha sido, também teve e tem seus momentos bons. Enfim, é a única que tenho.

Quero dizer tudo o que ouvi do pai dela no hospital e dias depois, quando liguei atrás dela e dona Clara atendeu o celular de Marília. Ela tem razão sobre Clara ser a única mãe que tem, mas não em continuar ouvindo esses absurdos, sem falar nada.

— Você deveria se opor, não permitir que ela fale certas coisas sem deixar claro que existem limites.

— Mas eu faço isso, fiquei dois anos sem falar com ela porque... Bem, nós brigamos feio. Estava na faculdade em Madri. Foi Clara quem me pediu perdão, foi ela quem veio atrás e disse coisas que nunca imaginei escutar dela um dia. E, no fim, entendi que o pedido de perdão mudou pouca coisa no meu coração, não apagou os erros, nem desfez as faltas. Não mudou quem ela foi, nem quem ela é.

Sorri, antes de prosseguir:

— Culpei meus pais a vida inteira por coisas que deram errado, que eles fizeram de errado. Mas com o tempo entendi que ouvir um pedido de perdão, quando não aceitamos o passado, concerta só o orgulho ferido. Acho que se eu não olhasse para dentro, se não resolvesse meus medos, mágoas e culpas, ninguém faria isso por mim. O fato é... escolhi me curar e assim perdoá-la.

Você não me perdoou, Marília. Quando fui atrás de você naquele quarto de hospital. Não quis curar nada em nossa relação. É o que quero dizer.

Mas o nosso passado ainda é uma zona proibida, Marília deixou isso claro dias atrás. Duas vezes, aliás. Por isso, após um momento de silêncio, mudo de assunto.

— O que você acha de eu ir tocar violão de vez em quando para as crianças do projeto?

Ela suspira, prendendo o lábio inferior entre os dentes, antes de responder:

— Acho que seria ótimo. Mas, você toca para outras pessoas, agora?

— Perdi essa inibição com Rael, ele adora me ver tocar... aliás, acho que seria legal deixar ele participar de algumas atividades com as crianças por lá.

— Sim, claro — as bochechas dela ficam mais vermelhas —, vai ser legal ouvir você tocar outra vez.

Meu pulso acelera.

— Melhorei bastante o repertório nos últimos anos, antes eu só sabia tocar umas cinco músicas, lembra?

— Lembro.

Continuamos a conversar por uma hora ou mais, longe do nosso passado o assunto flui com a mesma naturalidade de sempre. Falamos sobre política, filmes, séries e músicas.

Sirvo mais vinho, ela não se opõe, e comemoro internamente. A música muda, começa a tocar Kongos, outra banda daqui, que adoro.

— Me conta como foi a faculdade, como foi morar em Madri? — digo, depois de beber mais um pouco.

— Madri é uma cidade linda, a faculdade de Letras foi incrível. Cheguei lá bem diferente do que eu era... — Ela para, parecendo pensar no que falar. — Enquanto estive na Europa, fiz

alguns trabalhos em zonas e cidades mais pobres, junto a ONG da Rosa, aprendi muito.

— Chegou lá diferente, como?

— Isso é Kongos, né?

Percebo que Marília quer mudar de assunto.

Concordo, me recostando na poltrona.

— Sim. Eu adoro essa banda.

— Eu aprendi a gostar de algumas coisas mais atuais.

Meus lábios se curvam para cima.

— Aprendi a gostar de fazer trilhas de bicicleta. Em cima daquela montanha — aponto com o dedo para nossa frente —, tem o pôr do sol mais incrível que existe no mundo.

— Uma coincidência. — Ela parece sem graça. — Andar de bicicleta pelas trilhas das reservas locais, virou a minha terapia. Além de meditar.

Franzo o cenho, sem me conter.

— Meditar?

— Seis meses na Índia e no Tibete.

Sim, eu soube dessa sua viagem, te procurei loucamente enquanto você esteve por lá.

— A minha meditação ainda é acampar, fazer fogueiras e tocar violão, a última vez foi lá. — Aponto novamente para a mesma montanha. — O céu noturno dali é incrível.

— E os leões? — pergunta com um traço de humor.

— Normalmente eles ficam embaixo e, mesmo se subissem até lá, acho que eu não viraria o jantar, leões encontram carne melhor por aí, com menos esforço.

Ela gargalha livre, brilhante, jogando um pouco a cabeça para trás e eu mordo a bochecha por dentro, porque quero rir junto e chorar ao mesmo tempo. Ouvir novamente a risada de Marília, destranca uma porta do meu coração que eu nem lembrava que existia.

— Um dia eu quero acampar em uma reserva sem leões, aqui no Cabo Ocidental.

— Nós podemos ir juntos. Conheço vários lugares incríveis — digo, ainda torpe, envolto pela emoção que a gargalhada dela provocou.

Demoro um pouco para perceber que Marília me encara com a expressão tensa.

Porra, o que fui falar?

Ela se levanta.

— Eu tenho que ir.

Sei que não devo mais insistir para ela ficar. Não hoje, não tão cedo.

Não depois de cagar o clima da nossa conversa, convidando-a para acampar.

— Obrigada pelo vinho e...

Eu me levanto.

— Vamos repetir.

Ela concorda de um jeito tímido, acho que está envergonhada para dizer não.

— Quando você quiser — tento corrigir. — Você sabe onde me encontrar.

Eleva um pouco as sobrancelhas delineadas.

Bosta.

— Boa noite, Aaron.

— Boa noite, Marília.

Nós conversamos como fazíamos antes de tudo dar errado, antes do perdão ser necessário, antes de tentarmos esquecer como somos incríveis quando estamos juntos. E, sim, eu me lembro o que nunca esqueci de verdade: cair de uma árvore, encontrar essa garota linda, com o maior coração que existe e convidar ela para entrar na floresta, foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Foi o que deu sentido a tudo.



“Em algum momento percebemos que todos somos feitos
de histórias”

Marília

Marília

Faz vinte e três dias que iniciamos o novo projeto junto à vinícola Aldebaran, e estou nas nuvens com tudo o que fizemos e com tudo o que ainda iremos fazer por aqui.

Atendemos crianças e jovens de duas comunidades locais, elas têm entre três e dezesseis anos, e ganham um canto especial nos meus dias e no meu coração, um pouco mais a cada momento.

É impressionante como cada criança que já ensinei, que passou em minha vida, ainda deixa algo dela comigo. Um sorriso mais aberto que nasce com o passar dos dias, uma poesia que me toca como se fosse amor à primeira vista, um comportamento mais retraído que se torna espontâneo e confiante.

No fim, sou eu quem mais cresço, aprendo, ganho e amo.

Realmente amo o que faço e me sinto plenamente realizada, feliz como qualquer pessoa que se encontra e segue os seus sonhos. Mas...

— Oi, Lili — Aaron diz ao entrar na sala de mão dadas com Rael.

Mas ver Aaron com frequência, vem derrubando algumas ideias, me fazendo questionar coisas que tinha certeza, já estavam muito bem resolvidas.

Ele está com um violão dentro de uma capa de couro nas costas. Nós tomamos vinho três dias atrás, e lembro que ele disse que viria até aqui. Viria tocar aqui para as crianças.

— Pensei em começar a tocar hoje, o que acha?

E se abaixa e abre a capa do violão.

Tenho que engolir para conseguir responder e respirar fundo porque meu coração começa a bater tão rápido como as asas de um beija-flor.

— Toca, papai — Rael pede, e coloca a mãozinha no rosto dele.

Ele beija os dedos do menino e responde:

— Sim.

— Toque, claro — é o que consigo dizer com a voz meio embargada.

Porque penso que Rael é o filho que não tivemos e que, de certa forma, ele escolheu ter poucos meses depois, com outra mulher. Lamento pela tragédia dessa jovem, por ter ido embora tão cedo, mas não consigo evitar de continuar pensando besteira.

Será que ele tocava para ela? Para a mãe de Rael? Será que ele a amou? E me sinto um monstro por ter esses pensamentos. Rael é órfão de mãe e inocente. Nenhuma criança deveria crescer sem a mãe.

Sinto-me ainda pior porque ele é realmente o pai maravilhoso que sempre soube que seria, e me sinto péssima em

me sentir péssima. É essa bagunça que a presença de Aaron vem fazendo no meu mundo interno, nada isento e relativamente organizado, *ou não mais*.

Ele tira o violão. As lembranças da noite em que ele tocou para mim junto a fogueira me atingem como um raio, meu pulso acelera outra vez. Eu me obrigo a respirar fundo e a reagir:

— Crianças, vamos fazer uma roda no chão.

Todas seguem meu pedido como abelhinhas e sentam ao redor de Aaron como se ele fosse o rei leão e, quando começa a tocar, olham para ele como se vissem um mago ou o sol. Sei bem como essas crianças se sentem magnetizadas por ele, Aaron sempre teve esse poder de envolver e cativar.

Engulo seco, porque a música que ele toca é...

Take on me. A primeira música que tocou para mim, quando éramos somente amigos. Sem me conter aperto um pouco os dentes com as lembranças: era inverno, ele fez uma fogueira e me surpreendeu com o violão. Na época não sabia que ele tocava.

Foi a mesma noite que quase nos beijamos pela primeira vez. Foi nessa noite que percebi que estava me apaixonando por ele.

A entrada de outra música chama minha atenção para a sala, é ***Dona Maria***.

Meu pulso dispara.

Por que ele está tocando o mesmo repertório de músicas tocadas naquela noite, tantos anos atrás?

Na época, ele sabia tocar poucas músicas, mas não disse que tinha aprendido várias outras?

Sem graça, eu me mexo um pouco.

Aaron me olha como se eu ainda fosse a garota das sementes de uva.

Como se fôssemos melhores amigos.

Finjo que nada acontece no meu interior e me junto para bater palmas com as crianças, fingindo estar tudo bem. Estou ficando expert nisso.



“(...) e ela conhecera a exaltação e as delícias do poder, assim como o sofrimento e as dificuldades da dor e das provações, mas jamais a felicidade pura que sentia agora.”

AS BRUMAS DE AVALON – MARION ZIMMER BRADLEY

Aaron

— Deixa que eu mesmo levo o vinho para a mesa dez — digo assim que entro no *Taeric*, o restaurante premiado dentro da minha vinícola. O espaço foi arrendado e hoje é operado por uma equipe de um dos principais chefes da Cidade do Cabo.

Dois dias depois de tocar pela primeira vez para as crianças do projeto, Marília me contou que os pais dela ligaram de

surpresa dizendo que na manhã seguinte — hoje —, estariam na África do Sul, junto à irmã mais velha dela, Gisele, e uma amiga.

— *Se você preferir que eles não venham para cá, posso encontrá-los em outro restaurante da região — Marília dissera, assim que me contou da visita.*

Juro que pensei em falar que essa era mesmo uma boa ideia. Mas...

— *Eles são seus pais, sua família... — Era o certo a fazer. — Você trabalha na minha vinícola, por mais que... Você pode falar para eles almoçarem no Taaric, vou pedir ao chef para reservar uma mesa especial.*

— *Eles vão almoçar e depois tem um safari, ficam apenas dois dias por aqui e seguem viagem para o oriente.*

— *Que horas eles vêm?*

— *A uma hora.*

— *Vou ver se consigo passar para cumprimentá-los.*

Ela fixou a vista no chão, parecendo envergonhada.

— *Você não precisa, juro que entendo.*

— *Faço questão.*

— *Sendo assim, obrigada. Mesmo.*

Já eu, juro que falei por educação, porque na lista de coisas que não tenho a menor vontade de fazer, com certeza reencontrar os pais dela, está em destaque. Top três. *Mas... cacete.* São os pais da Marília, dessa garota incrível que tem estrelas nos olhos e é capaz de mudar o mundo à sua volta com o sorriso. Algo de bom eles devem ter feito, não é?

Caminho entre as mesas concorridas do restaurante com uma das safras mais especiais da vinícola na mão. A mesa deles é na varanda com vista para as vinhas e para as montanhas.

Não estou sendo totalmente sincero, a verdade é que uma parte orgulhosa minha quer cumprimentá-los de cima. Quer cumprimentá-los enquanto eles estão sentados no restaurante de sucesso da minha vinícola. Um lado machucado do meu passado quer perguntar se uma fortuna de duzentos milhões de dólares é o suficiente para eles se sentarem e comerem da minha comida.

Se controla, porra.

Eu os vejo. Meus músculos retesam e me forço a sorrir.

— Boa tarde — digo com o maxilar tenso. — Marília me contou que vocês vinham e eu trouxe uma garrafa da minha

adeaga especial, para dar as boas-vindas.

Um silêncio pesado envolve a mesa. Pelo menos para mim é pesado.

— Obrigada, está tudo maravilhoso — Marília quebra o gelo e pega a garrafa. — Gisele, você se lembra do Aaron?

— Nossa, se te encontrasse na rua não te reconheceria — fala, piscando exageradamente. — Meu Deus, você mudou... quer dizer, num bom sentido. Num ótimo sentido — termina baixinho, mas eu escuto.

Essa descarada acabou de me passar uma cantada?

Empurro o sorriso nos lábios, fingindo que ela não é uma garota esnobe e que foi conivente com a mãe de Marília, nas diferenças horríveis como eram tratadas. Fingindo não sentir raiva. Fingindo que essa garota antes de eu ter dinheiro mal me dirigia a palavra.

— Provavelmente eu também não te reconheceria, não sou muito bom em guardar rosto de pessoas que... — *não significam nada* — vi pouco.

O pai dela se levanta e estende a mão na minha direção.

— Estou muito surpreso com tudo o que já vi por aqui. —
Respira devagar. — Tenho que admitir que... parabéns! Você
deve se orgulhar muito do que conquistou. E, claro, de tudo o
que pode fazer pelos outros.

Esse é jeito dele de pedir desculpas pela maneira estúpida
como me tratou anos atrás?

— Tenho sim, muito orgulho. — Busco Marília. — Fazer
bom uso do que conquistei é um objetivo.

Outro momento de silêncio tenso se estende entre nós.

— Por que você não se junta a nós para almoçarmos? — É,
dona Clara, quem pergunta.

Nego, disfarçando como esse momento me enche de
satisfação.

— Tenho um almoço com funcionários da vinícola, aqui nós
entendemos que, para as coisas funcionarem, precisamos uns
dos outros. E todos são dignos de se sentarem a minha mesa,
com ou sem dinheiro. Sem distinção de classe ou cor. — Sorrio
como se estivesse sendo ameno, mas não estou. Não com eles.
— Somos realmente uma família.

— Aaron — o senhor Ricardo começa em tom de voz baixo —, sobre a maneira como te tratamos no passado, espero que entenda, vocês eram jovens e...

— Não se preocupe, senhor Ricardo — respondo, tentando relaxar e grudo os olhos em Marília, outra vez —, vocês são os pais da diretora do projeto humanitário mais bonito que já vi. E não seria leal ao meu caráter, se não viesse recebê-los aqui com educação. Isso não é o dinheiro que compra, é o tipo de ação que nos define como seres humanos. Tenham um excelente almoço.

E saio sem esperar pela resposta deles.

Mas antes de me virar, lanço uma última olhada para Marília e, minha nossa! O olhar e o sorriso que recebo de volta fazem meu estômago gelar, meu coração dobrar de tamanho e todo o resto se apagar.

Ela está me olhando com admiração, tenho certeza. E isso, *minha nossa!* Isso é muito mais valioso do que a vinícola embaixo dos meus pés.



“(...) Remove pedras e planta roseiras e faz doces.

Recomeça.”

CORA CORALINA

Marilia

Aaron se afasta da mesa e não consigo deixar de sorrir. Apesar de ter ficado um pouco tensa quando ele se aproximou, sem saber como ele e meus pais reagiriam, meu Deus, como eu amei ver aquilo.

Mesmo que não estejamos mais juntos, sei como ele foi, como fomos magoados, pela maneira que meus pais conduziram as coisas. Pela maneira horrível como trataram ele e a mãe.

E se tem uma parte orgulhosa minha que amou assistir a ele sair com tanta elegância e caráter desse encontro? Sim, tem sim, e ela está nesse momento, enchendo meu estômago de vaga-lumes e querendo me fazer acreditar que ele, nós, ainda podemos significar algo um para ao outro. Algo que talvez nunca tenha deixado de significar. *Ao menos, não para mim.*

— Meu Deus — minha irmã sopra ao meu lado —, ele está um gato.

— Ele sempre foi — rebato, voltando ao presente.

— Talvez eu nunca tenha olhado para ele de verdade.

— Talvez ele tenha dinheiro o suficiente para fazer você olhar para ele de verdade agora, não é?

Ela arregala um pouco os olhos.

— Credo, Marília, estou apenas comentando que entendo sua paixãoite por ele.

Quero dizer que não foi uma paixãoite. Quero dizer que ele foi o único homem que amei e que todos eles condenaram nosso namoro, ajudaram a enterrar o que sentimos um pelo outro, mas passo o guardanapo na boca e não falo nada.

Viro para meus pais, que voltaram a conversar sobre as maravilhas que conhecerão em Singapura e na Coreia do Sul em breve, como se Aaron não tivesse acabado de desmoralizar eles de um jeito tão elegante e lindo. Como se isso não apontasse mais uma vez o quanto eles erraram, como foram preconceituosos.

O quanto, talvez, eu mesma tenha errado em não o perdoar naquele dia no hospital.

Passo o guardanapo no canto da boca outra vez.

Eles são assim. Essa é a verdade. E são meus pais.

Disso não posso fugir. Além do mais, imagino como foi difícil para o orgulho do meu pai encarar Aaron e praticamente pedir desculpas pela maneira como o tratou. E quantos sapos minha mãe teve que engolir para convidá-lo para almoçar conosco.

Rio baixinho, meu pai olha para mim e faz uma gracinha apontando minha mãe, que se abana de maneira frenética espantando uma abelha.

O almoço passa rápido entre os assuntos de viagens, hotéis e passeios. Meu pai pede a conta. O garçom entrega a carteira

de couro fina e noto o cenho dele franzir.

— O que foi, tem algo errado? — pergunta minha mãe com ar desconfiado.

— Está escrito que o almoço é uma cortesia do senhor dos cervos para a dona das estrelas.

Engulo uma risada.

— De quem? — Gisele emenda.

Continuo rindo e minha mãe olha ao redor sem entender.

— Qual é a graça?

— O almoço é uma cortesia do senhor Santos. Do Aaron — respondo sem parar de rir.

Meu pai coloca o guardanapo sobre a mesa.

— Não, de forma nenhuma! Faço questão de pagar. Não vou aceitar que ele pague para nós e...

— Ele já pagou — respondo, admirando Aaron dez vezes mais do que um dia já admirei.

— Mas isso não é certo, Ricardo, não podemos aceitar.

— Realmente. — Suspiro. — Depois da maneira como vocês o trataram, não parece certo ele ser tão cortês, tão

maravilhoso, mas esse é o Aaron.

— E agora — meu pai abre as duas mãos no ar —, não tem nem o valor.

— Posso, sei lá, mandar umas flores para agradecer — minha mãe sugere, e tenho que me segurar para não rir outra vez.

Gisele dá um gole no café.

— Vou ligar pra Helô que ficou no hotel e ver se ela consegue uma floricultura que entregue aqui.

Heloisa é a amiga da Gisele que não veio para o almoço por estar um pouco indisposta.

— Em vez de mandar flores que, tenho certeza, não farão a menor diferença para ele, por que vocês não fazem uma doação para o projeto aqui da Ubuntu, na vinícola? Pelo menos isso fará diferença para mim e para centenas de crianças.

Meu pai encara minha mãe, que encolhe os ombros como quem diz, faça como achar melhor.

Meu pai se vira, contemplativo, para as montanhas.

— Mas aí estaria incentivando você a continuar fora de casa.

— Aí, você demonstraria de um jeito bom o quanto as pessoas podem mudar e agir para diminuir os próprios preconceitos e erros.

Ele respira fundo.

— Está bem, se você acha que isso é o certo, vou ver como posso ajudar seu projeto aqui na África do Sul.

— A mesma ajuda que você prometeu pra caridade, se eu voltasse pra casa? — arrisco.

— É muito dinheiro, Ricardo — minha mãe reclama.

Gisele pisca em minha direção.

— O almoço mais caro da história — por fim bem-humorada —, mas o projeto da Lica merece, pai.

Ele pensa por um tempo e concorda.

Concorda!

Um milhão de reais.

Vou gritar.

Pego o celular e digito empolgada no grupo de Santi e Rosa.

“A atitude maravilhosa do Aaron durante o almoço, me ajudou a conseguir do mão de ferro do meu pai, um milhão de reais para o nosso projeto aqui, junto a Aldebaran. AAAAAHHHH”.

Gisele toca na minha mão de leve, antes de murmurar:

— Lica, você sabe que apesar de nossas diferenças, eu te amo, não sabe? E realmente admiro seu trabalho.

Arregalo os olhos, surpresa, acho que ouvi eu te amo, da parte dela, poucas vezes na vida, quando éramos crianças e brigávamos de tapa, e depois do acidente no hospital.

— Eu também, Gi — respondo e olho para o horizonte.

Deus escreve certo por linhas tortas, a frase é rabiscada na minha mente e em cima das montanhas de Stellenbosch.

— Obrigada, Aaron — murmuro, sem conseguir deixar de sorrir.

Errado. Bem errado o que está acontecendo em meu interior.



“Um grande amor vale anos de espera.”

BEM CASADOS, NORA ROBERTS

Marília

UMA SEMANA DEPOIS...

— Oi, Marília que bom que você veio — Tamires, a babá de Rael diz, assim que entro no quarto dele e coloco a mão na testa pequena. Eu a conheço do projeto, em algumas manhãs é ela quem leva Rael até a sala de aula. Nessas manhãs, quando Aaron não vai, finjo não ficar desapontada. Finjo não sentir falta

dele. Finjo tão bem que chego a acreditar em mim, *na maioria das vezes*.

— Ele está queimando.

— Acabei de dar antitérmico.

— Oi, meu amor — digo, acariciando os cabelos pretos e encaracolados.

— *Tia Marília* — ele responde, choroso, e engancha os braços no meu pescoço.

— Ele chamou pelo pai, mas quando entendeu que o senhor Santos está viajando, começou a chamar por você.

Meus olhos arregalam um pouco, enquanto Rael esfrega o rosto contra a minha malha.

— Faz alguns dias que ele tem ficado muito comigo no projeto e quase sempre Aaron, quer dizer, o senhor Santos, está junto... acho que é por isso.

— Conta *uma história* — pede baixinho.

— Claro, meu amor — respondo com um nó na garganta, afundando um pouco o nariz no cabelo com cheiro de sabonete de criança.

Porque sentir ele assim, saber que Rael chamou por mim nesse momento, por mais que minha mente racional queira achar uma explicação, mexe comigo de um jeito intenso e profundo. De um jeito bom, mas perigoso.

Sei que daqui um ano e meio quando o projeto acabar, terei que dizer adeus.

— Tem termômetro?

Tamires pesca a caixinha na mesa ao lado e me entrega. Eu ligo e coloco embaixo do braço dele.

— Se a febre tiver muita alta ainda, podemos dar um banho e... Você avisou o senhor Santos?

— Eu tentei ligar, mas ele não atendeu, saiu hoje mais cedo, dizendo que talvez só volte amanhã.

Concordo com a cabeça e meu estômago encolhe. As palavras de Aaron na noite da fogueira piscam na minha cabeça como uma placa de neon:

“Eu não trago mulheres para casa, para junto do Rael”

Ele está com uma mulher.

A modelo, será?

E tem todo o direito de estar. É um homem de quase 29 anos, lindo, bem-sucedido e...

Merda, estou com ciúmes.

— Você deixou recado? — Disfarço o ardor na garganta.

— Mandei um *whats*, ele ainda não visualizou.

Olho de relance para o relógio digital em cima da cômoda.

22h10.

O termômetro apita.

— Ele está com 39 graus, é melhor dar um banho enquanto o antitérmico não faz efeito. Meu amor — viro pra Rael —, vamos contar uma história de pirata lá no chuveiro?

— De *pilata*? — pergunta, choroso.

— Sim, prometo que vai ser divertido — digo, já me levantado com ele no colo.



Aaron

Estou mordendo a mão com força para não chorar.

Ver Marília dormindo abraçada com Rael, acho, não, tenho certeza, é a coisa mais linda que já vi na vida.

Tamires disse que a febre baixou e que Marília foi colocar Rael para dormir e, acabou pegando no sono junto.

Meu filho está com a cabeça no colo dela, agarrado nela.

Eu me abaixo devagar, não quero acordá-los e dou um beijo na testa dele.

Ainda estou curvado, com o coração tão acelerado que não consigo respirar, quando Marília abre os olhos. E eu me afasto.

— Desculpe — digo baixinho —, não queria te acordar.

Ela arregala um pouco os olhos ao, provavelmente, perceber onde está.

—Tudo bem — murmura, tentando mover Rael com cuidado, sem acordá-lo.

Estou prestes a ajudar, mas paro ao vê-lo agarrar o pescoço dela sem abrir os olhos. Como se não quisesse largá-la. Como se soubesse que ela iria embora.

— Eu posso tirá-lo — ofereço, mesmo querendo pedir para que ela fique.

É o certo a fazer.

Ela concorda, e curva o pescoço dando um beijo na cabecinha escura.

Eu o pego no colo e ele resiste um pouco, tentando ficar grudado com Marília.

— É o papai — digo baixinho, embalando seu corpo. — Está tudo bem, filho.

E ele volta a dormir, relaxando nos meus braços. Marília passa as mãos no cabelo antes de dizer:

— Desculpa, eu dormi.

— Imagina — sussurro —, fique... quer dizer, o sofá do quarto vira cama, você pode ficar.

— Acho melhor eu ir pra casa. Que horas são?

— Quase duas. Fui ver a mensagem já passava das onze horas, e depois tive que esperar um pouco para pegar a estrada, bebi vinho durante o jantar e...

— A febre baixou, mas acho melhor você voltar a dar o antitérmico, daqui duas ou três horas, mais ou menos — ela me interrompeu, e parou de me encarar quando falei do vinho e do jantar.

— Foi um jantar de negócios — murmuro.

Ela se levanta.

— Me dê notícias de como ele está pela manhã e se ele voltar a chamar por mim, posso vir depois das aulas. É isso, boa noite — diz baixinho.

Coloco Rael devagar na cama e corro atrás dela.

— Deixa eu te levar para os chalés.

Ela nega.

— Obrigada, vim com o carrinho elétrico.

Droga!

— Eu... Marília, foi um jantar de negócios com outros vinicultores da região, na cidade do Cabo. Aliás, dois deles vêm jantar aqui na próxima semana e te convidaram, você e o Santiago, querem investir com a Ubuntu.

— Que bom! — Ela ainda não me encara. — E que bom que consegui voltar pra ficar com Rael, Tamires me disse que você dormiria fora.

— Quando bebo nesses jantares, costumo dormir no hotel parceiro da vinícola para não pegar estrada. Não estava com ninguém, juro.

Ela abre a boca para responder e depois fecha, e então me encara antes de dizer:

— Você não me deve satisfações.

— Eu sei... só não quero que você acredite — merda estou sendo patético, tenho certeza, mas não quero que Marília saía daqui pensando uma inverdade —, que você acredite que estava outra mulher enquanto meu filho está com febre e você aqui, cuidando dele.

— Boa noite, Aaron. Ele vai acordar melhor, tenho certeza.

Respiro fundo, conformado. Ela vai embora. Não sei se acreditou em mim e não devo fazer ou falar mais nada. Merda!

— Obrigado por tudo, Marília.

Ela se vira e desce as escadas, sem responder e sem olhar para trás.



*"Estou apaixonado por você. É algo com o que ambos
teremos que lidar"*

ÁLBUM DE CASAMENTO, NORA ROBERTS

Marilia

— Vamos brindar a nova parceria da Ubuntu na África do Sul. — O senhor Michael ergue a taça. — Tenho certeza de que vocês farão um lindo trabalho na região da Tokara.

Estamos jantando na casa sede, eu, Santi, Aaron, Emily e dois casais de vinicultores locais.

A Tokara é a vinícola do senhor Michael, um homem encorpado na casa dos cinquenta anos, e que sorri, espontâneo,

mais do que fala. E isso para mim diz muito da personalidade de alguém. Muito mais do que as falas entre os sorrisos.

Quanto a mim, desde que entendi que coordenaremos mais um projeto aqui em Cabo Ocidental, também não paro de sorrir. Estou radiante com mais esse patrocinador. Como a Tokara fica a três horas e meia de carro daqui, conseguiremos abranger uma outra área carente, outras crianças. Mais esperança.

— Vamos precisar contratar uma nova equipe para atendermos a Tokara.

— Você mesma ficará por lá? — pergunta Michael.

— Ficarei por lá o tempo necessário para ajustar todo o funcionamento da equipe, treinar as pessoas e, o senhor não se arrependerá de investir conosco.

— Tenho certeza de que não.

— Aaron não tirou os olhos de você, essa noite — Santi sopra no meu ouvido.

— Rosa vai ficar radiante com mais esse projeto, aqui — disfarço. — Eu estou eufórica! — E dou um gole grande no vinho.

— E eu, além de eufórico com o sucesso da noite, estou ficando com calor, Jesus, Lica, que homem intenso. O jeito que

ele tá te secando, *cara*, eu estaria derretendo se estivesse no seu lugar.

Engasgo com o vinho e agarro a água, dando vários goles.

Apesar de ter tentado desviar do assunto, sei muito bem do que Santi está falando.

Aaron responde os outros olhando para mim, fala comigo olhando para mim, é óbvio, e me deixa sem ar, desde que sentei nessa mesa. Eu disfarço. Coisa que tenho feito muito bem desde que nos reencontramos. E isso, esses olhares incessantes, tinham que acontecer justo hoje que ele está tão gato?

A calça marinho de corte reto, destaca as pernas potentes, a camisa branca aberta alguns botões na gola, mostra os pelos esparsos e escuros e um blazer *slim*, da mesma cor da calça, faz o visual ficar mais elegante. É tão perfeito que toda vez que eu o vejo, tenho vontade de soltar um: *obrigada meu Deus!* Que homem lindo o senhor criou aqui, mesmo sabendo que no lugar, devia estar pedindo: Deus, mantenha ele longe do meu coração.

— Santos — a senhora Larissa, esposa de Michael, chama —, você prometeu que hoje à noite teríamos tango, faz dois anos que te conhecemos e hoje você não escapa da sua promessa de

nos ensinar — termina, buscando Esther a esposa do outro vinicultor. — Não é mesmo?

— Eu adoraria — fala Esther.

— É que faz alguns anos que não danço — responde, olhando para mim.

Larissa estreita os olhos.

— Vamos, não me faça insistir mais.

— Eh, acho que pode ser uma boa noite para quebrar o jejum — ele diz, ainda olhando para mim.

E meu rosto fica vermelho da cor do vestido de crepe de seda que uso.



Faz uns vinte minutos que danço tango. Não queria, mas fiquei encurralada quando Aaron levantou para dançar com Larissa, Emily com Robert, o marido de Ester, Santi com Ester e o senhor Michael insistiu, com tanto carisma e bom humor, que não tive como negar. Não consegui.

E aqui estou, ensinando tango para o meu próximo patrocinador, gargalhando e tentando fazê-lo acertar alguns passos mais simples.

Na verdade, não me arrependo, o clima é de pura descontração, culpa talvez das seis garrafas de vinho consumidas durante o jantar.

Esther agora dança com Aaron, Larissa com Santi e eu continuo com senhor Michael, que só sabe fazer piadas sobre o próprio desempenho e o dos outros:

— Você é a garota mais sortuda da sala — diz, rindo.

— É claro que sou, estou com o parceiro mais charmoso.

— Ia dizer que é a única cujo pé ainda não foi pisoteado pelo Robert.

Gargalho.

— Talvez isso também.

E rimos juntos.

O tango acaba e começa outro.

Um toque no meu ombro direito, me faz parar de rir.

Minha barriga gela.

É Aaron.

— Você foi a única com quem ainda não dancei.

— Eu — minha boca seca — já ia parar de dançar, estou um pouco cansada e...

— Ahh, vamos — insiste Michael. — Nos mostrem como é que se faz, você minha jovem, parece ser a única parceira à altura do Santos. Triste verdade para os outros homens aqui da sala.

Aaron continua com a mão estendida na minha direção, e eu entrelho para ele e para mesa. Não quero dançar tango com Aaron. Não! Definitivamente, não!

— Vamos, Marília — agora é uma das mulheres quem fala.

Não vejo quem. Na verdade, mal consigo respirar, a mão de Aaron pousa na base das minhas costas. E se acabou a chance de dizer não.

Solto o ar dos pulmões num silvo, quando ele estica meu braço, colando a testa na minha.

É por una cabeza, de Carlos Gardel, que toca agora.

Dou um passo à frente e ele dá um passo para trás, pernas cruzadas e o embate de pontas dos pés. A mão dele pressiona o

meio das minhas costas, *meu sangue ferve*. Tento ganhar espaço entre nossos corpos, ele avança, eu recuo. Dedos escorregam por todo meu braço.

Arfo.

A combinação da respiração quente com cheiro de vinho e Aaron faz meu pulso acelerar. *Mais*.

Giro, giro, giro.

E eu me lembro.

Nunca esqueci.

Nós temos esse ritmo encaixado. Esse magnetismo insano que nos aproxima, mesmo quando os movimentos do tango pedem distância.

Dançar tango com ele é fluído, natural, igual a água se tornando onda e voltando a encaixar no oceano. *Cíclico. Potente*. Tudo com ele sempre foi assim.

Olhos nos olhos, cada passo parece ser dado sobre uma fina camada de gelo, como se avançar ou recuar, se aproximar ou afastar, colocasse em risco nossa sobrevivência, nos separando de um abismo profundo e perigoso. O abismo da paixão. *Tenho certeza*. O peito largo sobe e desce rápido, eu

inspiro, ele expira. Eu resisto, ele conquista, eu conquisto ele recua. E nada existe ao redor.

Nós nunca nos separamos e estamos fazendo amor antes de nos tocarmos de fato.

Um embate tenso, lento, quente e arriscado.

Giro, giro, giro. Ele me suspende, e me inclino sobre o corpo rígido.

Continuo os passos laterais, de costas para ele, que me segue quase rente.

É como se nunca tivéssemos ficado sem dançar juntos.

Mais alguns giros e o tango se mistura com o vinho, circula entre nós como um redemoinho, um convite explícito ao prazer.

A música acaba, minha coxa direita enroscada no quadril dele, minha mão na nuca dele, nossas respirações aceleradas e os rostos, mais uma vez em contato.

Ficamos assim ofegantes e alheios ao mundo, até... aplausos.

Assobios e...

Meu Deus, estamos em uma sala cheia de gente.

A mão firme que acariciava minhas costas em um movimento de vai e vem, se detém.

Eu me afasto, sem fôlego e atordoada.

Tento sorrir enquanto as palmas continuam.

— Minha nossa, parece que vocês fazem isso há anos —
Larissa comenta, animada.

— Fiz aulas por algum tempo — disfarço, sentindo meu rosto e pescoço arderem.

Busco Santiago, que me observa com os olhos arregalados. Volto para Aaron que sorri de algo falado por Michael, o sorriso se apaga quando ele me encara respirando profundamente.

O embate continua após o tango.

É uma loucura, é uma insanidade, é torto de um jeito que não sei nem por onde começar a entender como ou por quê. Mas sei, sinto que dia a dia, minuto a minuto, me apaixono mais uma vez por Aaron Martinez Santos. Ou, o que é ainda mais atordoante, talvez nunca tenha deixado de estar apaixonada.



“Você sabe que está no caminho certo, quando para de lamentar pelos erros do passado.”

Aaron.

Aaron

Faz dez dias desde o jantar, do tango, do meu corpo fervendo por Marília mais uma vez. Faz um mês e meio que ela voltou a virar meu mundo de pernas para o ar. Depois do jantar, daquela eletricidade gigante entre nós, de eu ter certeza de que Marília também se lembra de como somos juntos, o clima ficou tenso, ainda mais elétrico toda vez que nos encontramos. E, por isso, voltei a fingir *muito bem*. Finjo que não temos um passado e

finjo que ela não mexe comigo igual ou ainda mais do que mexia antes.

Quase todas as manhãs, levo meu filho para participar das atividades em grupo com as crianças menores que o projeto atende, e finjo que meu coração não derrete quando assisto a ela lendo para Rael junto com os outros alunos, ou quando ela o pega no colo e beija as bochechas dele com carinho. Quando sorri, brinca e o ensina, assim como faria com um filho. Como ela faria com o nosso filho.

Nessas manhãs, vez ou outra, conversamos sobre as crianças do projeto e sobre a evolução visível delas. Ela fala comigo como se não houvesse um rio entre nós, e sorri orgulhosa ao contar de cada uma das crianças que conhece pelo nome. Finjo não ligar cada vez que o assunto cai para qualquer coisa mais pessoal e ela se fecha, se afasta, deixa claro nossos limites. O passado entre nós.

Agora, é fim de mais uma tarde e estou andando a cavalo entre as vinhas. É um hábito diário e uma maneira de estar em contato com parte da plantação o ano inteiro. Gosto de sentir o processo mês a mês, de ver o crescimento e amadurecimento

das uvas de perto. De perceber a mudança do clima, do solo, das mudas.

Mas, desde que Marília se mudou para cá, também mudei um pouco a minha rota, passando na frente dos chalés onde o pessoal da ONG mora. Faço uma volta maior e perco algum tempo como um adolescente apaixonado, só para passar na frente do chalé onde sei que Marília está. Faço isso sem conseguir me conter, mesmo me sentindo meio sem noção.

Agora mesmo, direciono as rédeas e, outra vez, estou na frente da casa branca com janelas azuis. Vejo o chalé contíguo à casa maior que abriga sala, cozinha e alguns quartos. É onde ela foi alojada. Meu pulso acelera e meu estomago contraí quando a encontro sentada no balanço que fica na varanda da casa, olhando para o céu.

Será que ela ainda conversa com as estrelas?

Diminuo a velocidade do trote e, sem pensar muito, paro o cavalo e desço da sela sentido os músculos da coxa repuxarem um pouco.

Desde que ela deixou claro que não queria falar sobre o passado, respeitei sua escolha. Nós teríamos ao menos um ano,

não faltariam oportunidades e além disso, talvez ela tenha razão, por hora é melhor deixar as coisas como assim, esquecer um pouco o passado.

A quem eu quero enganar?

Tenho medo de não existir nada além dos fatos. Eu errei, ela errou, desistiu de mim, eu desisti dela, desistimos de nós e ponto. Nada mudaria e nada nunca mais acontecerá. Esfrego as mãos na calça jeans e me aproximo da varanda, devagar. Respiro o cheiro de terra molhada, vinhas e madeira.

— Oi — digo, e ela retesa as costas antes de se virar. Sei que reconhece minha voz. — Posso? — pergunto e aponto para a almofada listrada no balanço ao lado dela.

Marília concorda e me sento esticando as pernas, tentando disfarçar a eletricidade sempre presente entre nós.

— Preparada para sua nova jornada? — continuo, questionando sobre o projeto novo na vinícola Tokara que a Ubuntu vai realizar.

Marília partirá amanhã e ficará fora da Aldebaran por uns trinta dias.

— Preparada — responde com uma simpatia tímida. —
Marquei de encontrar a equipe que será direcionada para lá às
seis da manhã, aqui na frente.

— Você precisa mesmo se ausentar por um mês?

Ela arregala um pouco os olhos, eu explico:

— É que as crianças sentirão sua falta. — Na verdade, sou
eu quem mais sentirei a falta dela, tenho certeza.

Marília sorri, estou olhando para os lábios cheios. Quero
tanto beijá-la, que sinto as mãos meio trêmulas. Está cada vez
mais difícil segurar, disfarçar. Fingir, porra! *Não aguento mais.*

— Lá é um projeto bem menor, mas é importante que no
início eu ajude na implementação de tudo. Não se preocupe,
volto logo — responde, sem deixar de sorrir, e não deixo de
querer beijá-la.

— Caso contrário, eu mesmo vou buscá-la — brinco, mas
ela para de sorrir.

— É impressionante — faz uma pausa —, você realmente
conseguiu. — E lança um olhar demorado pelas videiras a perder
de vista.

— Sim, eu realmente consegui. — E lembro bem como. —
Quer saber de que forma?

Ela encolhe os ombros como se não fizesse a menor diferença, e eu ignoro o gesto:

— Quinze dias após a minha visita no hospital, descobrimos a maior jazida de diamante azul do mundo. Três meses depois, eu saí de lá dono de três por cento de tudo o que tínhamos extraído nesse período.

— Uau — sussurra, e não sei se está impressionada de verdade ou sendo um pouco irônica.

— Então, em dois anos, eu me formei e tripliquei o que tinha ganhado com investimentos.

Ela suspira.

— Você deve se orgulhar muito disso tudo e acho, quer dizer, você tem razão em sentir orgulho.

— E me orgulho muito. Só eu sei o que me custou. — Um bolo se forma em minha garganta e abaixo o tom de voz para um murmúrio: — Me custou o que mais amei na vida.

Marília desvia o olhar e se fixa em um ponto do céu, está olhando para uma estrela.

— É Aldebaran — arrisco em voz alta —, a estrela que está sempre olhando para as Plêiades.

Concorda, quieta.

— Não é a sua constelação favorita, Marília?

Escuto-a suspirar de maneira incerta, ainda sem dizer nada.

— Por isso rebatizei a vinícola.

— Para, Aaron — pede com a voz fraca.

Só que não quero mais parar. Guardo tudo isso há anos. Não aguento mais vê-la todos os dias, fingir que ela não significou ou significa nada, não poder nem ao menos... Não poder coisa nenhuma. Não aguento mais fingir. Fugir. Mentir.

— Você acha que é justo a pessoa que mais amamos na vida pedir para você escolher entre ela e a oportunidade de realizar os próprios sonhos?

Marília se mexe no banco parecendo desconfortável.

— Você acha que precisamos mesmo falar sobre isso, após tantos anos?

— Você acha — imito sua fala — que a gente ter se reencontrado no meio da África do Sul foi por acaso? E que não

temos mais nada para falar um para o outro, de verdade?

Ela se recosta no assento antes de responder, parecendo atingida:

— Tenho certeza de que nada é por acaso. Talvez, nós tivéssemos que fazer algo a mais, juntos. Mas sinto que devemos pensar apenas no que suas conquistas estão proporcionando de bom e no que a minha ONG está fazendo graças ao que você conquistou.

Abro e fecho as mãos, tentando não transparecer minha frustração.

— E sobre nós, Marília? Não somos importantes?

— Aaron, você quer saber o que aprendi em minhas viagens pelo oriente?

Concordo, o pulso acelerado. Será que enfim teremos uma conversa a sério?

— Aprendi a verdade do que falávamos um para o outro.

Meu pulso acelera mais.

— Como assim?

— A eternidade não significa durar para sempre, ela está em cada segundo que vivemos de verdade.

Respiro devagar, sentindo o maxilar tensionar.

— Pode ser uma teoria bonita, mas isso não tem nada a ver conosco.

— Não? — pergunta com ar incrédulo. — Relacionamentos de pessoas que se amam começam e acabam o tempo inteiro no mundo.

— Nossa história não acabou Marília, ela foi interrompida por circunstâncias externas e incontroláveis, mas principalmente por nós mesmos.

— Na maioria das vezes, nossas escolhas são movidas por interesses puramente egoístas, mesmo quando nos sentimos superaltruístas ou impulsionados pelo amor. Eu entendo disso, vivo de trabalho assistencial.

Olho a estrela no céu que deu nome para a vinícola, observo as estrelas que sempre me lembraram da escolha errada que fiz, do amor de Marília, o amor que perdi, que perdemos.

— Me perdoe por ter escolhido não te seguir naquele dia, mas não consigo achar que fui o único culpado por não termos dado certo.

— Hoje sei que não devia ter pedido para você escolher, mas principalmente, não devia ter te culpado no hospital. Me perdoe por isso — diz com a voz fraca.

Dividimos um momento de silêncio, apenas nos encarando. Meu coração está tão acelerado que mal consigo respirar.

Abro a boca para falar, ela fala antes:

— De certa maneira, depois de um tempo eu quis ir atrás de você para tentar recuperar algo. Doeu, não vou mentir, quando vi que era tarde demais. Mas, com o tempo, entendi que não é porque não foi para sempre que foi menos especial.

— Eu sempre quis o *para sempre* com você.

Ela sorri, condescendente, e aquilo me magoa e me atinge.

— O que é o *para sempre*? Somos nós que definimos esse *para sempre*.

Dou risada de um jeito estranho, na verdade, quero chorar ou gritar.

— Vou te dizer o que é *para sempre* na minha visão — afirmo com o tom de voz calmo, contrariando meu interior. — *Para sempre* é perdoar, é não desistir na primeira dificuldade, é respeito mútuo e vontade igual de ver o outro feliz, de participar dos sonhos e entender os medos, mas principalmente, é saber que ceder é tão importante quanto receber.

Ela se levanta de uma vez, os olhos cheios de lágrimas.

— Você também desistiu.

— Depois de um tempo, sim, depois que você me deixou duas vezes sem olhar para trás e sumiu na sua viagem mística pelo oriente.

Marília ofega.

— Eu me senti trocada por um punhado de diamantes e depois estava tão arrasada que não conseguia nem pensar direito. Você não esperou e nunca mais voltou.

Fecho os olhos, lembrando do dia em que voltei para a barraca nas jazidas e da maneira como meu coração se estilhaçou com a carta dela.

— Você tem ideia do que eu senti quando li a sua carta? Do que senti quando você me mandou embora do hospital, quando o

seu pai me expulsou de lá a pontapés jurando que me mataria se eu voltasse a me aproximar? Quando tudo o que eu queria era ficar com você?

Marília começa a chorar sem fazer barulho, e eu só quero abraçá-la, esquecer tudo, esquecer o espaço entre nós. *Esquecer.*

— Você é que não tem ideia do quanto eu perdi. — Ela agita as mãos. — De como me senti quando você escolheu ficar naquele lugar procurando... Trocando a gente por um punhado de pedras. De como me senti sozinha durante vinte dias no hospital, pensando que tudo o que a gente viveu tinha sido uma mentira. E depois, como me senti ao saber que-que você-você... esquece.

Eu me levanto, ficamos frente a frente, nossas respirações aceleradas, e continuo falando tudo o que sinto, tudo o que não falei em quatro anos:

— Foi você que não me perdoou, você sumiu e nunca mais olhou para trás, e sabe o que isso me levou a pensar, nesses seis anos?

Nega com a cabeça, os cachos castanhos balançando.

— Que você era uma menina mimada que nunca teve que trabalhar de verdade, que não tinha ideia do que é não ter um tostão no bolso. Não ter nem dois reais para comprar uma passagem de ônibus ao sair do hospital, onde a garota que você ama acaba de te mandar embora... e...

— Pare! — ela grita. — Do que adianta trazer tudo isso à tona outra vez?

— Enquanto você estava fazendo uma viagem exótica pelo oriente para arrumar a cabeça — bato com os dedos nas têmporas, estou puto, estou puto para cacete, há muito tempo, prossigo sem me dar conta de que a estou machucando —, eu tava no maldito inferno, procurando diamantes para ter como nos sustentar sem pedir dinheiro pro seu pai, o dono do mundo. E mesmo agora, enquanto está sendo solidária na África do Sul, se algo der errado, você tem pra onde correr — arfo —, não julgue as minhas escolhas, você nunca esteve na minha pele.

Ela aponta para mim, parecendo cansada.

— Acho que finalmente entendi o que deu errado com a gente.

— O quê?

— Você sempre me culpou por ter nascido rica.

Sinto meus olhos encherem de lágrimas.

— Não, Marília.

— Somos mesmo muito diferentes. — Ri sem humor. — Enquanto você arriscava a vida por dinheiro eu abria mão dele por amor. E não é por ter nascido rica que não sei o que a falta dele faz com a vida das pessoas. Eu vivo e respiro isso todos os dias. E também sei muito bem que sou privilegiada, reconhecer meu lugar de privilégio e não entender como é possível existir tanta disparidade no mundo, me fez questionar tudo: o que define se uma pessoa vai nascer rica ou pobre? — Ela prossegue mal respirando: — Que força define se ela vai sofrer abuso ou preconceito durante a vida? Se vai poder fazer algo diferente, além de lutar pra colocar um prato de comida sobre a mesa ou de sobreviver à violência, por mais um dia?! É o destino que define isso, Deus? Ou as nossas escolhas como indivíduos de perpetuar, se calar ou se eximir diante desse mundo quebrado? Foi por não encontrar respostas para essas perguntas que sempre quis fazer o que faço hoje.

Por mais que pareça hipocrisia uma garota milionária dizer isso, eu a conheço, sei como ela é por dentro. E já estou arrependido do que falei. Mas, caralho, estou tão perdido desde que a vi, poucos meses atrás. Sou uma bomba de emoção, desejo e frustração explodindo a cada cinco minutos.

— Eu sei.

— Saí de casa quase seis anos atrás e, desde que fui para faculdade, nunca mais aceitei um níquel dos meus pais. Ralei e ralo pra caramba, porque eu precisava provar para mim mesma que conseguiria. E consegui, sozinha. Não tenho uma fortuna — ela aponta para as videiras —, mas tenho o suficiente pra ser feliz, o suficiente pra entender que *o suficiente* basta para sermos felizes. Que a felicidade está nas coisas em que não podemos colocar valor, que *o essencial é invisível aos olhos* — cita. — O que eu perdi no dia vinte nove de outubro é incontável.

— Nós dois perdemos — murmuro com a voz fraca.

Soluça.

— Você tem um filho lindo e provavelmente voltou a sentir algo por alguém e tem sua vinícola... e eu... nunca mais vou.

— Nunca mais o quê? — pergunto, tonto, trêmulo e entendendo muito pouco como começamos a brigar desse jeito.

— Me deixa, Aaron.

— O que além do que eu também perdi, você perdeu?

Ela vira de costas, desce as escadas e sai correndo entre as vinhas.

— Merda! — xingo, dando um soco no ar.

Passo as costas das mãos nos olhos, que estão ensopados. Estou a ponto de sair correndo atrás dela e fazer uma loucura, beijá-la até acabar com a nossa capacidade de falar bosta um para o outro e de nos machucar.

— Você quer saber o que mais ela perdeu?! — Viro na direção da voz. E encontro Santiago, parado no meio da varanda.

Concordo, confuso.

— Marília perdeu um filho seu, perdeu quem ela considerava ser o amor da vida dela e o melhor amigo, perdeu a fé e talvez, o que você não saiba é que ela dificilmente será mãe outra vez.

Fico tonto e respiro fundo, minha boca abre e não consigo falar nada. Escuto Santi prosseguir:

— Por causa das sequelas do acidente que sofreu naquela estrada, quando foi atrás de você. Quando você a mandou embora sozinha e apavorada, quando escolheu ficar por lá, em vez de segui-la. E então, tempos depois, ela coloca a cabeça no lugar e se sente bem para ir atrás do grande amor da vida dela, para perdoar e pedir perdão. E é aí que a Marília descobre, pelo seu Facebook, que esse grande amor se casou com outra mulher, poucos meses depois de tudo o que vocês viveram.

Minhas pernas perdem a firmeza e um gosto ruim invade minha boca, eu me sento outra vez no balanço da varanda, enquanto Santiago me conta coisas que queria ter ouvido de Marília, muitos anos atrás. Coisas que abrem meus olhos, me fazem entender.

— Meu Deus! — Passo as mãos no rosto cansado.

É a minha vez de contar a minha versão da história para Santiago. Coisas que sempre quis dizer para Marília e que depois de um tempo me convenci, não tinha mais por que falar.

Estamos conversando há uns vinte minutos, quando vejo Marília voltar para casa, passando na nossa frente como se não estivéssemos ali. Ela entra no chalé, no quarto dela.

Santiago olha em direção a porta recém-fechada.

— Vocês precisam resolver isso. Você deve contar o que me falou para ela.

— Eu sei.

— Entendo ela não querer falar do passado, eu mesmo incentivei Marília a se manter neutra, mas acho que depois que conversarem... — encolhe os ombros — quem sabe o que pode acontecer, não é mesmo?

Olho para o céu, para minhas mãos trêmulas e para a porta do chalé onde Marília acabou de entrar.

— Você pode levar o Merlot para cocheira?! — aponto com o queixo para o cavalo. — Vai chover e, não sei quanto tempo posso demorar por aqui.

— Posso, claro — Santi concorda. — Mas você vai falar agora, não é melhor esperar ela esfriar a cabeça?

Eu me levanto antes de dizer:

— Já esperamos demais.

— Boa sorte, cara.

Respiro fundo e peço mentalmente para que a sorte ou Deus realmente me ajudem por aqui.



Marilia

Entro no meu quarto e acendo o abajur na mesa lateral, que faz par com duas poltronas de camurça bege. Em cima, almofadas coloridas com flores e uvas, deixam o ambiente mais alegre.

Estou centrada e em paz.

Nada pode tirar a minha paz.

Mantra.

Felicidade é saber apreciar o que já tenho.

Mantra.

Eu sou responsável pela forma como reajo às situações da minha vida.

Mantra.

A paz interior é a...

Isso é mentira.

Isso sou eu mentindo para mim mesma desde que me acabei de chorar ao sair daquela varanda. A conversa, as coisas que ele me falou. *Meu Deus!* Eu me dei conta, no meio da discussão, que tudo o que queria era beijá-lo. Que nunca o esqueci por completo, nunca deixei de amá-lo *desesperadamente*. Admitir isso não foi o problema, eu meio que sempre soube que me sentia assim, pelo menos desde que nos reencontramos. O problema foi o descontrole, a vontade de me atirar nos braços dele a qualquer custo, e esse sentimento é novo. E essa foi a razão de eu sair correndo.

Coloco água para ferver na chaleira, ela tem a constelação das Plêiades impressa, foi um presente de Santiago. *Aldebaran, que está sempre olhando para a constelação das plêiades, por isso batizei a vinícola.*

Respira e tira isso da cabeça, Marília, agora.

Abro o armário embaixo do balcão pistache e pesco uma caixa de chá.

Hortelã, cidreira, camomila, gengibre.

A verdade que dói admitir é: nunca mais o procurei por medo.

Nunca mais me permiti amar por medo.

Não quis conversar com ele antes, por medo e rancor.

Pego a xícara e o mel.

E, no fim, ele estava certo em muita coisa do que falou: nós dois erramos um com o outro e nos machucamos, nossa história não teve um fim, ela foi interrompida. Mas Aaron está completamente errado em dizer que sou uma menina mimada. Ele não sabe a extensão do que perdi. E mentiu ao dizer que queria que fôssemos *para sempre*. Deixou muito claro que tinha desistido de nós quando engravidou outra mulher, poucos meses depois de tudo o que interrompeu nossa história.

Talvez seja melhor ir embora daqui de vez e... *Fugir outra vez?*

Não!

Isso não está certo.

Três batidas firmes na porta me sobressaltam.

A chaleira apita ao mesmo tempo.

— Quem é?

— Sou eu, Marília.

Não posso deixá-lo entrar. Não hoje, não me sentindo assim tão sensível.

Olho minha imagem no espelho oval da chapeleira. Estou descabelada e com nariz vermelho de tanto chorar e... precisando tanto... querendo tanto mandar tudo às favas e beijá-lo até o dia inverter de lugar com a noite.

— Abra, por favor.

— Aaron, amanhã nós falamos melhor e...

— Abra, Marília, agora!

Sem pensar mais, destranco a porta. A chaleira ainda apita. Minhas mãos estão tremendo, eu as esfrego na calça de linho bege. Arrumo um pouco os cabelos, dando alguns passos para trás.

Aaron entra e ocupa a sala inteira, meu pulso está acelerado, vibrando na garganta e nos lábios.

Ele fecha a porta às suas costas.

— Me perdoa — diz sem hesitar.

Meu pulso acelera mais.

— Me perdoa — volta a dizer, e se ajoelha à minha frente me desarmando quase por completo. — Santiago me contou que provavelmente... Que você não pode mais ter filhos — e ele cobre o rosto e chora —, e esse era um dos seus sonhos! Me perdoa — repete.

Ele chora alto, de soluçar. Eu me aproximo, permitindo que a testa dele pouse no meu ventre. Cubro a boca com as mãos, vendo os ombros dele sacudirem pelos soluços.

— Não faz isso. Não chora assim.

— Me perdoa, minha estrela — arfa —, tem tantas coisas que eu queria ter dito pra você, há tanto tempo.

Eu me ajoelho na frente dele e seguro em suas mãos.

Totalmente desarmada.

Aaron me abraça, e sinto a potência dos músculos me envolverem, o calor do corpo que sempre foi minha casa invadir meus sentidos, as curvas dos nossos corpos encaixarem junto com os nossos corações acelerados, e nós choramos juntos.

Choramos como se precisássemos disso para respirar.

Como se respirássemos pela primeira vez em quase seis anos.

Choramos pelo acidente e pelas perdas, pelo que foi dito e pelo que foi silenciado. Choramos por termos nos perdido por tanto tempo. Por termos desistido. Por tudo.

A chaleira ainda apita, e lá fora começa a chover. Um temporal de lavar a terra e a alma.

— Me perdoa, também? — digo baixinho. — Por tudo.

Ele beija a minha cabeça repetidas vezes, minha respiração se altera e meu corpo amolece. Beija a minha testa e diz, sem afastar os lábios:

— Você sempre esteve em meus pensamentos, em meu coração. Minha estrela, eu sofri tanto. Aquilo tudo quase acabou comigo.

Eu sei do que ele está falando.

Aquilo tudo quase acabou comigo, também.

Inspiro devagar sentindo o cheiro de terra molhada e o barulho da chuva nos envolve. Os lábios dele envolvem toda a pele do meu rosto, como um envelope que ficou por anos vazio e

que, por fim, recebe uma carta. A tempestade leva junto com as lágrimas a falta, a distância, os erros e as culpas.

E eu não penso mais em nada, apenas que perdemos muito tempo, que nunca deveríamos ter nos separado, que eu o amo e amarei para sempre. É como se me transformasse na chuva despencando lá fora; maleável, sem forma, escorrendo como a água. Aaron se infiltra em minha pele, se mistura comigo. Estou dividida em duas, uma parte que quer desesperadamente que isso aconteça, e a outra não entende como isso está acontecendo. Mas o desejo que sinto é um milhão de vezes mais forte do que a dúvida, ele é eletricidade na água e se espalha em meu corpo, apagando tudo ao redor como um relâmpago. Sem aguentar, sem resistir, eu o beijo de leve, deixo apenas um toque nos lábios entreabertos.

Aaron se afasta um pouco, ofegante, os olhos escurecidos pedindo permissão para continuar, avançar.

— Sim — murmuro, sentindo minha resistência se desfazer.

E ele não espera nem meio segundo antes de envolver minha nuca com as mãos e puxar minha boca de encontro a dele. E, dessa vez, nos beijamos com a força da tempestade. Ele

me acende com a língua indo fundo e tocando toda a minha boca, e estou fervendo. Em chamas. Evaporando.

Ainda sem pensar, levanto e começo a tirar a roupa. Primeiro a regata de malha e depois o sutiã, abaixo para tirar os sapatos e vejo a camiseta cor de vinho dele, cair no chão. Aaron se livra da bota de caminhada.

Eu me ergo e o observo. Ele veste apenas a calça jeans. Os olhos estão pesados, como se estivesse com sono. Parece tão mais masculino e forte do que eu lembrava. Meus olhos crescem surpresos.

— Você fez outra tatuagem?

— Sim.

— Hei — intuo —, é o Potter? — pergunto, impressionada, analisando a cabeça de um cervo enorme no peito dele. Entre as galhadas, algumas flores e estrelas, o desenho perfeito tem partes em tribal e é todo em tinta preta.

Ele concorda outra vez.

— É linda — digo, tocando-a com as pontas dos dedos. — Quando você fez?

Estou tão aturdida com ele, com a tatuagem, com o fato de ele parecer ainda mais alto, másculo e irresistível, que nem ligo para o que estamos prestes a fazer, isso mudará tudo entre nós, e também o nosso futuro, mais uma vez. Eu só quero...

Encosto a boca na tatuagem e sinto o contraste da pele quente em meus lábios. O coração dele está acelerado, saltando nas veias do pescoço. Eu o beijo na clavícula e no ombro tensionado.

— Eu a fiz — começa rouco — três meses depois que saí das jazidas. Ele significa gratidão e força. Mas, na verdade, sinto que esse sou eu, apaixonado por uma estrela — afirma com a voz falhando.

Ergo o rosto sentindo a garganta apertar, e os dedos dele estão sobre meus lábios. Lembro da outra tatuagem, a da fotografia do céu nas costas dele. Abro a boca para perguntar, mas ele interrompe antes.

— Nunca deixei de te amar — diz, e coloca os lábios na minha orelha —, nem por um segundo.

Mãos ásperas envolvem minha cintura e, em um impulso firme, Aaron me levanta. Em poucos passos, me coloca na cama.

— Vou perguntar se você tem certeza, Lili, mas se disser não, acho que não vou sobreviver.

— Eu quero — respondo, desfeita, minhas pálpebras pesam e a chuva ainda cai lá fora. A chaleira cansou de apitar e ficou quieta.

Ele tira a calça jeans e se deita ao meu lado. Passo os dedos nas ondas dos cabelos castanhos e o puxo para aprofundar o beijo, ele geme de prazer, o som vibrando em meus nervos. Eletricidade.

Quero mais, estou molhada e solta como a terra lá fora, recém-coberta de chuva.

E não vou pensar no amanhã, no que seremos, no que perdemos, nem se ainda existem partes do passado que precisam de conserto. Agora, só quero senti-lo, amá-lo como se o tempo não tivesse passado, como se nada tivesse nos separado.

E acho que ele sente o mesmo, porque conforme escorrego as mãos pelas costas, os músculos se retesam, e ele geme de um jeito rouco, completamente entregue. É diferente de tudo o

que já ouvi, como trovão ressoando nas tramas dos meus nervos. E eu enlouqueço de vez.

Aaron se afasta um pouco ofegante e me encara intensamente:

— Marília, seu olhar, porra, sentir você assim de novo eu...

E me beija outra vez, sem terminar de falar, os lábios têm a força da tempestade que lava a terra, nossos corpos, nossas almas.

Porto seguro.

Minhas pernas contraem quando mãos firmes sobem em direção à minha virilha, meu sexo pulsa e está sensível demais, antes mesmo de ele remover minha calcinha para o lado e me invadir com dois dedos.

Furacão.

— Ainda sou tão apaixonado por você — diz, movendo os dedos dentro de mim, e beija meus seios. Meus mamilos ficam duros e doloridos, eu arquejo, agarrando os ombros largos com força.

— E pensar em nunca mais sentir você assim, me enlouquecia. Acabava comigo.

O polegar circula o meu clitóris uma vez, de leve. Duas vezes com mais pressão. Três, quatro, dez, trinta vezes, com movimentos rápidos e ritmados. Ninguém nunca me tocou assim, arrancou essa resposta instantânea do meu corpo, eu me desfaço em um milhão de pedaços.

Os sons úmidos do nosso prazer se misturam com a chuva.

Tempestade.

Sinto ele se afastar um pouco e a minha calcinha ser retirada. Luto para abrir os olhos.

Não consigo.

— Aaron, faz amor comigo. — As palavras saem automaticamente da minha boca. Eu mal termino de falar, e meu corpo é empurrado para cima conforme ele me preenche.

Levo alguns segundos para me acostumar, ceder à invasão, mesmo estando encharcada, tão excitada.

Aaron fica parado dentro de mim, me beijando, e é incrível, porque ele sente o exato momento em que meu corpo relaxa e o aceita totalmente e, só então, começa a se mexer.

Quente.

Por inteiro.

Perfeito.

Com força.

Vida.

Trovões.

As mãos segurando os meus quadris, enquanto a boca desliza sobre a minha junto com os nossos movimentos.

— Nada é tão bom — murmura com a voz muito rouca. — É tão melhor do que lembrava... é como...

Mais uma estocada.

Eu gemo.

Ele arfa.

— Voltar para casa... alcançar as estrelas.

Mais uma.

— Eu te amo — diz, dentro do movimento dos nossos corpos e das ondas de choque que correm o meu ventre.

Desesperada por alívio, impulsiono o quadril para cima, de encontro a pélvis dele. Aaron aumenta a força e o ritmo das estocadas. Meu ventre está totalmente contraído, e eu o abraço

com as pernas em um laço firme, exigindo que ele vá mais fundo. Mais forte, ele vai abrindo as minhas pernas ao limite.

— Aaron! — grito, e cravo as unhas nos músculos dos ombros, quando o prazer explode através de mim, varrendo meu corpo com choques e ondas quentes, frias, elétricas, outra vez.

Relâmpagos.

Apoia a testa na minha, as mãos segurando e guiando os meus quadris conforme investe com força, até um trovão nascer do peito dele, fazendo-o estremecer. Ele me beija enquanto os espasmos deixam nossos corpos, e continuamos nos beijando até nossas respirações desacelerarem.

Casa.

Aaron se afasta um pouco, e estou reduzida a uma massa de feminilidade, entregue e solta.

— Nunca mais me deixe, Lili das estrelas — murmura meu apelido. O meu mantra favorito.

— Eu sempre te amei, senhor dos cervos — brinco, e toco no peito plano, em cima da tatuagem.

Aaron me abraça e dividimos um silêncio calmo.

— Lili, por mais que tentasse me enganar, por mais que tenha ficado confuso e me sentido sozinho, iludido e puto, nunca deixei de acreditar nos mundos dentro de uma semente de uva — afirma com riso na voz. — E aquilo que a gente acredita, como você mesma me disse um dia, se torna verdade.

Ele me vira sobre o colchão, deitando em cima de mim, e me beija de um jeito doce e quente.

— Você aqui é a prova disso — conclui na minha orelha.

Esse é o jeito dele dizer que ama, que sempre me amou, é o jeito dele me fazer lembrar que, por mais que o caminho não seja perfeito, é só fecharmos os olhos, e encontramos o que realmente importa, no nosso coração. Aaron sempre esteve em meu coração. E eu durmo com a certeza de que Clarice Lispector estava certa ao dizer que a vida é um soco no estômago.

Mas também é uma carícia na face, um beijo apaixonado, um abraço de amigo, um olhar que aceita e perdoa e, para lembrarmos disso depois de um soco ou um pontapé, basta respirar fundo e continuar buscando.



A mão de Aaron tem um peso bom, um peso certo na minha barriga.

O corpo musculoso inteiro colado atrás de mim.

Abro os olhos. Não deve passar das três da manhã.

E... o membro dele, duro e quente, pulsa nas minhas costas. Quase entre as minhas nádegas. Meu coração acelera.

Ele está dormindo assim.

Um calor gostoso se espalha em meu corpo, aquece meu sangue.

Saber que sou eu que deixo ele excitado, mesmo dormindo, faz um redemoinho envolver meu ventre e apertar meu sexo.

Quero fazer uma coisa que fiz muito pouco enquanto namorávamos, talvez por ser jovem e ter vergonha. *Sei lá.*

Sem pensar em nada. Nem no futuro, nem nas coisas que ainda precisam ser ditas, nem... em nada. Só em aproveitar essa noite ao máximo, eu me sento na cama e o empurro pelo ombro até ele virar de barriga para cima.

Amarro o cabelo em um coque frouxo e me inclino sobre ele



Aaron

Acordo gemendo.

O quê?

Isso está mesmo acontecendo?

Meu saco contrai e meu pau fica duro que nem um bloco de cimento em chamas.

Ela está fazendo isso mesmo?

Os lábios macios envolvem e sugam a cabeça com mais força.

— Lili? — chamo, rouco e atordoado, quando os dedos passam a trabalhar, me segurando ereto.

— Shh — pede, sem se afastar muito —, aquele dia no armário de produtos de limpeza, era isso que eu queria ter feito, mas tive vergonha. Me deixa. — E me coloca fundo na boca outra vez.

Eu gemo e empurro o quadril para cima, de maneira impulsiva.

Ela continua lambendo, sugando e usando as mãos junto com a língua e os lábios.

— Estou no céu — gemo, gemo e arfo —, Lili. — E gemo e arfo e seguro a cabeça dela sem pensar em mais nada.

Ela se esfrega na minha perna, ronronando conforme me leva para dentro da boca uma e outra vez, como se o prazer fosse dela. E meu ventre pulsa, fervendo, sinto os seios na minha coxa retesada. Ela continua indo cada vez mais fundo.

— Vou gozar — aviso, e tento me afastar.

Mas ela não para, me chupando tão forte que eu vejo estrelas no teto do quarto. *E não estou sendo metafórico.*

Ela engole e estou tremendo inteiro no mais avassalador prazer. Ela acaba de sentar, me levando a penetrá-la, e goza após se mexer poucas vezes em cima de mim. E o calor macio me apertando é demais para mim. Acho que tenho um orgasmo múltiplo, sei lá. Sinto que estou gozando outra vez, ou que ainda não parei. Não vou parar nunca. Gemo alto, puxando ela com força e a beijando, enlouquecido de paixão.

— Eu te amo, te amo, te amo — repito fora de mim.

Como pude esquecer que sou completamente louco por essa mulher? Que toda vez que olho para ela quero que ela seja minha e quero ter certeza de que ficaremos juntos pelo resto de nossas vidas. Pelo tempo que couber no nosso para sempre.



Dessa vez acordo com os sons de Marília fechando a mala.

Ah não!

Ela vai embora de novo.

Meu pulso acelera tanto que perco o ar.

Então me lembro, ainda entorpecido de sono que é só por um mês.

Logo ela estará de volta.

Mas, porra, não quero que ela vá. Não agora, não quando finalmente a gente se encontrou de verdade.

A noite anterior foi foda.

Nós transamos duas vezes, na primeira de um jeito mais insano e na segunda devagar, beijando e saboreando cada pedacinho dos nossos corpos. E então, meu pau dá sinal de vida só de lembrar de como ela me acordou mais cedo.

Não prometemos nada um para o outro, só repetimos “eu te amo” várias e várias vezes, como os mantras que Marília colocou para tocar. Ontem, tentamos vencer as saudades, as culpas e a distância com nossos corpos e não com palavras. Ainda estou um pouco inseguro de como ela vai reagir hoje, amanhã, depois.

Olho pela janela e vejo que o sol está nascendo, as nuvens estão cobertas por laranja e roxo.

Espreguiço-me e sento na cama buscando a cueca, estico o braço e a pesco na beirada do colchão. Em seguida, alcanço a calça e visto-a em um pulo saindo da cama.

— Bom dia — Marília diz, colocando um colete jeans por cima da bata branca.

— Bom dia, minha estrela — respondo após bocejar.

Entro no banheiro e passo um pouco de pasta na boca com o dedo, bochechando logo depois.

Vou até ela devagar, medindo as reações e a expressão do rosto delicado. Marília não recua, e eu a beijo, satisfeito com o gosto de hortelã e café da boca dela, os lábios cheios acariciam os meus, fazendo meu ventre contrair, me acender. Eu a quero, outra vez. Muito.

— Você tem mesmo que ir? — pergunto, envolvendo a cintura fina com as mãos.

— Tenho, será apenas por um mês.

— Eu sei — respondo, tentando me convencer de que logo ela estará de volta e que ficaremos juntos para sempre.

Para sempre?

Será?

Sem me aguentar, pergunto:

— Marília... e nós?

Ela me beija de leve antes de responder:

— Vamos apenas deixar as coisas acontecerem?

Não era a resposta que eu queria, mas, não tenho como pedir por outra. Não agora, com pressa, tendo que parar a conversa para ela ir viajar.

O celular dela apita a entrada de uma mensagem. Ela se afasta um pouco e o pega de cima da mesa.

— É a minha carona, preciso ir.

Agarra uma bolsa de patchwork com estampas de galáxias, que é tão a cara dela, que me faz sorrir.

— Sentirei saudades — digo com ela prestes a sair do quarto —, posso te ligar?

Ela concorda com a cabeça, e somente então me dou conta de que não contei tudo o que queria, o que entrei no quarto para falar. Mas como eu poderia lembrar ou querer falar qualquer coisa depois que ela começou a me beijar — tão entregue e apaixonada —, depois que tiramos a roupa?

Não posso e não quero contar tudo agora, correndo. Muito menos por telefone.

Só que tem um jeito de ela saber ao menos uma parte das coisas.

— Lili, você nunca foi a garota das redes sociais, mas sei que você abandonou o seu perfil de Facebook antigo. Santiago ontem me falou algo sobre você ter perdido a senha e que não o acessa há anos, certo?

Ela franze o cenho de leve, algumas ruguinhas aparecem na testa. Eu amo essa expressão de Marília quando está em dúvida.

— Certo — concorda por fim.

— Vou te mandar por *WhatsApp* a senha do meu perfil no Facebook, para que você acesse minha conta do seu notebook.

Ela franze ainda mais o cenho, e eu não resisto e beijo a sua testa.

— Por quê?

— Porque, Lili das estrelas, a senhorita também mudou de celular quando viajou pouco depois do acidente e eu quis falar algumas coisas pra você durante um tempo. E o seu perfil na rede social foi o único jeito de tentar contato. Cheguei a ligar para Rosa, mas ela não me passou seu novo número.

Ela arregala os olhos.

— Rosa nunca me contou.

Eu beijo a ponta do nariz delicado:

— Acho que ela acreditava que você precisava de um tempo e, infelizmente, depois de alguns meses eu passei a

acreditar também, e me convenci de que te esquecer era o certo a fazer.

Ela suspira, fitando o celular.

— No começo, eu não queria nada nem comigo mesma, depois que fiquei melhor, achei que nós pudéssemos nos entender outra vez. Entendi que eu ainda te amava e...

—Você acha que é possível, Lili, duas pessoas que se amaram como nós, e que escolheram seguir separadas por tanto tempo, se reencontrarem e então se darem uma nova chance? Voltarem a acreditar no amor que sentiram, que sentem?

Marília me encara com os lábios entreabertos, e eu a beijo sem dar tempo de ela falar.

O celular acusa outra mensagem e interrompe nosso beijo.

— Eu sei — digo com a voz rouca —, você precisa ir, mas ainda acredito que pode mudar de ideia e voltar para aquela cama e me fazer o cara mais feliz do mundo. — Ergo as sobrancelhas de um jeito brincalhão.

Ela sorri de leve e anda em direção à porta, mas antes de deixar o quarto, Marília se vira e abre um sorriso enorme para

mim, e sinto que sou o cara mais sortudo do universo inteiro,
outra vez.

Mais uma vez



Marília

MENSAGEM DE AARON PARA MARÍLIA

20 de dezembro (6 anos atrás)

Marília, você sabe como o sinal aqui é inexistente, mas a companhia acabou de instalar uma antena para conexão via satélite, e quem pagar uma mensalidade pode ter um número de gigas, meio escasso, por mês. Vou usar parte do que recebo e pagar por essa internet. Quero te mandar os nossos *quotes* diários. Quero...

Tenho te ligado, mas seu celular só dá caixa postal. Aliás eu te ligo desde o dia que você saiu daqui, desde antes de saber do acidente.

Aquele dia no hospital, quando você me mandou embora, quase desisti de voltar para cá. Quase voltei para Argentina, quase desisti de nós, quase desisti de tudo o que quero construir para nós, por nós. Porque, Marília, é o amor que sinto por você que me dá forças de continuar aqui, nesse inferno. Tenho certeza de que me apaixonar foi a coisa mais corajosa que fiz na vida. Por que quando estamos apaixonados, ficamos abertos, vulneráveis. Quero que você saiba que me arrependo todos os dias por não ter saído do acampamento com você, naquela manhã. Me arrependo por não ter te feito entender que o meu amor por você é o que faz os sonhos acontecerem e vale mais do que todas as estrelas do céu e todos os diamantes da terra.

Filha, a gente não tem dinheiro para o presente, mas escolhe uma estrela no céu, e fica com ela pra toda a vida.

O Castelo de Vidro — Jeannette Walls

Escolhi três estrelas, para mim, elas sempre serão os três pontos do “meu amor infinito por você...”

26 de dezembro (6 anos atrás)

Marília, não entendo seu sumiço, seu silêncio. Não entendo você ter me mandado embora do hospital, de sua vida, e simplesmente ter desaparecido da face da terra.

Faz mais de um mês, dá para você dar um sinal de vida? Queria te contar tantas coisas, eu consegui Lili, nós estamos ricos.

27 de dezembro (6 anos atrás)

Tenho tentado te ligar, o seu celular ainda dá fora de área. Você não me responde, é como se nunca tivéssemos nos conhecido, é como se você tivesse deixado de existir. Só que você existe, porra, e não deixa os meus pensamentos durante um só segundo.

31 de dezembro (6 anos atrás)

Hoje faz um ano. Um ano da nossa viagem, lembra Marília?

Sei que você não vai ler ou responder. Já nem sei mais o que pensar.

Espero...

Quer saber?

Estou puto com esse seu sumiço, dois meses sem respostas. E triste demais com a maneira como você desistiu de nós. Estou puto porque liguei pra sua casa em Saint Martin e seu pai atendeu e, mais uma vez, ele me falou um monte de merda. Falou que você estava viajando pelo mundo sem data para voltar. Que você viajou junto com o bosta do Felipe! É verdade isso, Marília? Você faria isso com a gente tão pouco tempo depois? Tenho certeza de que não.

Mas por que você não me responde?

E eu aqui cavando estrelas na terra por ainda acreditar em nós.

Devo ser um estúpido. Ou um lunático,

Mas...

*“Alguns nunca enlouquecem,
que merda de vida eles devem levar.”*

(Charles Bukwosk)

Feliz ano novo.

02 de janeiro (6 anos atrás)

Você acha que só você está sofrendo? Que só você perdeu?

E as mensagens continuaram por mais cinco meses, quase diariamente.

Às vezes, desabafos, outras, pedaços da rotina, do que ele estava sentindo, como se fosse uma agenda e, às vezes, os *quotes* que sempre trocávamos.

Nas últimas mensagens sem respostas, Aaron começava sempre com um:

Eu sei que você não está vendo ou se vê, não me responde há vários meses, mas uma vez eu prometi que ia te amar pra

sempre e esse sou eu, te amando para sempre ou sendo o maior idiota que já existiu.

E então, a última, seis meses depois do acidente.

Sei ficar, sei amar, sei insistir, mas também sei a hora de deixar ir. Talvez tenha esperado demais, talvez tenha durado de menos, mas o que é demais ou de menos dentro do infinito?

Você com certeza é muito diferente do que acreditei.

Aliás, quem é você, qual o seu nome?

Quero que você seja feliz...

Eu vou ser feliz, também.

Adeus.



*“(...) Para odiar, as pessoas
precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem
aprender a amar.”*

NELSON MANDELA

Marília

UM MÊS DEPOIS – CIDADE DO CABO

Cheguei apenas duas horas atrás na Cidade do Cabo, me arrumei correndo e vim direto para o hotel. Hoje é o jantar beneficente que tem como propósito arrecadar mais verba para os projetos da vinícola Montagne e Aldebaran e, agora, também da vinícola Tokara, onde passei o último mês.

É uma noite importante para a Ubuntu, podemos conseguir mais investidores e atender a outras regiões da África do Sul.

Agora o pianista toca *Titanium*.

Pego uma taça de espumante e experimento uma safra especial produzida na região, dou um gole pequeno. Ela é seca e faz cócegas na minha garganta.

Estou sentada em uma mesa redonda com mais oito pessoas, quer dizer, mais sete, porque o oitavo lugar segue vazio. Ele está reservado para Aaron, que ainda não chegou. O Belmond Mount é um dos hotéis mais luxuosos da Cidade do Cabo, e isso fica evidente no requinte de todos os detalhes, das toalhas bordadas aos arranjos de flores, no brilho dos cristais e nas louças de porcelana importadas.

É muito louco ver tanto luxo em um evento beneficente. Acho que é assim que algumas pessoas se sentem mais confortáveis, ou talvez, isso as lembrem tudo ao que têm acesso e da disparidade do mundo, estimulando a caridade.

Daqui a pouco, vai ter uma apresentação com a participação das crianças que atendemos na Aldebaran. Isso é uma surpresa para mim também, Santi me contou assim que

cheguei, ele está sentado ao meu lado. A organização do evento montou um palco temporário na frente do salão, que será usado nos shows durante essa noite.

— Animada? — Santi pergunta, após dar um gole no vinho.

|Aceito um canapé de camarão empanado com coco.

— Muito — respondo mastigando.

Sorrio e sou educada com todas as pessoas que estão colaborando para que a noite seja um sucesso, mas no fundo estou entorpecida. Na verdade, estou uma pilha, tão ansiosa que se alguém derrubar qualquer bebida alcoólica em mim, tenho certeza de que entro em combustão imediata. O problema é o lugar vazio na mesa, quem ocupará esse lugar, mais precisamente.

Não vejo Aaron há um mês e, apesar de desde então nos falarmos todos os dias, lermos um para o outro e de ele ter voltado a me mandar os *quotes* de livros todas as manhãs, me lembrando de como é bom amá-lo e ser amada por ele, não conversamos mais nada sobre o futuro ou sobre o passado. Quer dizer, conversamos sim, mas somente em uma das ligações, vinte dias atrás. Depois de ler nas mensagens, o que meu pai

contou para o Aaron sobre o Felipe, falei a verdade: nunca mais vi ou troquei uma palavra com Felipe, desde Saint Martin, quem dirá viajar junto. *Nunca*.

Aaron respirou fundo antes de falar:

— *Também preciso deixar claro muitas coisas, só não quero fazer isso por telefone.*

Descobrir que Aaron me mandou mensagens durante meses depois do acidente, fez todas as teorias loucas que criei sobre ele desabarem, como um dominó enfileirado. Mas, ao mesmo tempo, torna o fato de ele ter se casado, pouco depois de tudo o que vivemos, ainda mais inexplicável.

Ele errou, tentou falar comigo sem saber do acidente, se arrependeu do erro e foi a São Paulo disposto a consertar as coisas, a largar a chance de estar onde está hoje e então, me pediu perdão mais de uma vez, de joelhos ao lado da cama. Só que — porcaria — estava deprimida demais para perceber qualquer coisa, e o mandei embora.

E, daí em diante, sem conseguir contato, ele me enviou uma mensagem por dia durante meses.

A certeza que tenho agora é de que muitas vezes julgamos as pessoas e os fatos através da nossa perspectiva e erramos. Julgamos pelo filtro das nossas dores e carências e erramos. Julgamos através dos olhos dos outros e erramos. Julgamos através das nossas crenças e motivações e erramos.

Aperto os dedos sobre a toalha branca de linho ao ver Aaron vindo em direção à mesa, ao lado da modelo, Lesedi Nkosi. Ela é alta, cheia de curvas, cabelo comprido e preto que está preso num penteado elaborado, olhos castanhos e pele marrom. É uma das mulheres mais lindas que já vi.

Aaron sorri de algo que ela diz e está com a mão nas costas dela, conduzindo seus passos. E lembro de todas as vezes em que ele me conduziu.

Conduziu meu corpo, meus sonhos, meu coração.

Santi também me contou que a modelo usa um vestido vermelho da Prada e joias de um designer famoso, que são inspiradas nos ornamentos da tribo Ndebele e Aaron, meu Deus, está incrível de smoking. Eles parecem um casal de capa de revista, que nasceu para estar junto.

Não consigo evitar de me sentir um pouco insegura com meu sári de segunda mão, comprado em uma liquidação na Índia, uma maquiagem feita às pressas e um coque solto que não fica no lugar. E me sinto ainda mais ridícula porque, sim, sou humana e estou com ciúmes. Mesmo depois da nossa última noite juntos na vinícola, de tudo o que ele falou, e de trinta dias de telefonemas, eu não consigo evitar... sinto uma enjoada pontada de ciúmes.

Bem, na verdade, um pouco menos agora, porque ele acaba de abrir um sorriso que dissolve estruturas quando nosso olhar se encontra.

— Oi, Lili — diz, e eu me levanto como um bonequinho de controle remoto.

O braço coberto pelo terno envolve minhas costas, e a lâ macia toca a minha pele. O cheiro de Aaron invade meus sentidos, quando ele sopra junto à minha orelha:

— Você é a mulher mais linda do salão e estou morrendo de saudades, mas principalmente, quero muito te beijar. Posso?

E todo o ciúme se dissolve instantaneamente.

— Aqui?

Ele concorda, e segura o meu queixo entre o polegar e o indicador, erguendo o meu rosto.

— Sim — concordo de maneira automática.

E ele me beija, um beijo lento, profundo, suave e quente, igual a maneira sensual que dança tango. Um beijo que gela meu estômago e eletriza o meu sangue. Tenho vontade de puxá-lo pelo colarinho e beijá-lo loucamente, sem parar.

SEM PARAR.

Aaron se afasta com olhar em chamas e escova os cabelos com as mãos como se, por fim, percebesse que não estamos sozinhos no salão. Pigarreia e, em seguida, apresenta a modelo:

— Essa é Lesedi Nkosi, ela vai ser mestre de cerimônias hoje, além de ter fechado conosco a nova campanha da vinícola, te falei né?

Concordo estendendo a mão.

— Muito prazer.

— Essa é Marília, la luz de mi vida — fala em espanhol. —
A luz da minha vida — repete em inglês.

Ciúmes? O que é ciúmes?

— Muito prazer, Marília, Emily me falou sobre o trabalho lindo que vocês fazem aqui.

— Obrigada.

Lesedi emenda:

— Bem... está na hora, vou subir para começarmos a noite.

— Boa sorte — Aaron deseja, e assistimos a ela caminhar em direção ao palco.

Ele se senta ao meu lado, segurando minha mão.

— Estava morrendo de saudades — diz mais uma vez.

— Eu também — respondo, e pego a taça de espumante com a mão livre, ludibriando a vontade de acelerar a noite para ficarmos a sós.

Pouco depois, as luzes do salão diminuem e um canhão de luz ilumina o centro do palco, onde Lesedi Nkosi está.

— Boa noite, senhoras e senhores — diz ao microfone. — Essa é uma noite muito especial para todos nós e, especialmente, para as centenas de crianças que a ONG Ubuntu já atendeu e atende aqui na província de Cabo Ocidental.

Uma salva de palmas ecoa pelo salão. Prossegue:

— Vamos começar os shows com uma apresentação muito especial que o corpo de bailarinos do Joburg Ballet preparou para celebrar a nossa noite.

Arregalo os olhos, surpresa. Conheço e admiro muito o trabalho de Joburg Ballet, o principal do país. Sei que durante o apartheid, o balé era uma modalidade só de brancos na África do Sul. Mas desde os anos noventas, as coisas mudaram e a diferente etnia dos bailarinos reforça o sentido de um país mais unificado. Esse foi um dos sonhos de Mandela.

— Espero que vocês apreciem. — A voz de Lesedi volta minha atenção para o palco. — Teremos a participação especial de alguns jovens do projeto. E que não nos esqueçamos do que dizia Mandiba:^[1] “A educação é arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

Busco Santiago sorrindo, um pouco emocionada e cada vez mais surpresa.

— Prepara o seu coração, gata — meu amigo murmura.

E o meu coração despreparado acelera.

— O que você fez?

— Eu não, ele — Santi aponta para Aaron.

Aaron aponta para o palco.

— Eu não, eles, os bailarinos.

Então, no fundo, dezenas de luzinhas imitando um céu estrelado acendem.

Uma das jovens do projeto entra no palco, Anathi, ela tem quinze anos e está vestida com um traje típico da tribo Xhosa.

— Vocês já se perguntaram por que gostamos tanto de ouvir histórias? Eu sou uma Griô, uma contadora de histórias, e sei que, há muitos anos, todos conheciam o poder mágico e curativo delas. Todos buscavam beber da fonte de sabedoria que as histórias são. Então escutem, não apenas com os ouvidos e com a mente, escutem com o coração. É hora de lembrar.

Uma música instrumental começa a tocar, sobreposta ao som de cristais tilintando.

Anathi continua:

— As pessoas sabiam que, ao ouvir uma história, elas se distanciavam da própria vida, podendo voltar depois com os elementos aprendidos e curar, assim, as suas próprias histórias.

As luzes ficam mais fortes no palco e consigo ver uma árvore e, ao fundo, junto ao céu estrelado, a sombra de uma

floresta projetada.

— Era uma vez — Anathi diz — um cervo enorme que nasceu de dentro de uma árvore e, por isso, vivia olhando para cima.

Um bailarino fantasiado de cervo, com galhadas na cabeça, sai de dentro da árvore e começa a dançar um solo, embalado por uma música forte e impactante, com sons de tambores e sons da natureza.

— E, de tanto olhar para cima, esse cervo sonhador acabou se apaixonando por uma estrela.

E então, outra bailarina entra em cena, fantasiada de estrela, ela está com um traje dourado e um adorno de estrelas na cabeça. Os dois dançam de frente um para o outro, mas distantes, como se ela estivesse no céu e ele na Terra. Agora, a música é suave e emocionante.

— Mas o cervo não sabia que a estrela estava cansada de olhar para o céu e resolvera olhar para a terra constantemente e, nessas longas fugidas de olhar buscando o novo, a estrela também se apaixonara por ele.

— Meu Deus — murmuro com os olhos enchendo de lágrimas ao me dar conta do que Santiago, Aaron, do que ele fez, do que eles fizeram. É a nossa história. Tenho certeza.

— Alguns anos se passam, o cervo e a estrela ficam amigos e continuam se amando a distância. Mas, todo final de noite, quando o sol enfim chegava, ele bramia por ela, chorando pelo amor inalcançável.

E o bailarino fantasiado de cervo brami, enquanto dança com movimentos fluídicos e potentes. Todos na plateia aplaudem, porque é mesmo muito bonito. Só que não estou aplaudindo, quer dizer, não estou apenas aplaudindo, estou chorando. Sinto a mão grande e quente de Aaron apertar a minha de leve, por cima da mesa.

Anathi prossegue contando a história com a voz vibrante, como uma autêntica Griô:

— Então, a estrela pede para todas as outras irmãs do céu a ajudarem, ela quer descer até a Terra, porque sabe que é mais fácil uma estrela ser cadente do que um cervo ganhar asas. E, com ajuda das irmãs, ela pega uma carona na cauda de um fio do luar e cai na terra, bem próximo ao cervo.

O palco fica escuro e a luz de uma estrela cadente risca o telão no fundo do palco. Quando o canhão de luz volta, o cervo e a estrela estão abraçados, embaixo da árvore e começam um *pas de deux*, impactante e passional.

As pessoas na plateia aplaudem outra vez. Meu coração está urrando, explodindo dentro do peito, meu corpo inteiro vibra de emoção.

— E — a narradora continua —, na noite em que eles se encontram e consumam o amor, o cervo pede para as estrelas do céu emprestarem o seu brilho e ficarem então desenhadas para sempre nas costas dele.

Entra uma dezena de bailarinos que dançam uma coreografia mais moderna, estrelas são projetados do teto do teatro e do céu cenográfico do palco nas costas do bailarino fantasiado de cervo. Como se as estrelas estivessem sendo tatuadas, na pele dele.

— Meu Deus — murmuro, a voz falhando, e viro para Aaron, que se aproxima mais, até estar bem junto ao meu ouvido:

— Sim, Lili, a tatuagem em minhas costas é o céu do hemisfério Sul com todas as estrelas visíveis e a posição delas na noite em que nos amamos pela primeira vez.

Eu toco no rosto dele.

— Como assim?

Aaron beija minha mão e aponta com o queixo para que eu volte a prestar atenção no palco.

Meio tonta, volto a atenção para o teatro.

— Mas, com o passar do tempo, o cervo iludido passa a acreditar que a estrela sentia falta de suas irmãs e, então, ele a deixa muito triste quando se separa dela. Ele foi cavar buracos na terra, a fim de encontrar estrelas refletidas.

O cervo sai do palco e o foco da luz cai sobre a estrela solitária. Ela agora faz um solo.

— Só que um terrível acidente — a estrela cai no chão do palco — tira do cervo e da estrela o maior presente que o amor deles tinha criado. A estrela perde um raio de luz que morava em sua barriga e que nasceria um dia. — O palco é invadido por bailarinos vestidos de sombras. — E os monstros do medo, da

tristeza, do orgulho, do preconceito e da culpa separam o cervo e a estrela.

O foco de luz volta para Anathi, agora ela está sozinha embaixo da árvore do cenário.

— Então um dia, o cervo, que estava sempre muito triste sem a sua estrela, entrou em um castelo mágico e encontrou um presente, um raio de luz que tinha nascido há pouco tempo. Mas a mãe desse raio de luz, estivera doente e não tinha ninguém para cuidar dele. O cervo, comovido, sente que aquela é sua chance de amar de novo e de se sentir menos culpado por tudo o que perdeu ao cavar estrelas na terra, quando já tinha a maior riqueza em suas mãos.

Uma criança entra carregando uma estrela de pelúcia e entrega para o cervo que dançava sozinho.

— Marília — Aaron me chama.

Meu rosto está coberto de lágrimas.

— Oi — respondo com a voz fraca, incrédula.

Ele volta a se aproximar e, curvando um pouco as costas, murmura junto ao meu ouvido:

— Todos os meses depois do acidente, no dia vinte nove, eu parava o que que estivesse fazendo e visitava uma igreja. Então, sete meses depois, 29 de junho, eu tinha acabado de voltar para a Argentina de uma viagem pelas vinícolas do Chile. Estava em Buenos Aires, eu e minha mãe moramos lá por um tempo, depois que voltei de Rondônia, para que eu pudesse terminar a faculdade.

Concordo com a cabeça, devagar, incapaz de falar.

— Quando entrei na Basílica de Nuestra Señora de la Merced — prossegue —, uma jovem grávida chorava muito. Fiquei perplexo e não resisti. Eu me aproximei e perguntei se ela precisava de ajuda. Em pouco tempo, ela me contou que estava grávida de quatro meses e que estava muito doente. Tinha sido diagnosticada com câncer terminal e escolheu seguir com a gravidez em vez de fazer o tratamento que poderia prolongar a sua vida.

Mordo o dedo indicador com força porque acho que já entendi tudo, já vi tudo.

Meu Deus, como fiquei sem enxergar, completamente iludida.

Eu só quero abraçá-lo com todo o meu coração.

Aaron continua baixinho:

— Ela não tinha família, imigrou da Romênia para a Argentina e vivia pedindo esmolas na rua, há anos. O pai da criança sumiu no mundo. Eu nunca vou esquecer o que ela me disse naquele dia:

— Escolhi o meu filho porque eu o amo e porque, mesmo que eu não esteja mais aqui, saber que ele terá a chance de ter uma história feliz, me faz feliz. Eu vou virar uma estrela e vou amá-lo e protegê-lo para sempre lá de cima.

Aaron beija minha testa, e eu desmancho com o contato, mas, principalmente, por tudo o que está acontecendo. Por tudo o que ele me fala.

— Qual era o nome dela? — Só então percebo que nunca fiz essa pergunta. Nunca quis fazer. Como se ao saber o nome dela a tornaria, de alguma forma, mais real.

— Liana.

— É um lindo nome — digo, limpando as lágrimas do canto dos olhos.

— Quando eu contei minha história para ela — prossegue baixinho —, quando falei que, se ela sentisse que era o certo a fazer, eu estava disposto a ficar e cuidar do bebê, cuidar do Rael como o filho que eu não vi nascer. Ela — Aaron ofega —, chorou me abraçando e disse que Deus havia me colocado em seu caminho. Então, mostrei minha medalha dizendo que fora Nossa Senhora quem havia me levada até a igreja. Liana se convenceu de que o nosso encontro era mesmo um presente dos céus.

— Meu Deus — arfo baixinho.

Aaron me beija de leve uma, duas, três vezes e, somente depois, acrescenta:

— Ali eu soube, de algum jeito, que o nosso pequeno, que nem chegou a nascer e que mora nas estrelas, me guiou até aquele local, naquela hora.

Eu o abraço chorando, tentando abafar o som dos soluços no peito dele.

— Eu paguei hospitais e os melhores tratamentos para Liana, assim que Rael nasceu, mas infelizmente ela não resistiu. Praticamente não viu o próprio filho. Rael chegou antes do tempo. Ele nasceu e foi para a incubadora, ficou mais de

cinquenta dias no hospital. Nessa época eu passava horas diariamente ao lado dele. Só conseguia pensar que era uma prova para mim mesmo, e para Deus, se eu tivesse uma nova chance, jamais voltaria a errar daquele jeito, jamais. Eu me culpei muito, Lili — diz com a voz embargada —, muito.

— Você não teve culpa — digo com a voz falhando, sem conseguir dar conta de tudo o que estou sentindo.

Ele beija as minhas mãos.

— Rael se recuperou com tanta vontade de viver, com tanta resiliência e força. Ele me ensinou, me ensina tanto. Hoje, ele é a minha alegria, é a minha nova chance.

Suspiro, trêmula, e Aaron continua sem me dar tempo de falar:

— A foto do casamento que eu nem sabia até um mês atrás que você tinha visto, foi minha mãe quem postou. Nos casamos apenas no civil, um mês depois de conhecer Liana, para evitar problemas com o registro do bebê. Mas eu nunca tive nada com ela. Nunca houve ninguém em minha vida além de você, não de verdade.

— Nem para mim, nunca houve ninguém mais de verdade.

Eu o abraço com mais força.

E confirmo, mais uma vez, que tudo na vida é uma questão de perspectiva. Como podemos nos enganar sobre as pessoas, especialmente sobre as pessoas que amamos.

— Desculpe — digo enxugando os olhos —, me perdoe ter pensado coisas horríveis sobre você. Por ter...

— Você não tinha como saber, meu anjo — beija minha testa —, eu deveria ter ido atrás de você até o fim do mundo, se fosse preciso. Nunca deveria ter desistido. Trinta dias atrás, quando saí da *Aldebaran* depois de nos amarmos, exatamente meia hora depois, entrei no carro decidido a ir atrás de você e te contar tudo pessoalmente, cheguei a pegar a estrada, então — segura e beija minhas mãos — tive a ideia de deixar as crianças do projeto contarem tudo para você. Olhe — Aaron aponta para o palco —, nunca deveria ter tentado esquecer o quanto eu te amei, o quanto te amo, Lili.

E me viro, enxugando as lágrimas do rosto, o palco está lotado com todas as crianças da ONG, na frente dos bailarinos.

Escuto Anathi terminar de narrar a história:

— Hoje a estrela e o cervo se encontraram mais uma vez e vivem de contar histórias, espalhando tudo o que aprenderam para o mundo. Todos nós somos pedacinhos de estrelas e sementes de sonhos. E, com toda certeza, uma estrela vive no coração de quem consegue ver a beleza nas coisas simples e pequeninas, como uma semente de uva, ou em uma estrela no céu.

Eu rio chorando ou choro rindo. Sim, estou em uma tempestade de emoções.

Então, as crianças cantam um trecho de *All we need is love*, acompanhadas por todos na plateia. O palco se apaga e, em seguida, no telão, é projetada a imagem de um cervo abraçado pela luz de uma estrela.

Aplausos e assobios ecoam por todo o salão. Bato palmas com as mãos incertas, me viro para Aaron e o encontro ajoelhado à minha frente, segurando uma caixinha preta de couro com um anel preso no centro. Cubro os lábios, e meu coração fica do tamanho do céu.

— Lili das estrelas, você aceita me dar uma nova chance para eu tentar te fazer feliz e ser feliz? E para que eu possa te

contar todos os dias, como nunca deixei de te amar.

Pulo da cadeira ajoelhando à sua frente e o abraço. Nem penso que todos ao redor devem estar assistindo à cena e se perguntando o que acontece.

— Sim — digo com voz embargada. — Sim, eu te amo — repito e volto a chorar.

— Não chora, meu amor — Aaron diz, beijando o meu rosto. — A não ser que essas sejam lágrimas doces.

— Elas são. As mais doces da minha vida. — E vejo ele tirar o anel da caixinha. Levanto a mão direita e ele desliza a aliança no meu dedo, devagar.

— Não é de brilhantes, porque uma vez ouvi que tirar diamantes da terra é como abrir buracos no céu.

Dou risada junto com o choro outra vez.

— Mas tem uma gema muito especial.

Analiso a pedra verde com lapidação rústica, o aro dourado confere um ar mais sofisticado à peça. O anel é delicado e moderno.

— É lindo.

— É uma pedra que chama moldavita, que se originou quando um meteoro caiu na terra muitos anos atrás.

Mordo o lábio mais uma vez contendo a emoção.

— Sério?

Ele concorda.

— Com certeza essa estrela cadente — e toca com o indicador na pedra — ouviu o sonho de um cervo apaixonado. Mas, agora, eu só peço que ela escute o meu pedido.

— E qual é?

— Que você deixe eu continuar vendo estrelas em seus olhos.

E eu o beijo em meio às árvores mais altas dos meus sonhos e a todas as estrelas do céu.



POUCOS MESES DEPOIS...

Ajeito Rael na cama, ele acabou de adormecer.

Tem sido assim todas as noites, ele me pede para eu o colocar para dormir. Tem sido assim, desde que eu me mudei para casa sede, desde que eu disse sim para Aaron, para nosso amor reinventado.

Hoje sei que tinha que ter passado exatamente pelo que passei para ser quem sou agora. Sei que se algo tivesse sido diferente, eu não estaria aqui, aprendendo a amar desse jeito novo e fazendo o que eu mais amo.

Entendi também que não é sobre perdoar, é sobre escolher olhar para as coisas de outro jeito, com mais leveza, com mais

gratidão. Não é sobre as perdas do caminho, é sobre o que cada coisa nos ensina e nos revela, é sobre o que fica de bom. E isso tudo, não é sobre ver um mundo cor-de-rosa, é sobre entender que são necessários alguns dias cinzas e chuvosos para curtirmos o sol.

Em vinte dias será meu casamento com Aaron, rezo para que seja um dia de sol, mas será lindo se for de chuva. Meus pais vêm para cerimonia. Eles pediram perdão a Aaron por tudo o que falaram e fizeram no passado. Não sei se esse pedido teria acontecido se Aaron não tivesse conquistado tudo o que conquistou, mas o que me convenceu de que valeu a pena ter deixado eles se falarem foi a reação dele assim que desligou:

— *Eles são seus pais, Lili e, por mais que tenham errado comigo, sempre serei grato a eles porque você existe na minha vida.*

Coloco Rael na cama e me curvo, removendo a franja escura para dar um beijo em sua testa.

— Boa noite, meu amor.

Ele abre os olhos sonolento.

— Boa noite, mamãe — diz baixinho.

— Eu não sou... — Paro. — Eu sou sua outra mamãe, uma mamãe emprestada.

Fito Rael, mas ele está de olhos fechados, já voltou a dormir.

Ai. Meu. Deus.

Estou com lágrimas escorrendo em minhas bochechas e meu coração explode de amor.

É a primeira vez que escuto a palavra mamãe.

Nunca o incentivei a me chamar assim, eu nunca... — Penso, e cubro a boca segurando um soluço.

E só o consigo rir e chorar, e rir ainda mais cobrindo os lábios.

Lembro de como, em seis meses, esse menino mudou a minha vida, encheu tudo de cor, luz e encantamento. Sinto, por ele, o maior amor do mundo, e sei, com toda certeza do meu coração, que é amor de mãe.

Emocionada, saio para a varanda, a brisa fresca da noite me envolve e o cheiro de terra, mato e flor, é revigorante. Escolho uma estrela bem bonita e me fixo nela.

— Oi, mãe do Rael — digo baixinho. — Eu quero te pedir perdão por ter sentido ciúmes de você em alguns momentos. Não sei se você pode me ouvir, acredito que sim. Espero que sim. Só quero que você saiba que se o seu sonho era que ele fosse feliz, eu farei o meu melhor, o que estiver ao meu alcance para que seu, nosso pequeno, aprenda a amar e ser feliz todos os dias. — Fecho os olhos sentindo as lágrimas mornas descerem pelas bochechas. — Sempre vou contar de você para Rael e de seu maior gesto de amor. Muito obrigada por ter confiado no Aaron e ter entregado a sua estrelinha pra ele.

— Ela entregou Rael para você, também. — Escuto a voz rouca de Aaron às minhas costas.

Ele me abraça por trás, antes de continuar:

— Tenho certeza de que ela sabia que você seria a mamãe dele aqui na Terra.

Eu me viro e o abraço com força, o choro molhando a camiseta de algodão.

— Ele me chamou de mamãe.

— Eu ouvi da babá eletrônica, que está ligada no quarto, e vim pra cá, pra te abraçar e te lembrar que eu te amo. Nós dois

amamos.

— Eu também amo vocês dois.

Ele beija os meus lábios levemente, acariciando-os de um jeito doce e lento.

Eu me afasto um pouco e volto a observar o céu. Aaron passa os braços por minha cintura.

É uma noite quase sem nuvens. É uma visão tão linda que me deixa sem fôlego. Ou talvez tenham sido os beijos de Aaron. Ficamos um tempo em silêncio antes de falar baixinho:

— Não é sobre deixar sua luz brilhar para ser uma estrela solitária, é sobre deixar sua luz brilhar para poder ver a luz do outro. Ou, talvez, em alguns momentos, é sobre ficar juntos no escuro para lembrar da nossa própria luz.

Ele suspira, e dividimos mais um tempo quietos, até o peito dele tremer em uma risada.

— Tão profunda.

— Você está me zoando? — Lembro de uma de nossas primeiras conversas, de maneira divertida.

— Eu amo profundidade... — Ele entra na brincadeira e depois cola os lábios na minha orelha: — Deixa eu te mostrar, no

quarto, o quanto amo ir fundo.

Um frio envolve meu estômago.

— Aaron! — repreendo, bem-humorada.

Ele me puxa em direção à porta da varanda do nosso quarto, sem falar mais nada, porém, antes de entrar, me vira outra vez de frente para o céu e me abraça pelas costas, olhando para as estrelas.

— Muito obrigado — murmura para o infinito.

— Muito obrigada — eu o imito.



TRÊS ANOS DEPOIS

— E então um milagre aconteceu — digo, fitando o rosto das crianças do projeto cheios de expectativa.

Suspiro enquanto a chama alaranjada ilumina os nossos rostos e acende ainda mais os olhos de todos. O projeto *Ubuntu*,

cuja sede é na vinícola Aldebaran, mantém um trabalho permanente aqui e atende, hoje, mais de duzentas crianças.

— Uma estrela — Aaron continua no meu lugar, passando a mão no meu ventre abalado —, a mais brilhante do céu, colocou um raio de luz na barriga da Marília.

— E um menino cervo vai nascer daqui a três meses.

— Ou uma estrelinha — ele murmura na minha orelha.

Nós não quisemos saber o sexo. A gestação foi uma surpresa, tanto para nós, como para os médicos que me operaram depois do acidente. Meu útero, trompas e ovários foram muito machucados, naquele dia. Provavelmente, tivemos a ajuda de um anjo, guiado, talvez, pela luz de uma estrela.

Suspiro novamente.

— Às vezes — continuo em voz alta —, a vida nos dá uma rasteira e parece que tira tudo o que faz sentido. Quando isso acontece, é normal que nos sintamos perdidos e sem esperança.

— Mas, quando isso acontece — Aaron repete, após dar um beijo na minha cabeça —, devemos sempre olhar para cima e lembrar que Deus nos deu as estrelas para nos encher de esperança, mesmo nas noites mais escuras.

— Especialmente nas mais escuras — completo, emocionada quando Rael põe a mão na minha barriga. — Porque é quando os momentos difíceis passam, que podemos lembrar que é normal ficar triste e sentir raiva, quando também sabemos que logo estaremos felizes e em paz e então, podemos brilhar como as estrelas.

— Eu te amo — digo para Rael, que acaba de deixar um beijinho na minha barriga.

Aaron passa mais uma vez a mão no meu ventre e depois na cabeça do Rael, que agora repousa no meu colo.

— Eu amo vocês — afirma olhando para céu, mas sei que fala com a gente.

Em seguida, ele se estica, pega o violão e o apoia na perna antes de dizer:

— Vou tocar olhando para o universo.

As crianças batem palmas. E ele toca *Me Espera* e canta em português com o sotaque espanhol muito fofo, sem desgrudar os olhos dos meus.

E, na verdade, sou eu quem encontro um universo inteiro.



Algumas histórias têm o tempo próprio para nascer. Aaron e Marília passaram por muitas mudanças, um longo caminho de ressignificados e novos começos.

Eles me ensinaram que o poder do amor sempre será maior do que os nossos medos. Me mostraram que a vida às vezes faz você dar algumas voltas, mas, se estiver aberto, ela sempre vai te conduzir para o lugar certo. Eles me mostraram, com entrega, que ninguém pode te ferir ou tirar algo valioso de você, a não ser que você permita e, por fim, que o amor será sempre a cura para tudo. O antídoto máster do universo (risos).

Aaron e Marília me mostraram também, que algumas relações, mesmo as mais sagradas, podem ser abusivas, e que

essas certamente são as mais difíceis de ressignificarmos. Contaram que todos nós temos dois lados, um que é luz e outro sombra e, com as mães, não é diferente apenas por elas se tornarem mães. As relações sempre serão nossas maiores escolas e, muitas vezes, aprenderemos pelo caminho mais desafiador. Porém, até isso podemos moldar dentro de nós, com a nossa flexibilidade, nossa capacidade de entendermos que o amor tem muitas formas de se mostrar, e que o perdão sempre será o maior ressignificado para qualquer história triste.

Marília entendeu que se tornou a pessoa que se orgulha tanto, não por causa do amor que queria, que pedia para mãe e, sim, por causa do amor meio torto que ela recebeu e que, talvez, fosse exatamente o que ela precisava para encontrar em si a força de se opor quando necessário, de ser diferente, de ser ela mesma.

Mas, principalmente, essa história fala sobre preconceito e caridade. Como o preconceito é nocivo e destrói sonhos e planta somente tristeza. Fala sobre vencermos, olhando para ele de frente, admitindo que o preconceito racial, social, político, sexual e religioso existe em nossa sociedade e, muitas vezes, dentro de nós, dentro de nossas casas, no discurso e nas atitudes das

peessoas que mais amamos. É somente ao olharmos para eles, sem medo, raiva uns dos outros ou vergonha, que seremos capazes de realmente enfrentá-los e, por fim, vencê-los. E, também, sobre a caridade, sobre lançarmos um olhar mais real e compassivo ao mundo.

Infelizmente, os dados citados por Marília são reais, mais de vinte mil pessoas ainda morrem de fome no mundo por dia. É real a cegueira voluntária com que o mundo (não) enxerga essa situação tão próxima de cada um de nós. Como um vizinho doente, que precisa de ajuda e que fingimos muitas vezes, não conhecer.

Junto com Marília, entendi que, infelizmente, algo tão brutal como a falta de comida, provavelmente continue gerando dor no mundo por algum tempo, mas também entendi que, se cada um de nós olhar essa questão, sobre nós mesmos, sobre o que somos e para onde queremos ir como raça humana, esse tipo de problema poderá deixar de ser uma marca ruim e se tornar apenas mais um capítulo triste da nossa história humana.

E, a fim de ressaltar o que podemos fazer de bom e lindo, cito alguns projetos, ações e organizações que conheço pessoalmente, e outros que foram indicadas por gente que confio

e que ajudaram a inspirar passagens desse romance. Eles trabalham com a certeza de que a educação, os livros e a arte são os motores que impulsionam o mundo a se tornar um lugar melhor. E eu acrescento a isso: a esperança, a aceitação e o amor.

Instituto Brasil solidário - <https://www.brasilsolidario.org.br>

Livro: Seu conto é a nossa história – Márcio Vassalo e participantes do projeto.

Instituto Ramacrisna. - <https://ramacrisna.org.br>

Pisada do sertão - <https://www.pisadadosertao.org>

Cidadão pro mundo - <https://www.cidadaopromundo.org>

Casa Arte e vida - <https://www.casaartevida.org.br>

Instituto Ana Rosa - <https://anarosa.org.br>

Vagalume - <https://vagalume.org.br>



Meus leitores, sonhadores, contadores de histórias que alegria fazer parte do caminho literário de vocês. Obrigada por serem àqueles que dizem sim para meus delírios apaixonados e sonhos vívidos. Obrigada por serem as pessoas que me enchem de alegria e que lotam meu coração de amor, combustível imprescindível para contar histórias. Obrigada por cada sorriso, por cada antídoto (risos), por cada suspiro, lágrima e risada durante as leituras. Meus personagens só existem quando vocês acreditam e sentem junto com eles.

Increasey minha agência linda, como é bonito o caminho de somar e aumentar. Obrigada por unirem o talento de vocês aos meus sonhos feitos de letras. Muitas vezes, só o que precisamos

é de alguém que some, aumente e acredite junto com a gente. E vocês, minhas agentes fazem isso, sempre. Obrigada.

Alba querida, quem disse que depois dos trinta não se faz mais amigos, não te conhece. Risos. Obrigada por pegar meus textos e tirar o melhor deles. Pelos telefonemas de horas, pelas risadas e lágrimas. Pelo apoio e força. Pelos conselhos e desabafos. Te amo, viu?

Ana Rosa sua linda, obrigada pela sensibilidade, pelas dicas maravilhosas e pertinentes, pelo profissionalismo e carinho e por não gritar comigo em caixa alta, em algumas passagens do arquivo. Acho que você não sabia como ele tinha sido escrito originalmente, enquanto lia, né? Enfim, você foi sensacional do começo ao fim, obrigada muito mesmo!

Panda e sra. Santos, minhas amigas, obrigada por todo o apoio, conversas, pela força, por amarem tanto meus personagens que são capazes de ler um rascunho cheio de erros, textos que nem eu entendo (algumas vezes), como se fosse um livro pronto. Obrigada pelo amor ou pela coragem (risos) de até mesmo pedirem por isso. Vocês são apoio, força e amizade, amo muito vocês.

Para vocês minhas leitoras queridas, (vocês sabem quem são) que acompanharam o começo dessa história, enquanto ainda era só um esboço que eu teimei em colocar no papel. Obrigada!

Silvia e Laurinha, obrigada por me aguentarem há tantos anos, por todo o amor e amizade e por ainda me enviarem doce de leite enquanto eu escrevia esse livro (risos).

Angel, Cacau, Dea, Laura, Kets, Silvia e Van Santos, obrigada pela vibração, pelas mensagens de madrugada ou não e por tudo.

Nina Cordeiro, obrigada pela ilustração maravilhosa que você fez em tempo recorde. Mesmo eu não conseguindo usar ela na capa, como era a minha ideia, seu talento enriqueceu demais o visual do ebook. obrigada.

AK diagramações, obrigada por deixar tudo ainda mais lindo, pelo apoio, por não ter desistido de mim quando te enviei vinte três arquivos “finais”. Amei te conhecer e trabalhar junto contigo.

Dri K.K, sua arte e talento dirigiu e inspirou por completo a capa do romance, muito obrigada.

Meu amor, meu marido, quando uma escritora fica sem palavras, o negócio é sério. E você, seu amor, seu companheirismo, seu apoio, amizade, seus conselhos, seu amor (ops. de novo), me deixam sem palavras. Mas não é só isso, o seu amor também inspira muitas das minhas palavras. Que paradoxo mais louco e incrível. Então, obrigada por ser você, pelos chás e cafés, pelos almoços e jantares cada vez melhores (é sério, ainda vou te ver no *Master Chef*, risos), pelos vinhos (claro), e por inspirar a minha falta ou excesso de palavras. Te amo.

Filhota, obrigada por resolver o problema do título mais mudado *das histórias com títulos mudados*, de toda a História. Você é sem dúvida, minha maior inspiração e minha criação mais extraordinária. Quando olho para a moça que você está se tornando, para o ser humano lindo que você tem se mostrado, meu peito explode de amor e orgulho. E eu acredito que somos capazes de tocar o céu, aqui da Terra. Te amo.

Pai, obrigada por resistir às tempestades da vida junto comigo e por ser muitas vezes meu palhaço, meu capitão e em outras, meu herói favorito: o *Chinelo Atômico* (Risos). Só o nome do super-herói criado por você, já me faz rir. Daí, dá para

imaginar, como foi crescer junto dessa figura incrível, que sempre tem uma gargalhada pronta na caixa mágica dos sorrisos. O seu amor pelas letras me ajudou a encontrar minha paixão pelas palavras.

E se tiver uma estrela cadente apaixonada de bobeira, por aí; muito obrigada por inspirar essa história. Que venham outras tão linda quanto. ;) (Essa sou eu, piscando de volta pra você).

PELOS *QUOTES* FABULOSOS QUE ABREM OS
CAPÍTULOS DESTA HISTÓRIA:

Meu jardim amado, obrigada por serem minhas flores nessa e em todas as temporadas. Moderação querida, obrigada! Obrigada a todas vocês pelos *quotes* de seus livros favoritos:

Andréa Barcelos, Juliana Andrade, Natasha Coutinho, Luciana, Manuela Lima, Camilla Batistelli, Gih, Simone Soares, Fabiana, Franciele, Sônia, Gabrielle Poczekwa, Janaina Ferreira, Jaque Salema, Celina, Camila Zuza, Thaianne, Mara Sop, Tati, Keila, Alyne Machado, Pamela Magri, Tatiane, Alessandra Beatriz, Jessica Costa, Rafaela Oliveira, Lady Sassenach,

Kalline Patrícia, Mylena, Kelly Oliveira, Magda, Jôse Martins,
Cacau, Kets, Nayra, Carol Lisboa, Rozália, Glauce, Patty Lage,
Luciana Gross, Luziana, Dea, Van, Fran, Naju, Angel.



Autora de sucesso de crítica e público é formada em Comunicação Social. Seus romances já publicados emocionam e divertem e já arrebataram milhares de fãs por todo o Brasil. Babi ama viajar, conhecer pessoas e descobrir lugares. Apaixonada por romances de época, jura que viveria feliz também no século XIX. Atualmente, mora em São Paulo com o marido, a filha, um cachorro, dois gatos e seus personagens.

www.babiasette.com.br

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA:

<https://bitly.com/bIO1a>

[1] Madiba é o nome do clã Thembu a que Nelson Mandela pertence.

Foi também o nome de um chefe Thembu no século XIX. Chamar Madiba a Mandela é sinal de carinho e respeito.